

**JOSÉ MARIA ALVES**

**ANTOLOGIA POÉTICA I**

**<http://www.josemariaalves.blogspot.pt/>**

(BLOGUE PESSOAL)

**[http://www.homeoesp.org/livros\\_online.html](http://www.homeoesp.org/livros_online.html)**

(SITE PESSOAL)

### **1.**

o córrego de meu lugarejo  
seca no auge do verão

água de limos escorridos  
translúcido na ilusão  
dos lampejos da visão

de quem pela força ver quer  
o que nunca tornará a ter

### **2.**

não te possuo quando te quero  
nem depois de te ter tido  
ou enquanto em vão te tenho

tenho-te quando te não quero  
ou pouco me importa ter-te  
porque o ter destrói a querença

e a comodidade procria infame indiferente  
vendo-te em nívios lençóis de prazer  
corpo afeito e gasto em mortalha ardente

### **3.**

o sol doira o outono em chuva de pétalas azuis  
o louco viandante das súplicas é o monge errante

latir rouco da noite de negros pauis que  
aponta com o dedo o caminho a jusante

sem realidade na senda rasgada ao vento para  
depois em silêncio cerrar os olhos lacrimejantes

#### **4.**

se antes de mim morreres  
pergunta à senhora morte  
se podes carregar contigo  
um velho e triste amigo

#### **5.**

as coisas não são mais que coisas  
aquelas que vejo  
ou me contam de ter visto  
ou imagino como são

coisas que vejo  
por mim  
por outrem  
cerradas na palma de uma mão  
onde estão todas menos eu  
que se de coisa me revisto  
pertencendo ao imaginário que é teu  
é porque se no que existo  
sinto em ti o que é meu

#### **6.**

sozinho no quarto  
a lareira ateadada –  
lá fora um frio álgido

eu –  
a dança das chamas  
nas paredes nocturnas

música celta –  
lá fora um vento gelado  
nas almas assombradas

## **7.**

suave e aéreo  
ascende o papagaio  
impelido pelo vento

de modo tão lento  
tão delicado e celeste  
a lembrar anjo colorido

criança vinda do leste  
deixa-me subir contigo  
no sonho do teu olhar

## **8.**

amo  
como  
o amor ama

amo  
sem que saiba  
o que amo

e porque amo  
sem que saiba

o que é amar

amo mudo  
surdo e cego  
amor e mar

e como quem ama  
apenas no níveo amor  
se sossega também

quem navega sem rumo  
só é ousado no mar  
acha doce repouso

## **9.**

sol nascente –  
não há aportada

no poente  
há abalada

e uma eterna detença  
num mundo de vime  
em terra de aguada

## **10.**

a loucura é vantagem  
de quem não sabe o que sabe  
nem sabe que não conhece  
o que entende e sabe

## **11.**

criança faminta e rota  
de quem a vida se arreda  
e disforme morte espreita

criança pele e osso  
criança de triste olhar  
que ao mundo sem  
querer ou rogar veio

com olhos tamanhos  
como outros não viste  
tu santa pobrezinha

criança do mundo  
criança minha  
não temas  
não morres sozinha

é também jesus menino  
que morre em tua alma  
branca e pequenina

## **12.**

a sombra do tempo  
persegue-me obstinada

de costas para o sol  
um espinho cravado  
na carne velha de pus

num qualquer lugar  
intuo sinto e sei –  
brilha a luz

## **13.**

árvore derrubada  
não chores

eu sei  
que o machado de ferro

tem o cabo  
de tua carne feito

#### **14.**

que minha última morada  
seja no cemitério da aldeia  
junto dos homens de outrora

encrespo-me –  
não me vão sepultar  
junto dos de agora

#### **15.**

este é o mundo antigo  
olheiras escurecidas  
em curta vida sem abrigo  
tristeza do amanhecer

amor confundido  
com vultos de mulheres  
e com o prazer  
bebido ao alvorecer  
por poetas mancos

soldados vendedores  
músicos saltimbancos  
de punhos cerrados  
morrem nas tabernas

enfeitiçados pelo nada

uma palavra um gesto  
um sempre caminhar  
sonho tingido  
de vida passada

## **16.**

cigarro aceso –  
o fumo ascendente  
na mente ausente

\*

um pobre homem com gripe  
e uma carpideira –  
não enxergo a diferença

\*

de novo em viagem

tejo e céu cinzentos  
em oração silenciosa

\*

sonho de verão

num dia gelado



mãos velhas por aquecer

\*

mundo belo e sofrido –  
das mãos do ladrão de rosas  
esvaece-se a felicidade

## **17.**

alma que se consome  
nas delícias do amor

carne despedaçada pela vibração dos sentidos

alma imersa na ilusão  
nem a sombra do mais gracioso orgasmo carregarás  
contigo

partirás sozinha pelo trilho estreito da morte  
sem ontens nem amanhãs sem bens nem prazeres

e serás simplesmente a que é

a-sem-nada

## **18.**

o meu rebanho são os meus pensamentos  
com cães imprestáveis para os guardar

devia guardá-los para sempre  
num alforge seguro

e de quando em vez  
tirar um  
para saber que sou capaz  
de pensar o pensado  
de reflectir o reflectido  
vendo o que foi e o que é

e depois  
dormir com o saco ao lado  
não o deixando fugir  
com forte atilho amarrado  
não vá alguém de má-fé  
lembrar-se de mo abrir

## **19.**

esta mágoa

porque é que não posso morrer por instantes  
para logo após renascer?

morrer para amar  
morrer para viver

ficar por momentos cego surdo e mudo  
sem tormento sem dor

sentir o sono profundo  
de quem vai falecer  
e desperta com o sangue novo  
e inocente  
de um rio  
de uma árvore  
do céu  
do mar  
duma flor

## **20.**

onde estás tu morte  
em que recanto te escondes

trespassa-me com a tua vara  
para que possa dormir no teu regaço

o tempo passa e a tristeza fica  
tu se passas o medo morre

deixa-me morrer contigo  
para a vida e para a morte  
para o bem e para o mal  
para a dor e para a alegria  
para o passado e para o futuro  
para o presente do dia-a-dia

onde estás tu morte  
a quem concedes a sorte  
do infinito e da eternidade  
da beatitude sem fim

deixa-me morrer contigo  
de amor gratuito  
como quem ceifa o trigo  
e não colhe o grão  
ou lavra a terra  
e não semeia o pão

## **21.**

sozinho ao sol

os raios quentes penetram a carne  
eu não penso nada

uma leve brisa percorre  
lentamente meu corpo

e eu sei sem saber porquê

sei que a minha alma me basta  
sem que possua ou seja possuído  
sem dono  
sem escravo  
sem nada

## **22.**

uma abelha no tanque  
debate-se na direcção da margem –  
onde aprendeu ela a nadar?

\*

dia cinco do quinto mês  
do nono ano –  
sede de infinito

\*

chuva de primavera –  
a taça transborda  
na vontade alquebrada

\*

uma gripe  
que incómodo  
quem me manda pensar nisso –  
choramingas

\*

quem mata o que me mata  
quem mata o medo da morte  
senão a própria morte?

## **23.**

a pedra grande da colina  
junto do regueiro  
doirava ao sol  
sem lembrar  
que dia após dia  
ano após ano  
o mesmo sol a dourava

abençoada

## **24.**

sem pensamento  
a noite paira na choupana

sem sentimento desabrocha um lírio de meu peito

pelas margens do cérebro  
em cascata corre veloz  
o rio nocturno de prata

veloz abeira-se  
do azul do mar

ser um  
com a imensidão  
de oceano sem fim

amado oculto  
de navegador solitário

tanto mar  
tão escasso é o amar  
tão amargo o sofrimento  
do pescador de almas

o covo vazio ofende  
o pote de argila que se quebra  
nos rochedos da vida

minha cabana é pobre de palavras

assim se fala  
com olhos de olhar  
até que o dia  
se espreguice dolente  
por mais não querer dormir  
ou por tanto faz

guardo por ti paz

## **25.**

indeciso estou  
agitado fico  
sem saber que bem ou mal  
poderá sobrevir

sufoca-me a existência  
o pensamento  
esta eterna doença  
que me enlaça  
exaure  
e oprime

dor que sofre  
dor que vibra

dor que consome e mata  
em vida

## **26.**

não busco riqueza  
poder assentimento  
banquetes festas  
arraiais romarias

a distracção das noites de verão  
folguedos de branda primavera

com pouco me felicito  
com pouco me satisfaço  
e se o faço  
não é por ti que ajo

faço-o por ser assim  
por senti-lo assim  
assim o querendo

agir e sentir  
por bem me achar  
comigo  
sem saber se te agrado  
ou não te contento  
e se é este o jeito  
de contigo estar

duvido de tudo

de mim de ti  
de meu sentir  
de tua vontade

diz-me tu senhor  
como te hei-de eu amar

para que na vida  
cesse tão cruel cismar

## **27.**

ele    aquele que é não está longe nem perto  
fora ou dentro    acima    no baixo

o que só para dentro olha nada verá    o que só para fora  
vive não contemplará a luz que faz brilhar a escuridão da  
noite infernal

ele é o céu a terra o mar espelhado pelo paraíso o dia a  
noite as flores arbustos e árvores riachos rios e montanhas  
o meu irmão homem meus irmãos animais o amor sem  
dimensão a paixão as lágrimas das velas dos altares o  
cordeiro do sacrifício e o riso das crianças

necessito eu de te procurar  
que te hei-de oferecer a ti que tudo tens  
bugigangas bagatelas jejuns martírio?

morre antes de yama o chamar aquele que só se ocupa de  
ninharias  
por isso  
não me chames ainda senhor  
que sofro de tanto em vão te chamar  
e de bugiarias me ocupo

## **28.**

um louva-a-deus

no meu terraço virado para o tejo um louva-a-deus

há anos que os não vejo na cidade



se é que alguma vez os avistei

duvido mas não me detenho na interrogação  
a realidade não se nutre da inquietude

olho-o com carinho      como é delicado  
frágil afável gentil

ó louva-a-deus  
se o meu louvor  
fosse como o teu

fica vive comigo  
fica e acompanha-me nesta jornada  
não me deixes só amigo

adeus adeus

## **29.**

as coisas sonham sonâmbulas  
tecidas pelo néctar das velas enfunadas  
por farrapos de neve cantadas

as montanhas escondem as colinas

a bailarina suspensa sussurra à chuva amargurada de  
outono  
e a saudade acomoda-se na esperança

louvado seja deus que a não tem de ter  
bastando-lhe o vinhal lavrado de cachos doirados com que  
embriaga o que na morte jaz  
e que assim não sabe o que faz

vinho bebedor e escanção é o gamo que no bosque se  
refugia no covil feito de juncos  
e tranças de sarça

jogo do destino envolvido em jade  
brilho de lua nos outeiros submersos de cedros e sândalo  
na mesa de louça de barro por calcinar  
abre-se o coração à lei dos espelhos frondejantes  
também os homens nascidos na aurora  
tremem de frio azul devastados por fome sibilante  
com o céu a desmoronar-se em sonhos-pedaco-de-coisas

### **30.**

no amargo dia dos caminhos áridos  
anémonas serpenteavam o cume da rosa branca  
melancólica respiração opressa  
no ar rarefeito da angústia

senhor  
tu que me habitas  
consola-me

o lótus asperge luz no zimbro rasteiro da ânsia  
tu és o som das nuvens a roçarem o ápice  
o vento revolto nos caules da inquietude  
a raiz enevoadada da esperança

senhor  
tu que me habitas  
vence o meu inimigo

tu som sacramental do vazio  
fonte do objecto disperso dos meus sentidos  
a quem a razão dissemina no esquecimento da memória  
desmoronada  
e a tormenta oculta no rigor da adversidade

senhor  
tu que me habitas  
vence-me a mim mesmo

as faces sedosas de tua bondade  
teus longos dedos da benção invisível  
a indiferença que é compaixão no lírio e no melro  
faz de ti meu mestre de dor

senhor  
tu que me habitas  
alivia o meu jugo

uma vez que seja  
abro as portas da mente  
uma vez que seja perante ti me ajoelho  
e rasgo meu rosto na sarça ardente

senhor  
tu que me habitas  
liberta-me para sempre

### **31.**

a barca é um cabo  
que o mar arrasta

a alma é um feitiço pesado  
que o barqueiro alastra

um santo homem morre de fome  
enquanto deus toca trombone

a verdade secreta está no umbigo  
vento e vácuo sem paciência

nas masmorras já não há fogo  
o orgasmo é aparência

o sol brilha no fundo do poço  
raiva e ódio no mesmo moço

aceita-te asno tal qual és

erra em todas as direcções

faz circular o sopro dos dez  
chama os mortos aos pontões

assim morres hirto  
assim morres afogado

degolado como um pito

### **32.**

sento-me na enxerga  
cabeça apoiada em mão sentida

vigio adormentado

enquanto aguardo  
pôs-se a lua  
nasceu o sol  
e hoje tu já não vens

### **33.**

lume da lareira –  
a beleza da luz e som  
de velhos e generosos madeiros

\*

o som da flauta  
parece longínquo –

tal é o infinito

\*

na estrada deserta  
um louco vendia verdades

\*

um sem-abrigo  
rói as unhas –  
que mais tem ele para comer?

\*

sono  
não desejo não posso dormir –  
poderei eu prescindir desta paz?

\*

sexta-feira santa  
que frio –  
o frio da morte de cristo

### **34.**

uma prostituta na noite negra  
desce a avenida deserta

um mendigo aconchega-se  
nos cartões do banco verde

um bêbado vomita bÍlis  
e bamboleia a sorrir

um homem foge do medo  
com a mão ressequida no peito

um padre passa em corrida cega  
prostituta que a si se nega

### **35.**

no dia de finados o canto  
da morte de sua amada

para memorar a extinção  
no dia de sua lembrança

viu-a o desgraçado descer à cova  
rosto sereno de pranto

nesse dia morreu também o amado  
que na amada vivia mais que em si

e no mesmo coval relvado  
foi sepultado em alba fria

### **36.**

*duma oração popular*

nesta hora de angústia  
virgem maria

minha guia  
vosso manto visto

vós sois meu escudo  
vós sois minha espada

se alguém mal me quer  
se tiver pernas não ande

se tiver braços  
não desande

se tiver boca  
mudo fique

se ouvidos tiver  
surdo seja

se dos olhos vir  
cego me não veja

porque vós virgem santa  
luz da luz  
minha madrinha sois  
para sempre amém jesus

### **37.**

um insulto recusado  
retorna ao doador  
como a flecha ao atirador

\*

o destino é uma moeda  
de duas caras  
como tu como eu

\*

a vida como a estrela da manhã  
contudo –  
a noite

\*

um cego em carreiro  
outro cego conduz –  
modelo do mundo

\*

aqui  
estou aqui  
apenas aqui

e a neve cai  
aqui

### **38.**

dia de inverno  
sol de primavera

nu no terraço

lá dentro  
na sombra da paz

o peste dormita



olho semiaberto

agora quieto jaz  
no meu coração

### **39.**

trave mestra

o carro  
cai na chuva  
desfeita

abre-se o clarão  
do dia em dor

a mala a parir  
alteia a voz

pássaro  
a vomitar fumaça  
na gente que passa

o céu varrido  
por raparigas apertadas  
de desejo

um jovem imprudente  
beija uma donzela  
frente ao pai dela

na rua nua  
um brasão  
um coração em brasa

imaginação imprevidente  
no saco de lixo a apodrecer  
ao amanhecer

a poesia  
canta o silêncio  
em fá sustenido

nos poemas  
os répteis das palavras  
um homem falido

carteiro  
sem cartas  
de amor

mendigo  
sem lenço  
nem lençol

alma gasta  
nas tripas  
crucificada

#### **40.**

ao leme  
que a barca orça  
a vela rasgada

encharca o vento  
de espuma salgada  
a vaga varre a proa

sacode as escotas  
range o aparelho  
cega o timoneiro

ao leme marinheiro  
que a morte espreita

deus nos acuda

**41.**

último comboio da noite –  
homens seguem homens  
tédio segue tédio

\*

na babilónia  
chorámos sentados  
o navio naufragado

\*

o outono chegou –  
nos ramos nus  
tiritam as aves

\*

madrugada de inverno –  
no corredor sem sono  
a visão de meu pai morto

\*

esta manhã  
fizemos amor  
num só corpo

## 42.

é preciso inventar o amor  
plantámos apenas palavras de encantamento que morrem à  
beira do rio ascendente    feitiço de mortos-vivos  
a ilusão do peito submergido nos ácidos projectados em  
escombros    miséria rastejante perdida no deserto de leis  
desconhecidas sarcasmo hormonal de corações falsamente  
compassivos umbral de porta escancarada ao equívoco e ao  
desejo alucinatório de sacros sofismas luz feérica de ruelas  
adormecidas no néon da praça virgem  
é preciso reinventar a mentira

## 43.

experimentámos sílabas  
o sentido rude da enarmonia  
convexa

cais das ambições desmesuradas

o amor corrediço

joguemos como amantes nascentes  
os corpos suados lânguidos ausentes  
do palco sombreado em leito de açucenas

há uma ponte entre nós    um abismo enlameado pela  
apoteose vibrante dos sexos    mórbida apetência da carne

a lua arde e o sol no outro lado da terra desespera  
diz-me flor qual é teu nome    não corras gazela faminta

os corpos estão à venda  
hoje

domingo  
algures lá fora

**44.**

nona noite  
os corpos prolongavam-se no tacto grácil do final do dia  
suores fiéis bailavam rodopiantes entre membros desnudos  
como ramos de cipreste vergados ao anseio  
ouvia-se a voz  
o testemunho do acto vibrante  
do sexo florido

**45.**

tanta conversa fiada  
tanta coisa por dizer  
deixem o burro falar  
que não se consegue conter

**46.**

os sentidos penetravam a essência das coisas mortas  
  
naquele movimento incessante da lua que rasgava  
lentamente o véu do templo  
iluminava-se o fio de poeira suspensa  
  
estava ali como também no odor orvalhado do vale e para  
lá de todas as montanhas purpurinas  
  
o vento rugia nos pinheiros anões  
sibilante na urze rasteira  
o rebanho juntara-se a poente da casa da floresta  
um cão encrespado farejava a rajada solitária

o tecto do mundo enegreceu súbito  
grossas gotas de água tombam das encostas do céu  
a chuva aumenta enchendo de água as depressões dos  
carreiros desertos  
o pastor abriga-se cobrindo-se de telhas partidas pelo gelo  
e murmura em esquiva linguagem o desconforto da  
humidade

## **47.**

era uma vez

- todas as histórias começam assim

um senhor  
conde  
de fraca valia  
com searas  
de aveia  
cevada  
rendeiros  
de fome apertada

à noite comia  
cercado de assombros  
prato de carneiro  
bebia vinho de maçã

com as criadas dormia  
fossando até de manhã  
certo dia  
no alpendre de bronze  
estourou  
banhado de sangue

e para o inferno  
nada levou  
para além da merda

que na agonia cagou

#### **48.**

o moço era da aldeia  
o mais escoreito

montava com brio garboso cavalo ruço  
em trote grácil perfeito amavioso

paixão de virgens  
viúvas e casadas

ruas ruelas becos e vielas percorria  
à caça do fruto proibido o mais desejado

e aí se dizia  
que pela calada da noite

quando tudo dormia  
era pai de toda a bastardia

#### **49.**

quem quiser caminhar na via  
não esteja nem a favor  
nem contrário a nada

e quando no seu trilho  
alguém me vir  
que diga –

como vai bem nela  
que ela parece ele

e ele se parece com ela

## **50.**

morria de saudade  
santa e pobre velhinha  
na aldeia agora deserta

o filho partira  
era doutor na capital  
casara com filha de ministro  
cunhado de cardeal

e esse sempre ausente  
vergonha tinha agora  
de quem tanta fome passara  
privações dor sofrimento  
para que riqueza o amimasse

um dia minou-o doença fatal  
e desesperado de remordimento  
na cama de faustoso hospital  
viu no coração sagrado de maria  
dependurado na parede alvar  
sua santa mãe a chorar

## **51.**

diz-me avó  
onde está o avô  
que já comigo não brinca  
ó criança encantadora  
já cá não está  
morreu sabes  
e numa barca ornada a ouro  
partiu para o céu



onde brinca com jesus  
com sua mãe maria  
e seu pai josé  
volve a criança  
de loiros caracóis  
se assim é  
deixai-me ir também  
para o lugar onde está  
porque aqui na terra  
já me aborrece brincar  
com esta gente sisuda e má

## **52.**

as ondas crescem  
o mar revolto  
faixa negra no horizonte

ao leme ao leme  
gente de deus  
não há braço que aguente

riza a grande  
recolhe a giba  
iça o estái

estalam chicotes  
na espuma desfeita  
a morte espreita

força ao leme  
diabo nos leve  
proa ao vento

prepara a capa  
fizeste-te ao mar  
aprende a orar

desabam cristas  
a meio-navio  
há mar fora  
há mar dentro

medo  
orações caladas  
balbuciadas gritadas  
ais ao vento norte

montanhas de água  
a desabar no convés  
mãe de jesus  
ora pro nobis

patrão veja os nós  
a escota ensarilhada  
a grande rasgada  
o estai de viés

que deus nos proteja  
já vejo a morte  
de azul vestida  
de espuma ornada

### **53.**

promessas de amor  
em corações perdidos  
palavras vis  
na penumbra de mãos amigas  
tanto para dar  
nada para arrecadar

o leito perfumado  
velas incendiadas  
camisa de cetim bordada  
toalha de linho  
à cabeceira

e palavras ingênuas  
na frescura  
de um sorriso

dias de pranto  
dias do mal  
a medir os erros  
que se esquecem  
nas frases  
escritas em ramos de cedro  
que lume irá queimar

canas aos céus rondam  
o sepulcro  
com arcos flechas  
e trevo florido  
onde os veados correm  
fugindo ao olhar  
estertor  
esmagado pelo peso  
dessa dor  
que na morte  
é forte  
morte-recompensa  
de quem tristeza ganha  
e infelicidade  
não pode mudar

promessas vãs  
em magra vida  
suja e esguia

## **54.**

o vento passa e sorri  
geme ruge ri

arranca das árvores os braços  
das portas os barços

destelha casas e currais  
faz as velhas dar ais

e por rezas do bento  
o vento veio o vento vai

## **55.**

cada homem tem um tempo  
que está por detrás de tudo  
ânimo esquecido de aves tresmalhadas  
que roçam leve nas telhas  
no casebre do outeiro

as estrelas também o têm  
como orvalho pousado nas folhas amedrontadas da berma  
do caminho calcado pelos pés acorrentados dos poetas  
líricos

na adega fresca e sombria estão os mortos  
de outrora  
juntos com os de hoje  
bebendo em tigelas com fezes de vinho  
mágoa cadente  
estalactites pendentes dos astros do firmamento

alguém chora escondido  
acarinhado em velhos jornais e cartão  
donde nasce acorde de viola  
corpo de mulher a gemer e a trinar

não chores  
vamos juntos mendigar amor

## **56.**

amo-te  
arcaica oliveira de verde  
retorcida e arrugada  
braços abertos ao porvir

por meu falecido pai plantada  
também por ele sempre amada

e tu  
meu filho  
quando eu fechar os olhos  
nessa noite de breu  
ama-a como teu avô a amou  
ama-a como eu

## **57.**

o mar rasgou-se  
há rajadas de alegria  
na magia incomensurável  
exaltada pelo firmamento  
em movimento circular

as estrelas escrevem poemas  
cadáveres esquisitos  
orgasmos a residir na glória do relógio inerte  
da casa dos vivos e dos mortos

prémio  
ou  
castigo

as marés vivas sem nome  
arrastam para a areia  
longas cabeleiras entrançadas  
brilhantes enigmáticos de quem ignorou os auspícios  
proféticos de mestre antão  
para uns santo

para outros charlatão

**58.**

cantai raparigas  
cantai  
essa triste canção  
que um poeta  
à morte escreveu

dai-lhe vida  
dai-lhe a voz  
da mocidade e da alegria  
que o poeta está morto de vivo  
e a morte não morreu

acenai vossos lenços  
vossos braços  
vossos seios  
vossa mão branca  
erguei vossos olhos  
às estrelas vosso cantar

graciosas  
dai-lhe a vida  
que não viveu

**59.**

hegel nasceu  
escreveu o que ninguém  
entendeu

nem ele

deu-lhe o tanglomanglo  
e morreu

na mesma ignorância  
com que nasceu

## 60.

*et verbum caro factum est*

uma igreja  
um altar  
a palavra antiga  
verdade do sonho  
colorida  
por colunas e capitéis  
pela fé  
em folhas de ouro  
guardada

isaías  
e o seu senhor

louvai-o  
em lanciano  
em santarém  
na hóstia divina  
a transparência  
carne e sangue  
que vejo  
com quem amo

*corpus christi*

a imagem  
que não consigo esquecer  
viva  
ardente

igreja do santíssimo milagre  
eu que duvido  
que não creio  
que ninguém sou para te ver

a imagem da tua carne  
do teu sangue  
ao meu igual –  
a e também b  
não me deixa adormecer  
e se adormeço sonho  
nas chagas do teu coração  
em teu fluido vital  
de vida a florescer  
na custódia sagrada

quando me darás um sinal  
transformando a tua carne na minha  
um só espírito  
num só corpo  
livrando-me do mal

*ave verum corpus*

## **61.**

ouve-me meu bem

eu parto  
sem que saiba  
se e quando  
voltarei

se assim me fico  
de mim farto estou  
se parto não sei  
onde ficar ou vou  
nem para onde irei



leve-me o vento  
para onde levar  
desse lugar distante  
amofina-se a alma inconstante  
por a ti tanto te amar

se parto  
morro  
se fico  
sofro

de amor por ti  
meu bem

## **62.**

menina de olhos tristes  
cinzentos  
tão baços e melancólicos  
que vês tu ou não?

que te falta  
misteriosa criança?

que corpo te não amou  
ilha do radioso canto de vulcão?

o mundo pode findar amanhã  
poderia ter sido ontem sepultado  
na sensibilidade inesgotável  
dos gestos perfeitos de amor fazer  
que deus a alguns dá e a outros nega

porque amar  
não se aprende  
não se ensina  
do pecado não é temente

com a alma nasce  
da alma vive  
e morre  
com a gente

**63.**

no limoeiro  
canta o rouxinol  
sem escolher quem

\*

luz do sol  
também  
no pátio da prisão

\*

a neve derrete –  
do boneco  
sobeja uma cenoura

\*

sofre-se e morre-se  
por um punhado  
de moedas

\*

um relâmpago na noite  
ilumina a serra –  
primeiro dia da criação

**64.**

voltas-me as costas  
como a outros voltaste

afinal não sou diferente  
sou apenas mais um amante

com aquele jeito especial de amar  
que instante a instante

constrói orgasmos sucessivos  
disseminados pelas noites de luar

eretismo alvo e prateado  
que quando findo

te faz esquecer em breve momento  
o corpo e alma que tos deu

e agora geme e pranteia a indiferença  
do corpo que pensava seu

**65.**

a fama das tuas formas  
aneladas ao mundo  
escondem nesse olhar  
expressiva melancolia  
duramente repetida no dia-a-dia  
e aquele tédio assustador  
de quem por tudo ter atingido  
bela e apetecida

se sente suja e vazia

*taedium vitae*

**66.**

não sei se existo  
se sou ilusão

não sei se existes  
se neste mundo vives

mas quando te penetro  
e dessa fonte bebo a água

na tua concha muda  
acariciada a azul e verde

a humedecer a coluna  
do meu desejo de incenso

submerso em lençóis de linho rendados  
a moldar os mais soberbos dos movimentos

mesmo que não viva  
e se é que não existo

não te resisto

**67.**

entre todas te alevantas  
braços ermos abertos ao céu  
tragicamente erguidos aos deuses

gemendo as noites que a fome açoita

no desembarque dos náufragos de praias ebúrneas e  
desertas  
entre tantas  
que esquivas te foram por pesados braços de bronze  
impuro e sem chama

e imploras  
que te nasça o amor  
dos vivos orgasmos  
que cruelmente te são negados

## **68.**

o velho maltratava  
o velho cão –  
velho idiota

\*

hoje as galáxias cantam  
por entre as nuvens –  
os cães uivam

\*

o casebre do pastor  
de tão pobre  
tem sempre a porta aberta

\*

o homem –  
um sopro sombra do meio-dia

uma gota de orvalho

\*

uma luz ténue  
na casa branca do outeiro –  
estarão a fazer amor?

## **69.**

com a mão  
de palma branca  
dizes que não

com o corpo  
a doirar mestiço  
dizes que sim

com o rosto  
oculto  
nem sim nem não

assim como assim  
dizes ao sim que não  
e ao não sim

## **70.**

nessa tua inocência  
excelsa e pura criança  
olha-me de olhos rasgados  
por divino arado lavrados

olha-me nesses olhos amendoados  
cobre os teu seios carne de veludo

num estudo de perfeição cinzelados  
e que deus tão gentilmente te deu

olha-me a mim  
que te amo  
e não te quero

não temas  
que pela carne  
não desespero

olha-me  
não olhes mais ninguém  
porque a olhos assim  
só eu quero bem

## **71.**

estava nua naquele bosque sombrio  
ave imersa nos carvalhos negrais de luz coada

um sabre percorria o húmus

passos de soldado na bruma aquecida  
olharam-na indiferentes

o sangue palpitava nos destroços  
um generoso abeto tapou-lhe o sexo

os cabelos entrançados ganharam raízes na profundidade  
virginal  
e os seios retalhados amamentavam filhotes órfãos de  
chacais

corpo violado a renascer

## **72.**

golfinhos no espichel  
saltam cruzando a proa –  
hoje o mar está feliz

\*

folhas secas  
sopradas pelo vento  
mudam de lugar

\*

o mundo acaba  
quando a vida acabar em mim

\*

a sombra do gato  
atravessou a parede  
de estuque

\*

se chego quero partir  
se parto quero chegar  
se estou quero ficar

## **73.**

amorosa solidão



não dependência  
ausência de desejos  
da ambição atroz

se escrevo é  
porque quero  
simplesmente  
estar só

ser sem mais  
ser com tudo e todos  
ser sem ninguém  
ser  
sem ser de alguém

#### **74.**

nem sempre a doçura mais se adoça e o que amargo é  
mais se amarga  
o que se amarga adoça-se e o adoçado amarga-se  
sucessão dos dias e das noites  
das estações  
do frio e calor nos corações

#### **75.**

morre a esperança  
com a morte  
alimento único  
último a morrer  
de pobres e deserdados

confiança em não sofrer  
que morre um pouco antes  
da esperança se esconder

um pouco antes

morre também  
aquele que nasce  
cresce e sofre

alcançando que morrer vai  
à triste morte se entrega  
num último gesto  
de desconsolo  
de infeliz sorte  
angustioso e amargurado  
como sol exterminado

mata a esperança  
a luta a fome a cansa  
como se tudo fosse  
brincadeira de criança  
num mundo  
de má mudança

## **76.**

hoje ri  
não ri de nada  
ri como quem sorri  
num adeus feliz

nesse sorriso  
gesto de amar  
percebi que aquilo  
a coisa  
talvez deus  
estava junto  
ou dentro de mim  
era meu

em mim  
tão perto  
que não era ele  
era eu

## 77.

o homem tinha as mãos crispadas de lume ao colo  
perguntava-se como búzio que pergunta ao mar  
o som ao eco  
o peixe ao pântano  
a nortada às raposas vermelhas da estepe  
que laço o prendia aos dias

a manhã clara acorada num carro de prata entrava pela  
fresta da porta dos medos  
o corvo de bico lilás aninhava-se na pele de uma cobra de  
água tépida  
eva devorou no coração exausto de adão a serpente do  
arroubamento

desviver?

o som profano das pastagens e a choupana de invisível  
sombra chamam-no  
o céu azul de domingo de ramos na noite em que as  
virgens se transformam em folhas imortais clama  
pela mesa de fogo curvada e rodeada de corpos negros  
como tições a apodrecer nos versos antigos do aparador da  
casa grande da aldeia que  
junta em cinza todo o passado

## 78.

desceram do trem com aquele ar impertinente de quem  
não sabe o que faz  
tiraram fotografias que irão apagar as falsas delícias da  
ignorância

assim se foram como vieram

## **79.**

há a sombra do medo nas coisas que amo

há uma cave vazia no poço do tempo

há uma estrada vazia onde o dia finda

há um arbusto em movimento no ciclo misterioso do nascimento

há um vazio de riacho a correr nas veias da terra

há um castelo uma carruagem e um rei sem trono

há um campo de areia semeado com sal

há a calúnia do riso e o insulto da oração

há a voz cega dos objectos e a surdez muda dos homens

há o vento que sopra na mão cheia de ídolos alienados

há corpos de vigia no anoitecer das avenidas

há a ilusão do múltiplo no carreiro do uno

há a ilusão do tudo no caminho de um só dia

## **80.**

não há quem não tenha sabido as dores do amor  
amor-palavras de pálpebras cerradas nas olheiras  
arroxeadas

amor que morre de fome e sede

às portas do templo

véu rasgado por juramento de condenados

e mulheres púrpura  
ajoelhadas na velha religião  
das dactilógrafas extintas

há pássaros em gaiolas pintadas a ouro marroquino  
há uma infinitude de d. juans com cheiro a verão  
nas carícias de outono  
nos ardis das noites quentes de verão  
há cortejos de prostitutas  
há uma branca de neve em cada mulher da vida  
há cortesãs nas mulheres-família  
e ainda o cio de mosteiros e conventos  
mentira de tudo isto e o sorriso acre e misterioso do falso  
cego e do seu macaco no ombro cinzento

## **81.**

ele tudo é  
eu sou ele  
o tudo em tudo

quem sou eu  
quem és tu  
se tu és eu  
e eu sou tu?

\*

tédio na noite

ser

em paz  
e no amor

mas  
o frio  
húmido  
gelado  
sem agasalho

## **82.**

perguntei-te quem és  
supliquei a tua vinda  
busquei tua morada  
amei para te amar  
orei para te apiedar  
pequei para na tua ira  
te poder contemplar

entrei no mundo dos sentidos  
esvaziei a mente  
de crenças  
filosofias  
ninharias

deixei a porta aberta  
sem alguém esperar

nada

nada veio  
hoje sei

quem não espera  
sempre alcança  
ou tudo  
ou nada

### **83.**

recordo-vos jovens camaradas  
a senzala escura do medo  
o fogo cruzado das tracejantes  
inundando o céu estrelado

de festividades profanas  
recordo a lama nos membros  
ensanguentados sem corpo  
as minas traiçoeiras

detonação de sangue coagulado  
numa guerra cega e suja  
recordo o olhar negro

da esbelta negra-chocolate  
traficando languidez no horto  
da cidade indiferente à morte

### **84.**

cinco ou seis horas  
madrugada  
à porta da padaria  
uma cigana idosa  
aprisionada  
ao negro tecido  
profundo  
tão profundo  
quanto o universo  
chora em segredo

um casal de jovens  
beija  
lábios gelados  
faces pálidas  
noite acordada

um vagabundo acanhado  
barba branca de neve  
acarinha a muda melancolia  
olha o céu busca a alma  
em estrela anónima

entretanto  
a padaria abriu  
as suas portas  
e o céu fechou-se  
na realidade do pão quente

## **85.**

os ossos da memória  
vergavam o cérebro no vazio  
da avidez e da inveja  
dos edifícios calcinados  
mudança frívola da autoridade  
calcada da avenida  
aniquilada pela dissolução  
do patético rol das lembranças

ao anoitecer  
a chama da atenção  
alimentava o fogo da criação  
nos escombros das necrópoles  
de portais escancarados aos vivos

havia uma sensação de amor  
recordação de corolas murchas  
no solo arenoso da alma  
e na atmosfera húmida  
envolta em insuportável imensidão  
de mecanismo gasto e ressequido

entes pálidos flutuavam  
moribundos do pensamento  
pela brisa escura soprados



dos mais profundos enigmas

a memória movimentava-se  
agora com lentidão  
na essência da morte  
e no cárcere do tempo  
em cinzas do passado  
extinguia-se a solidão

## **86.**

o homem caminhava na margem  
fria do rio colorido pelas penas  
das migrantes aves selvagens

carregava consigo o fardo de séculos  
de ossos perfumados pela fútil agitação  
de conversações anacrônicas

ao norte as montanhas  
eram tensão e luta  
com pensamentos a resvalar nos rochedos

os campos brilhavam  
o sol espreitava por toda a parte  
as sombras desapareciam

havia vida nas gotas de orvalho  
em todos os movimentos da brisa  
até na mais pequena das plantas

o homem parou  
um tronco de figueira estéril  
uma corda antiga  
entrançada à mão  
na pérfida angústia dos dias

tudo findou  
o próprio dia morreu

na asfixia do ar paralisado  
ninguém o chorou  
e com naturalidade  
o tempo cessou

**87.**

o meu velho cão  
ouve o apelo da terra profunda

sabe como quem sente  
que em breve cantará com ela

melodia de lágrimas  
contraponto de nossa melancolia

**88.**

sombra de inverno  
minha sombra  
a vida da sombra

assim é a sombra  
assim minha sombra  
assim são as sombras

à tardinha  
quando a sombra  
me persegue

a vida dela  
parece-me mais real  
do que a minha

**89.**

o coração iluminou-se -  
abriram-se os portais da origem  
secaram as lágrimas na mente virgem

\*

um rio que corre sem margens  
flores que não florescem –  
eis o barqueiro da morte

\*

força de vida –  
para quem se arrasta  
o pôr-se em pé basta

\*

de janela escancarada  
deixo  
a primavera entrar

\*

envelhecemos  
e no espelho a medo  
morremos

## **90.**

o destino  
o acaso  
o absurdo

a dama sobe  
a escadaria  
do solar

para encontro  
golpe fértil  
atrás de biombo

um leve gemido  
falso nupcial  
perfumou o ar

## **91.**

o meu peito sangra  
na oração  
suave escada

descansa no meu coração  
faz em minha alma  
a tua morada

## **92.**

a igreja  
não tinha sino  
altar consagrado  
beatos  
santos

canonizados  
caixa de esmolas  
telhado

uma velhinha  
corcunda  
orava sentada  
em banco improvisado  
como se ali estivesse  
nosso senhor

### **93.**

triste pescador  
que o nome do amor repetes  
às algas incandescentes

numa nesga de céu  
solitária a polar  
aponta-te o rumo da amada

queimados os ramos  
a cinza espalhada  
no corpo amarrotado

nada no porão  
da barcaça arrostanda  
por ondas em floração

### **94.**

os pinheiros sempre verdes  
contorcem-se no vendaval

acenam-me com suas mãos coloridas  
chamam-me      vem

para sentir o que sentem  
quando se suporta um temporal

## **95.**

a neve caía  
aves brancas no céu nascidas  
o desejo ardia  
nos corpos nus

que o gelo derretia  
se os olhos nada valem  
aqueles gomos  
ora verdes ora azuis

no meio da terra nevada  
eram espelho do coração selvagem  
do juramento de amada

que se jura mente  
amor despido  
em alma cansada

## **96.**

os cães ladram às pedras mais escuras  
uma samarra desce a calçada romana

um velho tão velho parece uma sotaina  
pele de raposa ao pescoço

o gelo poisa lentamente nas pedras emolduradas por terra  
estéril  
a água dos animais gela no pátio

não está só  
algo o acompanha

uma sombra  
um espectro  
sei lá

## **97.**

tão velhinha –  
na memória da infância

não me reconhece

eu  
já tão velho  
tão diverso  
na carne tão diferente do que era

na imagem  
retida  
na sua santa lembrança

## **98.**

partira  
a dama insondada de longas tranças  
sem trocar palavras ou olhares com ninguém

corpo de deusa dos deuses pertença

ficou-nos sua imagem áurea  
de pele branda a doirar vento  
e olhar distante

o que nos é demais  
ou é bastante

**99.**

trazia nos olhos  
o brilho  
do alto mar

\*

um pião rodopia  
outro pião remoinha no chão  
o chão móvel o pião imóvel

\*

a história da flor de buda –  
quantas flores já eu ergui e  
como ananda nada compreendi

\*

tinha no rosto o orvalho das lágrimas  
vertidas na alma geada do vale

\*

as noites de inverno  
são longas e frias  
a menos que amor se faça

\*



a minha sombra na noite profunda  
sou eu que sombreio  
ou é a sombra que me nomeia?

\*

saudade –  
com os sapatos na mão  
o jogo da bola

\*

no tanque de granito  
flutuam rãs  
entre limos

\*

na face da minha mão  
um grilo –  
que ternura

\*

sem pressa  
o velho sobe ao telhado  
com as calças descosidas no rabo

\*

campos secos  
uma silhueta no poente –  
alma morta ou doente?

\*

pinheiros altos gritam –  
vozes aflitivas  
nas labaredas que vibram

\*

as cigarras  
como as raparigas na eira  
cantam desgarradas

## **100.**

tinha consciência  
que a manhã chegaria ao abismo do coração  
ensanguentado

terras alheias  
num gracioso peito a arder  
a colorir o campo azul  
junto ao mar de silêncio

a paixão  
um novo tormento  
a vida desfolhada  
as palavras  
que ficaram por dizer

em fogo vivo  
vivia abrasado  
e tinha consciência  
que a noite viria  
para crucificar a alma

## **101.**

sois tão fracos  
a morte espreita-vos pelos colarinhos  
aconchegados às virilhas mortas

pensais que a vida é um carro ornado a pedrarias no  
cortejo dos salgueiros descalços

meditais no conteúdo de vossas bolsas  
e de vossos vizinhos do lado  
nas vossas mulheres-bicicleta

deixai-me também aprender a andar

lambei os ecrãs de vossos televisores  
chupa misto de três sabores  
reis da bastardia  
maçónicos de alvenaria areada

amanhã é dia de adultério  
nas vossas camas bordadas  
enquanto brincais aos gestores  
aos governantes e doutores

## **102.**

os paus ardem na lareira do ventre

a desordem instala-se no navio embriagado a sorver  
cardumes de peixe miúdo na cave da catedral em ruínas

obsoleta como o velho diácono purulento

ossos de náufragos buscam na página de um atlas os seus  
complementares

há um odor a razão na maré a vazar  
e o capitão inventa o astrolábio na ponte derretida pelas  
correntes  
dos antigos arneses  
acorrentados a trágico destino

### **103.**

poucos os anos  
os anos são sempre poucos  
e passam mais depressa  
que a temível velhice

as tuas carnes apodreciam no bule de seis asas

uma mariposa esvoaça nas veias

ansiosa a dona do cão preso ao automóvel granjeado no  
ardil da flor murcha  
desapegou  
arrojando um cedro vermelho

erro apocalíptico do negociador de ilusões retido no  
enfardamento do tempo  
validade expirada na asquerosa prateleira do mercado

uma humana cria dormia exausta de tanto dormir  
uma prostituta sem cliente ao frio  
o cão latia atarefado de tanto latir  
a dona desesperava pelo tempo perdido  
sem amante sem marido

e os anos não perdoam

### **104.**

uma tarde para amar  
uma cruz nas costas cegas do calendário

as vacas sacodem as moscas enquanto fazem sexo

sexo fazer só para vitelo nascer  
fora disso  
fornicar é tentação do diabo

corpos rasgados na noite  
nas capelas construídas em pontes

um elefante de marfim alumia a penumbra da sala

o amor veste-se de negro  
persistente  
no limite das nossas mãos

o guarda-nocturno oculta-se no muro anão  
coca-mãozinhas  
e conta  
uma a uma  
as mulheres que entram  
na gaiola oculta  
da escravatura diurna

## **105.**

já ausentes os convidados da ceia  
a casa deserta acolhia  
os rumores dos antepassados

pelas janelas cruas entravam livres e despertos os  
sentimentos das trepadeiras

um cisne mergulhava no lago de cristal

a estátua nua escorria gotículas de arco-íris  
no vazio do vaso humedecido pelo desejo

## **106.**

um espírito confuso na soleira da porta

o caracol conhece o universo na folha que o esconde e o  
cão de guarda na corrente que o estrangula

a força aguarda

a cerca da consciência emudece o choupal  
é tarde

o sol pôs-se no baú de cânhamo em filamentos luminosos

e as andorinhas diligentes  
adormecem num doce embalo os filhotes

## **107.**

o sol de inverno brilha no gelo da orla da estrada  
o vento da montanha nua faz o frio ser mais frio

à porta da ermida dois velhos esfregam as mãos  
tremem acorados na dor

ao longe ais de pobre mulher  
lavadeira em tanque de água geada

ganchos prendem o desalinho dos cabelos

som de violino na filarmónica  
geme chora  
corta o ar da janela entreaberta

e poisa no meu leito vazio  
onde escrevi a palavra amor

### **108.**

são horas

o saltério anuncia as armadilhas que se estendem pela  
estepe

não esperes por mim

regressemos ao coração do universo  
para que nos seja formalmente apresentado  
o mistério da criação

retorno sem princípio  
chegada sem fim

### **109.**

silêncio  
solidão  
espectros virtuosos tomam assento na luminosidade  
nocturna do grande salão

um piano  
notas agudas em quente melodia  
as graves  
frias  
moldam-se aos intervalos dos pavios que se acendem e  
apagam

lá fora um cão doente morre na neve

### **110.**

acautelai-vos ninfas das florestas

que não seja sátiro vosso amante

que só em parte homem é  
e na parte que mais tem  
tem o que david não tem

rasgando-vos fadas sem asas  
leves delicadas  
o que tanto desejo

e me não pode ser negado  
nem estar por besta sujo  
ou por sátiro sujado

### **111.**

corpos há  
que em alma pura afeiçoados  
transcendem o tempo-espço

assim queria eu o teu  
orgasmo-universo sem fim  
corpo ao meu moldado

a vaguear nesse instante  
de eterno prazer presente  
pelas mãos de deus tocado

### **112.**

pedras de fogo em explosão narcísica  
sustentam a brisa que vosso corpo colhe

o céu brame encarcerado  
na abóbada de musical claridade

o mar desfaz-se em espuma



sémen que a areia feérica recolhe

e eu da falésia sofro e calo  
por não vos poder amar

### **113.**

hinos de atribulação açoitam os ares

trago comigo o meu endereço  
eu não sou deste mundo

o mais mítico de todos os homens  
aquele que devaneia na imobilidade da carne  
encontrar-me-á na sórdida imundície da existência

juntos combateremos na direcção da morte  
até que o pélago transborde de agiotas  
onzeneiros bifrontes filhos-candongueiros de um povo  
propício e idiota por destinação

haveremos de reunir ainda que tardiamente todo o meu  
sangue até que tudo fique límpido e amavioso  
como espelho ao sol doloridamente nascente  
em vítreo luzeiro resplendente

### **114.**

*modelos de uma fotografia de daguerre*

como vos deve ter sido penoso  
inglório e talvez injurioso

pontas de dedos com dedos  
braço na cintura

olhar distante  
uma câmara estranha  
num dia de sol escuro

cabeça encostada ao ombro  
único que se tem

sexo exposto  
à masturbação furiosa

às vezes  
por detrás de biombo oculto  
dos palacetes de nobres e burgueses

triste é o corpo  
melancólica a expressão  
de quem se entrega  
sem que o saiba  
por um nada  
por um qualquer trocado  
por um tostão  
às vistas do mundo  
numa primeira imagem mostrada

## **115.**

festa na cidade pequena  
para além de vacas e porcos  
os pobres desgraçados

\*

a vida  
é hoje  
um sopro vazio

\*

no charco  
o meu rosto –  
envelheço com o sol

\*

pegada após pegada  
nada resta no areal  
para além do passado

\*

no cadeirão velho da casa  
minha irmã não me viu  
viu nosso falecido pai

## **116.**

um sorriso no próprio riso  
do espelho sujo e mudo

um tudo que se embroma  
na falta do siso de quem espera  
o que sem aviso vem  
e por momentos se deleita  
nas formas que ela tem

espelho que se converte  
no que espelhado se não confessa  
e confia na mentira pela vida tecida  
de quem nela ingrata se perde  
e à quimera se converte

**117.**

uma canção pela tua trança

na sala dourada um alaúde em que as almas nobres se  
perdem

uma flauta adormece no leito cristalino  
a tua trança ao lado

olhos esculpidos a lágrimas  
do santo que impávido  
te implora do seu canto  
um efêmero momento  
em breve movimento

**118.**

uma barca vermelha  
no golfo quente  
derrama flores de primavera  
por todos os que na profundidade  
em descanso sepultados  
têm seus nomes silenciosos  
em algas gravados

\*

ali na favela  
eu ladrões e gente séria  
sob o mesmo telhado  
zincado  
com as estrelas a espreitar

pelo buraco

\*

*a miguel angelo*

a corpo que se quer acabado  
por mão de homem esculpido

por complexo  
por opção de sexo

de certo e sabido é que  
algo perfeito lhe há-de faltar

\*

a flor repousa  
na soleira da porta  
onde a montanha começa  
e as crianças  
são reveladas

\*

lágrimas do céu  
caem nas telhas partidas  
nos buracos do telheiro  
do vagabundo esfarrapado

tão em paz  
sono profundo  
de frio morto  
e

que para ali jaz  
sem acordar sem ser notado

\*

nem a borboleta  
parece querer ficar  
neste país da treta

afinal quem é ladrão  
dirigentes governantes  
que estão fora de grades  
ou os que estão na prisão?

## **119.**

amanhã perguntarei por ti  
ao sol e à lua  
aos rios que correm para o mar  
às aves que migram

alguém me há-de dar  
notícia tua

\*

sois tantas  
e tão belas

corpos-desejo

qual escolher?

a razão escolhe

o desejo não

\*

na fera efusão do prazer  
ao desejo que punhal mata

não tem o corpo portal  
que ao delírio se cerre

\*

a luz cruel do luar  
trazia consigo a tristeza  
da sepultura aberta  
para aquele gentil homem  
que chegara ao termo  
de quanto amor  
a mocidade podia dar

\*

ó meu deus  
é demais

tudo o que é demais  
sobra

como ponderaste tu  
a dor que derramaste  
no mundo?

**120.**

todos os dias  
reza minha mãe o terço

maria a ouve  
decerto atenta  
no seu coração em flor

é uma santa  
escutando  
o que outra santa  
com fé e amor  
lhe está rezando

## **121.**

um trovão  
pela calada da noite  
um relâmpago  
um tiro de canhão

artilharia pesada na neve sangrenta

botas velhas em pés de estilhaços

a traição da tocaia  
da pátria  
de madrasta nação

pai que é pai  
pai verdadeiro  
mãe que ama  
não fazem de seu filho guerreiro

## **122.**



doenças da alma  
que penetrais na carne  
aliviai os pobres órfãos  
de pai e mãe

que a dor do espírito  
dói no corpo  
um doer  
um tamanho sofrer  
que remédio não tem

e se não morrem  
da dor que padecem  
e que no corpo sofrem  
morrem da vida  
que não têm

### **123.**

no jardim devassado  
o pescador

num banco de pedra  
amor de amar

a barca corre com o tempo  
leme de rugas a marulhar

o pescador de corações  
morre  
lentamente  
nas redes do mar

### **124.**

em surdina  
a alma quieta

nada espera  
e no silêncio  
se queda

o pote de argila  
quebra-se  
no confronto dos dias  
já a vontade  
estando lassa

do desejo  
nem lembrança  
paz que a alma  
em sossego  
deleitosa alcança

## **125.**

carne e ossos na terra

anoitece

o coração pára

o azul coberto de nuvens raiadas de jactos

sorriem os longos areais ao mar que canta  
a noiva morta ao luar

primaveril  
o ar

duas árvores negras no horizonte  
e  
a palavra essência  
a negar o que te peço

**126.**

uma gaivota longe do mar

um homem emigrado no fim do mundo

uma mulher esconde o rosto à entrada de um hotel

um estropiado pede esmola

um jardim a urtigas plantado

um polícia dorme no carro

um ladrão labuta acordado

uma mulher faz um guisado

um ministro mente desalmado

um cego atravessa a rua

uma andorinha de luto

afinal

o mesmo mundo

a mesma burla

a mesma merda

do mesmo estado

**127.**

morreu quando nasceu

feliz

alegria de noiva sepultada

esperança de noivo

por desposar

no rosto da tristeza  
que olhares não deita  
aos lagos verdes  
de algas bonançosas  
não brilhou a lua  
e o regato calou  
o som das luzes  
em floração

as árvores não o viram  
faixa a ressumar sangue  
e ele nado-morto  
o pai não viu  
repousar  
com cruz aos pés  
e lápide no coração

## **128.**

cabeça dourada no vão da escada circunflexa

amor partido  
partida de amor  
por louco pregada

a andorinha pôs seus ovos no beirado luzidio

parto para a guerra  
donzela do oriente  
recebe-me como eu te recebi

um cão ladra ao vento  
folhas que caem sobre os estropiados

meu coração  
em viagem  
é sangue que derrama

os inocentes não são ouvidos  
nem perdidos nem achados

### **129.**

o manequim da montra  
da rua dos fanqueiros  
está tranquilo  
em soberbo fato

cá fora em tom ligeiro  
tamborilando a cabeça descoberta dos passantes  
excedentes do emprego sem trabalho  
um breve aguaceiro

uma lontra loira  
escorrega súbito  
no passeio  
enquanto um careca  
protege a cabeça  
com jornal enrolado

à porta da loja  
um vendedor baixo  
gorducho  
bem vestido  
engravatado  
alheio à realidade  
chama-nos –  
entre senhor  
preços de crise  
aqui há saldo

### **130.**

a erva morta  
na brisa agitada

varre a face da terra

um rouxinol canta  
entre pingos de chuva  
e raios de frio sol

anoitece mais cedo  
as estrelas não acontecem  
os teus lábios escurecem

finas folhas de cipreste  
são as cartas de amor  
que nunca escreveste

### **131.**

o sino tange  
cai a noite  
com as suas sombras

penso  
quem me dera ser pobre  
viver em casebre  
na floresta  
lado a lado  
com o lobo e o veado  
livre de obrigações  
de ladrões  
do estado

### **132.**

anoitece  
em alto mar  
eu  
sozinho  
velas

estrelas  
tartarugas  
golfinhos

um corpo  
uma vida  
um sonho  
no orvalho  
do convés

### **133.**

o vento chama-me ao rio  
ao lodo das margens secretas  
onde braço com ombro  
te farei insondáveis  
confidências

no vaivém da maré o rio chama-me pelo nome

um mergulhador emerge  
sem rumor  
sem notícias do corpo calcinado entre pedras  
enredadas por troncos imolados  
cicatrizes negras de tempos  
passados

nas margens com um só beijo  
aprendera a palavra amor

o mergulhador foi-se  
eu sorrio  
a todas as alegrias  
sonantes  
que libertam a terra escura  
dos seus algozes

há beijos semeados  
em terreno fértil e seguro  
como trigo nas searas  
e sangue nos recém-nascidos

e há os mistérios  
nos ramos dos salgueiros  
assombros amorosos  
chorados ao luar  
de agosto

no rio na antiga ponte de pedra surda  
aprendi numa vertigem a palavra morte

### **134.**

estou em casa  
cada vez  
mais sozinho

não porque o não queira  
mas porque o desejo

poderia dizer –  
aqui jaz  
em vida  
sentado  
em banco de pinho  
quem só se diverte  
e só em paz está  
deixem-no estar  
não o incomodem  
não se atravessem  
no seu caminho

### **135.**



resineiro sem seiva em noite escura alheia ao luar      onde  
estará o colmado de sua amada?  
os seus seios nesta hora exânime serão a imagem em  
chamas de seu coração      onde estará o colmado?  
que deus lhe valha no dédalo cruel antes que ela seja fogo  
e favila

### **136.**

tanto tempo a procurar deus  
busca sem fim na vereda vazia

afinal  
teresinha  
em ávila  
estava certa

deus  
nas panelas da cozinha

### **137.**

não sei de quem sou  
se sou de alguém ou  
se de ninguém sou

fez-me o destino errante  
viajante de vastos amores  
de chama viva  
em alma ardente

moro no meu coração  
na verdade e em quem mente  
com o amor

a caber na palma de uma mão  
e se não sou de ninguém  
com alma tamanha  
sou certamente de toda a gente

**138.**

na escolha  
em curta vida  
e longa esperança  
enquanto busca

o amor que lhe apetece  
adoece a alma  
que não encontra o que deseja  
e se aqui o amor teme

ali espera o que a mata  
mais lhe valera  
de tão cansada

amar o que se lhe apressa  
e entre verdes e macias ervas  
se lhe oferece

**139.**

levou-ma  
o fado cruel

fria  
em mármore  
deitada

sem ela  
já eu não sou

desventurado corpo  
sem vida  
sem mácula  
sem sangue  
coração apagado

em pano  
de fino linho  
levou-me a morte  
a alma

a dela  
no meu peito  
dolorido  
para sempre repousa

já não sou eu  
a minha alma perdi  
a dela possuo  
já eu não sou  
sou ela

## **140.**

seios de navegantes  
corpos firmes  
na crista das ondas

o luar  
desce sobre o mar

a proa corta o silêncio  
e além fica terra  
o bote sem lastro

grilhões da liberdade  
acorrentados à verdade  
à mentira e à saudade

e o desejo  
lá está  
que já o vejo  
do topo do mastro

### **141.**

mártires das revoluções  
os insurrectos de ocasião

depois pobres paus-mandados

rebanho de cordeiros  
por pastor assobiado  
a juntar cabeças  
como nos cabeços  
da minha aldeia

triste fado  
cantado  
pelos poderosos  
do capital  
predadores do suor

das misérias democráticas  
das praias de portugal

### **142.**

parto  
por te ter  
e por te não ter  
parto também

teus olhos

verdes  
troco  
pela partida

se com eles  
me quedar  
para sempre  
te verei

se chegar  
sem os ter  
cego de ti  
estarei

### **143.**

o vinho  
taças cintilantes  
ébrias  
fumegantes

néctar de todas as perdições aladas  
tensa mola da vontade por instantes decrepita

elegia ao vinho  
o vinho não carece de elegias odes sextilhas quadras  
disparatadas  
ele é o poema vermelho que fermenta o sangue do  
pensamento  
que ilude a realidade fazendo-a ver na realidade dele  
próprio o que a realidade é  
consolo de vida incerta e da morte no chão sangrento

o vinho não se canta não se diz não se lê  
bebe-se somente

### **144.**

sentara-se na proa a alisar as barbas malhadas de branco e  
entrançadas pelo descuido de quem desperta contrafeito

uma gaivota esquelética rondava o pontão de sueste em  
arcos defectivos  
com asas descompassadas na cadência nativa do  
nascimento do animal marinho  
o mar não o via com a clareza súbita de predador  
avezado ao sangue da superfície  
olhos extenuados de tanto olhar  
não ousava aterrar

as adriças açoitavam os mastros despídos  
madeiro alto de súplica corroído de sal  
ruído de címbalos decadentes desarmónicos a anunciar a  
missa de fim de tarde os dias corriam lestos naquela  
manhã cruenta apeada do seu cargo natural  
o sémen esgotado por noites doridas anojadas no leme  
calejado por mãos de dedos cortantes aceirados  
pela ferócia das vagas cruzadas encapeladas  
dos cabos que resguardara nas navegações sem rumo de  
agulha de marear  
fosca e imperscrutável

afastara-se das pontas de terra que penetram as águas  
das escarpas das costas até à invisibilidade dos pormenores  
e dos pontos conspícuos  
arredara-se para a segurança das águas profundas  
que por benevolência aumentam a distância das poupas  
das ondas penteadas em cume de montanha submissa  
onde o coração pulsa lento e pacífico  
longe da rota dos grandes cargueiros  
e dos monstros oceânicos

não podia dispor do destino  
os seus passos milagrosos no espelho das águas azul-  
celeste  
e o ponto marcado na carta amarelecida pelo tempo ignoto  
e pelo salitre não eram seus

não poderia dispor do acaso  
o vento leve e falso fazia abater a embarcação que rolava e  
que seria seu catre e esquife  
deixava-a correr com o tempo maldito  
de nada lhe serviria contraverter o querer do mar  
arrebatado em fúria

mar-mulher    mar-pai    mar-filho  
mar-tudo

sem ansiedade olhava os limites do futuro  
a incerteza dos passos marítimos a tocar as nuvens brancas  
e luminosas das ondas a jorrar  
deixou-se embalar pelo movimento enternecedor  
desfrutando voluptuoso o medo desse momento mágico  
sabedoria de azul cromada à deriva  
o amanhã poderia ser um túmulo perene nas amorosas  
águas do largo  
na bonança do serpeado contraído  
cego e surdo

## **145.**

meses há que escotas e adriças me não correm pelas mãos  
calejadas  
afinando o rumo aos teus seios salpicados de sangue

o mar bate nas costas de ilhas despovoadas  
que se alagam de pedras negras  
raiadas  
roubadas às praias rochosas e desertas

aí vivem fantasmas de marinheiros mortos  
entoando em coro a triste canção do velame despedaçado  
e do tabuado escuro à deriva

e à noite  
quando as ondas se desfazem em longas cabeleiras nas  
praias

ouvem-se nas canções longínquas  
os gemidos dos navegantes

**146.**

fiz tantas viagens  
tinha tantas viagens para fazer  
bosques selvas ilhas germinam no cérebro

solidão e cansaço

lanço uma âncora bifurcada nas profundezas da alma

uma peónia nasce em seio estranho

insectos de cena tardia repetem-se nas mãos de homens-  
fósseis  
e sem dó

amanhã o mar será uma inutilidade  
do tamanho do meu medo

**147.**

guardava as conchas azuis cor de mar  
na última gaveta da escrivaninha  
por vezes  
estendia a mão trémula da decrepitude  
ao tempo mágico da grandeza do horizonte

a ferida não sarara  
um pássaro do paraíso na campina alegre embutida na  
vidraça  
de tudo dava conta



**148.**

corre veloz a sombra do miúdo enfezado  
na gare os rostos cinzentos dos passageiros trocam olhares  
assinalados pelo agastamento

um sino dobra a morte de um enforcado  
enquanto pequenas gotas reluzentes olham pensativas o  
chão de mármore

já se afunda na terra vermelha o corpo do réprobo  
fecha-se o ádito do sorriso em compasso de cegueira  
em verdade vos digo pequenos grifos caseiros  
com a última erecção do enforcado veio a fome oscilar em  
armada de barcos de papel

tristes lusitanos

**149.**

o corpo inclinou-se junto ao altar dos sacrifícios a luz do  
ensinamento penetrava na pele porosa e crespa alheia à  
palavra e aos ditames da razão

nunca mais seria o mesmo

o coração transfigurou-se

**150.**

saudara a mentira arrostada nos lençóis de fina cambraia  
o amante viera longínquo e exausto como réptil em águas  
turbas

o quarto púrpura

a luz de círios erectos absorvia o odor do segredo

e o desenho fulgurante dos corpos nas pregas enrodilhadas  
da coberta estampada  
decorava paredes nuas e confidentes

era inocente  
trazia-o preso  
por um beijo quente  
oferecido ao rosto  
na intimidade da noite

funda verdade no dia vicioso da ternura      incircunciso voo  
de falcão

### **151.**

o desejo repartia-se alígero na pele seca  
a noite escurecia mergulhando nas janelas viradas ao mar  
uma estrela movia-se lentamente entre o leito desfeito e  
revolvido por corpo em agonia e a linha quebrada do  
horizonte nublado por riscas de sangue opaco  
ninguém vinha  
acomodou o coxim acomodou-se a si  
na camisa de cetim em desassossego ardente citou o sono  
distante  
não haveria quem pudesse condenar os sonhos nascidos do  
sexo latejante  
morria de amor  
em dor  
e tédio  
que sem tamanho ou medida  
não podia em caso algum  
ter remédio  
consolo ou cura

### **152.**

tu pobre criatura

que sabes tu  
que o céu é azul e o mar salgado  
os átomos tão pequenos que os não podes ver  
a terra ora castanha ora verde  
é quem te alimenta e quem te há-de comer  
que há guerra e paz ódio e amor  
fartura e fome alegria melancolia dor e tédio  
a cada amanhecer  
que sabes tu dos mistérios por conhecer  
sabes agora o que saberás ao morrer

### **153.**

vai distante o fulgor da mocidade  
perde-se de vista a graça da juventude no longínquo pétreo  
no caminho perdido da cidade submersa

as árvores envelhecem e paralisam de terror os prados  
o mundo transformou-se numa máquina de polir sangue  
as almas são sombras perversas nas mãos das crianças

cântico silencioso no negócio da cristandade  
onde sem pudor nem piedade se usa o nome de jesus

amem

### **154.**

os anjos da clareira dormitam taciturnos sem que os  
sonhos os caustiquem  
os anjos não sonham com édenes nem abominações e aos  
seus quartos não têm os amantes acesso

em nossos corpos não há tédio quando a nudez reflecte o  
anseio

nem no sangue vivo que rebrilha de inocência pecaminosa  
se acendem as luzes da cidade alagada por sémen  
putrefacto

lâmpadas que se incendeiam nas ruelas desvirginadas pela  
concupiscência da aurora  
desfloradas pelos ébrios passageiros da noite

o último metropolitano apaga-se

o nevoeiro pousa delicado nas verdes varandas estéreis  
corpos em velas vacilantes fanfarras dos portais da  
escuridão  
pés feridos na respiração cortante imersa em azul azedume

num leito de mar te penetro

## **155.**

a poeira cegara-o

um livro manchado com borra de café

atravessou a manhã submersa em quimeras e ajustes de  
contas

as casas dispersaram-se ao sol radiante de telhas alheias

recebeu cartas de fumo tormento e lume  
perdeu de vista o mundo alheara-se  
do rumo traçado num aeroplano feito de folha de caderno  
de espuma

o destino cumpre-se na sonda celeste do interior  
perfumado  
de cada flor de cada lâmina verde-opaco verde-borro  
execrável secreção terminal do quotidiano

era o seu gemido de lágrimas silenciosas dor a aderir

à pele vermelha por dentro a brotar angústia pelos poros  
geados por fora

seu nome simplesmente tristeza

### **156.**

não há viva alma nas ruas apertadas por pedras de granito  
cinzelado  
a pequena taberna desbotada por estores amarelecidos  
agita-se num único movimento do tasqueiro  
no tamborilar dos dedos  
balcão sujo de preguiça

sem freguês a coisa manqueja  
tonéis cheios  
cubas turvas  
vasilhame empoeirado  
no ócio da crise  
o taberneiro dormita no regaço da aldeia

### **157.**

a cidade é um amontoado de escaras danadas e sujas  
cobertas por retalhos de pano novo  
chegam para o trabalho apressados alfenins no pus a  
manchar a roupa interior do arraiar da aurora  
os pensamentos resvalam nas estilhas de pele dengosa dos  
escaparates por onde passam indiferentes as últimas aves  
da noite saídas de infernais caves onde mãos se cruzam  
trocam e tacteiam as formas arredondadas da deleitação  
oh consolação oral de deuses clementes refrigerados por  
lábios aquáticos a deslizar no gáudio de sexos despertos  
para a irradiação do prazer  
a calçada portuguesa canibalesca não faz perguntas de tão  
acostumada à miserável exposição dos corpos mutilados de  
sonos sangrentos e os jornais com letras soltas vão

saltando indiferentes para os braços pendentes dos mortos-  
vivos  
os pombos depois de terminada a oração descem às ruas  
junto das pastelarias onde sobejam migalhas de pão das  
bocas escancaradas  
e há os indigentes de papelão a mendigar um raio de sol  
enquanto os políticos displicentes dormem com os seus  
amantes em carros de prata do perjúrio e da extorsão  
são bento demoníaco a tudo o que é perverso  
e há pernas irregulares das mulheres a suportar largos  
ombros estirados em ginásios poluídos sem o sorriso de  
quem despertou consolado e se sente apetecido por toda  
uma noite e não por alguns segundos  
vou deitar-me no sossego com a madrugada ao lado  
as prostitutas também  
não suporto a cidade acordada a esfregar os olhos de  
remela

### **158.**

sentada à sombra de velha oliveira cristã  
brincava com o fio de orvalho refulgente

nas mãos brancas amparava-se o anjo  
do tempo perdido em meia vida por viver

com a sua fé na translúcida imortalidade das pedras e dos  
amores tumultados na eira deserta  
iria encontrar-se com o seu amante

não pousando jamais em vida os pés na terra ingrata

### **159.**

a claridade da aurora servida numa taça de noite dormida  
em perfume de loucura

na abóbada os astros já não se movem e o rio urinado  
pelos embriagados desagua no oceano o lixo humano que  
cambaleante e aceso de pó vagueara pelas ruas da cidade  
em busca de uma cama acompanhada  
os vagabundos da noite tropeçam nos seus próprios passos  
nas fêmeas com o cio nascido do tédio e da habituação  
são jovens    alguns mais velhos mas ainda com t....  
todos unidos no marasmo do sexo experimental

## **160.**

*a rimbaud*

possuir a verdade numa alma e num corpo  
a tua visão poeta como nos é estranha    como se estranha  
a si mesma    só é do alto quem respeita e não receia as  
paredes de água sólida nos acometimentos dos deuses  
revoltados  
a cobardia é costeira ou palustre e por desencanto navega  
em águas mansas e abrigadas    em ti a coragem    a  
glória da verdade no ponta do lápis invisível com que  
traçaste teus poemas em idade incerta  
tu o mais belo de todos os demónios que desertou em  
tempo das profecias exaladas em turbilhões de letras vivas  
até à agonia  
o teu corpo não mais acordou  
a tua alma sim  
no inferno dos iluminados

## **161.**

mundo estranho onde vingam os demónios enriquecem os  
ladrões com colarinhos brancos engomados padrões e  
outros diabos sem que sejam castigados

quis ser como eles      enganei      furtei corações      os de  
minha raça maltratei      assim pensei receber a recompensa  
aos ladrões destinada num mundo ao avesso virado  
mas como a ti luís vaz de camões deus me castigou de  
tanta maldade e um mundo tão mal ordenado também para  
mim anda concertado

## **162.**

seguíamos cansados  
exaustos  
pela mão das rimas  
no passo das estrofes

mas  
aquela coisa incerta  
era nova  
e o silêncio novo  
a cada instante

as nuvens aproximavam-se  
existíamos sem que nunca tivéssemos existido  
éramos sem que nunca tivéssemos sido

estranho  
aquele azul sem nuvens  
a terra imóvel  
as montanhas incendiadas  
o infinito da mente

falámos do medo  
daquele medo que é fruto do passado  
do que nascerá no futuro  
do medo que já vive no porvir  
falámos da benção  
e da pesada barcaça mal calafetada  
e do barqueiro sem proa  
e do sol gélido  
e do medo do medo



### **163.**

um fragmento luminoso  
atravessava a escuridão do caminho  
com as árvores negras  
fantasmagóricas  
a inclinarem os seus braços ondulantes  
para o eterno caminhante

o dia aproximava-se  
ensolarado e límpido  
alma de vestal  
emoldurada na chama viva  
consumida na beleza momentânea do regato

o rio cintilante  
de natureza inquieta  
e o rochedo imenso  
do coração multicolorido  
na rosa vermelha do porão  
da bela feiticeira

inelutável morte

a chuva miúda caía  
com um corvo a esvoaçar

### **164.**

o quarto inundara-se de luar  
a noite não adormecia  
pingos de chuva escorriam lânguidos  
nas vidraças das janelas

os galhos da árvore grande do jardim  
beijavam os beirados

de olhos abertos e exauridos

a luz ténue do astro nocturno  
era o amor da terra escura

**165.**

raia a alba na porta da velha igreja  
recoberta de brinquedos de neve

por entre as flores dos canteiros laterais  
vislumbravam-se ilhas de terra fecunda

o ar do bosque distante  
fresco e odorizado  
como pássaro vagueante  
guiava o auge da primavera fria

o velho álamo despertava  
gritando de alegria  
ao vento sul

uma folha amarela  
decaiu vagarosa  
da árvore doente  
e a velha beata  
de braços enlaçados à cinta  
aguardava cruz ao peito  
a glória do milagre no altar do sacrifício  
insistente pedido ao deus menino feito

**166.**

noite da alma em solidão

no auge das marcas gravadas no asfalto  
corroído por rodados de aço

a palavra transcendia-se  
na contradição do que é belo em forma de mulher

despertara envolto em neblina  
imberbe s. sebastião  
sem qualquer capacidade explosível

uma centopeia no vidro sujo da janela  
inclinada para o mundo interior  
e a erudição de três versos num papel amarrotado  
ali junto aos pés da cama espalhado entre flores

nas montanhas uma dor intensa  
penetrante  
regatos fragmento de fantasia  
de ilusão  
e no céu tal qual é  
aquela tremenda confusão  
de nuvens  
a obscurecer o sol  
no fenecimento da fé

## **167.**

queda de água  
deixa que te beije

que plante no teu colo  
a mais bela das rosas

## **168.**

contrição e culpa  
curvaram-se à realeza  
da humana razão

enredam-se nos troncos

as lianas  
pergunta-se em silêncio  
a eternidade

se fosses lua  
amar-te-ia  
do crepúsculo ao amanhecer  
seria teu escravo  
na vida  
depois da morte me chamar

se fosses lua  
amar-te-ia  
nos lençóis purificados dos lábios  
doce de mel e pólen  
a assomar na falésia  
de meu sonho extinto  
na floresta extensa

## **169.**

noite escura  
a rua começa a encher-se  
de esquinas  
e o mar crucificado  
entre sorriso e pranto  
consagra a dor aos deuses  
entorpecidos

tanto eu amei  
tanto vivi  
fui amado  
odiado  
pelo rubi que carrego

sempre o mesmo tédio

sem asas não voltarei a amar  
sem o sonho que sobe a colina

ao adormecer  
com as árvores a fitar o corpo morto  
não voltarei a sonhar

## **170.**

a morte estava diante dele  
oferecendo-se como ode das coisas antigas  
das insónias imemoriais

batera-lhe à porta  
desta vez encontrara-o  
sem fé na recompensa de um outro mundo  
como trevo florido na lua escura  
e os dias a não contarem horas de sol

um canto suave atravessou a superfície do mar amarelo  
violetas sangraram na neve  
os restos frígidos das paredes caiadas de estopa  
afundaram-se nas palavras da loucura  
um remo saudou as águas contra a corrente de frio  
mármore  
as colunas dos palácios mortuários cederam ao peso dos  
arcos  
e os portões reais abriram-se  
à voz da guilhotina

a morte batera-lhe à porta  
enquanto o sol se punha por detrás dele  
lembrando seu próprio corpo  
a repousar sob uma cruz verde  
sem nome registado  
dum mundo encerrado na concha vazia e inerte  
do orgulho e da vaidade

## **171.**

uma viagem por lisboa

a angústia de simples mortais enclausurada num transporte  
de multidão

uma viagem sem história

processionárias em fila interminável levantam a pata do  
verde velho cavalo branco de d. josé  
uma mulher toca bombo num garoto

o grand voyager está ancorado em santa apolónia  
o rio dorme a sesta  
uma inglesa coxa corre no vermelho  
por todo o lado contentores cheios de dúvidas e um  
comboio amarelo de icterícia sem locomotiva  
o governo de portugal manobra um cacilheiro  
passageiros um marinheiro e um soldado

cartazes  
descubra portugal um país que vale por mil  
ossos saudáveis constroem-se com muito cálcio  
a luz que apaga o passar dos anos

meu pai na cama dum hospital de luxo  
uma médica chinesa ou chinesa de macau explica o  
inelutável  
julga que não confio em médicos  
é bruxa adivinha  
não confio em ninguém para além do vento crepuscular e  
da névoa que de manhã lava o convés das embarcações

da janela um pedaço de ponte suspende-se no horizonte  
no quarto ao lado uma gralha  
uma gaivota míope voa em círculos sobre os prédios  
riscados como bibes  
há movimento  
e há os pisos cheios de dor e morte

## 172.

desciam a rua  
pálidos  
esquálidos  
com o sangue coalhado  
nas palmas das mãos

com eles  
um cão de parco pelo  
no passeio matinal  
levantava a pata  
anunciando o inevitável  
nas esquinas obsoletas do zelo

caminhavam com gravatas  
vermelhas  
da moda  
subindo escadas de claustrofobia  
elevadores montes-de-gente  
sem rosto  
transparentes

um dia mais  
igual à sonora carruagem do quotidiano  
mais um dia  
semelhante aos modos cinzentos do rapaz da pastelaria

computadores acendem-se ao raiar da aurora  
números rodeados de sinais cabalísticos  
fixavam-se na economia plana dos monitores  
gastos por olhares depressivos  
papel de luzes opacas amontoado em cadeiras mortalmente  
desocupadas

as mesmas palavras os mesmos rituais a mesma vigília  
descontente os mesmos carros a rolarem nas suas marcas  
exibindo seus modelos

mulheres calças de contrafacção comprimidas na celulite  
exposta aos olhos interiores dos quartos acesos

uma argamassa de pó betumara as rugas do desvario  
numa qualquer hora diurna dos motéis da auto-estrada  
apressando-se em corrida surda  
inflamando os sentidos erécteis do despertar

apercebi-me então  
da sua essência  
vivos-mortos  
caminhei a seu lado na nuvem ilusória da calçada  
em transportes destinados a um outro mundo  
com rodados flutuantes de sonhos materializados  
execução orçamental de parlamento acocorado em vis  
destroços de restos humanos naufragados

agora já estou só  
as conversas apagaram-se  
O sol acende-se com lentidão no horizonte queimando o  
último azeite da miséria  
iluminando prédios escurecidos de melancolia com raios  
branco-pardo

os mortos-vivos recolheram às suas celas  
para viverem momentos de crepúsculo  
e voltarem amanhã depois do sono  
a morrer  
nas mesmas calçadas de sempre

### **173.**

já não estás na esplanada  
varanda para a avenida  
da vida alheia

cansaste-te deste mundo  
partiste  
deixando o vazio do humor

na cadeira reservada  
nas garrafas quase vazias do balcão



nas tardes lentas dos trocadilhos

não quiseste ficar neste mundo  
a morte deu-te as férias  
da vida

e as férias transformaram-se no tédio  
de quem não tem um poema para escrever  
um quadro para pintar

nem ninguém para amar  
no dia de todos os santos

#### **174.**

a luz do perdão passeia-se com uma mão-cheia de vento  
brande armas escuras lágrimas do sino a rebate

volto a casa  
uma pequena flor roça suavemente o relvado  
curvo-me à sua beleza azul-celeste solitária vibração de  
primavera estéril  
beijo-a solenemente

não mais existem bandos arroxeados de flores a inspirar  
sorrisos aos insectos

#### **175.**

quando a sombra da morte vier com seu séquito imperial  
ostentando negros e sujos estandartes de devastação  
fazendo tombar no meu frágil dorso o lodo ancestral  
contarei os dias desfiando o rosário da memória  
envolta no manto desprezível da vida absurdamente  
sumida

procurarei nas multidões o anjo do amparo

segurarei sua mão fortemente para que não mais me  
abandone aos horrores terrenos  
enquanto vós falsos amigos  
me ireis levar em oscilante ataúde  
para o pecaminoso cemitério do burgo

as luzes expiram  
agora dorme-se  
sono sem sonhos  
morte em vida

para que na morte possa então sonhar  
com novo mundo nova vida  
tudo do tamanho da palavra amor

e a vós adulterados e tristes amigos de ocasião  
pseudo-homenzinhos  
curtos de vista e largos de lérias  
chamados ao derradeiro instante  
irei olhar-vos com a brandura de uma partida  
sem o azedume de tão curtas férias

## **176.**

vieram as trevas cobrir as fontes do estio  
secaram os rios caudalosos da esperança

ó liberdade ferida de morte artificial  
desordem nascente de choro por curar

passara ano e dia e o corpo sombrio  
afogava-se na disforme hora da desolação

a porta aberta ao amor exalado por nuvens térreas

o sono primaveril é sempre mais curto  
propício ao frémito dos músculos lisos

feliz é o amante que vive com o sono ao lado

penetrando a noite com a espada sacrificial

**177.**

à minha volta flutua o tempo a sussurrar obscenidades

no outro lado do mundo um ilhéu de sorriso brando  
sabor doce de mangueiral na frescura do primeiro beijo  
onde habita a paz do esquecimento  
que momento a momento em peugadas de baixa-mar  
se apaga no areal deserto em maré cheia

hora de sueste alisado      hora de navegar

**178.**

este inverno vai longo  
e o recolhimento amorosamente doloroso –  
transformá-lo-ei em eternidade

a reclusão é a pedra angular do crescimento espiritual  
temos de reinventar o toque do clarim

**179.**

duas velas iluminam as sombras vivas do êxtase  
dois corpos servidos numa única bandeja

na madrugada da rua um automóvel gane  
um cachorro buzinou três vezes  
o som suado dos corpos nus ainda não cessou enquanto  
a manhã se instala doirada no cadeirão bordado a horizonte  
tropical

sonho com os alísios da volta de mar

tal caravela redonda de um novo amor

vou chegar tarde o banho fica para amanhã  
o amor também

### **180.**

a noite é um convite ao banquete contemplativo  
procuro a noite escura de joão da cruz sem que a invente

não consigo fugir de mim nem ir ao encontro dos outros

as ruas desertas arrefecem numa chuva de dedos de areia  
os sonhos arrastam-se pelas casas sonolentas provocando  
a madrugada dos desejos  
que entram sem convocação no requiem das estrelas  
silentes

na pequena moradia do beco o ar rarefaz-se em bocejos  
cor pálida e sombria da peste  
a infectar a solidão do poema

### **181.**

mais um velho  
da minha aldeia  
foi hoje a sepultar

o cemitério apinhado de membros desfeitos nas  
recordações perdidas

as campas graníticas  
descarnadas  
sorvem as lágrimas da saudade

aqui e ali

os idiotas que pouco ou nada aprendem com a morte e com  
o silêncio da morada derradeira  
visitam os túmulos frios da madrugada  
solenemente beijada pelo orvalho sangrento  
deixando neles o pranto da hipocrisia

água de pérfidas faces sulcadas pelo remorso  
água que não lava nem alivia o jugo do pecado  
água-de-olhos sujada e em vão derramada

## **182.**

na gare deslizam incógnitos os passos do homem-azul

no gasto banco da esperança um sem-abrigo sorve o resto  
do resto de um cigarro  
enquanto indiferente olha as pernas delgadas da jovem cor-  
de-rosa

uma mulher carregada por duas malas adverte as crianças  
sujas não se afastem

os olhos brilhantes de uma menina fitam-me  
abstraída dos passageiros de limpo vestidos por cima da  
alma de esterco  
corações defecados na viagem da vida

adivinhará o que penso o que sinto  
da revolta o meu grito?

## **183.**

*ao mário cesariny*

que importância tem foder ou não foder  
desta daquela destoutra maneira

(os tempos são outros mário)  
fode quem pode não fode quem quer  
fode com quem quer quem pode e não fode quem não pode  
fode quem consente e quem não consente não fode ou só  
fode com quem quer e bom proveito lhe faça o encontro da  
net com quem não conhece e fode às escuras que é o  
mesmo que foder sem saber o que fode  
fode quem paga se de graça ninguém o pito lhe abona  
fode com toda a gente que paga quem recebe o pagamento  
e fode quer se importe ou não com foder ou não foder  
porque mais poder que o foder o tem o dinheiro mesmo  
que faça doer  
fode a dois quem gosta e quem mais gosta e pode com  
mais fode  
e em grupo já muitos há que fodem e são fodidos e quando  
se perdem excitados e incautos sentem dedos no cu  
metidos e as mulheres aos gemidos com desconhecidos  
à pressa fode quem tem ejaculação precoce ou não  
aprendeu a amar ou cedo tem de ir trabalhar para a outra  
banda ou para trajouce  
para que em tão curta vida sejam escassos os desperdícios  
porque no fundo  
bem lá no fundo  
(que à superfície não tem graça e é coisa de criança)  
neste mundo mário  
anda de um modo ou de outro  
mais de língua e dedo  
tudo a foder  
por prazer  
por dever  
por dinheiro e poder  
ou por não ter mais que fazer  
mundo-meio de meio-mundo fode o outro meio que se  
deixa foder  
e diz que fode por amor ou por muito amar  
quando se excita com uma qualquer greta ou pichota  
e porque mundo-meio de meio-mundo não fode por o não  
deixarem foder  
acaba por foder sozinho  
triste do pobre

tadinho que com suas mãos se consola  
e neste corropio do fode-fode e do mal-foder não tem lugar  
e a muito esforço se alivia  
agora é assim mário  
é tudo falso com um sentido sem-sentido  
é tudo vário  
e se de onde estás já vejo o teu riso de escárnio  
deixa-me sorrir contigo nesse pódio celestial  
que este mundo está fodido e eu já estou cansado  
de tanto cabrão puta bicha azeiteiro  
casas de filhos-famílias e de passe-bestial  
até um dia destes mário  
que me vejo já de *passagem* na mão  
sentado no embarcadouro vazio-ócio  
e como tu dirias se por cá andasses  
sem nenhum jeito para o negócio

#### **184.**

o teu corpo maduro  
emerge das águas turquesa  
ó deusa

na concha das minhas mãos ávidas  
surge em esplendor o marfim das tuas formas  
concha por outra concha tocada

sopram os ventos de oeste  
alento cálido do amor absoluto  
da carne que no espírito se move

enquanto a deusa das estações  
te intenta ocultar  
em manto a tulipas bordado

#### **185.**

há um corpo  
que nasce  
a cada sementeira

e cresce  
seara lustrosa  
ao sol do meio-dia

na fantasia da mente  
no sonho mais florido  
na tela branca do artista

vigoroso  
como fruto  
das hastes da videira

ansioso e desejoso  
como quem procura  
o que ninguém encontra

veemente implora  
que no seu tempo  
pelo amor seja colhido

## **186.**

na caverna negra dos tempos arde o fogo primordial  
sombras bailam nas rochas firmes como seios intocados

dos veios subterrâneos corre o sémen do ser  
prazer de sangue novo e quente recolhido no odor dos  
freixos  
anseios doirados e incriados  
do nada nascidos

a neve gela na floresta virginal  
correm os lobos famintos  
predadores da lascívia animal



o homem nu nas peles ocre do inverno  
sonha com gazelas e veados  
e na alma lisa de pedra por talhar  
desenha o primeiro nu  
sem tela  
sem saís de prata  
nas pedras salpicadas de cores exaustas  
sabendo que amar  
se inicia com um lânguido olhar

desejo da carne  
do coração primitivo  
tão longínquo à razão

e anela  
truta em pedra lavada pela torrente das sensações  
inexplicáveis  
o corpo nu  
que desde o alvorecer aguarda  
o despertar de quem só ama e caça  
num fogo que jamais se apaga

## **187.**

sentara-se na esplanada

lúcido    atento

com vista para o muro de calcário  
um copo de vidro velho  
a balançar nas mãos trémulas

um copo de rum vale mais  
do que todo o desassossego do mundo

por ali passavam passos  
uns à frente outros atrás  
das difusas tristezas

a consumir consciências

de seu nome pedro

pedro só

sem mulher filhos parentes

confessava-se amiúde a seus companheiros

as taças ora vazias ora cheias de melancolia ou alegria

de nada lhe valera o templo

as longas horas de meditação e súplica

na ausência do corpo

não sabia se deus existe ou não

e hoje nesta tarde efémera mas presente como um raio de sol

pouco lhe importava saber se iria ou não saber o que nunca saberia

era ele e o rum e o muro intransponível

e a verdade de não haver verdade em lugar nenhum

## **188.**

a primavera aproxima-se como espelho a despontar no limite do universo

o dia está prestes a findar

flores longínquas enviam-me o teu perfume

longo é o caminho

curtos os passos

do que não sabe declarar a sua paixão

as montanhas brancas do luar estão cada vez mais distantes

a uma hora da casa do mar

penso voltar ao jardim da tranquilidade

novamente esta maldita estação sempre presente nos  
meus dias  
a mortificar a idade

cansaço de viajante sem hora marcada

### **189.**

recordo-me neste véu translúcido do tempo  
que apenas em petiz te adorei  
com preces azuis ajoelhado aos pés hirtos das colunas de  
pedra  
e como te adorava  
e como sentia a alma plena a palpitar de vida a animar o  
templo das delícias e esperanças

hoje soletro os meus vícios caudalosos e os mais obscenos  
apetites  
sou o que sou e pelo que sou  
sou sem mais ser      nem um pouco mais nem um mais a  
menos  
vivo a viver  
assim devo ter nascido assim espero morrer

por vezes humano tão humano que me arrepia  
outras animal sem tino em caldeira fria  
sem destino sem razão sem outra vontade que não a de  
incendiar corpos

e se te voltar a adorar  
retomará o cálice diamantino a sua inocência primordial?

### **190.**

as águas da lagoa erguem-se em minúsculas ondas  
o vento do sul não traz o teu odor

as pequenas cristas de espuma desfeita são orgasmos de mar

tu não estás presente  
neste silêncio devastador

o meu corpo e a criação incompleta  
completam-se  
nos lábios da saudade  
e nas mãos da dor

### **191.**

o som da flauta arrasta-se no breu da noite  
volteia os arbustos para além das paredes graníticas do quarto  
jardim plácido das últimas brasas da lareira

a mansão está deserta  
a seca prolongada cresta os pastos de inverno

amanhã virás como chuva abençoada  
e alegrarás meu coração sequioso

### **192.**

cresce a escuridão por entre as cortinas da primavera  
primeiras são as flores de teu quarto

lá fora um cavalo  
enquanto a noite passa na indolência do incenso queimado

um encontro fugaz  
um beijo fugidio à sombra do luar  
parca é a união

o adeus à chuva que tépida escorre dos olhos dos deuses

não sei o que mais me dói  
se o encontro se a separação

### **193.**

na noite fecunda  
os olhos azuis do mar  
sem lágrimas  
ébrios de lua nova  
nascem para o dia ausente

olhos de mar na noite escura  
lábios macios de medusa  
um motivo para sonhar  
um sonho para amar

### **194.**

resta-me adormecer este corpo  
consumido pela saudade –  
guardo por ti no meu sonho

### **195.**

fim de dia o sol brilha menos nas coisas mortas à beira-  
mar que mais brilham incandescentes debruçam-se nas  
margens do rio azul um pássaro descansa no paredão  
um veleiro volteia insignificante há comunicações no  
canal portuário silêncio no jardim de azáleas as flores  
correspondem-se pelo aroma nascido nas subtis cristas  
brancas das ondas que se desfazem em lamentação nos  
limos das amarrações os homens comunicam pelo canal

da mentira      uma mulher vestida de lilás com pétalas nas  
pálpebras aguarda no som líquido da lira agonizante      virá  
pergunta-se nos lábios cerrados      no horizonte uma vela  
acesa de vento bonançoso      será ele      não não o é  
a traição nunca vem do mar

**196.**

ah aquele sorriso no metropolitano  
uma boca rosa a sorrir para si mesma  
um olhar difuso e quente  
um boné ao lado a soltar cabelos de oiro  
calça de ganga rasgada  
um desejo desejado  
de te beijar  
ainda hoje presente

**197.**

é para ti que guardo a minha solidão –  
quando voltares  
hás-de sentir o vigor do meu abraço

**198.**

por pouco se agradava  
  
raios quentes da tarde  
  
crepúsculo  
  
silêncio das noites nos brincos de pedras vermelhas  
  
um longo gemido de prazer

e uma estrela para adormecer

### **199.**

demandando a minha alma nas voltas da insónia  
o balde não alcança a água do poço sedento  
onde o sol não penetra

há pequenas flores amarelas e ervas nas paredes  
gotas de orvalho teimam em percorrer a corda agora tensa

o perfume da erva molhada invade o meu cérebro  
dando notícias da alegria primaveril de prados e jardins  
de giestas e estevas

da minha alma  
nada

adormeço na superfície espelhada a trevas

### **200.**

o pinheiro do meu jardim  
impiedosamente serrado

onde está a sua sombra  
onde estão suas pinhas  
o seu odor?

e tu  
meu amigo  
em que lugar  
foste abandonado  
à geada e ao luar  
ao sofrimento  
à dor  
da morte eminente?

aquela casa  
a minha  
o meu jardim  
é um campo-santo  
onde vossas almas  
vigiam

será aí o meu eremitério último?

## **201.**

passos do deslumbramento  
nela architectam-se muros  
nos lilases que sonham

a terra vê-a deambular  
na artéria de uma só direcção  
no sem-sentido das horas vadias

num quarto andar  
um pincel movimenta-se  
contraponto mágico  
de azul descorado  
e anémico

as luzes apagam a vida  
eroticamente  
sem fé

resta-lhes a festa do sexo  
da lua de sexta-feira  
a descer o chiado

24 de julho  
o rio  
a sorver o empedrado  
tóxico  
como aqueles dois polícias



com medo dos ladrões  
(os polícias só servem para chatear garotos e multar  
condutores)

uma última pincelada  
o quadro desfaz-se em partículas atômicas  
destelhadas  
ilógicas e inaptas

paranóia  
que quem vive  
não vê  
e é

## **202.**

o amor  
começa sempre  
com as primeiras chuvas

## **203.**

há quem diga  
que na face macia de um papel se conheceu  
habituação ao cárcere voluntário do medo  
em linhas vazias de caderno aberto aos pés de enxerga

no repouso do quarto sem cortinas  
virado para a canção estelar do rio  
a correr pelo brasido do deserto  
abrigava a imaginação dos espaços suspensos  
das chagas incuráveis  
esquecido

abandonado à morte da realidade mergulhava no sonho  
seu irmão bravio  
vítreo

a força da idade na decrepitude do corpo  
fez com que se aconchegasse ao calor da lareira  
em brasa húmida  
salgada  
manta retalhada do desespero petrificado

pouco era o tempo que lhe restava  
nas pálpebras incandescentes  
nos punhos amansados  
a adormecer lânguido no espírito da noite  
última ceia dos afogados

## **204.**

a lua existe para que os amantes se amem em hospitaleira  
penumbra  
raios débeis a alumiar leitos e desejos  
que dando mãos  
partilham corações  
sem a nítida e dolorosa imagem das definições de amor  
tão falsas e várias  
que à luz sol não resistem

## **205.**

sepulto as memórias  
com mãos arenosas  
a cuspirem fogos límpidos  
cruzados de azul  
no desar estrídulo  
da cruz do céu em trevas  
ao anoitecer

que bom é adormecer  
leve e ousado  
inocente

pacificado  
sem ser manchado  
por pecado  
sem ser bandido  
advogado  
governante  
malvado  
ou pobre infeliz

sonho de supernova  
estrela nascente  
a varrer o universo demente

## **206.**

parto  
náusea da partida  
feral e ansiosa a chegada

envelheço  
sem a cidade afrontada  
aos meus pés  
agora que a desejo esmagar  
verme da repugnância  
lodo imundo a deambular  
no negrume

luzes desertas flutuam  
nas linhas brancas do asfalto  
áleas tomadas de assalto  
por aprendizes de curandeiro  
das noites doentes  
dardos de luar

nós  
os velhos  
ainda decidimos  
querendo  
no recato de velhos bares bolorentos

o esqueleto por depurar  
de país nocturno  
a naufragar

## **207.**

tinha a febre da ansiedade  
estertor da dor errática  
salpicada pela asa gemente do maligno

sua casa era sua fortificação

as sílabas das palavras nos vidros opacos  
circulavam no vapor depositado  
da sacra metamorfose de rígidos ossos  
a enformar a palavra

havia imagens inquietas  
sem projectos  
sem um corpo açoitado pelo amor

a transformar ideias em versos

## **208.**

corpos na noite vadia em campânulas de frio movem-se  
nos fios de luz projectados pelos cunhais do letargo  
no rio jazem os afogados do sexo  
carros de marcas duvidosas encarcerados em modelos  
luxuosos sobem e descem as ruas das agonias esverdeadas  
incessantemente  
o rimel das pestanas corroídas pelas noites de temporal  
os olhos sem brilho como velhas moedas consumidas na  
gaveta suja do velho coleccionador de troféus eróticos  
em agenda bolorenta  
saías curtas decotes insidiosos nos gestos quase obscenos  
da concorrência desleal do insistente chamamento

jovens  
velhas  
nem velhas  
acabadas  
nem jovens  
adolescentes  
imitando desastradas meninas  
velhas fingindo mocidade nas zonas escuras à visão  
diminuída dos agonizantes  
amaurose do desejo  
luz que tão ordenadamente distribuída abrevia a  
desigualdade  
a cada uma sua oportunidade  
porque  
de noite  
todas as gatas são pardas

## **209.**

de seu nome idalina  
viera para a capital servir  
vistosa  
sorriso brilhante  
olhos meigos de corça  
a fazer embicar apetites nos dias insípidos  
de vida descolorida misérrima a flutuar na profundidade do  
abismo

o mesmo de sempre  
café com leite a escorrer nas canalizações adelgaçadas dos  
patrões o pão com doce e mel o almoço o lanche dos  
meninos joão o franzino maria a estouvada elizabete a  
ajuizada (como a rainha) a ceia o chá do adormecer  
os babetes de cuspo os raspanetes da madame emproada  
em sub-rogação do garnisé e o balbuciar do patrão primeiro  
caixeiro de roupa interior numa loja do chiado  
os pratos compostos e sem compostura gordurosos por  
lavar a roupa das camas por engomar o pó por limpar

trabalho povoado de murmúrios obscenos e por meia dúzia  
de moedas      carago  
conheceu-o      ele um pintas azeiteiro todo catita à porta do  
baile de domingo no lumiar  
olá menina      ela sorriu-lhe  
apaixonada de fome canina  
tanto bastou  
o corpo nos pratos sujos do desejo e das perversões  
clientes a cheirar a cais odor de cabos de atracação com  
alcatrão a roçar os fios dos sovacos  
a render e à disposição  
do pagamento  
a dividir  
por dois

## **210.**

para além de tudo isto está a morte  
senhor visconde de alpercatas  
sabendo eu e o senhor  
o senhor e eu  
eu que sei ou que não sei se sei  
e mesmo que saiba nada há que me garanta que o saber  
não sabe se sabe  
da armada naufragada da barra  
de que tanto nos fala  
e das virtudes que à sua amada aponta  
como diz repetidamente que a esposa estimada é de tal  
modo pura que se pode beber água pelo seu vaso avisado  
discreto e astuto  
enquanto um turíbulo amestrado sem dono nem criado  
assa lento a carne viva da alvorada

um carro cinzento atravessa sozinho a avenida alvoraçada  
eu por dentro procuro cozer ou coser? ao tronco uma  
camisa por passar notando agora (o que muito ou pouco  
me preocupa) estar a ficar abdominoso  
inquietação de velho mulherengo  
inclinação a pasto tenro presumivelmente negado

há velhas alisadas no passeio limado  
e uma marreca a precisar de limão  
(de carpintaria ou de serralharia não do limoeiro)  
e o condutor do carro cinzento  
cospe no passeio o sabor amargo do vento sul  
vendo o veículo a transcorrer  
de vagina a amanhecer  
amadurecida  
de mão em mão  
por onde se não pode beber senhor visconde  
vossa contrariedade

e  
senhor visconde veja  
como o carro cinzento continua a cuspir no passeio o sabor  
a vento

## **211.**

nunca conquistaremos  
os mistérios  
os enigmas da alma  
de deus  
do universo

vem amada  
esqueçamos o amanhã  
vamos amar  
que a ciência são palavras  
gastas  
a filosofia vã  
e todo o resto nada

## **212.**

cai o véu da noite na folha escrita de amor

nela escrevera o nome dela  
olhos tristes como pétalas pendentes e folhas caídas  
o amor tantas vezes jurado de mãos apertadas e febris era  
agora jóia furtada  
nascera quando a conheceu  
morria porque a perdia  
vendo que a não via  
o vento cortante  
o tempo quente ou frio  
a clepsidra vazia  
no beijo que se nega e não se quer  
fogo de amor nela extinto  
morria porque a não via  
mesmo sabendo  
avisado  
que no coração de uma mulher  
quer se queira quer não  
há sempre um qualquer homem  
a ocupar o lugar  
por outro homem antes ocupado

## **213.**

partiste  
amiga  
amada  
flor da criação

um lenço  
a dizer adeus  
uma mão  
a chorar  
olhos rasos  
de sangue fresco

partiste  
voltarás?  
eu fico  
eu aguardo



tu foste a primeira  
serás a derradeira

## **214.**

a ti te escolho  
corpo e alma na lonjura  
recordação constante

tu a que estás perto  
e não desejo  
para ti guardo o esquecimento

## **215.**

a lua viaja no céu vazio      há pirilampos suspensos nas  
sombras      uma lareira com paus de pinho crepita no  
abrigo da montanha      há mantas desfeitas enroladas nos  
corpos sofridos de dois mendigos esfarrapados pela neve e  
pelo temporal      uma côdea de pão verde de mão em mão  
o lume arrefece      um dos pobres velhos adormece      não  
sonha      o outro mais novo de longas barbas proféticas  
espreita pelo janelo a morte da luz a arrojá-la pelas  
pedras fúnebres do cemitério  
se morresse não teria frio  
a morte é sempre quente

## **216.**

não sei se os teus lábios  
nos meus colados  
são sonho ou realidade  
de quem pensa

se são sonho  
que não desperte  
se realidade  
que o sono me não vença

**217.**

é tão triste o desamor  
no bolorento poente da vida  
em passos de mistério escondido

na tarde de oiro  
palpita vagueando  
de mão em mão  
o velho coração de corda

é tão triste envelhecer  
com o olhar a mendigar  
a visão do amor e do mar

**218.**

quem não herdou nem roubou  
se de justo trabalho viver  
(ou da esmola de alguém)  
decerto nunca há-de enriquecer

mas se for jovem mulher  
em perfeitas linhas desenhada  
e com velhos se deitar  
a bolsa presto há-de encher

**219.**

adormecera

na calmaria  
das águas plácidas  
da baía de benguela

sonho rasgado de saudade  
do agora velho soldado  
das terras de áfrica ausente

à sua frente  
no areal  
a sua negra  
dentes alvos  
peitos hirtos e redondos  
olhos rasgados  
sorria-lhe amorosa  
dolente  
languescente

desperta envelhecido  
esfuma-se a nítida aparição  
na face uma lágrima mordente

se soubesse que sonhava  
nunca teria acordado

e a negra ainda na praia presente

## **220.**

o paraíso à noite  
é iluminado  
pelos pirilampos da minha infância

## **221.**

recitava em silêncio uma oração  
sentado nas ervas da orla do campo cultivado

lado a lado com flores silvestres

sonolento

preparava-se para dormir ao vento  
garrafão de vinho novo ao lado

era cedo para beber  
dos deuses a bebida  
deles preferida  
e de si única amiga

a aldeia dormia ofegante  
entre postes de madeira

o galo ainda não cantara

numa janela espalha-se uma luz  
alguém se prepara  
para mais um dia  
de miséria

## **222.**

*à tia cândida*

hora de vindima  
fruto espezinhado  
no lagar de granito

os mesmos pés que a vida pisa  
pisam agora os cachos  
com carinho

e tu  
minha tia  
minha mãe

que da terra cuidaste

como quem de criança cuida  
às agruras do tempo sujeita

tão velhinha  
ausente  
desta tua criação

## **223.**

um álbum de fotografias  
a preto e branco

eu tinha os cabelos loiros  
encaracolados

meu pai ainda jovem  
cotovelo apoiado  
na perna suspensa em muro caiado  
o rosto apoiado nos longos dedos  
de príncipe encantado

minha mãe  
magra loira linda  
beleza profunda  
em longo vestido cintado  
sorriso do mundo o mais belo

e agora  
eu deus meu  
neste sufoco neste aperto  
envelheço  
a branco e preto  
e morro

## **224.**

teatro nocturno –

no telhado  
gatos em cena de amor

## **225.**

caminho com o destino  
de mãos dadas  
com a felicidade do dia

morte do sofrimento passado  
sem saber ao certo  
donde venho

se sou eu que venho  
ou um qualquer espectro sombreado a bronze  
companheiro deste outono matizado

de prazer e dor  
desespero e esperança  
ódio e amor

## **226.**

não sabia  
nem sei  
como lhe havia ou hei-de dizer  
o que sinto o que sou o que desejo

tão jovem  
rebento de árvore celeste  
a emergir do mais profundo azul  
com os sonhos mortos de amor  
a navegarem soltos no corpo  
ao destino de um beijo alheio

tão jovem  
no olhar melancólico

de pedra talhada no deserto  
a oscilar  
entre os meus olhos brandos  
e os arbustos acesos da colina

boca fina  
de ninguém  
lábios que muito quero  
que lhe não peço  
e não sei  
se lhos hei-de pedir ou não

## **227.**

na cama dourada  
um corpo branco

crisântemo  
em corpo de mulher  
reencarnado

## **228.**

não tinha ninguém mas parecia ter toda a gente  
suportava heróico a solidão encurralado no átrio do palácio  
das mil e uma vozes o luar brilhava nas paredes do  
silêncio com testa de marfim a ramagem da árvore do  
acaso penetrava sorrateira nas duas janelas opacas de arte  
contemporânea as aves descuidadas faziam as  
necessidades nas telhas do vigamento e do ripado sem  
telhado  
era um lugar secreto  
para homem só  
na multidão

**229.**

o vento fala e  
a sua voz  
é a da saudade  
que lhe corre na alma

\*

há dias  
que o sino não toca –  
teia de aranha no badalo

\*

uma cerejeira em flor  
tem perfume  
e som também

\*

no outono  
ramos secos em cruz  
filtram a luz

\*

o amor veio  
canção de veleiro no mar –  
é urgente orçar



### **230.**

a neblina  
beija o vale deserto  
acaricia o meu corpo  
amacia minhas mãos gretadas  
pelo suor ácido da saudade  
do que em tempos foi  
e morto está

ele  
a quem agora chamam  
vale das lobas

### **231.**

a sombra dissipava-se lentamente no espelho da casa  
grande do outeiro      ela dormia indiferente à primavera e  
às ameixieiras em flor  
para quê despertar com o vento azul matinal carregado de  
orvalho se ninguém se acercava de seu corpo quente e  
ansioso

### **232.**

ouve-me maria  
(todas as mulheres são marias e todos os homens josés)  
não vás  
não te percas  
não desafies o destino  
não deixes de ser quem és

a estrada silente  
padece de perigo  
se o amor está ausente  
e o amante ferido

não te vás maria  
que fico a padecer  
e tu te deitas a perder

não te vás  
fica  
sê  
como toda a gente  
diz que o é  
sem o ser  
honrada  
virgem  
a deus temente

não vás maria  
que morro de medo  
só de pensar  
em te perder

### **233.**

cortinados verdes  
cadeirões azuis  
entroncamento  
um jovem militar  
um cigarro escondido  
nas horas infindáveis  
da viagem nocturna

nas janelas  
vê-se de dentro  
para dentro  
o interior

passam luzes  
no exterior  
brancas  
amarelas

luzes anónimas  
como os corpos sonolentos  
sentados nos assentos

## **234.**

que esbelto o teu rosto  
como nunca outro vi em ninguém  
belo macio meigo afável  
doce sorriso diáfano celestial

por muito que o procure  
não o vejo em parte alguma  
porque no mundo não há  
desejo que ao meu iguale

de não te ver desanimo  
o coração em lume incandescente  
a saudade a devorar o espírito

se beleza como a tua  
por muito que corra não descubro  
que em mim o amor morra

## **235.**

a dor de cabeça que me não abandona paira no ar e  
esmaga os pensamentos com seus braços férreos  
visões permanecem em ziguezague contínuo      turbilhões  
de imagens novas      o sossego nu do corpo na cobertura  
de guarda ao rio hoje mascarado de cinzento contrasta com  
a quase insuportável pressão da besta na nuca  
não suporto o riso dos idiotas a esperteza macabra dos  
trapaceiros a mentira dos burlões os tostões dos charlatões  
a estrangular os simples  
o planeta estanca estala fende-se pelo meio corrompido e  
coroadado de demónios      dói este cansaço e esta dor a quem

se não decida pelo veneno em taça de prata      o inferno  
salta festivo em toda a parte      abominável com crostas  
ósseas virulentas  
um homem-de-sete-cabeças percorre as ruas subterrâneas  
da cidade queimada a enxofre      de rastos os seus iguais  
imploram nas preces falsas e submersas o perdão de terem  
nascido pecaminosos  
eles causa negra e directa da misantropia

### **236.**

são teus olhos verdes  
senhora dos oceanos  
que de esperança me fazem  
ter de amor tanta sede  
e nos anos da vida ir mais além

não fora a sua cor  
ora verde ora azul  
em face branda em flor  
já me teria ido para sul  
onde abunda o calor

para que sofrer me não visses  
em rocha agreste acoitado  
nos seios de outra mulher  
quando por ti rejeitado  
e sem a ela bem-querer

porque quem deveras ama  
olhar tão profundo e delicado  
como nesta terra outro não há  
outro inverno não há-de querer  
outra mulher não tocará

### **237.**

a criança brinca  
com os meus dedos

desfolha-os  
como um deus

conta-os  
como rei

interroga-os  
juiz sem-lei

como é belo  
seu reinar

## **238.**

este mundo  
desgasta-se  
como corda de relógio

relógio  
varrido por borrascas  
alimentado por fogos-fátuos  
combates na planície gelada

relógio  
atormetado pela saudade  
do velho soldado  
nas trincheiras

relógio de passos  
pesados  
lúgubres  
da idade  
da fome  
da melancolia

o relógio

uma arma  
uma fotografia ao lado  
uma lágrima pesada  
plangente  
de sangue suada

e a dor  
pontual  
sempre às mesma hora  
num relógio avariado

### **239.**

erro no mundo  
em actos e passos

no mar sem fim  
na terra oculta

por montes  
névoa  
e chuvas

erro

grito desolado  
na charneca  
encurralado nos jardins  
do palácio da morte  
a nuvens móveis ornado

o vento assobia  
rasga o peito à neblina  
o que é vivo já sossega  
na solidão  
que se carrega  
e custa a suportar

crisântemos de outono

mulheres de jade  
amor perfumado  
do amar exausto

às vezes  
amar  
pode cansar

## **240.**

ó vento triste  
como eu  
sem mulher  
que te abrace  
nem amante  
duradoura

alma cansada  
da mudança  
de muitos amores  
com enfado modelados

nas serras as cores pintadas  
as fontes claras como vidros  
em espelho laqueadas  
os cabelos a esvoaçar transparentes  
uma mulher outra e outra  
estátuas vivas da volúpia  
a abrasar a neve  
leve e suavemente

vento  
de muitos amores  
meus  
teus  
até que a morte nos apague  
e acenda  
porque a brisa que ofusca a luz  
também a anima

**241.**

ventos amainam  
verdes campos serenam  
ficam as serras  
de urzes e giestais floridas  
quando de amores  
por ti perdido  
sobre mim teus olhos  
se demoram

**242.**

bem meu  
amor da alma amado  
face cor de neve  
deixa  
que te furte o coração  
eu que nunca fui ladrão  
para que no meu peito em sangue  
o meu possa  
bater com o teu

**243.**

vieste visitar-me  
esplêndida

eu  
abandonado ao mar

mare nostrum  
para orquestra e piano



nomeio-te rainha  
de aquém e além oceano

**244.**

cigarras cantam arrebatadas  
ouço-as cantar na colina submersa por ténue névoa

chamam-me à vida

chamam-na também  
os meus versos  
a ela que não vem

**245.**

na casa caiada

branca

ainda amarelada  
pela linhaça  
há uma luz que se acende

e aquela gente  
(não sei sequer quem são)  
talvez estejam a rezar  
nos últimos tições  
do borralho de cobre  
(penso)  
da pequena saleta de inverno  
protegendo-se do inferno  
que na missa do galo  
devem ter ouvido pregar  
esquecendo-se que o céu  
está moldado a estrelas  
e é no mar ao crepúsculo

manso lume a crepitar

**246.**

anseio de infinito  
sede de eternidade  
numa tarde de outono  
com folhas a cair  
vermelhas  
violáceas  
doídas  
deixando as pobres árvores  
despidas

**247.**

a imaginação  
do poeta  
tem de ser  
maior do que o universo  
mais violenta  
do que uma noite de núpcias  
mais amorosa  
do que um corpo  
vestido de vermes  
ao frio horrendo  
exposto

primeira fila  
primazia outorgada  
ao valor  
do agora  
assim como assim  
consolação da morte  
na desgraça possível  
do gancho de jade  
da flor selvagem

sobre os montes  
enobrecidos

versos  
verdade das coisas  
à beira das margens  
do rio negro  
onde despes o corpete  
e banhas as veias  
brancas  
com doce mel  
cristal a reluzir  
à voz do outono  
em terras alheias

quadras  
a desfazer rosas  
enquanto o dia  
leva a noite  
nas luzes das estrelas  
para a orla  
da floresta calada  
onde as espigas  
são aos molhos  
na passagem  
para outra vida

marinheiro  
sou  
com amor  
poeta  
não  
a minha alma  
é do mar  
do oceano sem fim  
da glória das vagas  
para onde os corvos  
voam  
e cantam  
a vida é o dia de hoje  
a vida é o dia de hoje

**248.**

os jardins  
de são pedro  
à beira do oceano  
invadidos  
pela maresia  
das raízes  
dos corpos  
de velhos navegantes  
cabelos orçados  
ao norte  
cariados  
nas pedras submersas  
abismadas  
onde vagueiam  
cardumes de douradas  
cantando o silêncio  
dos túmulos  
errantes  
como gaivotas  
em noite de temporal  
desfeito

**249.**

há almas brancas macias imaculadas  
irmandade dos impolutos  
há almas negras escuras      negrume  
da sujidade  
há almas cinzentas com lágrimas dentro  
de luto  
há almas boas sensíveis amáveis  
compassivas à dor  
há almas pérfidas pouco amigáveis negociáveis  
do desamor

a minha  
(julgo eu)  
é assim-assim  
listrada a verde e a carmim

## **250.**

céu e terra –  
a terra aqui defronte  
seca transparente  
ilha límpida do universo  
e o céu  
lágrima de selvagem fogo  
diamante  
dentro de mim

## **251.**

o corpo embrulhara-se nas ondas da costa donde se  
avistava uma casca de noz        havia mais banhistas  
praieiros do bronze da aparência    uma velha tão velha de  
enrugada como ensombro ancestral toda vestida com  
chapéu de aço e aspeito de quem está prestes a afogar-se  
nas areias letíferas da arriba ouvia em rádio de mão o  
enredo de seu sonho asfixiado em alheia novela

num salto sorte de pirueta ergue-se um corpo majestoso  
como esmeralda encastrada em rubi a vagar no espaço  
seios descobertos com gotas cristalinas        ventre  
arredondado como arvoredado cuidado    cabelos ondedados à  
forma do prazer ajustados  
o sorriso aberto de quem sabe despertar o anelo

## **252.**

bebamos a vida  
em cálice doirado  
a tua boca de canto  
no canto da minha boca  
nossas bocas rubras  
juntas  
delícia e encanto  
de vozes surdas

### **253.**

envelheço  
e pela noite  
sinto saudades  
estupidamente  
da mocidade  
dos amores juvenis  
impulsivas paixões

entristecido  
penso  
que se voltasse a amar  
uma boca rosa e breve  
com milhões de beijos  
hoje a teria ainda  
porque a boca de uma mulher  
nunca deixa de ser linda

### **254.**

quero uma torre  
altaneira  
de grandes pedras armada  
com janelas  
para o céu viradas  
onde só entre

quem conheça e sinta  
a palavra dor  
e também  
a comoção do amor  
e se não houver quem as sinta  
quem delas nada souber  
que então  
não entre ninguém

### **255.**

quem amar quer  
nada mais poderá querer

se o amor não prende quem quer  
mas a quem se deixa prender  
que tudo morra em mim  
menos o meu querer

### **256.**

o segredo  
do nosso amor  
guardo  
do modo que desejas

mas como quem ama  
não cala  
ao mundo confesso  
que em segredo amo

### **257.**

sou o que quero edificar a mansão dos luxos  
mas que apenas tem areia salgada

o que quer percorrer oceanos num barquinho de papel  
o que se quer eternizar em palavras gastas

o que julga saber que a morte é algo que não é morte e  
que vida é tudo o que não é morte

sou o que julga conhecer a verdade de alguma coisa sem  
saber que coisa quero ou deva conhecer

o que julga viver

cheguei por vereda desconhecida  
irei regressar não-sei-onde  
por caminho obscuro  
cujo início ignoro  
e da viagem nem preço sei

## **258.**

ao alvorecer o galo canta  
tenho asas    posso voar dentro de mim  
até à sombra das sensações

há palmeiras rodeadas de rochedos  
há uma geada eterna no sopé da montanha  
um rio que corre paranascente

nos cabos gaivotas cruzam com as asas os raios de sol  
jardins ornados a vagas e sargaços vesiculosos  
tudo em mim floresce

## **259.**

que vejo    é real o que assisto?



só pode ser um daqueles sonhos a quem os cisnes negros  
chamam pesadelos e nos quais estúpidos  
poetas bucólicos inventam castos pastores  
inocentes assexuados sem tumulto masturbatório

já dei para este peditório  
evidentemente contrariado como se cumprisse pena de  
degreço de parques momentos de bonança

pela rua calçetada ao brilho das nuas ramificações da água  
de aluamento caminham pobres famintos abrindo e  
encerrando mecanicamente os tampos dos vidrões  
reciclam os alimentos imundos da burguesia rocambolesca

cada vez mais há quem se venda por uns trapos fora de  
moda  
vendem-se de dia nos esconsos anónimos no desvão dos  
bosquetes ou nos casinhotos amontoados para aleitarem os  
filhos  
depois de lavadas volta tudo ao normal com comida fresca  
e desodorizada à mesa

porca miséria a da mentira inocente  
da queda a pique da verticalidade no recanto mais  
recôndito dos jardins suspensos por membros erectos

e a eles pujantes cobardes  
frouxos varões tímidos com os fortes e fortes com os  
pobres  
vejo-os nos jantares em casa de minha mãe vejo-os e  
ouço-os por momentos na caixa mágica das ilusões e das  
trapaças  
tenho nojo uma náusea esverdeada abundante um arrepió  
mortal a trespassar covardemente os fios cristalinos da  
dignidade do coração e  
lembro bocage nesta hora tardia da cidade infecta e  
pestilenta que dorme nos passos quase sempre solitários  
do frio apetite em busca das luzes dos candeeiros  
indiferentes  
cidade que empesta  
cidade que mata

corrompe e mente

vida filha da puta  
nas ruelas e becos aumentam as putas  
filhas da vida  
e eu pasmo  
por nunca ter visto tanto filho da puta na puta da minha  
vida

## **260.**

nas galerias do coração vagueiam fogos marítimos  
amanhã não a terei nos meus braços

as barcas passam furtivas em noite de lua cheia inundando  
de azul ciano  
o luar de carícias rosa adormecidas pela brisa quente do  
beijo suado

prolongado é o arrebatamento do pássaro equatorial  
ventre de insónia silenciosa

a água está tépida como sangue de verme esmagado nos  
sepulcros abertos  
da civilização burlesca da baixa pombalina

movem-se corpos por entre corpos frígidos opacos  
indiferentes  
à beleza da alma circular e das linhas ondeadas das fêmeas  
ciosas

neste país não se ama  
pobres bestas-de-carga

## **261.**

não encontro sentido

ou aroma

não vislumbro horizonte  
ou rumo

não estou  
não ligo  
não peço  
não digo

chegou a primavera  
terna  
colorida  
doce e envolvida

não vejo  
não cheiro  
não sinto  
não encontro

para esta alma atormentada  
um abrigo

senhor  
a urze estremece  
ao vento sul

a pedra brilha ao sol  
matutino  
e eu

estou só na teia  
que tece  
e é tecida

que por um momento  
me embriaga com vinho

me seduz  
espanta  
reluz

e  
faz recuar  
no caminho

## **262.**

na tua presença  
ou ausência

não há luto nem tristeza

há em ti um sorriso leve  
que acaricia o mundo  
e tem nos dias a beleza  
do insondável infinito

permanência do absoluto

não há longe nem distância

nem tu nem eu  
apenas um  
que não é meu ou teu  
em que eu sou tu  
e tu eu

amor eternamente meu  
no que és  
e infinitamente teu  
no que sou

assim venho  
assim vou  
mas por ti que eu sou  
não saio de onde estou  
não deixo de ser quem sou

## 263.

antes queria estar altivo  
no alto     na serra  
esquadrinhar a terra  
falar de bichos aos bichos  
beijar as árvores as faias  
sentir as nuvens no rosto  
pisar os cachos fazer mosto

uma só erva     uma só  
contém o amor e a verdade  
da humanidade inteira  
e as pedras como são belas  
apaixonei-me por vós  
e com que ardor força  
tensão íntima a ganhar volume  
intensidade gozo e vaidade

disse ao milhafre o que não vos posso dizer  
ciúme de pobre mortal acorrentado ao chão

ao rebanho para repousar na sombra do castanheiro  
não vá o sol ensandecer

e ao pastor que toque a flauta  
sempre sempre que quero adormecer

a melodia ouve-se ao longe a perder de vista  
a vista também ouve e o ouvido vê

a gente foge do medo mas volta ao entardecer  
não vá a noite levar-nos em desditosa aventura

misericórdia deus da montanha  
misericórdia e piedade  
arrasta-me desta colina  
afugenta-me esta saudade

já não amo ninguém  
que dor e maldade para os animais de duas patas

nem sequer a santíssima trindade  
blasfêmia tentação do demo  
vá de retro satanás cruces canhoto  
besta impaciente  
que o menino está embruxado  
quedou doente

## **264.**

poiso os olhos nas montanhas  
por quem me apaixonei

sinto uma inquietude essencial  
lenta agonia sem lei  
angústia existencial

busco a paz dos ápices  
das pedras e árvores  
dos ventos e pinheirais  
das aves nos beirais  
para ser o que sou  
sem mais

## **265.**

*à minha avó*

lembro-me dela  
pequena  
frágil  
magra  
negra de luto  
à imagem do mundo  
caminhando sem pisar  
o pó dos caminhos

lembro-me dela  
de olhar vivo e profundo  
no escarpado e longo pesar

na face  
a beleza do granito  
por deuses esculpido  
no corpo  
o aroma do pinho  
na voz  
a melodia do estorninho  
a inebriar o vento  
tão atento  
da fraga do barroco

num amar lento e seco  
a perder de ver  
de quem espera a morte em segredo  
para me não fazer doer

## **266.**

que noite é esta  
que me arde o íntimo  
na paz das palavras  
que não digo

que nuvem me tolda a visão  
na miragem da libido  
que contradigo

que homens me esgotam  
as veias carregadas de sal  
que a madrugada traz

quem escreve o que escrevo  
em páginas de luar  
e raios de luz

quem me ensinou a amar  
até não mais ser capaz  
que noite é esta?

## **267.**

o dia está acinzentado  
sem estar abafado

no quiosque junto ao meu prédio uma velha entediada  
queixa-se do verão  
terei de passar as férias nesta solidão  
respondo sem pensar  
isso não é verão e sigo o meu caminho na direcção de uma  
bola de berlim e de um café curto

noto que os seus olhos me seguem sem saber porquê  
seguem os meus passos e sua sombra  
julgo que pensa  
boa vida    tão novo e sem nada para fazer  
ou lê ou finge ler com o livro debaixo do braço  
quem lhe dera a ela uma reforma para passar os dias a  
fazer ponto de cruz e arraiolos exercitando a morte

na esplanada há uma espécie de tristeza amargurada  
uma morte viva melancólica estúpida fastidiosa e triste  
a tristeza do tédio opaco de vagos pensamentos sem rumo  
ou destino  
de pequeno veleiro engolfado nas águas letais da barra

penso e pergunto-me porque existo  
reparando como quem não repara  
na existência de duas lésbicas na mesa ao lado e de um  
homem sem cabeça com um jornal desportivo a servir de  
para-sol na mais afastada  
há sempre alguém com um jornal desportivo a servir de  
cabeça  
há sempre alguém que discute a asinina política desportiva



há sempre alguém que vive como bola de borracha  
pontapeada por mancos acanhados

o homem levanta-se e eu sinto-me serenar como quem  
está para urinar há horas e não encontra lugar  
sinto-me aliviado  
tenho espaço  
preciso de espaço para me questionar se o meu verão não  
será um quiosque com horas certas de abertura e  
encerramento fumado por um marlboro  
ou um jardim em que as rosas florescem no inverno e a  
geada queima os crisântemos no estio ardente

uma das lésbicas assoa-se limpando-se do passado  
passa lentamente com os dedos pelas narinas removendo  
pequenos filamentos de incompreensíveis sentimentos de  
culpa  
a outra está imóvel sorvendo o fumo de longo e fino cigarro  
olhos postos nos automóveis de luxo que passam na praça  
parece procurar presa  
é o macho penso como quem está ausente da razão  
mas que tenho eu de julgar  
apenas factos  
quedemo-nos pelos factos  
os seus olhos penetram fixamente os mesmos objectos em  
que os meus se demoram  
mulheres  
mulheres belas e elegantes  
somos ambos predadores  
indiferentes um ao outro  
apesar de ambos sermos lésbicas

jovens-mulheres desfilam seminuas mirando-se nos vidros  
das lojas que servem de espelho  
a maioria brasileiras  
compenetradas no seu encanto  
algumas andam dançando e pelo canto do olho admiram o  
seu jeito peculiar de andar  
o seu modo especial     provocante bamboleio  
pernas altas baixas médias magras gordas redondas  
pernas para todos os sabores

pernas para todos os odores  
eu olho-as a lésbica também

o verão seria diferente se me apaixonasse  
as lésbicas casar-se-iam  
eu igualmente  
sem boda     odeio banquetes festanças  
as lésbicas levantam-se     ainda não almoçaram  
levanto-me e mudo de mesa  
volto a sentar-me

lá dentro uma jovem almoça com roupa de ginásio e saco  
de desporto caído ao lado  
pequena  
magra  
graciosa  
de olhos penetrantes  
distantes  
não demonstra interesse em nada que a rodeia  
pede o serviço ao atencioso empregado brasileiro sem se  
dignar olhá-lo  
olho-a mansamente entre o espaço de duas colunas  
irregulares de fumo  
lembra-me uma namorada antiga na sua frágil beleza  
a mesma de uma flor exposta ao rigor do tempo ou de uma  
erva da calçada com displicência acalcanhada

sentam-se duas brasileiras  
uma talvez não seja  
quase a não ouço falar  
a outra fala sem cessar  
menopausa precoce  
mesmo querendo não a ouvir  
sou cativo da voz  
penetrante  
irritante

as brasileiras invadiram-nos estão em todo o lado  
portugal é uma colónia brasileira  
para gosto de uns e desgosto doutras

por mim por vezes projecto viver no brasil  
partir para itacaré ou uma praia deserta no norte onde  
possa erguer velas ao vento e bolinar largo junto à costa de  
sereias intocadas de ventres cor de bronze e seios hirtos  
apontando o horizonte  
navegar no amazonas sorver o odor da selva escutar o  
louco canto das aves brilhantes com uma amada a bordo  
estirada nua no convés  
a meio-navio envolta no cordame de seda  
uma nativa escura e bela que ame por amar inebriada ao  
sol e afagos  
a quem possa agasalhar no meu peito nas noites húmidas e  
fartas de estrelas cadentes enquanto o leme solitário  
manobra em faina segura levando-nos de mansinho com a  
proa a cortar águas para terra-de-ninguém  
sonho mas que mal faz sonhar senão o mal do próprio  
sonho  
quando não há terra-mãe?

uma mãe entra com a filha ao colo  
qual delas a mais bela  
aprecio-a sem a desejar  
é de uma beleza intocável  
pura  
maternal  
deixai-a estar enlevada  
deixai-a repousar nas carícias embevecidas que com o olhar  
dispensa à criança  
é mãe o que lhe basta

a brasileira papagueia enquanto a amiga de óculos escuros  
para não ouvir simula que presta atenção  
gesticula ri alto meneia-se  
faz reiki pratica yoga assevera que encontrou a paz

tem sensações no corpo nalguns órgãos como se estivessem a ser miraculosamente limpos durante as sessões

agora tem as energias equilibradas e bolsos mais asseados mas age como quem em emboscada fatal de guerrilha está debaixo de fogo cerrado

as mãos tremem-lhe e há um ou dois pequenos tiques evidentes que a traem

temos de viver o dia-a-dia amar a vida os outros e ter forças

diz

e ter energia a que vem de nós das nossas acções e a que nos canalizam

deve estar a referir-se ao terapeuta-canalizador penso

ela que eléctrica vertiginosa tem uma tomada mal ligada à terra e um fusível inoperante ao excesso de tensões

e julga ser um braço-de-deus

deus deve ser uma centopeia penso e sorrio disfarçando o sorriso na página do livro aberto

alguém uma amiga da baía deitou-lhe as cartas

encheu-a de búzios

apenas certezas

no passado não errou

no presente acertou

no futuro vaticinado abstractamente

tudo cursará o melhor leito

será rica feliz amada e finar-se-á bem tarde

a boba encartada

convida a amiga para jogar golfe com a equipagem do falecido

será viúva divorciada ou mal-amada

instiga-a a aprender

o problema diz está nos tacos as bolas são todas iguais

o mais importante do equipamento são os sapatos

preciso de descansar os ouvidos

volto para casa

e no silêncio da solidão não penso nada

**268.**

se o teu amor é perfeito  
e a ele me sujeito  
perco-me e sofro  
porque de todos sou  
o mais imperfeito

**269.**

rosto suave de avelã  
corpo a lavar no rio  
doçura da água corrente  
voz do amor ausente  
na lã velha  
mil vezes à mão esfregada  
nos gestos brandos  
de quem por ser pobre  
não sabe que é amada

**270.**

foram tantos os anos  
que juntos passámos  
são tão poucas as lembranças  
do amor que o não era

pergunto-me hoje  
nesta manhã cinzenta  
em que nada sinto ou lembro  
se o que dói é ausência  
ou tempo em vão desperdiçado

## 271.

*oração fúnebre a meu pai*

aqui cheguei sem saber donde  
daqui parti em travessia  
cujo destino desconhecia  
do nada para o nada  
que tudo é e será  
verdade vedada  
pela ilusão da matéria  
pela ilusão da própria ilusão  
que a si mesma se pranteia

guarda as lágrimas para os males do mundo  
se te amas não te lastimes  
se te amas não te deplores  
se me amas não me chores

comigo nada transportei  
nem a sombra dos bens que acumulei  
não vejo realidade no que realidade não tem  
estou liberto da ilusão  
aliviado das trevas de maya  
da injúria e do louvor  
não voltarei a conhecer a dualidade  
tudo é um

suprema beatitude a da unidade  
na eterna casa do amor gratuito

ceifei com o gume da espada dos justos  
as amarras da dor  
e vogo agora no mar do êxtase  
eu que sou  
o sal que se dissolve no oceano da vida  
o sol que brilha no todo  
o tudo que no tudo se decompõe

o que na pura alegria  
da beleza e do amor sem fim  
se refugia e  
enquanto a noite escura vos ilude  
penetro o universo  
a infinitude de formas mortais  
sequiosas de divino afecto

meu corpo ardeu e fez-se brasas  
as brasas fizeram-se cinzas  
as cinzas vaso de recordação  
enquanto em morada eterna vivo  
num horizonte de ternura infinito

o pote de argila desfez-se em cinzas no fogo ardente  
as cinzas subiram nos céus  
depositando-se em partículas no solo violado  
o meu coração incandescente já não existe

cinzas são apenas cinzas  
derramadas noutras cinzas mortas  
que não sujam nem são sujas  
não ofendem nem são ofendidas  
não humilham nem são humilhadas

destruído o vaso de argila  
decompuseram-se para todo o sempre  
os sentimentos negativos  
mesmo os mais profundos e obscuros  
os desejos e as paixões  
o eu mortal inconstante e impermanente  
animal ferido na floresta minada de perigos  
que se agita inquieta e angustia

extinto o desejo  
aniquiladas as paixões  
com a mente apaziguada  
na tranquilidade do vazio  
penetrei a alma  
onde ele reside

não há orgulho que consuma o que está consumido

atingi a minha morada  
o mundo deixou de me seduzir  
não me choro nem vos choro

não me peças perdão  
perdoa-te  
na terra das searas do pão eterno  
não há nada a perdoar  
tal como não havendo ferida  
não há enfermidade para curar

a minha morte tem um gosto amargo  
para os que em vida não souberam morrer  
sou um pastor com o rebanho tresmalhado  
nas pastagens para sempre verdes do vale doirado da  
reunião  
confundido pelo medo agonizante do dia da vossa perda  
amo e sou amado  
para além de qualquer condição ou contradição

cuidarei de vós de mãos dadas  
com quem de mim agora cuida  
que em vós não haja mais orgulho  
ganância ambição  
que nada vos afecte  
nem calúnia  
louvor  
ou insulto  
não recebais tais presentes envenenados  
devolvei-os aos seus doadores

peço-vos paciência  
peço-vos esperança  
peço-vos caridade

sigam o amor  
sem ódio rancor ou raiva

que os rios caudalosos vos não atormentem



que as montanhas em queda vos não apoquentem  
que cada passamento seja uma lição  
vençam em vida a morte  
façam florir o lótus em qualquer estação

aguardo por vós na luz  
na terra da alegria infindável  
chamada reino

podes ter tudo o que quiseses  
somar matéria à matéria  
acumular bens  
ostentar riqueza e poder  
mas não terás descanso  
enquanto não cremares o desejo  
o ser e o ter

dedica as tuas acções àquele de que me alimento  
e fica onde estás  
ou parte sem partires  
todo o lugar é templo de adoração  
e o maior de todos a tua alma  
quem o conhece conhece a alma do mundo  
fica onde estás  
não o procures de igreja em igreja  
de peregrinação em peregrinação  
ele está no mais profundo de teu coração  
fica onde estás  
mesmo ausente  
alivia o jugo da tua mente

morto o desejo  
vive para a eternidade

o caminho é estreito e pedregoso e a porta inabalável  
clamai por ele para que o trinco de seus portais se abra

sejam felizes em vida e na morte  
não me chorem  
não se chorem  
festejemos este dia  
na paz dos tempos  
na terra chamada reino

só é feliz quem o bem tem dentro de si  
faz o bem  
essa a tua única missão  
todo o resto ilusão

guarda as lágrimas para os males do mundo  
se te amas não te lastimes  
se te amas não te deplores  
se me amas não me chores

faz o bem

## **272.**

não me deixes nunca  
disseste  
vem comigo  
para um país sem gente

de mel vinho e leite  
onde o veado brama  
o grou grita  
e o leito faremos

de macias ervas e fetos  
como a neve de inverno  
a deslizar no colmo das choupanas

vem comigo  
penetra-me para sempre

amor amante amigo

**273.**

como eram graciosos e brandos os teus gestos    melodiosa  
a tua voz        as tuas palavras lírios        os olhos negros  
macios  
fui eu quem em sangue vivo de amor te desvirginei  
o primeiro corpo fervente que amaste nos dedos longos da  
descoberta  
onde estás alma deserta?

**274.**

não encontrei palavras para a tua beleza  
o nenúfar brilhava ofuscante  
no puro vinho voavam os espíritos do gáudio  
madressilva ornava as janelas  
vieram groux e cisnes  
das urzes florescia perdizes  
a noite cantava com a chuva cristalina  
terra encantada sem nevoeiro  
a lua camuflada  
o mar sulcado por barcos dourados  
mas  
não encontrei beleza como a tua

**275.**

na ponte de aço uma jovem  
em tempo de trevo florido  
a alma trespassada  
por amor alvejada

a água negra do desamparo

nos olhos ternos de orvalho  
diz-lhe  
vem  
serei o que te desabrigou  
e na morte  
o teu eterno amado

## **276.**

brame mar  
tu que arrastas as folhas soltas  
nas marés vivas da morte

ruge mar  
às doces estrelas  
da madrugada silente

esbraceja  
ensanguentado  
ao piedoso céu

à vida que ceifaste  
pela chama de tuas mãos  
no corpo que amei

posso amar-te  
mas perdoar-te não

## **277.**

a chuva de verão  
cai na terra seca  
gretada –

alagado  
o lavrador dança  
tendo por par

a enxada

**278.**

na mesma cama  
olhámo-nos e adormecemos –  
nem sempre o amor exige um corpo

\*

dias de espera  
sem hora marcada

bastaria ouvi-la  
a ela  
a desejada

\*

este pássaro nocturno  
cego e perdido  
enamorado-se da estátua –  
amor-perfeito

\*

barcos  
em doca seca –  
marinheiros de domingo

**279.**

pela fresta da porta rústica vejo o amanhã  
que é o mesmo que não ver coisa alguma

ninguém deixa o seu nome inscrito na pedra violenta do tempo

tudo mais não é que jogo da ilusão  
dança de destino a brotar pedaços de carne viva  
no nascimento sofrimento e morte

prazer e dor  
apenas

## **280.**

na noite fecunda  
os olhos azuis do mar  
sem lágrimas  
ébrios de lua nova  
nascem para novo dia  
de dor ausente

olhos de mar na noite escura  
lábios macios de medusa  
proas negras de vento  
um motivo para sonhar  
sonho de amor  
causa de amar

## **281.**

nem uma aragem  
para lá da minha janela  
e eu olho quase sem ver

anoitece a serra de contornos sublimes

uma nuvem negra descansa em alfátima  
enquanto os luzeiros da aldeia se acendem  
e inerte está a folhagem que resta

num universo que sinto meu

fenece o dia  
floresce a noite  
com suavidade e beleza

escrevo como o pássaro  
que canta sem desejos  
como o rio que corre no seu leito  
e a estrela que nasce a oriente

escrevo por impulso  
ou necessidade  
escrevo a eito  
a uma qualquer hora  
do sol nascente ao poente  
do crepúsculo à aurora

escrevo por amor  
a esta serra que sou eu

## **282.**

as folhas de outono  
têm cor de fogo e mel  
enquanto as árvores  
choram ao vento  
contorcendo-se de dor

olho-as atento nos seus prantos  
e penso como somos semelhantes  
no sofrimento do fel que bebemos  
na absoluta ausência de amor

no outono morre-se vagorosamente  
aguarda-se o túmulo gélido coberto de geada  
e de erva fresca inocente e frágil

no outono lembram-se as culpas dos vivos  
desculpam-se os mortos  
rezando-se pela alma dos santos

no outono caem lágrimas de sangue  
nas folhas em carne viva  
e nos ramos uivantes

as folhas de outono  
têm cor de fogo e mel  
enquanto o meu coração  
se enche de fel

### **283.**

chegou tarde  
o corpo aguardava tenso  
corda retesada de lira no vértice do movimento

com os seus ramos abertos fecharam-se as cortinas  
à luz das velas a nudez era mais nua e  
penetrava o tempo pacífico da alma no lamento de longa  
ausência

a carne penetrante suave perfumes estrangeiros  
que choviam no interior dos corações inflamados  
banho de amor na praia da noite  
partilhado pelo desejo sem muralha  
concórdia volátil do prazer

### **284.**

o mundo está prestes a terminar para ti  
a cada dia cada sentido mergulha na escuridão  
o inverno estremece o corpo frágil que nenhuma brasa  
aquece



nada há que não finde  
nada  
há excepção do espírito do teu amor  
a dar vida à palavra amar

### **285.**

teu olhar cai sobre mim como aguaceiro de verão  
tem o cheiro de flores campestres aconchegadas à sebe  
descuidada  
duma terra distante onde não há geada nos vales  
encontro de breves lúzios à luz do círio congelado  
sem significado

### **286.**

o orvalho poisa nas pétalas  
o rio é inundado por bolhas de chuva quente  
pérolas da madrugada grisalha  
uma truta acorda  
volteia  
esgueira-se na corrente das doces águas  
os insectos acordam curiosos  
rodeiam tudo o que é movente  
olho-te a meu lado  
corpo alado e sereno  
juntemos os nossos corações  
de novo esta manhã  
faremos florescer a orquídea selvagem

### **287.**

se parto ou não não o sei  
a distância é a do biombo que nos separa

da cinza do pavio aceso na escuridão de suaves tecidos  
púrpura  
a fremência do corpo em desesperança  
a cama rubra deserta  
beijam-se as folhas de lótus  
as nossas sombras sentam-se na colcha branca bordada  
pelo luar  
arrastando os ponteiros da volúpia na eternidade do  
encontro  
das vestes suadas

### **288.**

uma espada flamante no bosque bordejado por trilhos  
insondáveis fascínio de encantamentos o outono é a  
estação por excelência e mérito conveniente à dormência  
no sossego das folhas cor de fogo  
o aroma a sangue dos castanheiros abatia-se sobre o  
ribeiro das primeiras águas mornas no ardil das  
lamentações a arca fechada adversidade de dama  
casada com marido distante enfadava  
mareava incerto em mares dessabidos e em terra deixara  
quem augurava bem entesourada forte como rochedo  
convicto como um deus em panteão fervente  
dobram trindades pelos seus taciturnos pecados guardados  
a sete chaves de prata  
pão que comeu pelo diabo amassado

### **289.**

quando eu morrer  
canta tu  
cigarra  
na pedra da minha campa  
rasa e calada

## **290.**

desonra azul  
ultramarino  
país de marinheiros  
com sal  
nas golas e  
nas solas

negreiros  
tudo a roubar  
a navegar  
fome de dinheiro

vergonha verde  
esmeralda  
não haver já  
gente do mar

## **291.**

trazia as rosas  
na mão deformada  
ela  
a mais bela  
de todas as roseiras  
de todos os rosais

\*

a lua desaparece  
lentamente no rio  
que a amansa e afaga

\*

ó espinheiro  
de branca flor  
adorna tu a minha sepultura

\*

a sombra do sonho  
era idêntica à da realidade –  
dois corpos em imenso amplexo

\*

os sons de primavera  
espraíam-se ligeiros  
na água da fonte

\*

a primavera  
legou ao inverno  
rosas de gelo

## **292.**

neste inverno  
não há flores  
neste inverno

as cerejeiras nuas  
olham-nos tristes  
tristemente nuas

### **293.**

descia na direcção do lago dos desejos  
entre giestas e rochas doridas  
pelas borrascas da invernia

a vereda enlameada  
com a neve a derreter a confiança  
da nitidez do crepúsculo

flores amarelas salpicavam  
a alma atulhada de pecadilhos soltos  
nas extensas sombras da efemeridade

o sol já estava por detrás dos montes violáceos  
transportando a melancolia do anoitecer  
ao sopro fascinante da primavera

e de tudo emergia  
uma eterna energia

### **294.**

hoje no sono vi-te no mar de trevas do frágil arco do  
desamparo  
o corpo desmembrado pelas límpidas águas da purificação  
no movimento incessante dos que para sempre partem  
para sempre retornam nos corações floridos  
e no oceano em chamas se dissolvem imperturbáveis

vi-te no campo arado a ferros  
de desejos semeado  
na colina ausente da batalha  
onde estão plantados os desconhecidos soldados de guerras  
intermináveis  
sepultados na carne fresca de abutres e corvos

vi-te morta a ti que ainda vives  
tu que de pé estás liberta de todos os sacrifícios divinos  
da vida na pedra morta dos altares  
dos ritos frios de deuses inventados  
pela dualidade entorpecida

acordei novo com um novo sabor a quotidiano na boca  
amarga  
disposto a representar novo papel trágico-cómico  
não te vejo  
já não bebo do teu vinho unindo a terra ao céu  
é na minha taça que viajo pelas galáxias longínquas  
espirais de ovas lacustres  
esquecendo o meu o teu corpo  
dispensando tudo o que não vive livre liberto da própria  
liberdade

## **295.**

o tempo some-se nas caves do esquecimento  
o lago gela na viagem do homem para a morte  
um rapaz transporta erva húmida  
apoiada na virginal pele macia

murmuram as fontes junto aos riachos  
que à costa dão nas marés de setembro  
da gandaia de rosto sulcado por negras vagas  
acocoradas nos mouchões da corrente norte

o vento endoidecido não suporta o brilho do sol  
reflectido nas pequenas flores das ervas da margem

pudesse eu viver tudo de novo  
tudo viveria de novo  
o que a terra me deu  
o que num último abraço me há-de dar

o relógio que não tenho

da sala que não tenho  
bate  
há luzes moribundas na abóbada  
delírio de despedida e  
o coração em chamas sem fumo  
bate

o céu vai alto  
tão alto tão aéreo  
o meu braço não o alcança  
vai alto  
como a rua em transe  
de meu espírito em cruz  
vai elevado

o tempo é um lameiro reverdecido e penhorado  
às montanhas seminuas  
com noite de ossos de estrelas cadentes

o tempo é pureza e loucura  
paisagem destruída  
daquilo a que chamam vida  
nos corredores da morte  
vou-me  
não sei para onde  
vou-me  
deixando para trás a encruzilhada de néon  
vou-me  
cavalcando lágrimas e trovões  
no vento dividido pelo quadrante da indecisão  
refugiado no patíbulo do fazedor de chuvas  
desperdiçando dias de amor  
no fracasso da eternidade

## **296.**

houve tempos outrora  
em que o meu coração  
era taça plena de energia

hoje nada faz transbordar  
uma taça que está vazia

perdi o que tinha e o que sonhei  
o que disse e o não dito  
a paixão dos montes das águas cristalinas  
do translúcido rio que em puro veio se dilui  
em céus e mares de azul infinito

estou solenemente acompanhado de uma solidão  
que viva e morta em cada dia não renasce não cria  
nem fecunda o chão do vale verde macio  
e o planalto coroado de granito

houve tempos outrora  
em que o meu tempo era vida  
hoje se não é morte  
parece-me feito a agonia

## **297.**

deste sepulcro em que me encontro nascem pássaros de  
fogo  
animais coloridos que voam nos céus da desesperança

triste sina do corpo moído sujo na força vital da agonia  
evasiva lúgubre pendente

de reencarnação urgente      estou morto eu que vivo

mãos sulcadas súbitas e aladas  
pelo destino pela abóbada das estações

gosto de vinho no outono cidra no inverno  
do luar de agosto

aldeia minha com que sonho      música de encantar dá-me  
uma musa para me reclinar



sossega na terra calma a luta dos cantos cósmicos  
das nostalgias das alegrias crepusculares  
do frémito das mulheres que o sabem ser em espasmos  
incontrolados    carnes audazes de videiras hasteadas

é tarde ou cedo    que interessa a hora da eternidade na  
carne que abismada reluz ao sol

que interessa ó deus se em vós acredito    é por acreditar  
que existis    é por ter fé que em mim estais?

se vos conheci ficai sabendo que vos esqueci como esqueço  
sempre tudo  
tudo e nada grandes e pequenos andarilhos e senhores

merda para a memória que me mata e  
estonteia suja desconserta ensarilha e desnorteia

## **298.**

tarde fria de inverno  
ramon termina o trabalho  
na garagem conde barão

como há algum tempo  
encontramo-nos vestidos a rigor  
a norton 500  
uma preciosidade  
não permite desalinho  
nem desdém

julgo que por essa altura  
teria dezassete anos  
com mestres de envergadura

cais do sodré

filadélfia texas copenhagen jamaica  
mais tarde o atlântico  
famigerados bares  
não havia marinheiro que jejuasse  
não havia naufrago em terra  
que após viagens de longo curso sobre mares de prata  
não tenha sonhado com noites loucas  
de orgasmos suados  
sabor a sal e  
com um quarto de pensão rasca  
num sobe-e-desce  
no corre-corre de uma nota  
trocada por minutos de prazer

maiores de 21  
lê-se à entrada  
eu entro sempre  
sou amigo de gerentes  
empregados  
porteiros  
dos clientes  
bartolini  
russo e  
outros de estranhos apelidos  
principalmente do ramon  
emblemático  
com idade para ser meu pai  
porte de cedro do líbano  
parecença de artista de animatógrafo  
dos anos sessenta

para as prostitutas eu era o miúdo  
para os amigos e proxenetas também  
os porteiros olhavam para o lado  
e diziam umas vezes sorrindo outras entediados  
entra  
a tua já anda por aí com um cánone  
ou  
tens princesa nova para cantar

chegou da província  
é virgem dos ouvidos  
sarcasmo duma vida em pé  
a ver entrar e sair  
subir e descer  
corpos anónimos

porteiros tapetes-de-putas  
homens sem rosto  
sem história própria  
por tanto viverem as dos outros  
pernas habituadas ao cansaço e à dor  
à chuva ao frio ao calor

do cais do sodré  
já não se partia para a índia  
de caravela  
construída na ribeira das naus

do cais do sodré  
saíam e saem cacilheiros  
para cacilhas  
autocarros para toda a cidade  
eléctricos amarelos  
comboios para oeiras cascais  
agora até o metropolitano  
que um dia vai inundar  
palavra de quem sabe

no cais do sodré entrava-se  
com uma pita  
num quarto a cheirar a mofo  
e saía-se mais leve  
com sono e sem guita

havia gente que corria  
que se atropelava  
para não perder o barco  
não perder o comboio

gente exausta  
sem identidade  
autómatos do progresso  
que se empurravam  
por um lugar sentado  
no eléctrico  
que subia a rua do alecrim  
para o camões

bastava um tanso começar a correr  
que tudo o seguia  
rebanho de bacocos  
corriam para não perder a hora  
uns atrás dos outros na esteira do guia  
lanterna-vermelha atrás  
a manquejar o coxinho  
já sem ver o condutor  
mas corria saltinho atrás de pulinho

por vezes um de nós tirado à sorte  
fazia o papel de batedor para diversão do ócio  
do descanso da praça  
correndo sem parar para a estação

um dia fim de tarde  
um pipi-de-alcântara estatelou-se  
a fronha ensanguentada  
rimos  
enquanto se preocupava com os rasgões  
das calças  
e dos cotovelos da jaqueta  
comprada na rua da palma  
ou palmada no estoril  
a fronha que se quilhasse  
tinha compostura  
a vestidura não

na rua do arsenal  
bacalhau às postas  
grosso miúdo médio

inteiro  
o cheiro a bacalhau seco  
caras de bacalhau  
cheiro forte  
intenso  
perfumado de séculos

vendedores de rua  
varinas  
homens descalços  
com caixotes  
às costas  
vendedeiras  
vendedores de bugiarias  
vigaristas  
um verdadeiro reboiço  
para as mãos sensíveis dos carteiristas

bancas de jornais  
revistas  
o material de guerra escondido  
um jornal desportivo  
de operários e estivadores

o engraxa desaparecera  
começou a mostrar o dinheiro que rendeu  
o assalto ao banco da avenida de roma  
só engraxava quem queria  
um bufo-carteirista deu à língua  
foi dentro  
nunca mais o vi  
irmãos de profissão  
não mais confiei em ninguém

nos bares dançava-se  
bebia-se cerveja  
e amava-se  
há séculos que marinheiros sedentos  
navegantes de mares cruzados

longas viagens ao sabor do vento  
vazavam os desejos  
bebiam os sonhos desfeitos

havia todo o tipo de chulos  
apenas uma meia-dúzia trabalhava  
os outros nada faziam  
tinham as chavalas a render  
a partir da tarde encostavam-se  
cigarro no canto da boca  
às paredes do largo  
ou vagueavam de bar em bar  
como marinheiros  
impelidos por bons ventos  
no mar

espreita-me aquela a estibordo  
olha olha alentejano a bombordo a bombordo  
é capital seguro prá reforma  
vê-me a ana marada  
o xico da mouraria levou-a ao tira-picos  
hoje à reforço na mesada

a esganiçada vem de proa alevantada  
ontem não fez nem um é pra compensar  
ou faz ou o caga-milhões cega-a de porrada  
isto está mau não há bronze  
o pessoal bota a nota debaixo do sapato  
e toca uma gaitada  
sai barato

ontem à noite houve sova de pau no texas  
os fuzos com os feijões-verdes  
que estão para embarcar para a guiné  
esfrangalharam o negócio todo  
e o bar ao homem  
eu também estou a berrar  
a marizé pirou-se com um olho negro  
adianta-me uma vintena

elas davam prazer aos marujos  
alguns de água doce  
os chulos protegiam-nas  
e davam-lhes prazer  
tudo tem um preço diziam  
ninguém se vende  
não há nada para vender  
só prestação de serviços  
o casamento também é um contrato  
e quase nunca é a valer

prostitutas de todas as idades  
vindas de toda a parte  
novas velhas de meia-idade  
umas limpas outras esquentadas  
nada que uma injeção não curasse  
prostitutas obrigadas  
prostitutas necessitadas  
prostitutas de uma verdade escondida  
prostitutas cansadas  
prostitutas vadias  
calaceiras  
mas confidentes da adversidade alheia  
ouvintes atentas do pagador  
que tantas vezes  
ia apenas em busca de amor  
ou para desabafar mágoas  
de casa  
do trabalho  
do filho estropiado  
por uma mina na picada

prostitutas  
prostitutas sim mas não mercenárias  
prostitutas como já não há

cais do sodré de tantas quimeras  
cais do sodré de alegrias e misérias

num dos bares  
corpo novo lavado  
chamavam-lhe cleópatra

alta  
mais alta do que eu  
tão alta como o ramon  
esguia  
quadris de sonho  
rosto egípcio  
olhos rasgados  
beleza incomparável  
cabelos negros  
modelados em ondas  
perfeitas e sensuais  
roçando a cintura  
e os seios estáticos  
a clamar ao anseio  
a perpetuar o desejo

chegara há dias  
não ia assim com qualquer um  
não era eleita  
ela elegia  
às vezes não fazia nenhum

no cais do sodré nunca tal se vira

passava distante pelas mesas  
alguns clientes abordavam-na  
olhava-os de baixo a alto  
uma ou duas palavras  
noutras abordagens  
seguia indiferente  
magnificante e desejada

na mesa cheia de cervejas  
de brejeiros e madraços



nasce o desafio  
miúdo  
cervejas por um mês  
faz-te à garina  
só vale se for uma borla  
riram-se  
insistiram na festa  
nunca cheiraste nada assim  
já comeste pior e a pagar  
vá

olhei em redor  
mais uma cerveja  
depois vou  
juro  
se levar uma latada  
não serei o último  
nem o primeiro

riram-se adivinhando festival  
eu sorri às cervejas

olho-a  
ela ignora-me  
volto a olhar  
ou sim ou sopas dizem  
levanto-me  
espera  
deixa a narta na mesa  
ó esperto  
ou queres mamar à conta  
dos otários  
só tenho dez paus respondo  
deixa-os  
poiso-os contrariado na mesa  
os olhos ora no chão ora na cadeira  
e se me voltasse a sentar  
não

ela está ao balcão  
intimidatória

bela  
sinto um aperto no estômago  
um sobressalto de alma  
um tiro de obus no coração  
deve ter mais dez anos do que eu  
que mulher

debruça-se na direcção do barman  
por cima do balcão  
a roupa cola-se ao corpo  
meu deus  
que formas que lastro  
não conheço o chulo  
ainda me dá cabo do canastro

aproximo-me  
espero que saia do balcão  
abordo-a a meio da sala obscurecida  
enevoadada pelo fumo  
boa tarde digo  
tarde não      noite diz  
isso  
que mal fiz eu a deus penso  
a suar do peito

olha-me demoradamente  
como quem aprecia um objecto  
baixo os olhos  
vem-te sentar miúdo  
respiro fundo de alívio  
ela percebe

não bebemos nada  
olho-a submisso  
bebemos ou não  
bom    aqueles tipos ficaram-me com o dinheiro  
sorriu e o seu sorriso não foi o de uma meretriz  
vejo-a fazer um sinal ao jóia  
o empregado velho

de imediato

dois copos de cerveja na mesa

falamos falamos falamos  
ouço-a e a voz é lenta pausada  
dá tranquilidade e paz  
ajeita o vestido tapando os joelhos  
assume o diálogo  
faz-me perguntas e fala dela  
diz que tenho um sorriso triste  
que não sei rir  
lê-me a alma e entende a minha agitação  
tens namorada  
digo que não  
riu numa gargalhada contida  
não devias andar por aqui  
neste antro só há vício não vais aprender nada  
estás a tempo miúdo  
tens dormido com muitas  
encolho os ombros com timidez  
ela sorri benevolente

esqueço-me dos companheiros na mesa do fundo  
só eu existo e ela

uma talvez duas horas  
passadas num ápice  
pergunta-me a frio  
vamos  
finjo não entender  
repete  
vamos miúdo  
gaguejo  
não tenho dinheiro  
não me ofendas vem  
não tenho chulo não tenho ninguém  
a quem prestar contas  
vou  
corpo direito como fuso  
sem olhar os apostadores atónitos  
coração a bater alvoraçado

a pensão é perto  
vamos a pé  
as escadas são negras e sujas  
sigo-a  
dá-me a mão e estremeço  
vai à frente e paga o quarto adiantado  
a matrona indica-nos o ninho  
apontando-o com um molhe de couves  
apertado na mão  
estava a fazer sopa  
tira-me as medidas

o quarto é velho  
não parece ter sido convenientemente limpo  
há um bidé  
um lavatório ao fundo da cama  
duas toalhas minúsculas gastas  
a cama está coberta por uma colcha coçada desenhada com  
flores que foram púrpura e azul-violáceo  
por baixo lençóis amarelados que já devem ter sido usados  
milhares de vezes  
uma janela pequena dá alguma claridade  
iluminando as sombras da penumbra  
uma mesinha de cabeceira  
um quadro da nossa senhora da conceição  
na parede onde está uma mesinha com pernas  
desengonçadas  
o tabique tem um rombo superficial de meio metro  
o chão de madeira não está aplainado ou então está  
empenado  
tapado parcialmente por dois tapetes que certamente  
passaram pela guerra do ultramar tal o seu estado

ouve-se um rumor no quarto ao lado  
um cliente quer o terceiro prato  
ela  
não sei quem  
grita  
paga anormal

ou há papel ou não há palhaço

vejo-a tirar os sapatos  
descobrimdo metade das pernas  
arredondadas cor de pinho-mel

sento-me na cama vestido  
ela aproxima-se  
envolve-me com os seus braços longos  
acaricia-me a face os cabelos e beija-me no pescoço junto  
ao peito  
não estou à vontade  
o odor libertado pelo quarto mofento  
mistura-se com os nossos perfumes

sinto à flor da pele  
um vento suave e doce  
um calafrio como se a morte passasse ao lado  
incógnita e indiferente

vou alcançando lentamente  
segurança  
alguma serenidade

no amparo das suas carícias  
enlaço-a e beijo-a na boca rosada  
as minhas mãos percorrem com suavidade o seu corpo  
escultural adivinhando uma nudez esplêndida  
nada me lembra ou faz pensar nos dias de amor que por  
ela desfilaram

somos apenas nós  
dois que de momento a momento se transformam num

as mãos já me não tremem  
os dedos deslizam no veludo dócil da pele  
paulatinamente como quem embala uma criança  
dispo-a descobrindo-se um corpo alucinante  
os meus lábios percorrem o seu ventre os seios os ombros  
de marfim cinzelado

as minhas mãos sobem dos joelhos em movimento circular  
e detêm-se na flor do seu sexo  
talhado por escultor grego

os corpos unem-se num místico amplexo  
há um leve gemido que se contorce de prazer  
um grito abafado pela almofada bordada de modo  
imperfeito talvez grosseiro

a matrona bate à porta  
avisa  
vê se te despachas o tempo acabou

ela levanta-se  
porta entreaberta  
estende-lhe uma vintena  
fecha-a definitivamente

corre para o leito  
o quarto transforma-se  
não tem o odor do sexo  
do suor das tardes  
e noites mal-amadas  
é movimento  
é fulgor  
é êxtase

no ar  
pairam orgasmos sucessivos  
que bailam no luar da janela  
há gritos  
bramidos  
ruídos surdos  
um só corpo a amar  
um só corpo a bailar  
há odores a flores silvestres  
margaridas  
camomilas  
narcisos  
o quarto decorado  
a rosmaninho

salva e alecrim  
há arrebatamento  
há o fim do pensamento  
há um deus que nos incita  
a amar  
ao amor  
há uma ânsia de continuar  
de amar sem findar  
há a eternidade da inocência  
eternidade que não quer terminar  
um amor com o vento norte a pairar  
um amor forte e violento como a morte

olhamo-nos  
suados de cheiro celestial  
mente vazia  
de quem nasceu para a vida  
em horas de místico prazer

despedimo-nos  
uma lágrima escoia de seus olhos negros  
nasceste para isto miúdo  
nasceste para isto  
sussurra  
suave doce  
amaviosa  
enquanto com os dedos  
me penteia os cabelos em desalinho

miúdo  
diz

hoje perdi a virgindade  
sou tua

sustenho a respiração  
fecho os olhos  
vendo o que não voltarei a ver  
amando ainda por segundos o que jamais voltarei a amar  
quebro o silêncio a tristeza a saudade

e sentindo no peito o dia a clarear digo

hoje sei o que é amar  
sou teu

nunca mais a vi  
nunca quis receber o prémio da aposta

### **299.**

*à tia céu*

a tua vida  
tia adorada  
foi uma luz  
continuada  
na terra e no céu  
ainda e sempre  
acesa  
um relâmpago sem fim  
minha tia  
maria do céu

### **300.**

putas  
há-as sérias  
e as que o não são

as sérias  
sabem que são putas  
assumem a sua putice  
inata  
descarada



de mulher perdida  
ou são putas e não o sabem  
saudáveis  
porque não têm consciência  
de que foder por dinheiro é pecado  
e então  
são putas inimputáveis

e há outras  
mais putas  
que as putas  
escondendo-o  
mal escondido  
por baixo do vestido  
seja de todas a mais bela  
ou a mais feia  
porque há sempre um teste  
para cada panela

mostram-se distantes  
sérias  
constantes  
recatadas  
senhoras de mil labores  
que se vendem  
por oportuno casamento  
por bom trabalho  
por favores  
pagos a um qualquer c.....

senhoras na rua  
putas na cama

e como os homens  
(dizia schopenhauer judicioso)  
andam meia-vida nas putas  
e na outra meia  
são cornudos  
daí  
tantas putas há

nas ruas  
em casa  
nas empresas  
nos motéis da auto-estrada

e porque para cada putanheiro  
tem de haver uma rameira  
anda o mundo sempre arranjado  
meio por meio  
de putas e cabrões  
a troco de alguns tostões

pura aritmética

### **301.**

nesta manhã ainda negra  
levanto-me com o sono das insónias milenares

o caminho para a estação  
iluminado por potentes faróis estremunhados  
e eu revoltado  
a revolta natural de quem habita o coração tresloucado  
dum país coberto de estrume e espantalhos nos campos  
por semear de pão  
que nunca o irão ser

seara sem justiça  
sem tino      sem norte  
sem ninguém que valha  
aos pobres  
aos desgraçados destas terras do demo

andaram pelos jardins infantis  
pelas creches  
a escolher magistrados de bibe  
políticos imberbes  
analfabetos da vida  
como um broche

na lapela do casaco  
dum falso nobre  
pregado ao brasão  
por um colchete

### 302.

noite de todas as ambições  
coragem da perdição  
a iniciação  
há quarenta anos  
ilusão

bem pode ter sido verdade  
ou pura imaginação

uma cave clandestina no anonimato da ditadura  
mulheres seminuas esgueiravam-se por detrás das mesas  
de veludo vermelho havia cartas ao centro uma  
rainha de copas e um rei de espadas numa delas  
negócios sinistros encapuçados  
o fumo do cigarro mais reles misturava-se com o dos  
charutos cubanos frenética a erva adocicada sorvida  
pausada e vagarosamente  
as luzes sorriam piscando para o ringue improvisado  
nos fundos encomendava-se um serviço a morte  
entrega-se sempre nos cantos da libertinagem  
sabia  
ninguém o dissera  
mas conhecia aqueles olhos brilhantes do *mecânico* de  
quem sem rosto vai matar o que rosto para ele não tem  
no tapete vermelho do ódio rasgado pela *vendetta*  
um colt 38 ou 40 visível crespo e ameaçante  
quem seria desta vez? alguém  
uma alma que o diabo ou deus hoje já tem  
ou que não é de ninguém

algumas estrangeiras do norte rodearam-me estátuas  
gregas vivas

audazes  
havia ainda uma venezuelana quase nua pele escura a  
brilhar  
e portuguesas acanhadas  
mal-acabadas  
lânguidas fêmeas  
pedradas  
curiosas és tu que vais lutar?  
palavras em charco de tensão muscular de quem aguarda  
disputa sem voz

a cidade nunca mais seria a mesma  
iria arruinar-me com ela  
luta após luta  
puta atrás de puta

o patriarca da família senta-se  
obedeces primeiro  
não demandas e um dia mandas  
só sabe comandar quem souber obedecer  
cegamente  
cegamente moço  
diz com a solenidade dum pinheiro nórdico a resistir aos  
ventos do ártico  
trazemos nos corações a frieza dos rios gelados das  
montanhas nevadas e da negrura dos fossos  
ensanguentados  
- como faca acerada que tributa gotas de sangue no vodka  
puro  
bebe  
o teu sangue é nosso  
com ele  
tropeçaremos nos cadáveres dos adversários  
não há homem nem deus que não tenha inimigos e  
traidores  
que não haja  
lei nem ordem nem pecado nem piedade  
esquece quem morre  
corpo separado da cabeça rolada  
é um nada

a hora interrompe o discurso  
pesos pluma  
o ringue improvisado

tira o roupão dizem

o polaco era baixo de vermelho e encorpado  
eu alto de negro e magro  
vozerio gritos estridentes das gaiatas  
dois *rounds* a parar golpes  
terceiro *round*  
dois golpes baixos do estrangeiro  
raiva e ódio  
um *jab* a medir a distância  
um *hook* frustrado  
um novo frontal a abrir luvas velhas  
*cross* furioso  
*jab jab directo*  
*jab-directo* e *uppercut*  
a lembrar a dança  
de shozo saijo  
o polaco no tapete  
cambaleante  
arrasta-se e sai  
esforço inglório  
*technical knockout*  
e vai

a música martelava as paredes dos ouvidos inebriados  
sangue vivo no sobrolho  
dor no baixo-ventre  
as nórdicas despem-se  
na mesa de poker centenas de notas  
um beijo do patriarca k...  
a selar o compromisso  
a comemorar a vitória  
do terno de oiros  
inscrito em luvas de napa

bem vindo ao inferno  
dos vencedores

bebe  
usa as mulheres

disse

está velho mas ainda vive

### **303.**

respondendo ao poema

*ver  
ouvir  
e cheirar  
deve usar e abusar  
saborear e tocar  
não vale a pena tentar  
e tendo v.ex.<sup>a</sup>  
o sexto sentido  
bem desenvolvido  
a percepção  
verá que tenho razão*

quem vê ouve e cheira  
no acto de amor fazer  
muito pouco ou nada aproveita  
porque feiura guinchos e fedor  
são causa de triste maleita

se saboreia  
e paladar refinado tem  
cuide-se tal criatura  
que de vagina usada  
lhe sai esperma de alguém

ao cego mulher feia convém

ao surdo mulher palradeira  
ao que olfacto não tem  
uma porca-suja à lareira  
e ao que não saboreia uma loureira

melhor é o tacto  
que não vê  
ouve  
cheira  
ou saboreia

e ao membro rijo  
não amolece  
nem deixa varão descorçoado  
por falta de erecção

assim dele tomo partido  
diz-mo a razão  
afirma-o a percepção  
e o sexto sentido

### **304.**

estamos sós  
tu nos teus próprios olhos brilhantes  
com as estrelas que cintilam ao anoitecer

eu  
alguns metros distante  
sangue fervente nas veias  
queimadas pelas arestas da solidão

se juntássemos os corpos

mas como te hei-de dizer  
que palavras podem exprimir o sentir  
a sensação que nasce do instinto vital  
no sossego da mente

se juntássemos os corpos  
os braços frementes  
os lábios rubros  
a clamar por amor urgente  
não seríamos dois a só  
seríamos um para sempre

### **305.**

se desta vida parto  
depois de tantos trabalhos  
de injustiças e desilusões farto  
cansado de tantos escolhos

e se nada deixo que valha  
lembra-te amada do amar  
que naquela noite de luar  
fez vibrar o mar da palha

nesse tejo dos amantes  
que perdidos de amor  
içam as velas dos navegantes  
nas almas em flor

e se eu pela vida esquecido  
te olho dos confins do céu  
acredita que não há olvido  
nem olhar como o meu

### **306.**

a primavera  
sem pressa  
caminha nas urgueiras  
nos giestais de branca flor  
nas pinhas sonâmbulas dos pinhais  
dando voz aos chapins



e aos pardais

\*

a solidão  
tem um perfume  
que só os eleitos apreciam

\*

de ti venho  
para ti vou  
és tu que eu sou

\*

é bela a sombra –  
aponta sempre  
o trilho da luz

\*

alma que se consome nas delícias do amor  
carne rasgada pela vibração dos sentidos -  
alma sem pecado

\*

corro atrás do vento  
de quando em vez agarro-o  
de vez em quando cavalgo-o

\*

lareira de primavera  
e o som de bach  
a envolver as chamas

\*

geada  
campos brancos –  
a dor de uma alma angustiada  
nos botões da cerejeira por florir

\*

o sol enlouqueceu  
a lua de amor –  
suor de primavera

\*

o meu testamento  
nada tem de extenso –  
a vida é um sonho

### **307.**

mal-aventurados os pobres de espírito  
porque serão embromados

mal-aventurados os mansos  
porque serão objecto de agressão e calúnia

mal-aventurados os que choram  
porque serão destruídos pela melancolia

mal-aventurados os que têm fome e sede de justiça  
porque serão injustiçados

mal-aventurados os misericordiosos  
porque todos deles se aproveitarão

mal-aventurados os limpos de coração  
porque serão vilipendiados

mal-aventurados os pacíficos  
porque serão sempre agredidos

mal-aventurados os que padecem perseguição por causa da  
justiça  
porque nunca serão recompensados com a semente divina

bem-aventurados  
os que tiverem coração de pomba  
e espírito de serpente  
neste mundo doente  
e do céu ausente

### **308.**

naquele tempo  
havia o café da praça      aí se juntavam os pensadores e  
poetas da vila ribeirinha      discutia-se o universo na cabeça  
de uma espínula  
um universo espantoso a esgueirar-se colossal para a  
cabeça de pequeno alfinete de costura      um universo  
infinito a nascer desse ponto minúsculo já infinito

fantasma quente dos tempos que não nasceram com o big bang  
tinham existido tantas explosões quantas o infinito e a eternidade comportam  
o mundo era a bola da eterna-criança a rolar alegre vistosa colorida em todo-o-sempre

os filósofos serenos com as mãos pensativas nos dedos expressivos do rosto  
os poetas escreveram um hino à eternidade e ao infinito  
um hino que ninguém entendeu nem mesmo eles poetas  
hoje já não existe o café da praça  
há a solidão da minha casa e das deambulações poéticas e metafísicas sem combate

### **309.**

um rumor longínquo  
brilha nas jóias espalhadas das sedas do oriente  
um fantasma arcaico mergulha no mar da janela da ponta leste  
pousando em cada uma das árvores de cristal plantadas nas asas das borboletas de jade  
no estrado arrastado pelo soalho o coração alegra-se em duradouro êxtase  
e a noite oceano de luz não findará jamais

### **310.**

conheci-o descalço  
na praia  
em verões e invernos

a mesma camisa  
aos quadrados  
com mil e um rasgões

dormia ao luar  
num batel azul  
morto no areal

pouco comia  
habituara-se a um caldo  
frio uma vez ao dia

dizia sonhar  
com florestas de velas  
longínquas  
infinitas  
como o mar

### **311.**

sentara-se numa pedra de granito fosco aquecido pelo sol  
ardente do pensamento a mente divagava pelos corpos  
macios e expostos na colina a carne ansiava pelas sedas  
a esvoaçar no oriente lânguido efervescente e pelos  
palácios suspensos de fino mármore  
os prazeres do leite derramado em coxas vivas e do néctar  
sulfuroso das taças sem fim esmagavam cruéis toda a ânsia  
de libertação no sentido da existência  
tarde o compreendeu  
cometia um crime contra si mesmo era a sua perda e  
destruição  
o mais calamitoso dos delitos

### **312.**

anoitece  
a rua está severamente calada

a penumbra de uma árvore  
estremece a calçada de cujo  
ventre nascem pequenas flores

e ervas de dias contados

serão calcadas  
ao amanhecer  
pelo viajante da alba  
que habita as veias rurais  
da aldeia onde  
a primavera palpável  
há muito atravessou  
o poente

### **313.**

uma coluna de fumo  
negro passeia-se na serra  
do pisco  
as labaredas lambem  
crepitantes  
o solo ressequido  
tal chicote de escravos  
de brasas aceso

pedras  
giestas  
pinheiral  
tudo varrido  
pela boca do inferno  
num beijo vermelho  
de amor mortal

### **314.**

nascera humano    nascera homem na casta mais elevada  
em lençóis de linho ornados por rubis esmeraldas e folhas  
de ouro ocultas no mais cavado dos porões das naus

abraçou a religião de seus avós compreendendo sem  
entender as escrituras sagradas e em tenra idade acedeu  
ao eu e ao não-eu  
de si para si atingiu o seu próprio si identificando-se com o  
sempre-eterno libertara-se tornara-se independente  
onde estavam os dois?  
não havia dois mas um  
quantas folhas derramaram o seu sangue no solo ferido  
pela ave do tempo até que o atingisse?  
ninguém o sabe ou saberá nem mesmo o um sem tempo  
e medida  
muitos foram os dolorosos nascimentos muitas as agonias  
da morte muitos os espinhos da vida gravados na trave  
mestra da casa das histórias  
agora restava a luz do meio-dia sem sombras

### **315.**

quando engrandecer  
quero cavalgar  
em pássaros de fogo  
trespassar a lua de justiça

quero amar o sol  
de frente  
num leito de âmbar  
com orgasmos suados  
a mel e pólen

quero ser guerreiro  
de mil almas  
vergando ao peso da minha espada  
a rua que me aprisiona  
e faz sofrer

### **316.**

já pensei quase tudo o que há para pensar  
parece-me  
apesar do que parece  
nem sempre  
ser o que parece

poderei ou não estar errado  
como tudo  
numa vida inconsistente  
na impermanência dos dias consumidos  
como quem consome sem saborear um cigarro  
de fumo invisível  
ou viaja junto ao mar encapelado e apenas espreita a  
estrada suja de asfalto

afinal o pensamento não é ilimitado  
e a imaginação é o erro do desesperado

pensei o já pensado  
em caminho poento  
por muitos trilhado  
rasto de sangue vivo

o pensamento é dor acutilante pressiva  
é a enxovia torturante da inocência  
da candidez e da castidade

pensei o que muitos outros pensaram  
mas poucos são o que o sabem  
por terem guardado esses pensamentos numa gaveta sem  
fundo  
na torre subterrânea dos desejos inconscientes  
nas masmorras abissais das entranhas sórdidas  
no espaço insignificante de seus bolsos rotos

pensei e penso que não vale a pena escrever  
que não me irão ler  
que não irão ter paciência



livros há-os em demasia  
como riqueza e pobreza  
editados dia-a-dia

neste mundo tudo é demais  
por excesso ou insuficiência

no entanto  
a questão de deus  
o deus verdadeiro que não o dos homens  
continua a ser pendência fulcral  
quando eu  
eu mesmo  
deveria o objecto  
selecto de minhas inquietações

quem sou  
donde venho  
para onde vou

se sou ou não  
se vim ou não vim  
se vou ou não vou

se ele é  
se eu sou ele  
ou ele eu

se existimos  
ou não existimos  
por ludibriados sermos

se tudo é ilusão  
o sonho realidade  
a realidade sonho e

no desvario do engano  
se embromado estou  
porque padeço atroz

e porque algo permanece  
em vez do nada  
desse vazio pacificador

e se nada existisse que voz se levantaria a questionar que  
corpo ou mente sentiria dor

também a questão da alma  
merece especulação  
e se quem conhece a alma  
conhece deus  
fico-me com um único mistério  
o da alma-deus ou o de deus-alma

tanto faz  
se o que penso só serve  
para alimentar a confusão  
e o que escrevo  
não passa de incoerência  
ou de pura ilusão  
de quem pensa ser e não é

melhor seria  
exterminar o desassossego

melhor seria não pensar

### **317.**

desejo com ardência escrever um manifesto para a  
humanidade

um manifesto para a eternidade

num manifesto escreve-se  
escreve-se para que poucos leiam e  
poucos sintam enquanto

nenhuns praticam  
redige-se nas areias límpidas da beira-mar  
em tempo de marés vivas

nem na gandaia um sem-abrigo olhará as suas letras a  
formar palavras indecifráveis  
nem um letrado filósofo da orla marítima se dignará  
prestar-lhe atenção  
nem os cães que passeiam seus donos junto à rebentação  
das magníficas ondas irão sentir seu odor ilusório

um manifesto escritura-se  
de preferência num papel velho  
digno  
com cheiro a catedral  
e fisionomia de monumento nacional  
protegido por leis obsoletas  
saudosamente anacrónico  
um manifesto é sempre extemporâneo  
como navio calafetado no fundo dos mares  
ou vela acesa num qualquer meio-dia de primavera

tem-se esperança num manifesto  
como mãe que aguarda o nascimento de um filho  
ou sua chegada da guerra

um manifesto é um nado-morto  
um corpo num ataúde  
numa urna de chumbo  
carregado além-mar  
crivado de fragmentos  
e marcas de dor oculta  
sangrada por estilhaços  
de vida sem sentido

apenas três palavras  
podem mudar o mundo  
três palavras cheias e não ocas  
porque as ocas são apenas palavras

e as palavras não são as coisas  
nem sentimentos nem emoções  
as ocas são o reflexo da humanidade  
no espelho poeirento sujo e deformado  
do cérebro do tempo

apenas conheço três palavras  
capazes de abranger o universo  
amor    liberdade    beleza

se algum dia as atingir em sua verdadeira essência já não  
mais serei eu  
serei um-com-deus  
e quando for um-com-deus não irei perder tempo a  
escrever

deus não sabe ler  
e a alma não especula

### **318.**

deito-me e adormeço por uma hora

levanto-me com a mesma sensação de que já pensei tudo o  
que há para pensar  
não me apetece almoçar  
e o cérebro está quieto mas ágil  
na dormência da mente devoluta

sensação de plenitude e de vazio  
plenitude por ter pensado tudo o que um simples mortal  
pode ou julga poder pensar  
vazio por não ter atingido objectivo nenhum  
é esse o problema do humano  
um cheio-vazio-interminável

quero partir para o norte  
estou sempre a querer partir como as aves migratórias

e depois de chegar sei lá onde  
a querer voltar  
ao sul  
o sul tem cor  
tem mulheres quase nuas nos extensos areais  
tem um sorriso aberto como o cruzeiro estrelado  
tem calor  
e tem também uma espécie de amor que o frio gélido da  
montanha ao borralho desconhece

quero partir mas não quero  
apetece-me ficar ronronando como um felino indomesticado  
aguardando fêmea no covil  
no meio de livros já lidos de doutrinas mil vezes debatidas  
de verdades obsoletas a estrebuchar no fundo poeirento  
das gavetas-da-exactidão  
viajar sem me movimentar pelo céu escuro das sombras  
nocturnas  
viajar à velocidade da luz por galáxias nunca dantes  
viajadas

de qualquer modo  
tenho de voltar a pensar o já pensado  
não descansarei enquanto o não fizer  
e não vou repousar depois de o ter feito  
a menos que exorcize o cérebro dos seus fantasmas  
que destrua os espectros da mente  
e os enterre na ala poente da necrópole ornada a cedros

no café envolto pelo fumo abstracto de um cigarro  
o mais agradável do dia por ser o primeiro  
ouço preso-forçado a televisão  
o tema é futebol  
o tema actual é sempre futebol  
quem não sabe futebol é iletrado  
há anos que não se fala de outra coisa como se o universo  
fosse um gigantesco estádio onde os deuses consagram a  
eternidade dando pontapés em planetas e cometas num  
espaço-tempo de infinitas balizas sem rede

o circo continua      continua  
povo que aplaude animais domados em jaula invertida  
os artistas falam um português-estrangeiro-imigrante  
persuadidos da sua celebridade  
reconhecida por uma comunicação social burlesca  
são ídolos de gente mascarada de felicidade eles que  
descrevem com os pés e mais raramente com a cabeça oca  
um país desgraçado e inábil  
tão mal representado por bandos de sendeiros que pastam  
nos relvados

os artistas são os melhores aliados das ineptas  
sanguessugas-políticas  
são gigantes-pés-de-barro-grosseiro a escoar náusea  
argumento de medidas impopulares

fala-se das suas vidas como se tivessem algo de exemplar  
para nos transmitir e capitanear  
são os ídolos da decrepitude e da degenerescência

odeio a comunicação social que os ceva e ao povo cega

e o manifesto?  
sou um misantropo selectivo  
quem sabe mais tarde

### **319.**

noite escura da solidão

rosto de espuma branca de gelo rasgado

ó pescador de almas  
a morte não existe para os jovens que os deuses amam

perfeita é a harmonia do tempo amarelecido como as folhas  
do livro de pedra  
devagar      pausadamente

as flores casam as cores sobre o gume de adaga mortífera

pinto um quadro monocromático de infinito  
enquanto em agrigento empédocles discursa uivando  
um bote voga na barra lavrando o mar  
funesto túmulo dos ignorados

noite escura de temporal

### **320.**

ouviu-se um acorde  
de dó maior no corredor escuro da casa grande do  
embarcadouro  
alguém soletrava palavras de versos salgados que ecoavam  
no horizonte cinzento-pérola maresia e acórdão  
entrelaçados em acto de amor  
ao fundo da rua estreita via-se o céu carregado de sombras  
e a lua timidamente a espreitar  
uma cantora com uma garrafa de rum ao peito encostara-  
se ao garrido papel de parede descolorado por alucinações  
larvares não se iria deitar sem homem no ferro-velho  
do pontão norte encontraria pelo menos um velho mutilado  
ou um magistrado embriagado  
iria beber o licor da volúpia num qualquer vão de escada  
enquanto o mar descansava nos degraus do cais

### **321.**

vivi numa estrela  
azul

fazia a travessia do mundo  
com lenços brancos a acenar

no cais de pedra negra  
confessor de todos os segredos

que podemos ter  
que se podem dizer

agora  
vivo  
numa mansarda  
verde  
a amadurecer

### **322.**

tinha algo para te dizer  
não o disse  
não te contei a minha orgíaca aventura  
de corpo fatigado  
nascido na flor do mar

o outono sossegado  
dir-te-á na paz  
dos ramos molhados  
que os dias contados  
não poupam os males de minha alma  
pela saudade moldados

### **323.**

construía castelos em ruas ermas      torres nos atalhos  
ermidas nos outeiros  
com a alma em luto  
dolente pela atroz ausência  
da para sempre bem-amada  
de olhar enlouquecido  
percorria as veredas melancólicas da saudade mortal



### 324.

gosto da neve que cai a agasalhar  
suavemente as vidraças do quarto quente  
do teu corpo desnudo nos meus braços de esperança  
que cinges com esses dedos delicados  
doces e magoados

juntos bebemos a nostalgia do céu  
as ondas vencidas pela amurada inerte  
o beijo-mel dos astros radiantes  
nos lábios extáticos em cruz

gosto do teu coração a palpitar  
da tua alma  
luz de calma lagoa  
gosto e gostarei  
do redondo de teus gentis seios  
pousados no meu peito a amar

### 325.

chamaste-me irmão  
baixinho  
no giestal  
de nosso coração

fechar os olhos  
devagar  
a adormecer a colina  
terra de rosas e jasmim  
e vi-te  
bela  
corpo de vinho e pão  
em humilde vestido de chita  
debruçada no lago  
graça  
das fontes abertas  
sobre a brisa

lânguido beijo  
sombrio  
em tarde doirada

sol suave a aguardar  
o silêncio do luar

### **326.**

a lua  
foi condenada  
à solidão

abandonada  
só os amantes  
lhe estendem a mão

\*

na tarde fria  
quem me dera

ora  
quem me dera  
que me fizessem suar

\*

chuva de verão –  
alegria dos cachos  
pendentes

tristeza de meu coração  
indiferente ao tempo

\*

nem sempre as flores  
brotam onde possam ser contempladas –  
algumas esquecem-se de si

\*

o outono molhado  
cheira nos pinhais  
à canela dos teus olhos

\*

quero o meu túmulo  
virado a nascente  
para que o sol me aqueça  
diariamente  
para todo o sempre

\*

o mundo enfeitou-me  
tu enfeitaste-me –  
já não sou eu

sou um objecto  
teu

\*

uma gaivota plana  
um cão corre no areal –  
serenidade à beira-mar

\*

um relâmpago  
no céu  
ilumina o paraíso

\*

o búzio  
de tanto escutar o mar  
não cessa de o cantar

\*

uma aranha ágil  
enreda as moscas na teia  
como quem ama

\*

pardal e rouxinol  
no mesmo galho florido –  
paz e harmonia

### **327.**

manhosa  
era o nome da burra  
que para toda a parte  
com seu dono ia  
e dizia-se  
que com ele bebia

morreu o dono  
com disenteria  
ficando a besta entregue  
à viúva do falecido  
abstémia convicta  
de beatice assumida

certo dia  
velha e cansada  
deixou-se morrer deitada  
entediada e sóbria  
à porta do cemitério  
onde o dono jazia

### **328.**

ouvia a tua voz  
a respiração doce  
o som de leve sorriso inocente  
a confissão de amor  
de quem nunca mente

não sabia que ia ficar velho  
que ia ser amado por quem não amo  
na mansão do mar  
em que na solidão do espelho  
por ti clamo

tarde demais  
perdi-te para sempre

resta-me o meu corpo

**329.**

amo-te nas vagas da distância esmagadas pelos dedos do amor  
um cão danado no meu caminho      espinhos silvestres nos  
pés sangrantes de viandante  
não me respondes      já não ouço a tua voz  
amo-te e esqueço-te  
afinal o esquecimento também é um modo do verbo amar

**330.**

em lume brando  
consumo este sentimento  
semelhante ao dos deuses  
na luz morta do luar

dor que escorre na palma da mão  
do corpo suado por águas escuras  
onde as vozes naufragam depois do exílio  
em barcas pelo tempo impelidas  
para as cidades submersas da solidão

**331.**

uma ave canta no amanhecer  
nascido das raízes da velha árvore  
ressequida e nua

há cinco outonos  
ali fez o pica-pau seu ninho  
resguardado do vento forte

dos temporais do norte  
das noites frias da floresta  
chuvosa e uivante

sem saber  
que o destino do seu abrigo  
era o corte incompassivo

### **332.**

a morte na cadência dos passos descendentes  
olhares vagos  
luzidios  
tristes  
indiferentes  
à visão do cemitério  
invadido por ciprestes

a terra prateada  
vestida de mármore  
de granito polido  
resplandecia  
e na morte lenta  
o ar respirava a fé  
da ressurreição

pobre gente

### **333.**

a vida é  
no dia de hoje  
esperança amor  
um poema  
fantástico  
perfumado de jasmim

flor da alegria

amanhã  
quem sabe  
poderá ser  
ou não  
a mais bela  
flor da dor

### **334.**

no infinito  
num dos seus pontos  
estás tu  
esplêndida  
fonte de luz  
na noite eterna

viandante  
sem norte  
movendo-se como esmeralda  
imóvel  
nesse e em qualquer outro lugar  
centro do infindo  
eterno retorno

### **335.**

os homens  
maltratam a justiça  
que a deus pertence

maltrapilhos morais  
dizem-se justos  
esses ranhosos

e dizem-se sérios



os miseráveis poderosos

podres no sangue  
na carne  
nos ossos vergados

de sujos corcundas  
os corruptos

### **336.**

uma dor aguda  
expansiva  
penetrava a essência da beleza

rasgava o corpo em dois  
o amor em três  
sacrificado nas colinas a sul

livre da ambição  
ardia sem fumo  
e todo o meu ser tremia

a chama brilhava incandescente  
no topo do bloco de pedra inerte  
agitada pela brisa do entardecer

### **337.**

amo a tua sombra  
riqueza ciosamente guardada na folha de outono do  
herbário  
carícia nas águas estivais do ribeiro  
sombra da sombra do plátano do pátio da escola  
alheia à reputação  
ao escárnio  
ao poder

amo os olhos da tua sombra  
a visão imperturbável dos teus cabelos penteados no  
espelho longo do salão  
não sei porquê  
mas amo  
a forma cinzenta em que arrumas graciosa teus passos  
a pele branca luzidia com que sorris  
as frágeis palavras que tua voz canta

amo a tua sombra  
e apenas ela sabe que amo  
o teu segredo

### **338.**

a manhã estava triste as paredes pintadas dos casebres  
mergulhavam numa melancolia mortal não se via gente  
o sino tocou e o seu som congelou na copa do carvalho  
prateada como a cabeça do ancião sentado imóvel no  
banco de pedra do adro do deserto falecera a mulher  
mais velha da aldeia

### **339.**

partira no último raio de primavera  
deixando no seu lugar a penumbra do crepúsculo devoluto  
na janela emoldurados os montes violáceos  
a porta entreaberta aguardava o impensado  
corpo distante rosado de noites sem sono  
com a brisa do mar a acariciar a túnica de seda escarlate  
moldada ao desejo  
a desfilar no sonho canção de amor

### **340.**

para além destas paredes é tudo tão visível      tão claro tão  
sensível      passamos através delas para penetrar na praça  
sórdida onde habitam os pombos da mendicidade      os  
mortos-vivos fosforescentes  
cidade ensandecida

vivemos no ventre dos nossos pressentimentos sem razão  
e há o terraço sobre o tejo onde nos apoiamos para ver as  
caravelas do mofo capitaneadas por velhos negreiros  
pardos  
e há esta pressa absurda de fazer coisas

acendemos uma vela para afugentar a escuridade

mais logo o dia despertará pleno de semblantes cansados

mas sempre esta vontade de viver em tempo de amor  
escasso

### **341.**

olha-me  
nesse teu olhar  
de luz radiante  
enquanto lembro  
o beijo  
que a boca me tingiu  
de ouro e prata

o cheiro  
da laranjeira em flor  
a pouco e pouco  
se desprende  
das minhas faces  
pelas tuas tocadas

chegou o tempo frio

a cama  
no quarto pequeno  
exala do gelo  
o aroma

o sol ainda adolescente  
espreita  
teu colo resplandecente  
vivo e tremente

sigo uma estrela no céu  
vejo a geada crescer  
enquanto aqueço  
nos lençóis gelados

### **342.**

o sol procurava-o  
todos os santos dias

entre eles  
um pacto  
de amor

hoje veio de novo  
pontual  
como era habitual

o ajuste violado

nem sua sombra encontrou

### **343.**

luzes  
quero luzes  
que descalço caminho

no sol por levantar  
onde nem pó  
se vê  
nem os rios que correm  
nas lágrimas de sal  
do coração palpitante  
acendei  
luzeiros  
que cego julgo estar  
com a alma  
a cavar centelhas  
no mar profundo  
onde me afundo  
pés que na terra não poisam  
no caminho perdido  
a lua em foice  
cheira a antigamente  
nas folhas do espelho  
pupilas baças  
de céu inquieto  
a ecoar  
o mais suave e luminoso  
de todos os perfumes

### **344.**

atraçoaram-me  
desacertaram quando neste mundo  
me fizeram nascer

mais errou e pecou  
(mesmo que deus tenha sido)  
quem quis que minha mãe  
à luz me desse neste país

crescem riquezas de favor  
suborno  
corrupção  
e há

criminosos a sorrir  
às portas dos tribunais  
ombro a ombro  
com seus pares  
circulares  
país de hedionda governação

geração apodrecida  
por si mesma protegida  
recompensada  
enquanto os justos  
vivem apedrejados

tenho vergonha  
de mim  
por vós  
por ser assim  
pacífico e quieto  
sim  
vergonha tenho  
bastas vezes

o alento de viver  
me falta  
num país  
onde a pobreza  
é justificada  
pela riqueza encapotada

país definitivamente condenado

impiedosamente rodeado  
de iniquidade

ouvi  
estou cansado  
farto  
da falta de coragem  
para com punhal matar  
um regime pelo esterco  
aspergido e subjugado

farto  
de cobardes palavras  
do erro  
da mentira  
da hipocrisia  
onde a palavra honra  
foi de morte ferida

não sou português  
pertencço a um outro mundo  
meu     o meu mundo  
(que cada um tenha o seu se o quiser)  
indo para onde o vento galáctico me leve  
se bem  
se mal  
não sei

mas por favor  
para portugal  
não

### **345.**

chuva torrencial de paus de vedação  
cai negrume na estação das mudanças

um pai natal dependurado por fios de aranha tecidos move-se  
marioneta desaurida numa velha janela do que foi um  
armazém de locomotivas a vapor

dois trabalhadores com riscas de frio nos fatos de trabalho  
olham impávidos o alumínio da partida  
a chaminé tortuosa de tijolo roído perscruta as carruagens-  
cadáver nos esqueletos dos carris mortos  
melancolia das gentes-mala-de-viagem

é pois assim

a vida apita  
silva  
assobia  
e a fome passa desavisada na linha dois  
na dois  
sim

### **346.**

gostaria de saber escrever quadras como aquele doente  
que de tão enfastiado mata o tempo no hospital  
enquanto de branco aquela gente o vai matando

de ser poético      belo figurão e bem falante      palrador  
dizer em lindo discurso      bom ano passa fome      paciência  
bebei água comi pão duro que para nós cama quente e  
espumante

de ter jeito      aquele jeito especial de enriquecer  
à custa do povo demente com a tez a escurecer  
e a sorrir dizer-lhe que o trabalho dá saúde e faz a miséria  
crescer

de mentir como quem fala verdade em falsa jura  
e pela verdade mentir e pela mentira asseverar  
que em mundo torto andam direitos os asnos irmãos desta  
irmandade

que tudo é assim que assim tudo está bem  
porque deus o quis e deus o quer  
e que quem não concordar no pecado que tem vive e há-de  
morrer

mas  
sem tal engenho

o que eu gostava mesmo de ser      por várias razões  
se o quereis saber era ser o gato-pingado  
que à cova com gosto levaria todos os ladrões deste estado



certificando-me que enterro feito caso encerrado

**347.**

momentos em que adormeço  
embalado pelo movimento do aço  
nas juntas dos carris

nem o tempo cinzento  
na sua natural e doentia melancolia  
me furta ao acordar  
aquela sensação estranha  
e verdadeira

tão verdadeira e real  
de que o céu é um lugar  
onde se dorme e não sonha

onde se vive sempre  
como nesse fugaz momento  
em que se acorda  
em que nada se sabe  
e tudo se sente

**348.**

cantigas na eira  
de estrelas amalhadas  
pelo vento norte  
trazei-me aquela jovem  
de tenra folhagem  
cabelos de trepadeira  
olhos de amêndoa ao luar  
cerejeira a florir

trazei-ma na barca do amor  
do rio da saudade

sinto-me envelhecer  
quero dormir  
sonhar  
amar  
antes que tudo finde  
me vá  
e o mundo acabe

**349.**

será poesia que escrevo?

não é poema  
nem canção  
são palavras  
soltas

quando escrevo  
estremeço  
lento

e piso suave a flor  
que não vi no chão  
do caminho

para não magoar o deus  
que não conheço

**350.**

sabe-me a mundo  
o rumor da água da ribeira  
contínua  
a saltar de alma em alma  
tão verdadeira  
que de a ver

julgo ver a terra inteira

\*

frio lá fora  
leve película de neve  
cobre o jardim  
afaga o pelo do crestelo

no recolhimento da vidraça  
cresço por dentro  
tal erva da calçada  
queimada pela geada

\*

são dores que sinto  
trémulo e melancólico  
sem saber o que faço  
o que quero  
apenas mudar

ser  
ser como quem vive  
viver como quem é  
amar sem saber  
morrer como quem nasce

\*

perco-te com dor  
mas perco-te  
como quem ama uma virgem  
sem ousar tocar-lhe

e se tudo pareço ter perdido  
digo-te –  
resta-me a solidão da coragem  
e do amor

### **351.**

aquele era um lugar de repouso com pinheiros silvestres  
blocos de granito e algumas lascas de xisto      por vezes o  
céu era mais azul e o poente mais rosado      a brisa vinha  
de oeste e percorria as artérias da alma fazendo-nos ficar  
simplesmente ficar como crianças pasmadas que brincam  
com as alaúdes ou com as ondas mansas da praia  
esquecida de tão distante

### **352.**

sete vezes caí  
sete me levantei

errei fazendo bem  
acertei fazendo mal

e à oitava me quedei  
nem bem nem mal

### **353.**

cai a noite soturna

soturna  
não gosto mas escrevo  
cinza em lágrimas  
em lágrimas  
não gosto e não apago  
as palavras não florescem  
nem germinam suavemente  
são arremessadas longe  
levadas pelo vento que as sepulta no vale  
na montanha em qualquer mente  
pequenas grandes com erros  
tortas e retorcidas  
todas servem à economia  
produto interno bruto líquido resoluto  
miséria fome as velhinhas de luto  
grossas magras esquisitas  
de pé deitadas  
servem para a marmelada  
putas velhas desdentadas mamadas  
senhoras finas mal fodidas vacas ordenhadas  
esguias secas aos tropeções servem os aldrabões  
políticos advogados magistrados e aos ladrões  
cai a noite em cortesia  
até gosto  
gosto e escrevo em letras brandas  
delicadas macias e alinhadas  
como convém à humanidade em fim de página  
em versos de rodapé  
inté mais ver chulos e cabrões  
que o mundo vos pertence  
é propriedade de safados e canastrões

### **354.**

espreitam-me as nuvens e espreito-as a elas  
eu que sempre ouvi ser feio coscuvilhar cocar donzelas  
gosto delas nuas meias-vestidas  
cruas velhas enternecidas sujas não que a poluição  
é mal de alma de gente crescida

gosto de as ver sentadas nos cumes e picos  
aguardando o silêncio branco da noite escura  
ou descendo à planície a inundarem casais  
tocarem de mansinho as portas dos currais e  
beijarem os cabelos alvos desgrenhados dos pastores

sede bem-vindas vós que vicejais nas encostas e jardins  
sede bem-vindas vós que não tendes passado nem dores

### **355.**

tal como a ulisses  
meu velho cão

aguardou por mim  
para morrer

ó peste  
como te hei-de eu esquecer?

\*

vinte anos  
argos penou  
vinte anos derramou sofrimento

ulisses o feroz  
chorou  
de emeu escondendo as lágrimas

assim o fiz também eu

### **356.**

*cântico do amor*

ainda que eu fale  
a língua de homens  
anjos e arcanjos  
serafins ou querubins

se amor não tiver

serei como o bronze  
que soa  
ou o címbalo  
que ecoa

ainda que tenha  
o dom de profecia  
domine o saltério  
e conheça tudo  
o que é mistério

enigmas  
ciências  
filosofias  
teologias

se amor não tiver  
nada serei

ainda que a minha santa fé  
mova todas as montanhas da terra  
se mostre às criaturas penitente  
encante feras  
e seja assombro de animais e gente

se não tiver amor  
nada sou

ainda que entregue  
todos os meus bens

aos pobres e desvalidos  
e meu pobre corpo  
confie à fogueira  
em arroubo desmedido

se não tiver amor  
de nada me valerá

o amor é paciência  
o amor é prestante  
maravilhoso e excelente

não é invejoso  
nem arrogante  
nem orgulhoso

nada faz de abusivo  
gratuito e excelso  
admirável e portentoso  
não busca conveniência

não se agasta  
não se ofende  
nem se ressentido  
e desobriga penitência

é inocente  
não nasce nem morre  
eterno e onnipresente  
não sabe quem ama  
porque ama  
nem o que é amar

não exulta perante a injustiça  
odeia a iniquidade  
mas  
rejubila com a verdade

tudo desculpa  
tudo entende  
tudo aguarda



tudo suporta

o amor não passará jamais

as profecias terão o seu fim  
a ciência será inútil  
as filosofias palha ardente

o amor não findará jamais

como o nosso conhecimento  
imperfeito e degradado  
do que é perfeito ausente

um dia  
o que é perfeito  
virá

aí  
o imperfeito  
desaparecerá

oh amor que tardas  
e que minha alma  
de amor matas

quando criança  
falava como criança  
pensava como criança

homem  
abandonei as coisas da criança  
a dança das ilusões

vejo como num espelho  
a imagem imperfeita  
aguardando o tempo  
em que face a face verei  
o amor que deleita

ainda conheço

de forma imperfeita  
em alma impura

mas breve  
conhecerei na altura  
como conhecido  
pelo amor sou

e se três coisas permanecem  
a fé a esperança e o amor

louvor a ti senhor  
que a maior de todas é o amor

oh amor que tardas  
e que minha alma  
de amor matas

louvor a ti senhor

*versão jma*

### **357.**

o dia cai no horizonte a boda vai findando lentamente  
sem música com a felicidade única do vinho na rua  
principal do povoado o silêncio o mesmo silêncio  
gelatinoso e sepulcral do campo-santo onde dormem  
quimeras ósseas de vaidade e nobreza sem vintém  
dói-me o corpo quebradiço em arco não há para onde ir  
o último navio fantasma esgueirou-se há séculos pela fresta  
da porta de castanho cozida pelos anos doridos da guerra  
nele partiram todos os meus sonhos todas as minhas  
transparências a minha vontade argêntea os meus desejos  
laminados a ouro

ficou este som de morte preso por um fio de inócua aranha  
a desenhar a flor do mundo

**358.**

o quarto é assaltado pelo perfume das flores silvestres  
orvalhadas pela tímida lua nova

perguntas-me solenemente pelo anel de noivado sem que  
te saiba responder  
digo palavras soltas  
folhas esvoaçantes de vendaval

mas há o teu cheiro  
o teu corpo  
os teus aposentos vermelhos  
teus lábios de framboesa a colher  
tudo para além das meras palavras  
para além dum mísero anel de noivado

**359.**

rufam tambores  
no coração em chama  
ardente de carne viva

não sou senhor de mim

beijo-a embriagado  
lado a lado com o jarro  
de vinho adamado

**360.**

a noite resvala lentamente no quarto opaco        o dia  
levanta-se apático estremunhado corroído por débil  
vontade que o espelho deformado do tecto não reflecte  
mais abaixo os salgueiros bebem a água do ribeiro e o  
vinho aquece ao sol crescente  
não vamos        ficamos onde moram os amantes entre  
lençóis de linho aquecidos e sorvemos o gozo que dos  
corpos se extrai

### **361.**

o último dia do mundo será um dia de inverno com as  
últimas folhas caindo como lágrimas na terra fértil por arar

a humanidade irá recolher silenciosamente aos túmulos  
abertos pelo coveiro do universo dividida em covais  
cinzentos onde botões de rosa murcham  
aves elevar-se-ão nos céus e apenas elas habitarão uma  
nova existência de sonho e bondade

a chuva    copiosa    ácida nivelará todos os contornos até  
que o fogo sagrado a extinga reduzindo-a à penitente  
súplica do presente e do passado

deus ausente

### **362.**

cigarra  
faz a tua escolha

um único lugar  
para cantar

uma só fêmea  
para amar

### 363.

a chuva caía ansiosa no telhado de vidro      por baixo os  
corpos agitavam-se em cúpula desfeita      lençóis de seda  
desmoronavam-se em círculos imperfeitos quando a neve  
começou a cair  
um ligeiro gemido fraterno clamou ao silêncio da aurora

amor que tarde se faz enquanto a manhã doirada já  
estremece  
agora no amplexo mecânico o mecânico espasmo

agora ou nunca

### 364.

já não escrevia      poesia prosa      cartas de amor  
limitava-se a remeter pensamentos escritos na nocturna  
solidão do piar daquela ave cujo nome desconhecia  
pensamentos enviados nas asas do vento

partira sem pegadas      as estrelas por companheiras à luz  
da vela vermelha  
não suportava mais a música entristecida dos encontros  
secrets ao arrepio solar

um rio eterno de safiras e esmeraldas haveria de existir em  
qualquer lugar      as flores da amendoeira da berma  
inóspita eram o seu mais íntimo presságio

nunca mais iria voltar

### 365.

pampilhosa –  
outrora  
a esperança interminável  
da mudança

hoje  
por segundos  
a mesma casa rosa  
e a partida  
no silvar da máquina do tempo

\*

o amor deveria ser  
uma andorinha  
a ir e voltar

minha  
na ida  
e no estar

\*

uma flor de camélia  
debate-se ao vento norte

cai a tarde  
cai a flor  
exausta  
como o dia  
nas rugas do cavador

\*

na colina  
uma cerejeira florida  
abriga um melro  
e com ele  
a humanidade inteira

\*

terra vermelha  
árvores verdes  
paz nocturna na colina

o rio dormia  
embalado pelo vale  
berço da alegria

\*

hoje o poente  
é uma atmosfera de turner

vermelho-rosado de vigor  
cinzento-marfim tormentoso

\*

se te visse  
seria um óptimo dia

excelente

ver-te –  
óptimo dia para morrer

### **366.**

o pastor mirava atónito o cintilar da estrela da manhã  
os chocalhos irrompiam pelo renque de pinheiros  
montanhese vergados à violência das neves invernais no  
esplendor do desassossego íntimo da natureza inóspita  
o céu atraía o movimento violeta dos olhos de prata e das  
brisas de caminhos sem retorno

anos de transumância de noites dormidas ao luar que  
nunca foi mais do que luar porque se fosse mais do que  
luar já não seria luar e seria certamente diferente

história simples da simplicidade agasalhada num capote de  
palha entrançada sem cama sem avidez com sonhos de  
calor mutilados por mãos descobertas orvalhadas gélidas  
mãos doridas rasgadas por cicatrizes de amor olvidado  
à frente um dos cães na vegetação solene e rasteira  
ordenava o rebanho na demanda da erva fresca do planalto  
do cabo do mundo daí poderia cair-se no último dos  
abismos a partir dali o desconhecido sem espectros  
abantesmas ou delírios

o olhar cessou nesse horizonte infernal e fez-se luz

### **367.**



chegara não se sabe donde com seu sorriso luminoso e  
olhar cintilante  
as flores desabrochavam nos seus passos os cães uivavam  
na profundidade das suas entranhas e os seus gestos afáveis  
de criança eram embarcações lançadas ao mar bonançoso  
nunca iria dizer-nos nada absolutamente nada do que sabia  
para sempre omitiria a verdade

### **368.**

espero em vão  
as penas do purgatório  
enquanto tu segues  
o rasto da lua nova

os bosques densos  
verdes  
com árvores em flor  
esbracejam

em terra alheia  
me perdi  
em noite longa  
me encontrei

### **369.**

desembarcámos em luanda marchando na avenida ornada  
de saias rodadas com os olhos cegos de luz  
nos lábios o sorriso de quem vai beber a cicuta das delícias  
do amor e da guerra  
puta de vida

### **370.**

teu corpo santo  
na pura mocidade

tua voz trespassada  
por fogo sem fumo

teu nome  
que sacia a fome

de pobre aflito  
em botão de rosa  
por abrir

### **371.**

veio a tempestade com a sua purificação  
arrastando barcos para além do mar  
corpos desmembrados do espírito  
casas destelhadas dos jardins  
e um bando de aves  
sobrevoadava graciosamente os céus em formação

chaminés incendiaram-se  
ventos protegeram os corações empedernidos dos  
burgueses  
carregando para os covais  
o caixão-das-almas dos pobres

a cidade dormia à superfície  
acordada nos subúrbios subterrâneos  
onde se gera a violência  
das luzes anónimas

por baixo  
as formas suavam incandescentes  
ao som de um quarteto envolto em nebuloso fumo  
de vozes estranhas  
roucas

recalcadas da fama  
na busca miserável  
do sossego e da paz

### **372.**

há quem escreva versos de grãos de terra na mão

quando tenho terra húmida e fecunda a escorrer pelos  
dedos  
não escrevo versos não penso não me sujo ou entoneço  
mando fornicar as palavras que conheço  
e as que desconheço

o desconhecido está invariavelmente mais ao norte perto  
da polar longe de altair  
num outro lugar frígido túbio e imperfeito e o que resta

dormente reside para o poente

nos flancos da lesma esguia

chegou a tarde com as suas nuvens e o céu a parir raios de  
sol  
a aragem solitária solidária na indiferença  
perdulária no amor precisa o ventar de quem o sinta  
de sentir para amar?

chegaram os gestos afáveis da urze e da giesta colorida  
triste fado o de quem vê o mundo de betão  
o asfalto em correria e uma única estação num jardim sem  
luar

enredo de corpo decadente

### **373.**

uma canção nova  
diz que te amo

uma nova canção  
penetra no teu quarto

lá fora  
um cão ladra à toa

um rouxinol canta  
na senhora da serra

a cantiga que dorme  
minha alma te doa

### **374.**

o sol ia varrendo as nuvens  
do céu em harmonia  
com as flores coloridas

do pasto verde  
ladeado por rochedos  
de musgo amarelecido

duas ou três árvores  
sem pensar na morte  
lançaram raízes  
no velho coração do bosque

### **375.**

indiferente  
ao teu aparecimento  
como a árvore que seca  
e aguarda sem aguardar

a chuva de verão

indiferente  
à experiência  
ao desejo  
ao conforto  
à tua vinda  
à tua ida

### **376.**

dias que não têm ninguém para olhar  
com seus olhos condenados à solidão do corpo

o último comboio de quem não quer viajar em pássaros  
combustíveis percorre sonolento as estações dormentes  
os carris untados de saliva diurna enchem a noite de  
cansaço  
no som luminoso das juntas de dilatação

pouco nos resta  
para além dos corpos carbonizados  
a jazer na berma dos acidentes da vida

no céu indignado as nuvens fistuladas por acessos de raiva  
espermática  
deslizam na superfície da parede que se incendeia ao  
contacto do corpo efervescente  
com a dor dorida do destino humano

e seja como for  
as mesmas palavras  
os mesmos gestos  
os mesmos sonhos transparentes  
a mesma chuva nas velhas vidraças

o mesmo inverno bolorento

### **377.**

o sol nasceu  
o sol pôs-se

para quê tanto esforço?

o que aumenta o conhecimento  
faz crescer o sofrimento

ilusão  
tudo é ilusão

e querer cavalgar o vento

### **378.**

lembro quando rezava orações de rodas dentadas em  
máquinas perfeitas  
nessa altura eu era mais feliz  
havia deus em todas as coisas      todas as coisas eram deus

o verde das searas era mais verde  
o azul do céu era mais azul  
o mal era menos mal

tudo tinha a explicação simples das noites de luar  
o mal do mundo não era dele era nosso e  
o bem era dele e nosso  
e tudo estava bem      eterna e infinitamente bem

se hoje voltasse a orar  
orações imperfeitas de esquecimento  
provavelmente tudo estaria bem  
mesmo as engrenagens corroídas pelo tempo ferroso  
tudo estaria bem  
para todo o sempre bem

### **379.**

muda o tempo  
a lua  
e a vontade

muda o céu  
as nuvens  
e a verdade

muda o pensamento  
a tristeza  
e a bondade

muda o rico  
o pobre  
e a maldade

mudo eu  
mudas tu  
e fica a ansiedade

### **380.**

horas mortas  
sono dos justos  
resquício de paz  
onde estás?

procuro-te perto  
e longe  
em mim  
em ti

no outro  
no monte de pedra

que dorme ao vento  
e ao luar

estou doente  
gravemente  
e não sei  
nem quero cura

prefiro a dor ardente  
o raio queimante  
a espada  
arma rasante

tua alma  
lisa  
macia  
pura

### **381.**

*cântico dos cânticos*

*I – diálogo apaixonado*

*ela*

que o amante me beije  
com os mais adocicados  
beijos de seus lábios

melhores são tuas carícias que o vinho

ao olfacto



estimulante é teu perfume  
e tua fama aroma que se difunde

todas as virgens te amam

arrasta-me contigo  
vamos vamos  
corramos

que o rei me faça entrar em seus aposentos  
contigo haverá folia e alegria

uma taça de vinho puro  
nada será quando teus amores  
cantarmos  
quando os celebrarmos

não é sem razão que elas por ti clamam  
e como te chamam amado

mulheres de jerusalém  
sou morena sou formosa  
como tenda sumptuosa de quedar  
como tecido de salomão

não estranhes que trigueira eu seja  
o sol abrasou-me

os filhos de minha mãe  
comigo se indignaram  
a guardar suas vinhas me coagiram

e a minha não guardei  
da minha não cuidei

lança-me um aviso  
tu  
sim tu

avisa-me porque és avisado

onde apascentas teu rebanho  
onde o resguardas ao meio-dia

que eu não vagueie escondida  
atrás dos rebanhos de teus companheiros

*ele*

se o não sabes  
ó mais bela entre as mulheres  
sai na esteira do rebanho  
e apascenta tuas cabras  
junto das cabanas dos pastores

a ti te comparo amiga  
a égua entre os carros do faraó

são esplêndidas tuas faces  
entre os brincos pendentes  
que meneias alegremente

belo é teu pescoço  
com preciosos colares  
adornos exuberantes

para ti arrecadaremos ouro  
com incrustações de prata

*ela*

enquanto o rei estiver no seu leito  
meu nardo dará seu perfume  
meu amado é para mim bolsa de mirra  
que em meus seios repousa

ele é um cacho de alfena  
de flor branca e baga preta

*ele*

ah    como és bela  
lindos são  
teus olhos de pomba

*ela*

ah    meu amado  
como és belo  
e doce nosso leito  
ameno e verdejante

a nossa casa por vigas tem cedros  
e por tecto ciprestes

## II – *vem o amado*

*ele*

como lírio  
que viceja entre cardos  
é minha amada  
entre as virgens

*ela*

tal como a macieira

de branca flor  
entre as árvores  
da floresta copada  
é meu amado  
entre airosos  
e esbeltos

como anseio deliciar-me com sua sombra  
como seu fruto é doce ao meu paladar

que me leve para a sala da boda  
e a sua bandeira do amor  
se erga perante mim

sustentem-me com doces de passas  
fortaleçam-me com maçãs  
porque de amor desfaleço

a sua mão esquerda  
apoia minha cabeça  
a direita me abraça

conjuro-vos mulheres de jerusalém  
pelas corças e gazelas que há no monte

não desperteis e  
não perturbeis  
meu amor  
até que ele o queira

eis a voz de meu amado

eis que meu amado chega

corre montes  
salta colinas

é como um gamo  
ou filhote de gazela

eis que espera

atrás do muro  
olha pelas janelas  
e pelas frinchas espreita

eis o meu amado  
que me fala

*e/e*

levanta-te amada  
anda  
vem comigo

ó bela entre as belas  
o inverno já findou  
a chuva parou

nascem flores  
no tempo das canções  
e a voz da rola  
ouve-se pela terra

tempo de amor

da figueira brotam figos  
das vinhas floridas vem  
um perfume arrebatador

levanta-te amada  
anda    vem  
estende-me a mão  
anda    vem comigo  
bela amada

liberta-me desta dor  
pomba das fendas da fraga  
do ápice dos penhascos  
deixa que contemple teu rosto

permite que tua voz oiça  
tua voz doce como mel  
teu rosto encantador

que as raposas nos acossem  
raposas que as vinhas devastam  
nossas vinhas floridas  
nossas terras tão ornadas

*ela*

meu amado é para mim  
eu para meu amado

ele é o pastor que  
entre lírios caminha  
até que o dia desponte  
e as sombras mirrem

volta amado  
tu tal gamo  
tu filhote de gazela

volta  
pelas quebradas dos montes  
pelas veredas das serras

### III – *sonhos de amor*

*ela*

no meu leito ambarino  
do crepúsculo à aurora

busquei por quem meu  
coração clama  
e minh'alma chama

procurei-o em vão  
com mãos agitadas  
e saudosas

busquei-o e não o encontrei

levanto-me e pela cidade andarei  
sem rumo nem norte

por praças e ruas  
procurei  
aquele que  
meu coração ama  
e por quem  
meu corpo ofereço  
à morte

não o encontrei

aos guardas da ronda  
da noite negra  
questionei  
vistes vós aquele que amo

deles me apartei  
e logo meu senhor vi  
altivo  
forte

muralha de meu coração  
levada e leito  
de minha alma

abrangi-o com meus braços  
e dele não me arredarei  
até que entre em casa de minha mãe

no quarto onde fui gerada

conjuro-vos mulheres de jerusalém  
pelas corças e gazelas que há no monte

não desperteis e  
não perturbeis  
meu amor  
até que ele o queira

o que é que do deserto sobe  
como coluna de fumo  
exalando aromas  
de incenso e mirra  
e todos os perfumes  
de todos os mercadores de bálsamos

eis a sua liteira  
com varais de oiro  
liteira de salomão

eis os que a levam  
sessenta guerreiros de israel  
a escoltam cingidos de espada

olhos de lince  
prontos para combate  
sem que da noite medo tenham

um dossel salomão para si fez  
com madeiras do líbano  
de prata os seus pilares  
e de ouro o encosto  
assento de púrpura onde vem  
e o interior  
de amor incrustado  
pelas mulheres de jerusalém

saí  
vinde mulheres de sião  
admirai salomão com o diadema



com que sua mãe o coroou  
no dia em que casou  
no dia em  
que seu coração festejou

#### IV – *belezas da amada*

*e/le*

ah    como és bela  
como estás linda

teus olhos são pombas que o véu esconde  
teu cabelo é rebanho  
que do monte desce

teus dentes ovelhas tosquiadas  
que geraram gémeos  
todas tiveram filhos

os teus lábios são fita escarlate  
e tua fala encanta e inebria

tuas faces metade de romã  
que o véu cala

teu pescoço a torre de david  
para troféus erguida  
dela mil escudos pendem  
broquéis dos heróis

os teus dois seios  
filhotes gémeos de gazela  
apascentados no meio dos lírios  
antes que surja a alva  
e as sombras se desvançam

quero partir para o monte da mirra  
e para a colina do incenso

bela toda bela és tu  
minha amada

defeito em ti não há

vem do líbano esposa  
vem do líbano  
vem acerca-te

desce do cume de amaná  
do cume de senir e de hermon  
do covil dos leões  
do esconderijo dos leopardos

por ti foi meu coração roubado  
minha irmã minha noiva

furtaste-o com o teu olhar  
com uma só conta do teu colar

como são doces tuas carícias  
irmã e noiva

melhores que vinho  
melhores que todos os odores  
e o aroma dos teus perfumes

os teus lábios exsudam doçura  
há leite e mel sob a tua língua  
e o odor das tuas vestes  
é bálsamo do líbano

tu és um horto fechado  
minha irmã minha esposa

tu és um jardim calado  
uma fonte selada

os teus rebentos  
são pomar de romãzeiras  
com frutos de delícia

com alfenas e nardos  
nardo e açafrão  
cálamo e canela  
árvores de incenso  
mirra e aloés  
bálsamos

és fonte de jardim  
nascente de água viva  
que do líbano jorra

*ela*

levanta-te    vá levanta-te vento norte  
vem    vem vento do sul  
vem soprar no meu jardim

que seus perfumes se espalhem  
para que o meu amado entre no seu jardim  
e coma de seus frutos

*V – procurar o amado*

*ele*

entrei em meu jardim  
minha irmã    minha esposa

colhi mirra e bálsamo  
de meus favos de mel  
bebi do meu vinho  
bebi do meu leite

comei companheiros  
bebei camaradas  
bebei embriagai-vos  
ó bem-amados

*ela*

eu dormia  
mas meu coração  
estava desperto

chamam    chamam  
é a voz de meu amado

*ele*

abre irmã  
abre amiga  
pombo excelente

tenho a cabeça coberta de orvalho  
meus cabelos escorrem as gotas mais puras da noite

*ela*

já despi a túnica  
voltarei a vesti-la  
lavei meus pés  
voltarei a sujá-los

meu amado suas mãos passou pela fresta  
por ele estremecem minhas entranhas

levantei-me e abri a porta de meus sonhos  
minhas mãos e dedos escorriam mirra  
nos trincos da velha fechadura

abri a porta ao amado  
e o amado desaparecera

fora de mim  
corro atrás de suas palavras

procuro-o  
não o encontro  
chamo-o  
não me responde

encontro os guardas  
de ronda à cidade  
espancam-me  
ferem-me  
arrancam-me o véu  
com desprezo

conjuro-vos mulheres de jerusalém  
se encontrardes meu amado  
dizei-lhe que de amor desfaleço

*elas*

que é teu amado  
mais do que um amado  
ó mais bela entre as mulheres  
que é teu amado  
mais do que amado  
para que assim nos conjures

*ela*

meu amado alabastrino  
e rosado distingue-se  
entre dez mil

sua cabeça é ouro maciço  
seus cabelos cachos de palmeira  
negros como corvo

seus olhos são pombas  
nos cachopos das águas  
banhadas em leite  
pousadas na ribeira

suas faces canteiros de bálsamo  
a ver altear plantas perfumadas

seus lábios lírios  
a gotejar mirra  
que se difunde

seus braços ceptros de ouro  
cravados  
de pedras de társis

seu ventre  
marfim polido  
crivado de safiras

suas pernas  
pilares de alabastro  
assentes em ouro fino

a sua aparência é como a do líbano  
jovem esguio e esbelto como cedro

sua boca exala doçura

ouvi

este é o meu amado  
este o meu amigo  
mulheres de jerusalém

VI – *novo retrato da amada*

*elas*

onde foi teu amado  
ó mais bela entre as mulheres

onde foi teu amado  
contigo o buscaremos

*ela*

meu amado  
desceu ao jardim  
canteiro dos aromas

apascenta nos jardins  
e colhe lírios

eu sou para o meu amado  
assim como o meu amado  
é para mim

ele é o pastor que vagueia entre lírios

*e/e*

tu és bela minha amada  
bela como tirça  
esplendorosa como jerusalém  
temível como todas  
as coisas grandiosas

afasta de mim esses teus olhos  
que me enlouquecem

tua cabeleira é rebanho  
de cabras  
que desce de guilead

teus dentes rebanho  
de ovelhas  
saindo do banho  
depois de tosquiadas  
todas deram gémeos  
todas deram filhos

as tuas faces  
metades de romã  
por detrás do véu

sessenta são as rainhas  
oitenta as concubinas  
e donzelas não há  
quem as conte

mas ela é única  
a minha pomba  
a perfeita  
a mais perfeita perfeição  
a sem pecado nem tentação

é ímpar para sua mãe  
dilecta de quem à luz a deu



as donzelas prestam-lhe louvor  
rainhas e concubinas celebram-na

*elas*

quem é essa  
quem é essa que desponta  
como a aurora  
bela como a lua  
cintilante como o sol  
esplendorosa e temível  
como as coisas grandiosas

*ela*

desci ao jardim das nogueiras  
para admirar o vale  
para ver as vides rebentar  
e os cachos a abrir

não conheço a ânsia  
que me arroja  
na carruagem do meu príncipe

VII – a dança do amor

*amigos*

volta-te      volta-te sulamita  
volta-te

queremos ver-te

que vemos nós na sulamita  
quando entre dois coros baila

*e/e*

como são harmoniosos  
ó princesa  
teus pés nas sandálias

assemelham-se a colares  
as curvas dos teus quadris  
obra de exímio artista

teu umbigo  
taça redonda  
que não escasseie vinho doce

teu ventre  
monte de trigo  
cercado de lírios

teus seios  
filhos gémeos  
de gazela

teu pescoço  
torre de marfim

teus olhos  
piscinas de hesbon  
às portas de bat-rabim

teu nariz torre do líbano  
de vigia  
voltada para damasco

tua cabeça é altiva

tal monte carmelo  
teus cabelos púrpura  
de seus laços têm um rei cativo

como és bela amor

porte de palmeira  
teus seios são seus cachos

meditei  
subirei à palmeira  
colherei seus frutos  
sejam pois  
teus seios cachos de uvas  
e teu hálito perfume de maçãs

a tua boca que do melhor vinho bebe

*ela*

que ele sobre meu amado escorra  
que lhe molhe os lábios adormecidos

ao meu amado pertença  
ao meu amado desejo

anda vem meu amado  
corramos corramos  
ao campo  
passando a noite abrigados  
pelos altivos cedros

madrugemos nos vinhedos

dar-te-ei carícias  
enquanto as mandrágoras  
exalam seu perfume

todos os frutos

para ti guardei amado

## VIII – *parábolas do amor*

*ela*

se meu irmão fosses  
amamentado pelos seios de minha mãe  
encontrar-te-ia na rua  
e sem censura de ninguém  
haveria de beijar-te

longamente te beijaria

quem me dera fosses meu irmão

levar-te-ia para casa de minha mãe  
tu havias de me ensinar

dar-te-ia vinho perfumado  
do mosto das romãs

com a sua mão esquerda  
debaixo de minha cabeça  
enquanto a direita me abraça  
eu vos conjuro mulheres de jerusalém

não desperteis  
nem perturbeis  
o meu amor

*elas*

quem é que sobe do deserto  
aconchegada ao seu amado

*ela*

sob a macieira te avivei  
onde tua mãe sentiu as dores  
que à luz te deram

grava-me no teu coração  
com um selo sagrado  
grava-me como selo no teu coração  
grava-me como selo em teus braços

porque  
o amor é forte como a morte

de novo te digo  
forte como a morte é o amor

implacável tal abismo é a paixão  
e seus ardores labaredas divinas

o fogo do amor é inextinguível

irmãos

temos uma irmã pequenina  
ainda sem seios  
que faremos quando dela vierem falar

se ela for muralha  
nela faremos ameias de prata  
se porta for

será reforçada com traves de cedro

não temos de nos preocupar

*ela*

sim

eu sou muralha

e

meus seios torres

por isso

a seus olhos transformei-me

na que a paz traz

*ele*

salomão tinha uma vinha

em baal-hamon

confiou-a a guardas

dando a cada um pelo fruto

mil moedas de prata

é minha a minha vinha

a minha vinha comigo fica

e para ti salomão

as mil moedas de prata

e mais duzentas

a quem lhe guarda o fruto

estás sentada nos jardins

ouve-se a tua voz

deixa que te oiça também

*ela*

corre meu amado  
como gamo ou filhote de gazela  
pelos montes perfumados

*versão jma*

### **382.**

escrevo-te em segredo como a planta que deseja enflorar  
ser cor    cor à meia-noite e cor ao meio-dia  
que desperta na sombra colorida do lago coberto de  
espelhos onde se debruça  
ou na campa rasa que beija

teu corpo tem nove portais  
mesmo que a todos encerres  
seremos trespassados pelo som eternamente acutilante do  
amor  
saibamos ou não quem somos  
sejamos ou não pó

eu posso ser tu  
tu podes ser eu

porventura tu és eu  
e eu tu

se tu és eu e eu sou tu  
eu e tu somos tu

trindade num só

### **383.**

atravessámos juntos as imensas florestas  
tocámos as estrelas com nossos dedos  
embainhámos as espadas  
diluímos os desejos no pavimento rochoso  
rasgámos todas as folhas de livros sagrados  
semeados em solo estéril  
bebemos de todas as águas  
de todos os venenos  
e  
recolhemos o fruto no ventre rasgado do universo

### **384.**

as janelas abriram-se hoje à alma do mundo

lá fora uma roda de gente apenas sabe que existe quando  
algo lhe dói

minha mãe amor de todas as mães das cotovias distantes  
acende as luzes do descampado  
iluminando o céu com seu sorriso virgem

dança-se no terreiro o contentamento do espaço imenso  
da fortuna de quem não tem pensamento

sou o que apenas sou      sem os brinquedos da inocência  
tudo o que me envolve é mistério  
segredo-de-gente-grande que não é segredo nenhum  
como corpos a palpitar desejos silentes

da porta do nada vem  
abraça-me no seu colo eterno e beija-me a face granítica  
volto a ser criança      o garoto magro da trepadeira que  
roça o musgo do muro de pedra



a ter o que não tive ou que tive e esqueci na labareda dos  
dias frios  
a ser o que na vida não projecta      vereda enfeitada de  
azul  
e o que destrói a máquina do tempo no agora fosforescente  
da ingenuidade  
criança envelhecida pura e distante      companheira de  
negros espectros  
amante do amar de velas de luar acesas

no meio da noite parturiente  
a fria expiração do passado  
a quente inspiração do presente  
rosamundo enfeitada de vida

### **385.**

partira na direcção do leste  
quando a lua se escondia no seio das fragas

aves começaram a acordar no espaço surdo  
como se a escuridão da noite tivesse todas as portas do  
beijo e da paixão encerradas

debruçou-se no seu próprio corpo  
do mesmo modo que se curva nas nuvens floridas quem  
nasce para amar  
olhou as palmeiras com um pássaro verde e azul na cabeça

a semente do homem espalhara-se chegara aos corredores  
vazios  
o mistério da sua fuga nunca seria desvendado

pequena porta de cave ecoava num sonho avermelhado  
a pele gelada as mãos frias de vento de outono  
os degraus exaustos com a luz do sol apagada  
um jardineiro de papel à entrada dava a ideia de ausência  
glacial

gravatas e sobretudos cresciam nos cantos em vasos de  
plantas inventadas  
um coxo debruça-se na máquina de fazer cigarros  
cumprimenta-a e despede-se até mais logo  
as mulheres seminuas absortas na concentração vítrea do  
lucro tremiam  
a noite a retinir semeava o mar de navios e de fantasmas  
uma-oitava-acima cantava o desamparo de corsários ébrios

ia de novo evadir-se do cárcere desgastado  
mas a porta escancarada com as goelas a espreitar  
tamponou o tempo  
que só fora dela existia

a taça orgíaca numa mão  
uma mulher orvalhada na outra  
e a acidez da agonia a corroer-lhe o coração  
aproado à volúpia do rumor  
da madrugada no cais deserto

### **386.**

aquele que é filho da terra e dos mares  
é o vivente  
o estio do chapéu-de-chuva do inverno glacial  
de largos gestos estreitados ao peito de mutilada estátua  
cinzenta  
fruto doirado a assistir insensível  
à infinita mascarada das horas profundas  
depositadas em astros incandescentes  
nascidos dos ulmeiros da infância  
cingida por palavras anos-luz  
anunciadas por sino velho e rouco  
engasgado pelo catarro húmido e irritante do relógio da  
torre

enquanto isso  
a alma sangra numa folha azul  
e exaure-se

**387.**

alma que sangra  
empobrece

o lago esconde-se na pedra negra que os construtores  
rejeitaram  
o céu derrama nuvens não profanadas  
com dedos de pétalas a apontar graciosamente a lua que  
hoje é nova  
e pena sem remédio

de quem é aquele castelo nos confins da tua voz?  
de quem é o eco sem fim?  
que matronas vagueiam nas ameias que confirmam o trono  
de medusas?  
de quem é o olhar verde que se desvia do abismo da  
matança dos inocentes?

**388.**

amor é ave de tormento  
fera atroz de flecha sombria a pairar no azul  
que acorda o cosmos na escuta dos passos  
de um outro coração a sofrer no silêncio das trepadeiras do  
sul

sentado em ramagem púrpura  
na qual divaga a noite  
de faces rosadas  
o obus da claridade do mundo

névoa de marfim  
estanhada na lua  
as laranjas caem dentro das ameixas aspergidas  
e a mulher procura o instinto

que se embrenha na fenda do castanheiro de argêntea  
cabeleira

a cidade morre lentamente a olhar o rio  
lânguida vista de vendedor de pensos e de melancolia ao  
peso  
há automóveis que são luzes puxadas por astros disformes  
há luzes no chão da harpa dolente  
há mulheres-caranguejo a subir e descer em santa ordem  
o pátio da esperança está vazio  
levantar-se-á cedo com as chamas do ocaso a queimar os  
cabelos inermes

no primeiro andar a morte vagueia no tecto sem beleza  
e o castelo das trevas balbucia a alvorada da casa dos  
corações  
a pomba do calor do verão sorverá a luz vermelha da torre  
dos moribundos

deus vai descer à terra  
pescará com redes de arame entrançado no tear de yama  
no oceano de todas as raízes  
e verá dentro das mulheres que amo  
o julgamento e a absolvição do vento nas árvores de portas  
abertas  
e no vinho das taças derramadas onde habitam as  
marionetas de cinco dedos  
deitadas no sonho do bolso da noite acordada na tenda do  
desterro  
e eu estarei lá em insónia  
deitado a seu lado  
com todas as mulheres-desejo que nunca amarei

e sonharei para todo o sempre

### **389.**

sou no mundo o animal selvagem  
oculto em floresta de silvas e espinheiros

a água dispersa no coração  
do banquete de monstros e orquídeas

o vinho que enche as taças efervescentes  
das noites pecaminosas de luar

sou a alma negra do tumulto  
a afagar morte com tranças de vidoeiro

o que espera na estrada sem berma  
a aparição da doce aragem de romã madura

que sulca os mares perdidos de sangue  
sem destino ou rumo na nau fantasma

o que se alimenta vorazmente do tempo  
e sente que gota a gota se derrama

no oceano da vida que finda  
quando o sol se põe

### **390.**

o crepúsculo venceu a aurora  
depois do mistério da noite  
ter consumido meia-vida  
em meia-noite vivida

o medo ergueu-se com a alba  
para que ela o pudesse contemplar  
na sua forma divina e etérea

loira serpente das profundezas do desejo

a senhora da noite obscura  
é minha temida paixão

luminosa estrela de braços esplendorosos

meia-noite

meia-vida

meia existência perdida

a sombra explode em rosas luminosas  
florescem os seios da manhã a amamentar lírios  
no mar azul-celeste de espuma ígnea  
jardins suspensos rejubilam  
ao marulhar de rochedos disformes

um espectro diáfano perfila-se  
imagem sacra de pedra  
guardiã dos portais de catedral  
de papel de seda rosa  
enquanto o sol dói ao nascer

no dia sombrio um rio espelhado  
percorre as margens do cérebro  
o mistério escorre langoroso  
pela ponta dos compridos dedos  
da noite anunciada  
a montanha é um beijo áspero rude exacto  
e o lago acetinado acaricia melancolicamente o afogado  
no casamento da alegria com a dor  
da vida com a morte  
celebrado no campanário do crepúsculo  
à vista dos dons de misericórdia  
do inferno dos céus  
fim da avenida do enforcado

a noite veste-se de luar depois do dia se desnudar  
um mundo magoado enraíza-se entre blocos de granito  
cinza  
o vento brame  
a noite em êxtase

as trevas balbuciam orgasmos nas copas virgens dos  
pinheiros embrumados  
o vento  
gemente  
chora lágrimas de folhas secas  
de gente  
rasga o peito das sombras com o espinho da solidão  
num corpo de mulher enevoadada

meia-noite  
meia-vida  
meia existência despedaçada

### **391.**

sozinho ao sol

os raios quentes penetram-me a carne  
não penso nada

uma brisa percorre  
lentamente o meu corpo  
e sei sem saber porquê  
sei que a minha alma me basta  
sem que possua ou seja possuído  
sem dono  
sem escravo  
sem nada

sei que me basta ser natural

ser o que sou  
o animal humano que deus gerou

ser  
apenas

ser

como a árvore frondosa  
que no silêncio da tarde  
deixa que lhe tirem os frutos

e abençoa com sua sombra  
todos os que a procuram  
como a luz da candeia que ilumina  
a igreja e o presídio o padre e a prostituta  
o santo e o ladrão  
ou a chuva que alimenta e faz crescer  
o pão e as ervas daninhas

quem me dera que os meus dias  
fossem passados com a paz de uma flor ou  
a das paredes brancas da casa grande da colina  
a afagarem o sol e a lua  
sendo o que sou por sê-lo  
tal como a flor exala o seu perfume  
sem saber qual o seu odor  
e a parede a sua alvura sem saber a sua cor

e assim  
ser o que sou  
apenas

ser

## **392.**

manifesto para a eternidade

um manifesto é uma declaração pública  
dita como quem traz um caracol na lapela  
ou faz mestrado de palavras cruzadas

um manifesto é um programa de ideias  
como as que se apregoam nas feiras  
entre mantas camisolas e pijamas



um manifesto é um novo estilo de pintura  
aplicado nas fachadas das igrejas e monumentos  
por padres e políticos em cuecas

um manifesto é uma treta  
é um papel sujo de jornal  
que ninguém quer ler

por isso neste mundo esqualido  
prefere-se sofrer  
tem-se agrado no sofrimento e  
amor liberdade beleza  
são para esquecer

### **393.**

porquê desejar um  
natal feliz e contente?

desejar não é fazer  
intenção não é acção  
festeja-se o que não se conhece  
nem se entende  
porque se se entendesse não se festejaria  
no natal mas em qualquer outro dia

prefiro fazer os possíveis  
só os possíveis  
para que os dias dos outros e os meus  
principalmente os meus  
sejam felizes e alegres

se há verdadeiramente natal  
será certamente esse  
não o das mensagens construídas  
na falsidade dos cartões  
dos móveis e mails  
dos beijos suados

da disforme hipocrisia

o meu natal e só o meu  
é natal  
o vosso é pura invenção artificial  
de cínicos e mercadores  
que não ouviram nunca falar  
do jesus menino  
natural  
humano  
e verdadeiro

### **394.**

o frio do alto fez-me calçar uma luva na mão dormente  
com a abóbada do dia a fechar-se no seio do absoluto  
olhei o tempo desconfiado de estranheza  
e pensei que não é julho ou agosto  
noite ou dia      tempo incomensurável  
medido por falso passe de alquimia

não conheço as estações      julgo ter transitado  
de planeta galáxia universo e fico triste  
sem movimentos na música de água que escorre e paralisa  
nas jornadas vegetais vazias do granito cinzento  
escuro puro e frio

percebo agora ou às vezes  
que não é preciso amar para amar  
basta olhar      olhar de ver  
olhar sem pensar      olhar de amar  
e então amo  
amo como nunca ninguém amou  
a pedra  
o rio  
um ermo  
a nuvem  
o mar e

até gente

**395.**

ficou o gosto de orvalho do nenúfar  
a garganta entorpece-se com o jasmim  
não tanto como com o cetim que a envolve e corrompe

libertem-se laringes                sons orquestrais de um canto  
circular  
liras de oiro fendidas por quem ninguém ousa clamar

vinde lentas e presunçosas doidas airosas esguias  
soltas descondicionadas apaixonadas livres  
saudar o novo homem    o novo dia

com licença    abram-se os caminhos  
encerrem-se destinos  
que quero amar

**396.**

quem me dera poder partir  
devagar e sozinho  
de um modo lento  
natural  
devagarinho

içar velas ao vento  
aproar ao porvir  
rumo ao norte  
bolina ao vento forte

e assim  
sem penitência  
alma desnuda  
mente desfeita

repousar na inocência  
de existência muda

que a vida dói  
sofre  
mói  
e de perfeita  
nada tem

### **397.**

sol lá fora que não estrangula o frio gélido  
dentro de casa e de mim  
a alma oprimida revolta-se na indecisão  
no não saber  
dizer sim ou não

há sol lá fora  
cá dentro escuridão  
em manso coração  
que apenas quer de tantas guerras descanso  
de tantas lutas

renhidas lutas travadas contra moinhos  
moinhos de vento sem vento  
águas paradas no movimento  
de barqueiro adormecido

e há lençóis de linho rasgados em êxtases já olvidados  
perde-se a memória      perdidos amores gastos em tempo  
desordenado  
não      não sei      não não saberei      não nunca o virei a  
saber  
se o castigo me advém do mal que fiz ou do que farei  
não      não sei se o castigo a caminho vem ou não

estou aqui      sofro      mas estou  
quase incólume      invejado e sóbrio  
de taça vazia numa mão

na outra punhal aguçado  
triste    desalentado    pleno de dores  
mas armado

que venham os pelejadores

### **398.**

sentado à porta da taberna num enorme copo de vinho  
amadurecido por longos dias de espera deixou cair a  
cabeça nos braços ressequidos  
o vento sulcava-lhe as faces enquanto ouvia o rumor da  
folhagem da dócil tília  
não havia nele qualquer impulso psíquico para além da  
vontade de beber a vida no escuro néctar avinagrado  
nem querer    nem conhecer    nem ser

### **399.**

aproiei o veleiro  
ao horizonte nu

dias e dias  
naveguei  
na busca  
da terra da salvação

apenas vislumbrei  
mar    mar    mar

sem outra embarcação  
em meu rumo  
sem navegante  
ou piloto  
com sextante aferido  
à lua minguante

lua    estrelas    sol do meio-dia  
latitude à meridiana

dia    noite-escura  
latitude à polar  
noite    dia    água-azul-morna  
tempestade tropical

alma agrilhoadada  
em pesquisa absurda  
absurda    inútil  
inútil  
obsessivamente metódica  
e inútil

#### **400.**

negritude

não li por escuridão por dormência do espírito vagabundo

em que pensas tu irmão

nos olhos dela    nos seus olhos azuis

e no mar  
no profundo abismo

nunca mais saí aos temporais  
às vagas crispadas de rugas  
não mais capeei em capa ardente  
olhando o mar de frente  
temente  
mas não como essa  
gente florida  
das marinas  
cobarde e doente

se o mar me matasse    eu

eu morreria  
contente

há um mar que corre em nós

amar

há veias  
veios d'água e sal  
de lágrimas  
por te não honrar

há um mar escondido  
nos confins da alma  
muro erguido  
em redor  
da lua  
em noite estrelada

salpicou-me o lanceiro  
feriu-me o flanco  
de lírios  
azuis

e teu olhar  
tua feição  
é uma mentira  
que mente ao mar  
que te mente a ti  
incerta paixão

se o que mente mata

que o amar comigo morra  
no mar

**401.**

os teus olhos fulvos cor da baça pelagem disseram  
afasta de mim esta morte anunciada a violência a  
escravidão  
não me mates

afasta de mim o cálice dos condenados o fel  
dá-me a tua mão os teus dedos de amante as lágrimas  
que rolam na tua face  
que se espalham pelo chão  
não me mates não sou simplesmente um animal um  
cão em verdade te digo  
sou o teu melhor amigo

não ouças os eunucos  
os biocidas exterminadores  
vê sente ouve  
as minhas dores  
mas  
não me mates

deixa que a morte venha não esta  
quero a morte  
a que mata o sofrimento  
a nossa a morte  
o nada o pleno  
o fumo eterno  
a morte que mata a morte  
a que é forte como o amor  
onde não há lamento ódio vingança  
a nossa morte  
a bem-aventurança

não não te mato dessa morte humana de crueldade  
falsidade morte desalmada

ouve  
força de vida  
sopro da montanha –  
para quem se arrasta  
o pôr-se em pé basta



não      não te mato

e se à palavra dada faltar  
que seja eu o primeiro a morrer

-----

e se te matei  
por não suportar  
por tanto te ver sofrer  
mesmo assim  
deveria ter sido eu  
o primeiro a morrer

perdoa-me

#### **402.**

dor sem fim  
dor gélida

por quanto tempo  
esta saudade

haverá quem a transforme  
em amor  
e não podendo ser  
em amizade?

#### **403.**

três graças  
nas noites longas entreguei-vos o meu sémen de mãos  
abertas ao egoísmo e ao ócio  
à desgraça escavada no coração da escuridão

nas manhãs frias de inverno bordadas por corcéis

nas tardes débeis quando o mundo ainda estava em flor e a  
adolescência exilada retornava célere às curiosidades da  
memória  
envolvi-vos com palavras silentes e desesperadas  
adormeci-vos com a oração gestual da manhã  
e penetrei vossos frutos macios até ao esquecimento do  
meu próprio corpo

#### **404.**

que angústia é esta que me domina  
que sopro de ânsia me consome  
que saudade me envolve  
que tristeza me contamina  
neste quarto de invernia é ausência que sinto  
do cheiro da urze e da visão do cume

#### **405.**

vejo-te da minha janela bordada a heras  
roçam com seus leves dedos o granito da parede rude  
vejo-te nessa tua nudez material e esplêndida

rosa-sopro de morno dorso

o sempre e nunca visto  
a ponte palpitante dos sexos  
que carrego nos braços azuis e húmidos  
do estio que a memória já não visita

#### **406.**

doces olhos  
doce negritude  
a tua pele é uma túnica de pedra escura

teu corpo pináculo de catedral  
teus seios o portal do desejo vivo e quente  
tua boca gerada da matéria mais pura  
é o alimento que verto no sal do meu ventre  
em ti penso  
e eternamente me contento  
num presente que não é tempo  
doce negritude

#### **407.**

deusa que mulher nasces  
em oração de amor te peço

não me abandones jamais  
que sem teu cabelo doirado

sem a beleza do teu rosto  
e a nudez dos teu seios

não vivo e morro nesta dor  
de pobre mortal enfeitado

#### **408.**

foges-me animal celeste  
a mim a mim que já não sei nem posso voar

tenho as asas mortas e geladas

o meu lugar é em terra ou no mar  
nas asas-barbatanas dos anos percorridos pelo cansaço  
como peixe cego que embate no batel atracado na lama  
gordurosa da laguna  
ou como coche que carrega gente do nada para a cidade  
colonial do tudo

onde as pernas se abrem e entesouram num ritual  
obscurecido pelos anos ferventes  
e os seios redondos encastrados se erguem clamando  
justiça ao despotismo arroxado da união fácil da estrada  
chuvosa da vida

ou como quem por mal ver  
já não distingue nem sabe  
se és matéria ou etérea

#### **409.**

mulher desenhada pelo sabre do tempo  
no azul do oculto amor divinizado

mulher morna à rajada de vento frio

erguida como néctar em taça  
esguia deusa da noite oculta  
luzidia como ninfa da trapaça

mulher humedecida pelo afago  
de minha mão dolente  
no teu sexo denso

tua palma macia  
envolve o meu ceptro  
erecto

e teus mamilos tensos  
arvorados ao deslumbre  
são os faróis da luz táctil dos meus sentidos

#### **410.**

desperto só

meio da noite

ilumino o quarto de pedra  
a gruta que habito  
e vejo vossa imagem suspensa  
ninfas de longínquos astros

há um ruído de fundo no aquecimento incerto deste fim de  
primavera

não faço escolhas  
quero-vos às duas  
milhafre que sobrevoa campo de girassóis num ostensivo  
fim de tarde

mergulho na minha alma  
ora rude ora sensível  
e sem pensar  
tendo por testemunha o granito amarelo bujardado  
tiro-me o véu do pundonor  
arrebato-vos dos céus e dos seus deuses de palha

deito-vos mansamente no meu estrado de carvalho velho  
onde sonhos sonolentos se arrastam pelas auroras erécteis  
e amamo-nos os três  
até que exauridos adormecemos sorrindo como crianças  
roçadas pela fortuna  
num crepúsculo à beira-rio  
pombas brancas lado a lado com o sémen derramado

#### **411.**

contigo desci ao inferno dos prazeres

reneguei o amor  
as carícias  
o falso sussurro do ouvido prisioneiro

resta-me o teu cheiro de doce suor

a violência      o ardor  
a violeta aberta e orvalhada ao sol do esgotamento

a água que em golfadas das virilhas te corre  
o grito      o gemido      o plangor  
de um júbilo tão intenso que é quase dor

porque aquilo de que se diz tão bom  
tem uma intensidade um vigor  
que dói no coração do próprio amor

esse orgasmo exaustivo em inolvidável fulgor

#### **412.**

quando as tuas coxas se abrem  
ainda que levemente  
como quem quer deixar passar a brisa da manhã no corpo  
a espreguiçar o desalinho  
surge uma neblina prateada no abismo da minha alma  
desejo de navegante desmandado  
de mar violeta da volúpia enamorado

#### **413.**

juntos descemos os degraus doirados  
nas negras pedras do fogo de seda  
das pontas carminadas da vigília extinta  
adormecemos exaustos

e agora  
tu  
nua  
a uma almofada agarrada  
olhos negros  
cerrados  
a aferrolhar a noite

nos grilhões do dia azul

eu  
suado  
no velho soalho  
de novo um desterrado  
olhar vago e distante  
com teu sexo exposto ao lado

parto sem partir  
o corpo no quarto a alma no horizonte  
monge errante de leito em leito  
peito rasgado e sanguinolento  
pulsátil como o vulcão de um monte  
do teu veneno sempre sedento

#### **414.**

não és uma

és múltipla como o rio grande que beija furiosamente o cais  
ferido pelo movimento eterno das aves noturnas

mistério infernal de quem quer que uma seja a que tantas é  
na espreguiçadeira do quotidiano renascido nos gemidos  
abafados por lustres em chamas

não és uma  
és tantas  
e eu quero-te  
uma a uma  
no frémito dos beijos molhados a maresia  
no amplexo dos corpos desdobráveis em prazeres viciosos  
do júbilo da morte das tardes de névoa obscena

quero-te  
para que possa tocar  
em cada crepúsculo veneziano  
um dorso quente e diferente

quero-te em cada dia  
corpo vazio a amar diferente  
na luz sombria  
ano do dragão vermelho  
quero-te ainda que teu olhar  
de mim esteja ausente

#### **415.**

vigília doirada

longos dedos penetrantes  
tocam com leveza o pássaro negro de luz  
oculto nas colunas de jade  
as pétalas ardentes dos seios  
da flor encarnada  
por plumagem etérea acariciada  
contorcem-se na canção dos espasmos  
das corolas abertas  
aos profundos gemidos do corredor que brilha  
nas magnólias virginais

#### **416.**

curva-se o céu ao dia ensombrado  
um beijo prolongado na terra virgem

alto e baixo apaziguam-se  
tão serenos  
tranquilos

ah a margem das águas onde arrancámos  
de dentes cerrados os juncos

aí amámos os desafortunados  
amámo-nos a nós  
na fortificação imaculada



de muros graníticos

da terra queimada soltam-se lamentos  
nascidos das lágrimas da memória

**417.**

guardo a tua voz

qualquer mensagem do vento tranquilizará o corpo dobrado  
sobre si mesmo

gravuras terra de sombra natural nas paredes  
vergadas aos temporais românticos

uma única palavra eternizará o amor de outrora

**418.**

depósito velho e gasto inundado de estrelas do anoitecer  
o trem avança vagarosamente em painéis de azulejos azul-  
pálido

ruínas de casas onde o amor dormiu em camas de ferro e  
colchões de palha  
no sono das crianças embaladas pelo ritmo seco das molas  
desgastadas

as telhas roçam as silvas das paredes

não tenho notícias tuas

ramos de árvores quebram com o peso do gelo em coração  
petrificado  
branco como o teu corpo  
para sempre ausente

quem encontraste?

#### **419.**

um sorriso singelo numa alma sofrida  
em lábios docemente desenhados  
uma dor tão interiormente sentida  
nesses olhos profundos a mel pintados

um tempo que se julga perdido  
na juventude madura de mulher  
beijos de um tempo já esquecido  
em amor que se não deixa colher

mãos brancas esguias delicadas dolentes  
corpo alvo de pureza imaculada nascente  
com brandos e longos cabelos de oiro ornado  
a cair em seus seios tal rosário encantado

se eu ainda soubesse se eu soubesse amar  
nestas velhas mãos de passado distante  
e já não houvesse tristeza no meu olhar  
a ti feiticeira escolheria para sempre

e com a leveza de uma nuvem  
tocar-te-ia a alma nua  
e com a doçura de uma mãe  
levar-te-ia mão dada pela rua

segredando-te ao ouvido  
que quem muito ama  
nunca mente nem trai  
e nem na morte olvida  
o amor que em vida o atrai

#### **420.**

os meus olhos nasceram para te ver  
as minhas mãos para te tocar  
minha boca para de ti me embeber  
todo o meu corpo para te amar

se a outras em tempos amei  
em noites desventuradas  
a nenhuma me entreguei  
e todas foram mal amadas

se a ti sempre te tivesse amor meu  
pela luz do mundo alumada  
a ninguém daria o que é só teu

não vivendo nesta culpa dolorida  
nesta pobre alma angustiada  
que por toda a parte é foragida

#### **421.**

festa na aldeia          o coreto de solho e barrotes toca  
desconcertado          vinho um bombo à distância e frango  
assado          zé ferreira de cabeça rachada          sangue vivo na  
camisa  
a mulher não o queria a dançar  
agarrado àquela rapariga

tu também lá estavas  
e no telheiro escurecido  
trocámos beijos  
enamorados  
que por serem os primeiros  
nunca serão esquecidos

#### **422.**

não o vislumbrava na noite erma      os cepos de oliveira  
esvaíam-se na lareira do quarto em ais de ligeiros estalidos  
não o sentia      não o pressentia no ar quente do segredo  
guardado pela origem de tudo      nem sequer o intuía

a voz dela acalmou as inquietações e ficou por ali a pairar  
nos reposteiros carmim do seu corpo longínquo      não se  
lembrava      não o recordava nas faces rosadas da memória

ah quem esquece um corpo não é digno de o amar

o lume extingue-se paulatinamente  
e as cinzas do sem-nome penetram o aposento  
perfumando-o

#### **423.**

uma pintura é um personagem que entra em cena  
e desliza no corpo do rio a jusante  
é tinta  
é palavra  
é semifusa  
tela pensante  
que diz nos círculos nas linhas nas pinceladas das faixas  
brancas  
nas cores  
vibrantes  
quentes  
frias  
esmaecidas  
nas jóias incrustadas  
rubis e  
diamantes  
as palavras e emoções  
mais verdadeiras  
dos verdadeiros amantes

**424.**

uma pedra sem nome na árvore que se despe

bebe-se sofregamente vinho adocicado

é antigo o meu anseio

contigo

na cidade portuária

onde os turistas fazem amor às escondidas

no calar da noite

há ossos esmagados

medos encerrados em pulmões comprimidos

sexos vandalizados

seios apertados contra os cabelos do vento

o preço da paz pago com trinta moedas

e eu

para aqui engolfado

no coração

do demónio

**425.**

inverno

homem réplica do tempo

incerto

como as chuvas

resgatadas por fortes ventos

das terras altas

um nevão amacia a pele cardada da ampulheta duplamente  
cónica

os pastores tremem

estremecem as almas húmidas

com pasto a nascer  
nos corações gastos

rios saem do leito  
espreguiçando-se

as ribeiras voam  
nas pedras circulares

cai a névoa bonançosa  
as nuvens demoram-se nos cumes

escarpas graníticas acariciadas  
mãos de mulher  
a afagar  
a dureza do viver  
a quem só resta amar

#### **426.**

o mar da dor não tem vento      o vento do mar azul a  
dobrar cabos e alcantis verdes

nas noites intermináveis das escadas em derribamento  
dos pântanos que escorrem para as valetas das marés  
fazíamos um barco de papel com velas de era-uma-vez

havia carros de bombeiros com os rostos encobertos por  
momentos de silêncio  
havia bocas a rolar na água encostada aos mortos  
cegos pela memória

meia-noite  
o relógio toca no mármore nu  
limpo  
poeira iluminada por fios de luz da cidade prisioneira das  
badaladas comprimidas

e o resto da existência

a medo  
de joelhos  
em penitência  
atormetada por flechas de luz insuportável  
dói  
na insónia do teu ombro ausente

#### **427.**

palavras de arsénico  
dissolvidas cautelosamente  
num café frio

o poema  
um vaso cheio  
que se oferece  
ao poeta somente

quem entende  
quem o compreende  
e porque é que se escreve?

divertimento de semente a criar raízes de mortal augúrio  
num tanque de água quente  
lodo e poeira  
a esvaziar lentamente  
antigo recipiente

#### **428.**

o cigarro

esta companhia a que falta o orgasmo  
noite de solidão aquosa

três bancos em linha  
deserto da sala expectante

o negrume passeia-se voluptuoso na negritude da  
escuridão plena  
uma mão na caneta um dedo na letra  
a outra no sexo azedo

má circulação nas ameias da mente  
tão doente  
ossos de linda graça

um cigarro morre  
por não ter sido fumado  
lava de vulcão

um cigarro morre sempre  
insatisfeito e distante  
como um cão  
que se guarda  
e não é usado  
para guardar a gente

## **429.**

escrevo-te hoje  
esta carta de amor

poderia tê-la escrito há anos  
ou no porvir

ardem flores no olival  
cai um santo do pedestal  
(cai sempre um santo do altar quando um louco fala de  
amor)

passam garotos e remendões sem que saibam o que faço  
eu também não escrevo  
são voltas do aparo no cérebro enegrecido da rapaziada  
estouvada  
e no meu



alma que vigia  
a neve que rodopia no céu vermelho  
a fechar olhos ao sol  
que é de todos nós  
poeira e terra na promessa que havemos de pagar  
quando a terra nos comer  
os sexos desfeitos  
nas mãos descarnadas

meu amor  
(uma carta acaba sempre assim)  
a navegar em nau de fantasia  
e esperança  
e mete-se no correio  
lida e relida

ainda digo

amo-te  
hoje sim  
amanhã não sei  
(que hei-de eu saber do amanhã?)

#### **430.**

saudosos amores  
nas asas do tempo sepultados  
aliviai as tristes dores  
dos eternos condenados

vinde lesto  
que o dia escurecido  
adormece em lençóis brancos  
de leito esmorecido

apaga as lágrimas coloridas  
de quem a morte procura  
e da vida já nada quer

porque a guerra do coração  
ao louco mais transtorna  
e ao sadio ensandece

que de tanto sofrer  
lhes perece a vida  
morrendo sem morrer

#### **431.**

a chuva escorre límpida nos beirados que o sol constrói na  
cidade

transeuntes atropelam-se  
fugitivos da vida com guarida nos subterrâneos iluminados  
de rostos doentios

o burgo fica deserto nas almas estranguladas das ruas  
alagadas  
conspurcadas pelo fumo de intermináveis cigarros da  
angústia

o transporte para um outro mundo tarda  
carris enferrujados dos sentidos execráveis  
das sensações duvidosas de corpos alheados da emoção  
cristalina da generosidade

dois homens à porta da barbearia  
os seus olhos directos  
absortos  
nos anúncios pecaminosos dum bazar chinês  
onde tudo se vende

vê-se que não pensam  
porque se pensassem não estariam à porta  
entrariam  
e sentados no recolhimento dos cabelos espalhados pelo  
chão

meditariam numa existência similar a uma peruca  
ligeiramente encaracolada  
a enfeitar a boneca rosa oculta  
na vitrina chinesa

### **432.**

há uma ponte líquida  
entre mim e a outra margem da vida  
e há o deserto das mãos impudicas a acenarem ao desafio  
de viver sem comando e sem governo  
de escrever o que me contenta nas páginas brancas a  
amarelecer  
de fazer amor  
sem que os actos e os mais íntimos gestos da pele ardente  
sejam aquela paixão de que os poetas falam  
e de que tanto se enganam

### **433.**

se prefiro a morte à vida  
já o não sei

se a carne ao espírito  
a sensação à razão  
também o não sei

mas uma coisa sei  
que sexo e amor  
é o que me convém

quem amor faz  
não pensa  
nem no que é mal  
nem no que é bem  
na dor  
na aflição

e amando como apetece  
como agrada e dá prazer  
não sofre  
nem faz sofrer  
e por um momento  
místico e eterno  
ou num arroubamento  
prolongado  
nasce um novo santo  
sem outro desejo  
que o da carne desejado  
sem passado  
presente  
ou amanhã  
em espírito extasiado

#### **434.**

ao amanhecer  
a rua estreita  
com o céu entaipado  
a chorar o orvalho  
do rio vazante

uma janela que se abre  
um portão estridente  
uma lancheira transporta um obreiro  
fato de macaco azul pardo  
dolente e vazio

uma varina  
um cabaz de peixe prateado  
tirado do frio da cave  
e vendido nos subúrbios  
como agora pescado

um jovem marceneiro  
noite mal dormida  
no calor de vendedeira

abre a porta da oficina  
contrariado e mal pago

e a cidade move-se  
pestífera  
num grito atroz  
a angústia cravado

### **435.**

olhei-os como sempre os olhei      vendo-os como são e  
como serei

o lar onde não deverias estar  
olhos de água pura a cintilar

o forte odor a morte abarca o ar leve e a respiração  
translúcida das paredes cabisbaixas

há mesas soturnas banhadas de idosos a reter as memórias  
do passado e os acenos amplos dos espíritos mortiços que  
descobriram o sorriso descampado dos aposentos velados

todos sabem que vão morrer  
ou quase todos  
e que tu também partirás  
mas  
sorriem-te nos teus 98 anos  
e tu sorris  
e vives  
na paz da canção  
dos beijos  
dos votos  
de longa vida  
de um dia a dia feliz

és a mais velha de todos os que aguardam pacientemente a  
derradeira jornada  
eu o mais novo

canto e beijo-te  
peço-te em silêncio que vivas  
assim  
sorridente  
coração inocente de criança a extinguir-se placidamente

dá-me mais dois dos teus anos  
depois pedir-te-ei outros dois  
e outros tantos  
não partas      fica comigo

sonhemos ambos com os vinhedos a florescer  
com a brisa nos pinheirais a reverdecer  
com o lagar vivo no outono  
vinho a ferver na alma  
e com as framboesas  
que crescem no pátio  
sombreadas pelas laranjeiras

sonhemos ambos  
nós e mais ninguém  
juntos e em segredo  
neste teu dia de anos  
que nunca irás morrer  
ou que se a morte te chamar  
ao temível e doce degredo  
me chame a mim também

#### **436.**

tinha a sede das esarpas      dos amores vividos nos  
promontórios em caixas de lata coloridas  
devorava a noite      qualquer noite como se a última fosse  
cabarés espeluncas negras tavernas nas ruelas encostadas  
aos candeeiros flácidos da bruma  
alinhado pela vertigem dos corpos por escolher para um  
quarto de hospedaria com a alma a restar gelada no sítio  
do costume

cada qual com seu poiso      área demarcada a urina e ao  
suor hidráulico da contingência  
em cada transacção inventava o amor  
com a idade soçobrou      a fecundidade das genuflexões os  
membros rígidos a ilusão com todos os tesouros do coração  
ilusório a desvanecerem-se nos cabelos grisalhos sem  
brilho e nas rugas dos anos  
hoje no mesmo banco      sempre no mesmo banco dá milho  
aos pombos que acordam quando a noite já saciou a sede

### **437.**

os tempos mudam  
o hálito da terra  
não é o mesmo  
nem as origens do mar

vão morrendo  
velhas palavras de honra  
crimes de sangue vivo  
que almas lavam

a aldeia tem menos homens  
para ensinar crianças  
em extinção  
e homens que homens sejam  
já os não há  
ou talvez  
um  
um pouco mais  
talvez

assim morre  
a palavra  
o forte aperto  
das mãos gretadas  
com as veias  
salientes nos braços  
a servir de testemunho

e a dispensar o tabelião

#### **438.**

cada noite é uma tortura ou um êxtase      náusea ou  
alegria de viver  
porque existo?  
existem flores nos prados quentes e muros que dividem  
desejos na areia ardente da tarde  
o relógio não para      envelhece repentino às portas da  
morte  
dêem-me música e um corpo vermelho mudo de gestos e  
palavras      um jardim oriental e um caderno com riscas e  
pautas      um caderno musical  
uma valsa      a fanfarra do destino intocável no rápido  
acesso à eternidade silenciosa      melodia tocada a medo  
por dedos gangrenosos que se quer magnífica e  
esplendorosa como as túlipas nos canteiros de vidro  
existo só      triste e corajosamente só como a polar  
as conversas doentias do café da esquina são suportáveis  
durante o tempo em que a ampulheta vazia se esvazia nas  
bocas imundas dos conversadores      apenas  
depois há que retornar às pedras frias da cobertura ao  
silêncio dos telhados inundados de antenas exóticas      aos  
pombos a desembarcar no terraço e ao deserto das folhas  
que se soltam dos braços inertes das árvores gigantes que  
ninguém vê  
e porque as vejo sei que existo e existo para as ver  
se tivesse fé não as veria como vejo      veria cristo      mas  
cristo não é uma árvore enredada em magnífica sombra  
cristo é só cristo e nada mais

#### **439.**

este café com frutaria nos fundos  
é um repolho gigantesco  
com monstros a grelar



estou fatigado  
severamente exausto das opiniões gritadas por surdas que  
buscam nas hortaliças o regime linear da felicidade

as empregadas correm lustrosas  
mas horrendas de melancolia  
expressões insalubres  
de quem labuta a dormir nos olhos encovados

batatas tomates maçãs ovos limões grelos e uma adiposa a  
meu lado  
dois cafés um pastel de nata e um chulo escurecido por  
muitos dias de sol entra com o ar inchado de quem não  
tem profissão e por isso é importante como os governantes  
desta nação  
para além de mamar à custa de quem o mama  
na cama  
uma piolhosa do prédio ao lado  
barata-varejeira sem eira nem beira

a escolher alhos um cu gigantesco  
(devia ter vergonha com um cu assim devia deixar metade  
em casa)  
cabelos molhados a escorrer linhaça  
e a traça a consumir  
os panos de carne velha e os suspensórios do pipo  
esculpido a espartilho que acaba de entrar

#### **440.**

como é perigosa a felicidade  
as nuvens incendiadas  
no inverno  
tempestade de verão

não podemos adiar os gritos horrendos do combate  
brincando no formigueiro envenenado  
abandonando as espadas da vitória

triunfais gumes

o cadáver dos dias esgotados murchos  
o silêncio  
mas subitamente  
o toque  
a alvorada  
as armas

não podemos adiar a guerra dos lábios acesos  
presos infinitamente ao sexo dos sonhos idos

não perguntes nada  
seja o que for  
mantém-te calada  
armemo-nos  
amemo-nos  
que duas mãos temos

#### **441.**

pouco me pedes musa  
dessa tua clausura  
um abraço apertado  
a versos bordado

um pedir tão parco  
e tão escassa ambição  
quando o amor que embarco  
não o contém o coração

pedes tão pouco e tanto  
em breve e vago desejar  
a quem louco anda  
por te não poder tocar

e se sufoco em tal carga  
que não consigo desembaraçar  
naufraga a embarcação

com o peso de tanto amar

**442.**

ergue-te mulher  
antes que eu seja pó

abre portas janelas as palmas da avidez bate  
sai esbelta da escuridão

sorri  
lábios em rima

cabeça tresloucada  
estúrdia

vamos fazê-lo na rua  
nas escadarias da poesia  
nas pedras cinzentas do tempo perdido  
nas entranhas ardentes da terra

sozinhos  
para que toda a gente veja

só não ama quem está doente

**443.**

naquele tempo  
por tantos esquecido  
ela era magra  
rosto trigueiro  
sardenta  
esquiva

eu era tão jovem

para amar  
bastava-me olhar  
e reter sôfrego  
a imagem dela

não era o corpo  
que procurava  
mas o sorriso  
os gestos  
a inocência  
das palavras  
e aquele jeito  
tão especial de andar

amava tanto  
aquela virgindade  
que dou comigo a pensar  
que o amor de verdade  
está contido num só olhar

#### **444.**

as tuas palavras ferem  
são chamadas que abrasam  
fogo que arde sem arder

as tuas palavras mentem  
são cinzas que nas ondas vagueiam  
e ao mar fazem doer

os teus olhos matam  
ao mais furtivo olhar  
sem remorso ou piedade

e se assim destroçam  
a minha ânsia de amar  
que finde já a saudade

#### 445.

humilhado nas colinas desertas      flagelado desde tempos  
ancestrais nos flancos do seu reinado  
demorara-se nas estrelas  
pingos orvalhados de luz a marcar compasso na  
composição celeste  
as árvores olhavam-no com os olhos semicerrados  
enquanto a lua deambulava quente  
as rochas ardiam na confissão que às pacíficas nuvens  
faziam

jovem rei de verso imperfeito a dividir afectos aos ventos  
do serão das noites frias de verão  
o ar fresco corria-lhe nas artérias      implacável era a chuva  
a tingir a terra de vermelho  
depôs a espada do ódio vencido pelos nevões amenos do  
poema  
viajou nu  
bateu às portas de todas as cidades com as lágrimas  
escondidas      nenhuma se lhe abriu  
as pedras eram a sua leitura os trovões a lamparina e os  
seus ossos molhados a certeza da viagem no coração dos  
pássaros a rastejar no chão do espaço

houvesse um deus e deixar-se-ia levar  
um promontório onde ficar  
asas para voar  
incerto no rumo triste do caminhar dos lábios a sangrar  
beijos

#### 446.

amei-te  
em sonho  
amei-te  
por toda a noite  
em dia

passado

não sei  
se no sono  
te amei  
se foi na realidade  
que em ti  
me apoiei

o sonho  
e a realidade  
existem  
e não existem  
mas o amor  
é sempre verdade

#### **447.**

o vento cai na cama vazia      há luzes débeis no corredor  
antigo de tabique      os passos leves e ponderados  
passeiam-no em todos os quadrantes da alma      range o  
soalho gemente      os olhos da mulher do quadro espreitam  
a insónia da vontade que se alonga às praias distantes  
imersas na nostalgia de outono      há pedaços de corpos  
objectos mutilados e a podridão da carne suavemente  
depositados na areia molhada de volúpia  
o vento veio ela não

#### **448.**

só a liberdade e o amor me prendem à vida  
poesia    pintura    música  
naturais    extensões    a    enlaçar    os    meus    braços  
ensanguentados pelo torpor inumano dos miseráveis de  
espírito

abro um livro pouco lido do poeta

leio

quem não quiser sofrer que se isole  
feche as portas quanto possível à luz do convívio

o convívio pardo filamentoso do arco de poeira negra de  
comerciantes industriais políticos e de tantas outras  
aberrações deste mundo  
amantes do dinheiro  
prostitutos da riqueza e do poder  
falsos  
volúveis  
fungíveis  
espíritos imundos de consciência flutuante

que o diabo os carregue

#### **449.**

o mar  
a serra  
a mulher

nas páginas abertas do meu coração  
impávidas  
plácidas como noites de verão  
estão escritos os vossos nomes

ondas ligeiras cruzadas  
azul ultramarino e espuma alva  
a adornar o navio

o cume aceso  
pinheiro silvestre alecrim rosmaninho  
cobertos de neve e gelo

cabelos entrançados  
a oiro e lírios ornados  
bocas rosa de meus pecados

sois vós  
meus únicos vícios

**450.**

um aperto nos pulmões lavados pela nicotina das horas  
desertas  
a certeza de que o teu córrego corre na direcção do  
remanso  
pode dizer-se ou diz-se podendo ou não saber-se o que se  
diz que a intuição não sendo absoluta nada à superfície das  
dores de sangue        sei que travas campanha em nova  
vereda julgando que no beco de paredes amortecidas existe  
a terra prometida  
fico-me  
por aqui  
como sempre  
liberto da ilusão  
por ti  
anunciada  
não levanto o auscultador gasto de palavras aquecidas  
pelas verdades relativas dos viajantes estelares    aguardo  
que o sono se arraste pelo colchão sem lençóis e pelo ruído  
dos aviões que no alto piscam luzes saudosas  
os barulhos distintos sucedem-se no asfalto remendado por  
bandeiras de carne humana apodrecida às chuvadas  
intensas de verão    aos temporais  
a lua sobe pelas estrelas  
uma a uma  
sóbria  
diligente  
tu já não vens  
adormeço no regaço da solidão  
e beijo o meu próprio corpo

**451.**



o amor mata  
não a quem se deixa matar  
mas a quem não quer morrer

se os teus olhos tivesse  
se os pudesse sempre ter  
quer na vida quer na morte

na morte não morreria  
e com olhar assim tão terno  
para sempre viveria

nesse amor eterno  
que quanto mais calado  
mais vivo se tornaria

## **452.**

sonho  
que voltas

que o amor retorna  
nos teus braços brancos

que o meu olhar vagueia  
dolente no teu corpo

as gralhas ao crepúsculo  
anunciam  
a tua vinda  
por caminho rasgado nos abismos do mar  
a estender-se na longa e infinda estrada do céu  
onde se não te encontrar  
sempre te verei  
em noites de luar

### 453.

na pradaria um bisonte desgarrado      juba luxuriante  
barba exuberante  
ombros altos como possante homem das estepes      nas  
omoplatas armas letais  
afastara-se da manada apesar de ser macho dominante  
o mundo a seus pés

cavalo branco seguia-o nas terras de caça  
afastando-se do acampamento de verão

na tenda  
à porta  
triste e sofrida  
sua amante  
ave vermelha  
esperava

o búfalo alado voava  
cavalo branco  
esgotado

passaram-se anos      anos após anos a cavalgar em manta  
gasta  
numa mão a imagem do bisonte  
na outra a da amante

fora vencido  
queria voltar  
ao lume dócil de sua tenda  
braços de sua amada

nunca conseguiu encontrar o caminho de regresso  
morreria de saudade a florescer no coração  
com ave vermelha a definhar em choro de dor

já não era cavalo branco  
o grande guerreiro  
o caçador

seria eternamente  
saudades de amor  
e seu nome

saudades sempre

#### **454.**

ah essa febre que me vem  
que me entristece  
e incendeia a tarde  
que desce sobre o mar  
bebe-a tu amiga  
faz teus os meus espinhos  
minhas mágoas  
meus lamentos  
e saudades  
porque o marfim da tua alma  
no alabastro de tua pele  
não consente  
ferida desventura  
febre ou amargura

#### **455.**

sonhei  
que te dava  
em branco  
este caderno  
ferruginoso  
onde escrevo

dar-te-ia com ele  
as mãos do olvido  
em desabrigo  
as memórias do esquecimento  
cor de verbena

assombrada  
ao sol claro  
de primavera  
quimera  
de poema solitário  
nos versos de ninguém

o mar morreu  
não tem espuma  
nem ondas  
nem marés  
morreram-lhe as lágrimas  
salgadas

este caderno  
afinal  
é teu

#### **456.**

mais uma manhã tardia a admirar os compradores do  
mercado cinzento neblina matinal e frio húmido  
encostados às paredes marmóreas e coçadas do café bugio  
íamos alvorecendo lentamente entre monossílabos e  
escassos ditos arrojados ao encontro das janelas ao  
abandono cerradas  
alguém articulou uma ou duas frases esbranquiçadas  
acerca da morte como quem refere pernas esbeltas em  
curtas saias rodadas a esvoaçar à brisa favorável ou o  
verde das hortaliças frescas e asseadas ou o aroma do  
peixe de olhos esbugalhados das bancadas do primeiro piso  
a devastar as narinas das jovens criadas violadas pelo  
eflúvio do tabu e pela sudação sováquica dos amos  
excitados à vista de pasto tenro bancas pétreas e  
algentes do pão nosso de cada dia para uns e da abastança  
para outro tipo de gente  
convivíamos quase quotidianamente com os carros  
fúnebres e lúgubres ataúdes gatos-pingados viúvas de  
branca face em invólucro negro a desmaiar ao som do

requiem de mozart      mães e pais de jovens destroçados  
em campanha nacionalista do sem-sentido ornados por  
bandeiras verdes e vermelhas      homens de farpela preta  
consumidos por cigarros sucessivos  
(naquele tempo era de homem fumar e esfumaçar não  
matava)

noite fora na capela da misericórdia com o deleitável jardim  
envolvente antecâmara da viagem gratuita para o paraíso  
que morava uma rua acima

aí havíamos brincado com pobres mas coloridos bibes às  
guerras e às mortes reinando sobre todos os mistérios

os tempos haviam mudado      as mortes eram fiel  
acompanhamento das horas a morrer      uns iriam para  
frança ou diziam querer ir para não abalar para o quente  
inferno do ultramar      outros a querer voluntariamente  
partir perseguindo uma cruz de guerra de primeira classe  
ou podendo ser a torre espada com palma honrada com  
transmissão televisiva a dez de junho

ele era como todos nós  
dezasseis anos talvez  
eis que magistralmente diz –  
já posso morrer  
pouco me importa  
não me assusta a dor  
posso morrer  
já fiz amor

olhámo-lo assim como que dormentes      fitei-o nos olhos  
negros luzentes      alcancei em parte apenas em parte o  
leito de sua alma      não queria morrer sem o fazer sem  
construir a cúpula do júbilo e do prazer      do modo como o  
fizera poderia partir sem medo sem condecorações  
passaram-se anos tantos anos desvários erros pecado  
luxúria delírios lascívia e desacertos      agora entendo-o  
para viver é urgente amar  
só o que ama vive  
e existe  
sempre  
sem cessar  
viver é viver de amor  
o amor presente

o amor sempre  
e assim  
viver para amar  
eternamente  
um corpo    alma  
deus    gente  
animal    coisa  
seja o que for

## **457.**

choro e lamento

já fui forte  
hoje o não sou  
mas  
não me conformo  
em terra de ladrões

choro

porque há quem em segredo  
chore da alma  
com o rosto erguido e a face calma

porque este mundo é bárbaro  
bruta fera em covil grosseiro  
vento agreste a arranhar pele de cordeiro

porque os governantes são feitos de pedra dura  
que nenhuma compaixão perfura  
imunes à dor na carranca disfarçada

porque há crianças que morrem de fome  
porque há mulheres que morrem de amor  
e homens que morrem de dor

porque há mulheres maltratadas  
escravas    violadas

e crianças abusadas

porque há homens a sofrer  
o pão que outros comem e  
que eles haviam de comer

porque há guerras que matam  
estropiam e decepam  
os que com ela nada têm a ver

porque há tocas de oiro para os prestigiosos  
fortes e poderosos  
e para os oprimidos masmorras

porque há os que morrem de saudade  
num quarto de solidão da cidade  
e são encontrados a apodrecer

porque há crianças que morrem sem ter brincado  
sem ter reinado  
sem um único sorriso

porque há irmãos crucificados  
na justiça cruel e sem siso  
por crimes por outros cometidos

porque há tristeza e ansiedade  
há melancolia depressão e agonia  
em gente miserável do dia-a-dia

porque há quem noite e dia chore  
e veja na cova funda  
seu maior consolo e alegria

porque há poetas mortos  
que me dizem a chorar –  
ama e não queiras o mundo mudar

porque no meio de tanto pecador  
tanto culpado  
tanto criminoso

também eu o sou  
por consentir no pecado  
que me passa ao lado

#### **458.**

ouvem-se os grilos em sinfonia fantástica  
no fontanário deserto

cigarras em acompanhamento harmónico

o relógio da torre toca a ave-maria

passos  
o pedro  
(um dos pobres deficientes da aldeia)  
mira-me com ar espantadiço

a capela do santo cristo de granito amarelo milenar  
ilumina-se  
no silêncio o tique-taque do relógio marca compasso binário  
as nossas respirações  
a comunhão na paz sem orações  
palavras ou emoções

serenidade de luz amarela  
à porta da igreja matriz

#### **459.**

eu quero amar  
amar suavemente  
o amor amar  
amar sempre

com todo o meu ser  
penetrar a tua carne



chama viva da alma  
e ter-te e ter  
o teu corpo perfeito  
nesta tarde calma  
neste amor eleito

**460.**

esperei no mundo ver-te  
sulquei mares  
cavalguei continentes  
terras estranhas  
estranhas gentes

pensei ver-te  
mas não  
tu foste sonho  
foste miragem  
névoa a esfumar-se  
na ilusão  
de brumoso horizonte

continuo a procurar-te  
ora doce e esperançoso  
ora amargoso e duro  
sabendo que não irei achar  
a que à luz do mundo me trouxe

**461.**

de madrugada sonhei  
com a tua pele  
macia de menina  
com a tua face cinzelada  
e cintura fina

mãos frágeis

boca de mil beijos  
apaixonada  
no leito de alabastro  
pelo amor lavrada

sonhei  
e ao acordar  
vi-te deitada  
a meu lado

e vendo  
que ainda sonhava  
por te tentar acarinhar  
não te encontrando  
a tua falta chorei

#### **462.**

queima os meus versos  
não os leias mais  
que versos são palavras  
e as palavras demais

as palavras mentem  
dizem querer o que não querem  
os versos enganam  
dizem amar o que não amam

fixa o meu olhar  
espelhado a lágrimas  
vê como fala verdade

nele não há falsidade  
erro engano maldade  
porque olhos não mentem

#### **463.**

procurara-a nas areias doiradas de inóspitos desertos nos  
jardins em flor nas florestas virgens nunca antes por  
humanos visitadas em mosteiros e conventos  
ela o fulgor da aurora deixara no infinito a sua sombra a  
bênção de seu perfume na morte penitente do riso  
ele ficara na penumbra do perfil altaneiro a gelar a imagem  
do sonho desfeito  
apoiado na cruz da agonia

#### **464.**

as minhas mãos procuram-te  
macia pele de meus beijos alienados

nunca te esqueci

nem o louco desejo  
olvido por pouco que seja

e se em ti  
a saudade é dor

lamento-te sem panaceia  
ave de amor magoada  
lírio a murchar  
aos pés do calvário  
vida do amar alheia

lastimo  
o mal que te fiz

#### **465.**

como sorriem teus passos nas escadas de mármore carrara  
do palácio do diamante  
à porta aguardo que me digas como é divino nosso amor

deus o sabe  
deus o criou  
pelos carreiros luzentes do mundo caminham estrelas de  
puro cristal dando-se as mãos  
(as estrelas também se amam)  
o frémito de nossos corpos indemnes silenciou o universo  
que sua alma às nossas acasalou  
deus o previu  
deus nos uniu

#### **466.**

foram muitos os teus amantes  
muitos invadiram os lençóis rendados do nobre dossel  
mas quantos te serviram em bandeja dourada o puro  
néctar do amor  
o êxtase de uma noite acordada à lua?  
hoje nas montanhas distantes recordo o tempo pacífico em  
que as pétalas caídas no teu leito nos envolviam em afagos  
esplêndidos e as súbitas descargas de vento faziam deslizar  
o sexo arvorado  
livre de todas as aflições mundanas

#### **467.**

os seus passos caminhavam absortos no leito do rio  
reflectido nas luzes amarelas da avenida  
perguntava-se  
quem tem a natureza da suprema felicidade e a natureza  
feliz de todas as felicidades  
a quem deveria render homenagem naquela hora de negro  
desespero

olhou-se no fato escarlata do desejo  
fez circular o olhar graus de vertigem  
apertou os dedos nas mãos ressequidas pela brisa marítima

deixou o coração de corda palpitar como brinquedo barato  
que pudesse levemente desperdiçar

na visão de longínquos corpos que saíam de bares isentos  
de sémen  
exasperou  
iria continuar sozinho  
oh ânsia de sexo

nascera homem na cal do dia enevado  
poderia ter nascido pedra cacto rato  
mas nascera homem para adorar esfinges de pedra  
barrenta  
sem ter a quem seguir  
na rua escura com espectros de carne jovem não tinha a  
quem amar  
nem mestre para ouvir dizer que ser feliz é atar um  
nagalho no sexo entupido  
eliminando-o do quotidiano azedo  
remetendo-o para os sonhos do sono quase profundo do  
decesso prematuro do prazer  
enterrando-o na maré vazia de esperma estéril

regressou ao quarto das águas furtadas  
seu pequeno mundo florido de quimeras ornado a melodias  
barrocas  
mais certo do que nunca  
seria para sempre o seu próprio mestre  
o eremita do ninho das águias

#### **468.**

não sei com quem  
te deitas

pouco me importa  
com quem dormes

não sei como te sentes

nem se me mentes

se em segredo tens prazer  
ou dor e tristeza

se a visível pureza  
é meramente aparente

e a tua leveza  
é pecado indiferente

de quem ama gente  
sem gente escolher

não sei  
não quero saber

quero-te por uma noite  
desnuda  
plácida servil amorosa

por uma noite somente

#### **469.**

transformei as palavras mortas em seres mágicos  
ora castelos de folha de ouro ora pontes submersas  
pouco importa se as compreendo  
são mágicas  
plasmam-se por si na folha branca enquanto a viagem  
crepita nos carris  
falam de si umas às outras encadeando a paisagem  
entrecortada por soluços  
compasso de folhas de outono e frase dos fetos verde-vivo  
a rebentar na terra negra

são palavras-vivas inapreensíveis  
palavras em mutação num sentido veloz e fosforescente

a literatura está cheia de palavras-mortas que teimamos  
exumar na corrupção das ideias circulares  
estereótipos do minimalismo pictórico das fachadas  
cartesianas

sei sabemos que nada há de novo debaixo do sol  
mas sei que tudo o que é mágico  
o que é novo não pode ser compreendido  
o que é mágico é-o como a bolha de ar na corrente do  
ribeiro ou a pausa binária no pensamento

amanhã estas palavras já não mais serão mágicas  
nenhum coelho sairá da cartola donde irão sair as novas ou  
mesmas aglomerações de letras que serão de novo mágicas  
e penetrantes  
as antigas sepultadas ao vento que passou e que não  
voltará a passar  
ficam as novas a aguardar a brisa do pão nosso de cada dia

#### **470.**

tenho um minuto para te dar  
neste amor ardente

o passado  
ave migratória  
cega e insolente  
até da memória ausente  
feneceu

o futuro  
como as lágrimas salgadas  
é pena que te dou  
áspera e cruel  
em vida escassa e incerta

resta este minuto  
em que se te não vejo tremo  
se te vejo temo

se não te possuo para que vivo?

sobeja este minuto eterno  
consente-o

#### **471.**

corpos arrastavam-se na noite  
salteada de luzes mudas  
de prédios adormecidos habitados por carne pútrida  
ali ninguém perguntava à vida a essência da morte  
passavam simplesmente ou  
sonolentos cerravam os olhos ao som de uma televisão  
surda e insensível  
algumas crianças ainda brincavam com jogos de imagens  
terríficas enquanto no quarto ao lado os pais consumiam  
em segundos a última erecção

o rio corria lento na direcção das américas  
com as mágoas à superfície  
e o pecado acantonado na escura profundidade  
cintilavam almas nas cristas das pequenas ondas de marfim  
polido  
armadas ao capricho da brisa da memória

alguns pescadores deitaram botes às águas  
acorrentados à proa por frágeis cabos desfibrados  
vagos pensamentos sem nexos das ruas desertas da cidade  
as reflexões dum povo literatura-de-cordel  
reinando ao faz-de-conta da sensibilidade da última  
claridade lunar  
acomodavam a almofada de plumas dos sonhos

no meio do rio levantei âncora depois de ter bebido  
o sumo acre da última meditação do dia  
icei a grande apoiado no mastro a penetrar o insondável  
céu negro  
desenrolei a giba da amargura



o vento variável ajustou-se à medida do meu coração alado  
e  
com hálito perfumado a jasmim enfunou os panos

quantas milhas a percorrer?  
quantos nós sacramentais serão servidos na bandeja de  
prata pela brisa-do-amor?  
o rumo incerto em bordos consecutivos  
o certo abatimento do bordejar  
atira-me para um imenso mar de dúvida  
na miragem da terra prometida

olho para as margens  
com seus bares-mulheres  
risos e palavras pesadas na balança dos sentidos

viro de bordo  
e a cada viragem  
os desejos abatem para terra  
com o velame a bater descompassado  
cabos de amarração seminus  
a vogar ao sabor das delícias enfeitadas que nenhuma  
oração excomungará

aterrarei alguma vez na terra prometida?

## **472.**

mirito nasceu  
nasceu num palheiro  
como jesus

paredes de pedra rude  
amontoadas  
pedra não aparelhada

telhado de colmo  
onde se espreitavam as estrelas e sentia a chuva fria  
entrada em dia de borrasca

na torre da igreja o sino tocava tocava  
mirito nasceu de rosto belo e já trigueiro  
ao som da ave-maria

que deus o abençoe disse a mãe  
que a senhora da fátima seja sua madrinha e lhe faça a  
cruz na testa para afastar demónios e tentações  
disse a parteira da aldeia tia zefa do moinho  
a zefa da anunciação

a vizinha madalena rezou um padre-nosso  
e uma oração calada para ninguém ouvir a não ser nosso  
senhor

não te esqueças mulher de acender uma vela na santa  
eufêmia  
uma vela do tamanho do rapaz  
tanto faz  
respondeu a parturiente  
a vela terá o tamanho da minha bolsa  
o que vale é a intenção  
e olha que a tua oração não irá cair em cesto roto

mirito nasceu  
mirito cresceu

nasceu em noite de luar  
de sombras a afagar a pobreza  
e com o sino a tocar a tocar  
prenúncio de tristeza  
anúncio de morte a bailar a bailar

na escuridão a luz  
no altar a cruz  
que mirito haveria de carregar  
correia a enlaçar  
de aldeia em aldeia  
cantando e dançando melodias desconhecidas

até que um qualquer arimateia  
o levasse a sepultar em cova funda e anónima  
depois de o encontrar caído na curva da estrada poeirenta  
e resplandecente de luar

encontrá-lo-ia  
agonizante sem remédio nem cura  
sem glória  
com a senhora morte ao lado

diria se pudesse  
estou certo miro diria  
se o soubesse  
leva-me para o norte que calor não suporto  
leva-me para o norte onde é doce a morte  
doce e alva de neve pura  
onde perco a memória  
de vida malfadada

eu sou o mirito leve gentil louco e sem dono  
eu sou o próprio norte  
a liberdade  
a tristeza  
e a força da natureza  
eu sou tudo o que o homem não é e despreza  
não sou como os demais

sou miro  
servo da terra  
dos céus  
das estrelas  
de bonanças e temporais e  
quero ser enterrado em cova funda  
onde animais e homens não possam  
nem encontrar  
nem incomodar  
que ressuscitar não quero

mirito cresceu descalço

roto  
esfarrapado  
com sobretudo de alto a baixo rasgado

sobretudo do inverno  
sobretudo do verão  
sobretudo da chacota da garotada da freguesia  
crueldade de rapaziada  
para com o pobre desgraçado  
que andava andava e se sóbrio se escondia  
em qualquer pinheiral

mirito não foi à escola  
não aprendeu a ler  
a somar  
nem seu nome aprendeu a escrever  
mirito não aprendeu a brincar

não foi à escola e de nada lhe serviria  
contava até dois e depois  
qualquer número servia  
oito cinco dez quatro  
raramente mencionava o três  
letras não as conhecia  
nem o a e i o u

falava entaramelado  
mas asneiras dizia  
escorreito quando o arremedavam  
essas eram poucos os que as não entendiam  
mas na escola não se ensinavam apenas se aprendiam e  
quem as já conhecia  
afinal que proveito tirava de horas mortas a inquietar  
outros garotos

nunca aprenderia a ler  
a contar  
ou escrever  
e mesmo que algo aprendesse  
seria necessário querer

por injustiça assim nasceu  
vagueando ora soturno  
ora alegre feito bobo  
percorrendo  
aldeias  
povos  
quintas  
sendo escorraço de quintaneiros  
pouco falando  
por não querer  
ou não saber que dizer

mirito cresceu com o vinho e com aquela cabeça tonta que  
desagrada aos homens e agrada a deus

um copo aqui outro além  
por alma de quem lá tem  
vá lá um copo não faz mal é mirito quem diz  
vá lá por um momento faz mirito feliz

vai-te embora rapaz  
o vinho ataca-te a moleirinha  
ficas mais estouvado do que és  
bebe sumo  
um pirolito  
uma gasosa e  
dou-te um quarto de trigo com manteiga da arca

daí o enganava o taberneiro intentando besuntar o pão com  
margarina da lata suja ou com molho velho das iscas a  
saber a ranço

quero vinho o resto come-o tu  
e mirito crescia enquanto o sobretudo encolhia

os rapazes vinham dos campos

alguns tocados à paulada da lavra por acabar

jogavam à bola no terreiro

mirito passava seguia sem saber para onde  
olhando saudosamente para trás  
saudades sem saber de quê  
saudades porquê

os rapazes brincavam com as raparigas  
dizendo-lhe coisas de que todos se riam  
mirito sorria por ver rir mas não percebia

diziam-lhe  
cresce tonto depois se verá

alguns namoravam um beijo às escondidas  
mirito sentia e sem saber como se fazia ficava triste  
uma tristeza natural acompanhada da ligeira brisa do pinhal  
ao lado do cemitério  
onde ensaiava com jeitos e trejeitos os beijos da moçada

imaginava uma bela moça  
como vira num jornal da venda  
e que lhe valera um pontapé no traseiro  
por olhar coisas de gente normal

até a formiga-tonta já tem catarro disseram

mas a bela loira de cabelos longos  
não lhe saía do toutiço  
afinal só olhara para uma fotografia suja de vinho  
amarrotada de um jornal que parecia tão antigo como ele  
ele que tudo daria para ter aquela fotografia  
como seria feliz namorando-a com os olhos todas as noites  
no seu leito de palha  
seria abençoado se a pudesse beijar ainda que papel

essa loira de quem se via um pedacinho dos seios estava-  
lhe na memória  
enchia-lhe a mente inocente

não sabia o que fazer  
talvez mexer de mansinho na carne luzidia  
talvez um beijo na face rosada  
ou na boca de dentes brancos

o restante desconhecia  
apenas sabia o que nas partes baixas sentia e por instinto  
tão bem lhe sabia

melhor lhe agradaria de outra maneira  
dizia-se em segredo na venda ao domingo  
que por ter bom ouvido ouvia e ninguém lhe dizia  
ela havia de o ensinar  
quem sabe se hoje à noitinha  
e por acaso  
aparecesse na curva deserta da estrada

e sonhava sonhava o pobre louco  
que nem à escola fora  
a bola jogara  
na ribeira pescara  
e nunca amara

e mirito crescia enquanto o sobretudo encolhia

pobre miro pobre louco  
coitadito

a sua cabeça rodopiava como carrossel  
da feira de s. bartolomeu

e via  
via coisas estranhas que o assustavam por momentos e  
rapidamente esquecia  
coisas do diabo  
coisas assanhadas  
arrepiadas

que o possuíam e arrastavam pelos caminhos tortuosos na  
d direcção de uma malga de vinho

ó meu mirito sofres tu e sofro eu

à noite  
no palheiro  
via demónios  
uns sentados  
outros dependurados nas vigas de madeira velha e  
empenada

das frechas do granito amontoado  
soltavam-se espectros luminosos em riso rugido

demónios  
diabos  
fantasmas  
aparições  
diziam em voz rouca  
em gemido tremelicante  
miro tu és doido varrido  
bêbado  
vai-te    vai-te  
vai-te    não durmas  
não te deixaremos dormir  
vê    vê  
vê a mulher loira de longos cabelos entrançados  
é feiticeira  
de todas a mais bela  
de todas as aldeias que conheces  
vai-te enfeitiçar  
vai-te encantar  
serás um sapo e os rapazes irão pôr-te a fumar a fumar a  
fumar  
até rebentar

foge miro  
foge



foge para as sombras da noite  
deixa-os na tua corte  
que fiquem com o curral  
que nem teu é

que durmam na tua palha  
nos panos velhos cor de carreiro poeirento

carago    filhos de uma grande cabra  
que me não largam  
raios os partissem  
almas de trinta diabos  
tanto bento  
tanta bruxa  
tanto filho do demo  
e da puta  
tudo para me causar tormento

e mirito noite dentro  
quilómetro a quilómetro  
ia da mata ao sobral  
do sobral ao ribeiro  
do ribeiro à aldeia-nova  
sem demora e tento  
até raiar o primeiro raio de sol  
até ao sol nascente

quando o sol nascia o canto dos pássaros abafava o vozeiro  
dos diabos com figura de gente

catano    uma coisa assim    calai-vos deixai-me não vos  
quero ouvir almas do demónio

miro desesperava  
miro gritava  
carago    inde-vos

a venda abria e miro à porta da taverna  
olhava mudo o taberneiro estremunhado

que já sabia ao que vinha  
que já lhe conhecia o vício

um copo por deus para matar os demónios  
um copo por nossa-senhora  
um copo para suster a agitação  
cinco tostões para matar a sede  
tostão a tostão para matar o demo

pelas alminhas que com jesus lá tem  
pelas que no velório aguardam o purgatório  
com barrabás e o outro ladrão

vai-te daqui agoirento  
vai-te      vai-te  
que a satanás encarniçado  
nem vinho nem pão  
pede-o a judas que é teu irmão

um copo pelo seu descanso  
por alminha de sua mãe  
e de seu pai também

pela mãe      pela mãe      pelo pai há pouco falecido  
agora sim tocara-lhe no coração

toma alma-do-diabo  
bebe

mirito bebia um dois ou três e ia sem direcção sem destino  
sem querer

pobre casmiro pobre louco sem-tostão  
miro pobre-louco a quem as bruxas não deixavam sequer  
adormecer

em pequeno passava à minha porta  
ele já homem  
eu rapazito

tomava da gaveta alguns tostões  
tia cândida via e fingia não ver  
fazia a vontade ao filho-sobrinho  
que queria ser padre  
e tanto amava  
pobres  
loucos  
velhos  
doentes  
animais

zéia que vais fazer perguntava  
nada de mais  
vou ver o mirito que me chama do caminho  
e logo interrompia as orações ou fechava o livro de horas

dois três copos de vinho

mirito cantava agradecido sabendo que aquela porta lhe  
estava sempre aberta  
enquanto eu ingênuo o olhava embasbacado na sua dança  
estrada fora braços abertos a rodopiar voz rouca a soletrar  
língua estrangeira

adeus mirito  
amanhã passa por aí  
eu peço à tia  
e mirito sorria  
e eu não sabia que sua alegria  
e minha felicidade  
nada valia ao agravar  
a doença de que padecia

adeus mirito  
pobre louco  
até amanhã  
até outro dia  
à falta de capão  
cebola e pão  
à falta de um tostão

volta    volta que te darei  
do vinho da tia  
palavra  
tiro-o da adega  
às escondidas  
ninguém vai ver  
ninguém vai saber

o sino toca para a missa  
ou é para o terço  
não estou certo

eu cresço

mirito mais velho  
o sino tange uma morte

eu estou no sul  
mirito no norte

o sino toca a rebate  
arde a encosta poente do vale

o incêndio belo ameaçador  
já lavra no monte

eu estudo para doutor  
mirito cada vez mais doente

o sino toca ave-maria  
eu já não rezo

mirito o tonto não dança  
eu já não vou à igreja

mirito com dificuldade anda  
o sino toca toca sem cessar  
e aquele pobre diabo está-me na alma  
na saudade que o vento frio da serra traz  
para as paredes negras da cidade

saudade que róí e dói

mirito pobre louco  
eu também sofro

noite de inverno  
temporal  
miro já não tem as mesmas forças  
nessa altura eu vivia num jardim de betão com uma nesga  
de céu acorrentado à liberdade  
miro está cansado eu tenho depressão  
o sobretudo cada vez mais rasgado deixa passar frio chuva  
neve à roupa mais interior do esfarrapado  
o vento bramia  
vergava ramos de velhas árvores  
retorcia as novas há pouco plantadas  
o vento gemia  
nas sombras dos olivais  
nos espectros das nuvens baixas  
fazendo rodopiar as folhas caídas

uma chuva fina e fria  
que se entranhava na miséria  
molhava-lhe a alma

miro continuava  
miro caminhava  
tinham-lhe dito  
não te metas ao caminho  
mirito não os ouvia  
vou para a mata  
vou dormir

caminhava contra o vento  
que rodopiava

começou a nevar

já não havia demónios diabos  
almas de outro mundo  
eram anjos alvos a bailar ao som do vento  
sinos a tocar ave-marias  
arcanjos que sorriam e o afagavam num leve arremesso

a neve caía caía em desconhecida melodia  
melodia que nenhum bach comporia  
e vestia-o de branco puro

miro parecia uma pomba no escuro  
um dominicano em êxtase de alegria

mirito pobre louco sorria e ria  
dançando ao vento e à neve  
com anjos e querubins de verdade  
e jesus menino que assistia enternecido a ver  
tanto amor e liberdade

chegado à curva dos sonhos  
da loira encantada  
miro cansado  
deixa-se tombar no valado  
exausto a dormir  
a sonhar a sonhar com o amor  
que sempre lhe fora negado

os anjos entenderam  
jesus concordou  
maria sorriu  
melhor seria fazê-lo ascender  
mirito faria o céu feliz  
haveria festa e alegria  
uma felicidade imensa  
bondade e inocência  
de homem que sempre fora petiz

ave-maria  
ave-maria

miro pobre louco meu bom amigo

casmirito morreu no inverno  
mirito subiu ao céu entre anjos e arcanjos  
miro abandonou o inferno

### **473.**

a curva da estrada

apesar do quebranto  
algo me impele a estancar

há sombras vivas  
que repousam no asfalto  
árvores retorcidas  
que já deram o seu fruto  
vinhedos esquecidos

o sol brilha através dos ramos dos pinheiros bravos  
um lavrador come a merenda à sombra de uma fraga  
a mulher prepara estacas  
o semeador descansa e bebe  
o vinho com a frescura da água da mina  
ao seu lado  
pão de centeio  
queijo  
um naco de presunto velho

sorri  
o seu sorriso arrasta-me pela memória dos tempos  
o seu sorriso é rosa-do-mundo  
vejo-me nos calções azuis cor de céu e na alva branca de  
domingo  
há missa  
os sinos tocam  
casimiro casmiro casmirito mirito miro

o meu amigo-louco  
da infância perdida  
miro  
o louco  
do sorriso infinito  
aberto  
livre  
ingénuo  
contagiante  
que ia à igreja só para me ver ler

sinto saudades  
não sei se da vida  
se da morte  
se do mal  
se do bem  
sinto saudades  
e sentir saudades  
é ter feridas  
sangrantes  
mas sempre é melhor  
ter saudades  
que não ter nada

sento-me no muro em pedra circular  
vejo um vulto no chão  
(eu que desde criança vejo coisas  
coisas que não devia ver)

foi aqui que miro veio morrer

estou cansado de tanta morte

#### **474.**

sou o que no mundo te procurei  
que por velhos caminhos desviados  
passo a passo pelo deserto errei  
e na mesa e leito dos transviados



sentei e deitei sem cuidar do pecado  
que no corpo sentia e na alma crescia  
sou o caçador errante que ao veado  
neguei inevitável flecha porque bramia

sem dono compassivo desesperado  
mortal imerso em floresta negra  
sem candeia que no escuro alumia

pobre alma que de tão vazia  
não sabe o que é certo ou errado  
nesta noite suja a negar o dia

#### **475.**

brincar às palavras com palavras  
signos sinais  
que num conjunto imperfeito  
são como todo o resto reais  
folguedos  
palavras que não são coisas nem seres  
homens mulheres crianças mas brinquedos

brinco convosco como quem brinca à beira do rio  
às pedrinhas redondas macias ágeis e alegres  
e no mar aos caranguejos tontos da maré vazia  
para não estar só não preciso de estar acompanhado  
para não estar triste não necessito de rir  
só quero se querer tenho na corrida da vida  
ir e vir e brincar com palavras com gente contigo  
com frases palavras comigo

não sei o que digo não me interessa  
o que sou vou ou deixo de ser se a percepção da morte  
me dá uma pressa contínua até desfalecer  
escrevo um amontoado de letras de frases de tretas  
que a hora é de escrever  
tanto faz o que penso      melhor seria não pensar

o que a mente soletra a ingénua filosofia dita  
escrevo palavras irreais soltas imparciais fontes de estio  
prostitutas gastas de ruelas retalhadas e sombrias  
brinco e rebrinco pulo no vazio  
e vou dizendo a brincar como é sério  
este juntar de letras e frases sem pensar

#### **476.**

corre uma leve brisa nos mastros  
nus e em repouso dos barcos

olho o rio que lento desliza  
na direcção do mar

perde-se a vista no horizonte  
da pequena vaga em s. julião  
e amo-te em silêncio  
no segredo dos oceanos  
das nuvens e estrelas

quero bradar aos céus  
às criaturas e aos deuses  
quero cantar aos ventos  
às florestas bosques  
e encantamentos  
a paixão o amor o alento  
que faz cessar o sofrimento

mas calo e consinto  
escondo e minto  
quando afinal o que sinto  
é tão atroz e violento  
que só pode ser acalmado  
pela voz em perpétuo movimento

#### **477.**

*ao joão pestinha*

num dia de primavera  
no crepúsculo vespertino  
de um poente onde nascem as primeiras estrelas  
e as giestas ainda florescem de amarelo  
enquanto o luar desponta no horizonte  
quando cansado  
olhos tristes para mais não ver  
sem nada para conhecer  
recostarei a cabeça no teu dorso  
para que a morte me leve na doçura da aragem

de madrugada sem pensamentos  
partiremos de assedasse  
eu de cana na mão  
tu com o nariz ao vento  
pelagem fulva a deslumbrar o sol  
galgando as curvas do rio  
as águas verdes e azuis  
as escarpas graníticas  
as margens sedosas

fingirei pescar  
tu caçar  
como fizemos sempre  
afugentarei as trutas  
assustarás coelhos e lebres  
na serra que fala às estrelas  
e que será sempre nossa  
do mesmo modo que nós dela

no pai-diz  
deitar-nos-emos no areão branco  
olhando com ternura as estrelas  
em irmandade aconchegados  
tão juntos que ninguém perceberá que dois somos  
aguardando a aurora  
para nos transportar em seus raios

à erva da fome

livres como só nós sabemos ser  
tu fingindo caçar  
eu pescar  
como sempre  
numa existência eterna e circular  
nossa e desse lugar

#### **478.**

deixo que meus olhos vejam as árvores em movimento  
são apenas árvores em movimento  
em vaivém ao luar  
árvores que movimentam o meu pensamento  
numa sem-direcção enquanto suave a noite cai

cuido de ti amigo  
como quem cuida da criança amada

sem desejos nem projectos  
é longa a oração –  
penitência-sem-destino

cuido de ti amigo  
como quem cuida a amar

queres estar  
apenas estar  
quente e em paz  
só e acompanhado  
sem palavras vãs  
sem mais nada ter  
queres estar  
simplesmente estar  
simplesmente ser

cuido de ti amigo

como cuida o amar

chegado o momento como é difícil decidir  
poderei deixar-te partir para a bonança  
se no teu modo de pensar ainda restar esperança  
se no teu jeito de pedir nesta terra te queres quedar

vai parte no teu jeito de amoroso olhar  
vai e se erreí perdoa a minha fraqueza  
mas aguarda por mim no alto da montanha

só morre quem não tem um coração onde morar

entretanto cuidarei de ti amigo  
bem dentro no mais profundo da minha alma  
e saberei que não morrerás jamais

#### **479.**

uma onda outra e uma outra

o corpo nu sulcado no areal  
estende-se como nau de alísios  
para teus lábios cerrados  
ao encanto

sem palavras na nudez do silêncio  
surdez do oceano  
ouve-se um leve gemido  
de guitarra apaixonada

os dias correm sobre as águas  
apenas as auroras vivem  
todo o resto é nada

busquemos ambos  
as pegadas do amor  
passos nas praias cinzentas  
da mão de névoa em repouso

sejamos  
amor  
que da carne nasce e  
no espírito cresce

**480.**

chuva da noite passada na reclusão de inverno  
em profundas raízes floresce o meio-dia das estrelas

não durmo  
a noite espreguiça-se com os caninos semicerrados  
deixando a rua enlameada e triste alheia ao ribeiro de  
águas mornas e pacíficas

o mundo não é o que nos parece e muito menos  
o que de mãos postas nos promete

no odor dos pinheiros resinados em florestas imensas  
está o tempo do amor fértil que se esgota

**481.**

revolta-se o mar quando o vento nasce no fim do outono  
na casa amarela do lago ela penteia os seus longos cabelos

cedo cantam as cotovias no cipreste solitário

no quarto a mão escassa não se abre à cintilação das  
pétalas rosadas

quando a neve começa a cair à beira-mar

amor morto derramado no regato da montanha  
estio voluptuoso das tardes quentes da carne

porquê aguardar por um tempo que nos foge?

**482.**

libertei-me de mim  
não sou quem sou  
nem o que fui  
nem o que serei

sou  
apenas

sou o amor  
o amado  
a amada  
o amante

a força que nunca estanca  
o rio  
o degelar  
que corre em teus olhos  
no rumo do mar

sou o vinho e o trigo  
da tua mesa

o próprio amar

**483.**

o céu está cinzento mas o teu corpo brilha ao sol  
incendiando as florestas que te envolvem  
tudo sucumbe à tua passagem  
com as leves pegadas das sombras  
a acariciarem as giestas de flor branco-puro

espero-te no lado sombrio da noite

o coração despedaça-se na dúvida do consentimento  
e a mente obsoleta insensível  
fervilha na lua doirada  
a banhar  
suave  
dócil  
as estevas

estou só  
na solidão  
sou a solidão

estou só  
no mundo  
sou o mundo

abraço os seios da eternidade contra o meu peito sofrido e  
esvaído  
sulco com o arado das mãos os teus cabelos ondulados  
graciosos a esvoaçar na quietude do espaço  
belos e serenos  
belos  
serenos  
como deuses

#### **484.**

o leito profanado pelo frio está sereno posso dizê-lo  
com a mesma energia que a cerejeira prenhe dissipa na  
primavera  
mau grado o jugo terreno de que os deuses alucinados e  
febris se apartam ao sol-posto  
a cidade nasce para o inferno do prazer  
estremece no ódio do passado na raiva do presente e no  
terror do futuro  
acendem-se as primeiras das últimas luzes  
o espanto dos olhos roídos pelo enfado alonga-se nas casas  
de passe o passe



pergunta-me o fiscal do metropolitano praticamente vazio a  
penetrar os ossos da terra procuro-o  
deve andar por aí como tudo e como todos  
afinal só quero chegar a casa recostar-me ler um velho  
poema de um poeta maldito  
quando ainda faltam tantas milhas cravejadas de espinhos  
rosados  
a salvação –  
fazer amor para sempre

#### **485.**

um livro de amor  
aberto no aroma  
das tuas mãos de marfim

li-o alto em mim  
em horas de ardente febre  
passos dados no destino errante

li-o em ti  
virgem doirada  
que na amargura  
o amor vespéral inflama

e se nas mesmas palavras  
não estão os mesmos corpos  
decerto está idêntico destino

#### **486.**

a noite é um convite ao banquete contemplativo  
busco a noite escura de João da Cruz sem que a invente

não consigo fugir de mim nem ir ao encontro dos outros

as ruas desertas arrefecem numa chuva de dedos de areia

os sonhos arrastam-se pelas casas sonolentas provocando  
a madrugada dos desejos  
que entram sem convocação no requiem das estrelas  
silentes

na pequena moradia do beco o ar rarefaz-se em bocejos  
cor pálida e sombria da peste  
a infectar a solidão do poema  
e o coração da vida

#### **487.**

parte-se-me o coração  
em pedaços e estilhaços  
na tua partida sombria  
rosto impresso na vidraça

um único dia não há  
em que me não morra a alma  
e a cada noite renasça  
mais saudosa e sofrida

na angústia da ausência  
triste consome-se a vida  
que súbito a morte me não dá  
mas a pouco e pouco ma tira

de teu rosto a graça  
apartada e escondida  
beleza única só vista  
por quem viu para além desta vida

e no amor mergulhou  
sem tempo sem medida  
e no outro se transformou  
em carne viva

**488.**

olhemos        vejamos a mesma estrela o mesmo brilho de  
bronze no céu harmonioso        o dia está fresco a noite fria e  
da vida pouco nos resta  
o carrossel gira aos uivos        ah como gira e rebrilha trajado  
de negro  
a cabeça da deusa de oiro abraçada por um miúdo que  
esvoaça na frescura da nortada        à volta corpos de ervas  
preciosas estendem os braços fingindo tocar a dança  
circular da ave marinha do leão de papel e do elefante de  
patas ao ar poluído por gritos  
como um bêbedo há um jovem que volteia sobre um barco  
enleado nas ondas corporais da rapariga em folia  
uma velha ri  
um cão urina  
numa esquina dois namorados num  
afligem-se os assistentes  
espantam-se os passeantes  
divertem-se os que vivem  
o senhor prior  
de passagem sorri  
e o carrossel gira mais uma vez e outra  
até que as moedas findem

**489.**

o velho pavilhão chinês enche-se de memórias  
os longos cabelos ao vento do crepúsculo  
desposam o sorriso róseo de teus lábios  
  
usarás para sempre as tranças da infância?  
há uma distância que me separa da tua inocência  
onde nem o mais puro desejo derruba fronteiras  
  
talvez voltes um dia a preencher os meus dias  
no sono eternizado de poemas lavrados no coração  
êxtase de uma noite inteira de quietude sem extremas

um amor para além das palavras dos gestos  
do tempo das exigências humanas

**490.**

*à florbela espanca*

chove  
é outono  
os campos tingem-se de canela

uma fotografia  
antiga  
a sépia do tempo  
a dela

nunca te vi  
não te conheci  
apenas o que escreveste  
ávido li

e voltei a ler  
(quantas vezes te reli)  
e a cada nova leitura  
no medo da noite profunda e escura  
adormeci em tua alma rubra  
com vívida fotografia  
a meu lado deitada

nasci  
não recordo

tu morreste  
antes de eu ser gente

agora  
olho-te  
a face branca

olhar penetrante  
o colar pendente  
a fina mão  
em macia invocação  
súplica  
de coração em chama  
lábios doados  
à paixão  
em vida ausente

como te quero  
alma que meu peito encerra  
em túmulo eterno  
diz-me de tua voz  
que o amor vivo  
que ofereces  
tão real tão ardente  
a mim me pertence

como te quis como te quero

nos dias em que a dor me fustiga  
sinto a tua presença  
e almejo amada  
um amor divino  
tão forte como a própria morte  
e se porventura acharem que louco estou  
de irremediável loucura  
sim estou e estarei  
louco de tanto te amar  
louco de amor

olho-te com ternura  
vivo em ti dentro de mim  
apaixonadamente  
e se alguém  
alguma vez disser  
que se não pode  
que é impossível  
amar assim tão perdidamente  
morta que se não conhece

mente certamente  
e se não mente  
é porque nada sente

#### **491.**

pela estrada um mendigo  
roto e esfarrapado  
a arrastar-se no cajado

a cada porta pede pão  
um tostão  
por amor a nosso senhor

as portas calam-se  
as janelas fecham-se  
e ao desgraçado chamam ladrão

sem que saibam  
que é cristo menino  
com fome e frio

o escorraçado

#### **492.**

tarde comecei a escrever versos  
uma cepa de maus poemas entrelaçados nas videiras  
bravas do sem-sentido uma merda eu sei  
já os havia escrito nos cabos emaranhados do cais do  
esquecimento letárgico  
das pedras gastas do ancoradouro norte  
esses  
nem bons nem maus  
dos quais não me recordo do mesmo modo que a sé  
catedral não relembra as promessas angustiadas dos aflitos  
inscritas nos altares e santos gastos por orações douradas

escrevia-os e lia-os  
enquanto tu no teu distendido pêlo fulvo interrompias  
vivaldi para os ouvir  
os teus olhos iluminados desaprovavam a dissonância de  
grande parte das frases encadeadas num arremesso  
outras brilhavam nos teus olhos luzeiros de universo  
olhos compassivos sem mágoa

adormecias ao som das quimeras ditas num sopro  
das viagens reais e ilusórias da minha criação polvilhada  
em múltiplos seres    nunca soube ser um só  
e tal criança brincavas infantilmente com as imagens  
das garatujas  
ficando o meu mais profundo ser  
a velar por ti horas infindáveis de espanto

estávamos em 2009

qualquer movimento teu era uma palavra redonda perfeita  
qualquer olhar nocturno um canto à fé dum mundo-sem-  
esperança  
a elegia do olhar vagabundeava na nossa cabana com vista  
prateada para o rio verde-esmeralda que nunca  
conseguiste ver

dia noite noites dias meses contigo a olhar  
reprovando as lágrimas ensanguentadas do momento  
pontagudo do desespero  
porque a paz já nascera nas paredes encantadas do mais  
rico dos palácios  
a cidade magnífica do amor estava aos nossos pés  
poço de água pura inesgotável

apenas te vi chorar uma vez eu que tantas chorei e senti a  
fraqueza duma qualquer erva a vibrar no caminho  
partias para o reino da morte e eu verdugo havia indeciso  
assinado o veredicto  
pedi-te  
não chores  
uma parte da minha alma vai contigo

a outra saberá onde te encontrar

quando juntos entrarmos vitoriosos na cidade branca do  
cume

### **493.**

noite pálida de outono  
no meu peito o teu coração repousa ao luar  
passos de deus a caminhar  
por campos lavrados

ponho-me a cismar  
enquanto teus lábios observo  
quantos homens não beijarei  
quando a ti te beijar

e penso  
poisando de leve minha mão  
nos teus olhos adormecidos  
que de alma tão casta

apenas brota pureza  
e só pode ser falta ou pecado  
o ciúme que sinto  
do teu prazer passado

### **494.**

o sol morre lentamente no horizonte  
coberto de paredes de betão  
sombras do dia arrastam-se na pequena ilha da cidade  
a praça deserta  
a contemplar a massa gigantesca de pedra  
duramente aparelhada  
e a maria dedicada



para além da ponte de apaixonados e suicidas  
os pequenos bares aconchegantes  
bystro bystro bystro  
beijos rosados no jardim do luxemburgo  
com st. michel a ver e ouvir pesado e pisado por  
caminhantes da vida abstraídos  
a animação  
os versos e aforismos dos cerebrais embriagados  
onde tudo é demais  
quartier latin povoado  
de amor imperfeito  
perfeito julgado

notre-dame  
a visão de dois corpos  
em chama viva de amor  
dois rostos transfigurados  
em incandescente paixão  
passos lentos  
de mãos apertadas  
dedos contra dedos cerrados  
uma única verdade  
a penetrar na catedral vazia  
casa de santa maria

no altar  
nos frisos  
esculpidas as faces de santos  
vivos  
no ar o som da solidão  
das palavras macias de amor  
da antiga adoração  
canto gregoriano  
a silenciar a oração

mãos apertadas  
percorrem a ponte  
dois corações em êxtase  
olham o rio que corre  
cintilante  
sinfónico

cantante

mãos que se apertam  
mais e mais  
um espasmo  
outro  
a divina sensação  
do milagre do amor  
repartido em orgasmos  
sucessivos  
de pão e vinho  
aos dois distribuído

e o sena pára  
abismado  
contraído  
de gozo alumiado

um outro arroubo de luz  
o mesmo que a virgem santa  
na cidade de nazaré  
teve quando concebeu jesus  
de mãos dadas com josé

#### **495.**

os passos da mais bela de todas as mulheres      a doçura  
da voz      brilho dos seios hirtos      pescoço perfeito de  
beijos vorazes      anca modelar pernas altivas      sexo  
doirado  
mil beijos e uma única noite te peço

#### **496.**

*a uma escrava*

do teu corpo  
quero o vinho  
e o pão

da tua alma  
o sopro dócil  
do amor

a ti te compro  
estupro cinza  
da dor

agora teu amo  
a ti te liberto  
do passado e do presente

a ti te quero  
desejo e desespero  
se te apeteço

e peço agora servo  
o milagre da transformação  
do amor em arroubo

#### **497.**

noite na sé  
a ceia que nem sempre tarda  
aos pombos recolhidos tardava  
e aí  
num amor de forte instinto

dividimos nossas almas  
na insolência do encontro  
decisão de inevitável união  
quase canibalesca  
de espíritos insatisfeitos

a noite agarrou-se com firmeza

à pedraria da catedral  
a acender os últimos eléctricos  
enquanto nos afastávamos  
afáveis e desconfiados

nas ruas desertas  
que desde sempre  
parecias conhecer  
olhavas-me pelo canto  
de um olhar negro

inundado de paz  
onde havia almofadas  
pelo chão estendidas  
com gente descrente  
estampada nos cantos

na sala gente  
vestida de desejo  
verdejava palavras  
rastejantes  
que te procuravam

almofadas escarlates  
azuis de céu ultramarino  
e talvez  
de âmbar desmaiado  
talvez

mas só tu existias  
na orientalidade graciosa  
como exististe na  
longa noite africana  
de volúpia contida

por tanto tempo  
que nenhum relógio  
pode medir  
nenhuma ampulheta  
em si conter

minhas mãos  
de olhos fechados  
pentearam suavemente  
os cabelos lisos  
de tua alma límpida

absurdamente límpida

não era sexo  
ou era sexo  
sem ser sexo

noites estranhas  
de delícias imponderáveis  
no silêncio  
da árvore contemplativa

espasmos rítmicos  
de ramos orvalhados  
beijando os lençóis brancos  
as rendas de teu perfume  
e o sândalo dos sentidos  
efervescentes

o vizinho perguntou  
o namorado já não vem?

os roucos gemidos cessaram  
a alegria do sangue nascente  
laqueou o flanco inerte  
a mente dolorida  
adormeceu no leito do sofrimento  
onde os sonhos  
são breu de noite sem fim

as feridas abertas  
em puro vinagre  
sararam

uma não

sara

essa irá a morte  
sará-la com suas mãos  
de veludo e amor  
gentil na voz  
nos gestos de vinho doce  
nos suaves beijos  
rumor de mar

#### **498.**

uma mesa giratória no canto da sala água-marinha  
um pássaro de plumas marfim escuta estático a voz de  
falso tenor do piso inferior

açaimada aos anos percorridos no breu pela velha  
estatueta de bronze  
está a boneca de trapos com o sorriso aberto à brisa que  
vem do rio

a senhora idosa tão inclinada e absorta  
fareja a tiritar o local do crime original  
sem a remissão de bula expiatória por discordância com a  
divindade irada

a grandeza melancólica dos espíritos peregrinos  
eternos descobridores da maresia silenciosa e retráctil  
assola as horas tão vastas como lendas conspícuas

os vales verdejantes enegreceram  
e sobre as cem mil colinas nem uma águia real ousou voar

#### **499.**

erro atrás de erro no caminho da estreita via      retorcida a  
senda      torta e entontecida      não paro      os passos

cambaleantes transportam-me para um outro mundo de  
multidões exaustas pelos pecados que me atormentam nos  
nós dos dedos  
e tu senhor que devias vigiar a macieira dos frutos  
carnudos e as arestas limar navegas na barca da terra árida  
mudo de compaixão estás perto de tanto e longe de tudo  
junto a mim bebes das minhas águas comes do meu ázimo  
e conheces-me desde o princípio dos tempos  
decepcionantes  
vês o meu pranto submerso em remorsos os insistentes  
delitos diabo porque não arremetes contra a lança do  
desespero e me soltas os parques cabelos que não alumiam  
a noite nem ao dia concedem alegria  
mostra-me a tua face ao escurecer para que durma à  
sombra das estátuas vivas da avenida florescente  
não é em vão que te peço e me despeço ao adormecer nas  
ondas do mar sem fim e do céu cruel perco-me sem ti  
de que latitude parti eu que me desconheço em que  
longitude sofro eu que me despeço  
tudo é deserto areias sem fim  
um coração que sofre arrancado brutalmente ao peito  
ferido já nada sei a noite aproxima-se e eu sofro  
e tu meu amigo como me és encoberto

## **500.**

verde é teu manto  
verde o mar dos amantes  
verde em que te escondes

verde a cor de teus olhos  
verde o tição do amor  
verde a feição da traição

verde te visto  
verde te alcanço  
verde te dispo

verde tudo o que vejo

verde o que em ti amo  
verde o amor que beijo

verde partes  
verde te desenho  
verde te sonho

de verde vivo  
de verde padeço  
de verde morro

de verde te escrevo

### **501.**

há flores no espaço      o teu corpo cheira a rosas molhadas  
pelo orvalho  
corpo de estanho  
em favo de mel moldado  
reina a ordem no universo indiferente ao seu criador  
deus feito carne  
que semimorto de cansaço  
sua criação sublimou  
corpo molhado possuído por garras azuis      arrebatamento  
em cascata      mais quero mais      dizes      fundo      toca-  
me nesta noite serena de outono  
atravessa a ponte da saudade  
e nada no meu desejo a vinho perfumado

### **502.**

costumava sentar-se nas rochas passajadas e batidas por  
golpes de mar      umas vezes tão terno      floco de neve nas  
mãos da criança marítima      outras violento soldado com a  
mão direita a tremer o gatilho da morte



só custa matar a primeira vez a partir daí matar e ver  
morrer a quem não se quer é tão normal e arrepiante como  
amar corpo que se não conhece  
parecia estar cansado da vida dos homens na marina-  
passadeira de pernas sapatos roupas de marca e sorrisos  
elegantes e asnáticos raramente olhava as fêmeas em  
cio exuberante e os falsos navegadores e quando olhava o  
seu olhar atravessava carne vísceras e ossos fixando-se  
num além indecifrável  
via-o do meu veleiro quando nas noites de luar preparava o  
aparelho para soltar as amarras da mente na vastidão das  
águas pintadas de escuro azul  
o seu rosto era sempre o mesmo rugas torneadas pelo  
sol da angústia leitosa  
pouco lhe interessava a ferida que o meu pesado patilhão  
abria no coração do mar fazendo-o sangrar as minhas  
velas lembravam-lhe as asas duma gaivota esfomeada  
nunca quis partilhar uma viagem ao mar profundo seu  
olhar circular envolvia todos os oceanos com seus cabos  
tormentosos temporais e calmarias  
horn e boa esperança

hoje não o vi  
dizem-me que morreu  
o último dos navegantes do sonho  
reduzido a cinzas  
sepultado no horizonte do seu olhar

ouve se me ouves  
partirei do teu lugar  
mas não morrerei em terra  
morrerei no mar  
e de todos vós  
que amo e amei  
vosso nome  
a maiúsculas escrito  
na areia deixarei

**503.**

a brevidade da vida estampada nos ponteiros do relógio

o sentimento lúgubre da aproximação da morte nos passos  
do coveiro

cedros que se achegam ao olhar turvo da idade

um diário a arruinar-se na noite profunda

um diário é como a filosofia  
subsiste porque a morte existe

perdurará cavalgando-a  
subsistirá nela não na morte iminente  
a que irrompe num lampejo na sequência dos dias  
sobranceados pelo enfado  
mas a que nasce do apelo inaudível do vazio existencial

um diário em fragmentos é um verdadeiro aborrecimento  
que ninguém se dá ao transtorno de ler  
gazeta de promiscuidade intelectual  
questão de pouca monta

poema de circunstância dito em conjuntura  
garrida e domingueira  
simbolismo realismo surrealismo promessas por  
decifrar

sentido aparente palavras improfícuas masturbações  
(para não dizer punhetas)  
mentais

cuas africanas atoladas na selva impermeável  
clamores obstinados de régulos apeados  
algo que pouco importa ao amontoado impiedoso da ralé  
populacho entorpecido pela propaganda de canapés  
ortopédicos

abdico de o escrever como delineado  
que nele fiquem as estilhas apenas as lascas

os estilhaços pertencem-nos rasgam-nos a carne integram  
a nossa interioridade mais profunda sangram-nos as  
emoções  
mergulham no abismo da alma decrépita

ferrugem obsoleta dos dias  
não são passíveis de censura  
somos nós os delinquentes e os julgadores dos delitos da  
vida  
sem que nada haja para julgar censurar ou expurgar  
são tão-somente o que são e o que é nada mais é para  
além do seu ser  
da sua íntima essência  
apenas ápices como um ornato  
que se usa em dia de gozo de romagem  
diário da hipocrisia circunscrito ao poema  
amálgama intrincada de letras  
seja esse o nosso lema  
nosso desgostoso emblema  
má prosa pior poesia

#### **504.**

persistimos deitados ao lado do sonho  
o sol vai nascer como sempre  
e não estaremos no mar para o colher

\*

terá sido esta a última neve de primavera?  
a neve assemelha-se ao amor fria e suave –  
quando aquecerei meu coração?

\*

vejo-te na noite ouço-te a voz  
a tua sombra traz consigo a alma  
que a medo insisto amar

\*

um veleiro oceânico  
vejo e revejo as fotografias  
é o meu eu sei vai ser  
com ele farei naufragar o terror

\*

o reino está dentro de nós  
imperceptível à alma mortalmente doente  
  
a infecção nunca é consciente de si mesma

## **505.**

a soledade não é uma doença  
é a sémita do insondável andarilhada em noite de lua nova  
é o aguaceiro que lava os campos da imaginação e  
esmorece a indignação do injustiçado

os mercados declaram-se aos ventos do martírio e do  
desprezo licencioso  
um novo dia um novo pão e o mesmo café na esquina do  
bairro amordaçado  
a melancolia do gesto ritual no primeiro cigarro do  
amanhecer aspirado com a volúpia da predição das costelas  
do pacote de papel os fumadores morrem  
prematuramente  
penso a maior parte dos não fumantes também morreu  
há muito e não esfumaçam os inglórios petulantes

uma nova viagem talvez eternamente circular  
como quem viaja sem sair do mesmo lugar

um novo amor de seiva virgem

para quê se já nem sei amar  
e se o amor não colhe mais ninguém

## 506.

continuo sem dormir        no marulho das ondas contra a  
praia o mar soçobra        como um afogado asfixia-se

é urgente construir uma nova alma como quem obra sólida  
barca para atravessar o abismo  
esta não me apraz        nela nada pode morar para além das  
imprestáveis velharias acumuladas pela miserável angústia  
dos espaços nebulosos  
xavecos dum ontem apagado à percussão do badalejo das  
cava-terras        velhas à soalheira  
enegrecidas        são suas paredes        lamacenta na  
profundidade condicionante e inquinada à superfície  
de madrugada ascende-se à serra

na noite escura o pedreiro tomando em si desmedida  
paciência  
com mãos sedentas irá armar pedra a pedra até que o  
múltiplo seja uno  
vazio de porta aberta ao porvir e à sua querença  
sem escolha sem desejo por onde tudo passa sem criar  
raízes  
como espelho vário de tudo e nada  
como espelho cintilante e astuto  
lúcido corajoso solitário

apenas uma alma desapossada das mil e uma formas pode  
adquirir o absoluto

por ora  
dele não digo sim nem não        nada assevero ou refuto não  
me atenho à aparência        não  
tenho apenas por companheiro  
o fiel silêncio  
e um dedo  
aventando o caminho  
sem realidade e existência

bem-aventurado o que não observa o dedo  
e se queda no mutismo

## 507.

o vento acaricia com suavidade o cedro e as velhas árvores  
que agasalham a escuridão da rua deserta  
sussurrando ao sono frases caiadas de amor

há luminosidades no tejo que amimam as águas mansas  
na ponte também luzes amarelas e fixas        aviso à  
navegação  
nenhum outro som respira enquanto as casas dormitam  
depauperadas na penumbra exterior  
apenas elisir d' amore        donizetti como convém ao tálamo  
ermo

o reino dos céus onde está ele?  
na alma recriada e não ocupada cujos olhos são como os da  
águia planante  
vendo a realidade tal qual é        sem dilecção

para que quero eu o ódio flamejante e o amor dualista o  
desejo o apego as escolhas ou preferências e as tordesilhas  
da alma antiga?  
labrego

a beleza de uma alma vazia basta-me        nela cabem todos  
os universos os versos e os poemas o bom e o mau o belo  
e o feio o agradável e o desagradável o prazer e o  
sofrimento  
tudo lhe cabe momento a momento  
e a cada instante o que passa sem deixar rastro  
conta-nos em surdina a verdade da não-verdade  
assim se atingindo o que se não busca

o vento já passou  
as luzes aguardam na madrugada o decesso

talvez ainda esteja desperto      certificarei o óbito da noite  
oculta

## 508.

é penosa a largada e apetecida a chegada quando não é  
mais dolorosa que a partida      aflitivo contra-senso      mas  
natural tão natural como o frio num dia de inverno e o calor  
numa tarde de verão

o mundo parece ruir no coração firmado à angústia  
constricção sem regeneração  
quando se abala nunca se deve olhar para trás  
tal albatroz-errante a perfumar nimbos oceânicos

tudo é jogo do mental      cara ou coroa da existência

permutar regalos mundanos pela reclusão silente  
quietude liquefeita na chama de círio que alumia as trevas  
de noites duráveis

o azul de klein evoca o mar do entardecer quando o sol já  
cabeceia no horizonte e o veleiro vai trovejando nas águas  
o ocre dos velhos paisagistas românticos no cume da serra  
que fala às estrelas  
e aqui há que eleger

sonhos da noite passada      dúvidas e irresoluções que  
fenecem no desabrochamento da flor da cerejeira  
expiram na lentidão do remanso sedentário todos os  
desígnios      a alucinação de um novo bem-querer do  
espírito a abjurar temporariamente a carne  
o clamor da serrania nos magníficos ossos da terra e nas  
veias de águas sacrossantas  
o luar que o mar irradia cor de prata      a congregação do  
azul no trilho do infinito

não posso ter tudo      pouco me afecta ou preocupa  
há que escolher

talvez o mar      talvez a serra  
                         que seja o que tiver de ser

## 509.

cela 13

a serra tem o aroma da primavera tardia  
bálsamo dos caminhos poeirentos de outrora  
                         louva-se o mês de maria  
                         prímulas  
os jardins do seminário solenizam o júbilo do sol nascente  
há um emudecimento sepulcral no edifício imenso      o  
papagaio dormita

partiu um contentor para murrupula  
                         a vertiginosa azáfama dos noviços moçambicanos

chegaram as irmãs da missão na índia com seus  
harmónicos sorrisos  
                         esposas de cristo

os noviços estão preparados      vivem da e na fé

simplifico alguns textos de joão da cruz      os filósofos  
pouco têm para os alumiar

abnegação e inocência superam toda a intelectualidade  
deus vive nos seus modos afáveis      não demandam o que  
neles vive  
os seus rostos transfiguram-se ao som do nome daquele  
que amam  
                         disponíveis para a agremiação dos pobres

mas o pecado começa na igreja  
                         tal como ratzinger resta-me renunciar  
                         esconder a minha preferência pela reclusão  
                         egoísmo calculista da desilusão



abnegação da terra      circuncisão do mar

**510.**

uma águia real no desfiladeiro deserto

um resineiro de almas excomungadas

o coração inflama-se nas vísceras do cisne negro

ser-me-á tolerado alguma vez ouvir os teus poemas?

a voz      ouve-se a voz e o eco nas profundezas do ventre  
sombra de nuvens na parede de mármore a interrogar os  
deuses

desfibrados em trançado      filigrana do passado

hoje não verei ninguém enquanto a paz reluz na carruagem  
de seis rodados

vinte azagaias apontadas ao centro da planície onde o  
melro canta operetas de solaz

prostrado nos degraus cinzentos do salão doirado  
conformado à tua tenção vigio

poderei alguma vez auscultar os teus poemas  
aconchegar o teu cabelo?

**511.**

noite de clausura

amanhã verei veleiros armados para o derradeiro  
acometimento cruzadores do grande mar oceano onde  
mostrengos e seres estupendos se erguem  
essência da solidão de probo mareante  
irresolução o mar clama por mim

ouço strauss      há muito que o não ouvia  
trivial é a sonoridade dos grandes santuários  
apinhados de estultos

a iluminação é o entusiasmo do amante que nunca tocará a amada

mas que divisa como ninguém

o vazio dos empreendimentos

a vulgaridade do êxito

o nada do empenho humano

o sem-sentido da existência

pobre humanidade que se arroja aos chispes de ídolos de barro

que se peita por pataco infeccionado de duplicidade

que vegeta nas pedras abrasadas da ilusão

áridos terreaais viscosos

nojo

derrotismo e desesperança?

não espúrios atlantes

ratificação do enlevo temerário de quem perfilha a realidade

no cerne demoníaco da civilização  
dissonante

## 512.

a vida é um organismo sem partes não é cientificamente  
asinina como a medicina e os jumentos de coleira ao  
cachaço que deambulam desdenhosos pelos corredores do  
sofrimento

os ranhosos nos seus néscios inchaços

nem daqueles jurisconsultos de algibeira rota  
sendeiros e mulas rançosas sem eira nem beira cuspiendo  
no prato que lhes foi ofertado  
tudo isto me lembra uma puta que puta me chamou

a vida  
saboreia-a quem é aliviado do ódio e do amor dualista

a pluralidade engole-a sem mastigar cães famélicos  
desamparados à sua amargurada desdita

uns consomem-na outros são por ela consumidos

## 513.

questionaram-me quanto à causalidade do espaço  
dizem

o espaço é deus

não

o espaço é pensamento e o pensamento limitado

deus não pode ser limitado ou não seria deus

ao reino nada lhe falta nada sobeja

a alma da iluminação tudo abarca sem que o guarde  
espelho mudável da transfiguração

não sou eu que vivo é a alma que em mim vive

imortalidade que a cada passada crio

## 514.

mesmo autenticando a inutilidade da palavra persisto em  
falar

lavar impiedades no papel precioso quando vazio e  
improfícuo se preenchido de sinais burlescos

observo a flor em silêncio que mahakashyap olhou  
só a flor existe na campina que a esgota e é por ela  
consumida  
só mahakashyap compreendeu

louco porque razão tropeças nos teus próprios passos?

primeiros passos da criança-nova

evacuar a alma  
emudecer a voz  
não encaixar nada

depois com a mente desapossada de todas as inanidades  
voar sobre a ravina mortífera para além do próprio vazio  
planando nos céus sem opostos

e descoberto o buda mata-o      vai além      mais além  
além para além do além

a verdade num corpo e numa alma a ocupar e a consagrar  
amorosamente o universo

decisivamente

## 515.

reproduzem-se os esconjuradores as videntes os  
mezinheiros e áugures  
associação de demónios em país de mau-olhado povo  
indouto à beira-mar agricultado

estás longe não te oiço  
o vento traz nas suas mãos crestadas o sim audível de  
saudade meramente esboçada  
encantamento ficção do jardim verde de maduros  
amores

na solidão afectuosa reside a paixão

não estou a favor nem contra ti  
apenas amorosamente indiferente

cada um que vigie por si

## **516.**

passas incólume pela minha alma sem criar raízes de ti  
resta a imagem exterior as plumas esmaecidas da ave  
aprisionada no azul

hoje a vontade não é minha

os desejos cessaram as penitências as orações que  
fundeiam nos bolsos de deuses sobrecarregados de falsas  
prédicas

tua? não sei de quem  
nem minha nem tua talvez a da lua que contemplo  
enquanto aguardo por inglório sono ou beatífica inocência

## **517.**

demando destruir a dupla doblez do dualismo      a externa  
que nasce do dia e da noite do frio e do calor e a interna do  
gosto e do desgosto

ah a unificação da embarcação com timoneiro de luz e  
trevas onde nenhum negro temporal abalroará os costados  
protegidos com a lona de todos os óleos do mundo  
poder sobre mim      concórdia do uno e do múltiplo do  
tempo e da eternidade  
ventura indizível onde o fantasma da nau mastreada é a  
minha alma sem limites  
governo de meus apetites

### **518.**

há pouco estava desassossegado e triste  
                                         porquê?  
                                         que interessa ou ofende  
sempre o porquê das coisas o porquê do porquê      a  
essência da tristeza é a tristeza  
estava triste      já não estou

morta e enterrada a melancolia é passado  
lembro-me perfeitamente de a ter esquecido

### **519.**

há que estar em rematada quietude      mesmo na horda  
mais abjecta da cidade em chama viva  
indiferente ao ruído dos sexos arvorados penetro a essência  
do pensamento  
daí ocorre algo      não sei  
sinceramente não sei que ser ou coisa  
                                         provoca este magnífico  
e indescritível estado de alma  
nem sequer é importante  
marcante sim é a paz que dele advém

indispensável é que não amotinem a minha pacificação

preparo-me para a reclusão  
não sou deste mundo e se sou não o quero ser  
sou de além civilização

## **520.**

não alcanço o entendimento das sensaborias da frivolidade  
o prazer da discórdia a aura negra das salas escarlate dos  
comensais de grifos

tudo arde de invidia na idolatria da substância brutal  
paganismo da realidade

lastimam-se como animais acorrentados na mais pútrida  
das masmorras      no dorso vergado o pesadume de todos  
os pecados do mundo      oh o vaga-lume da autocompaixão  
queixume depresso da insatisfação  
aziagos do nada no reino do tudo      infortúnio da vontade  
conveniente  
apeçonham a placidez aquosa dos aclamados cobiçando  
a concórdia como se o espírito se dissolvesse na matéria  
anelada

franzina é esta gente

## **521.**

estou certo de que num dia doirado ao refulgir da alva  
como rimbaud profetizou entrarei só e de cabeça erguida  
armado de inflamada paciência na cidade esplêndida e  
luminosa

aí sem qualquer alucinação ou apego rodeado de  
veros espectros silentes imergirei na verdade absoluta onde  
o tempo se ab-roga naturalmente e o espaço se  
desmembra no ilimitado

abençoado o que nasce para si e morre sozinho  
em recato ditoso seja

## 522.

nem um veleiro no tejo da minha puerícia ainda surda ao  
chamamento das ninfas submersas em coifas

um edifício debruça-se nas águas sonolentas da baixa-mar  
o fedor da vazante a imundície que vem de montante

um cargueiro apresta-se para sair a foz  
onde aportará que estiva no coração do porão?  
choram águas na proa insensitiva maresia da dor

próxima paragem algés um circo à beira-rio os  
animais de outrora saudade a arrastar pela crista das  
pequenas vagas do areal os carneirinhos prenunciam  
aguaceiro

rodados de todas medidas alguns soldados na berma à  
sombra de uma obra estupidamente moderna  
as ruínas da velha casa

longínquo o cristo-rei ausente com a cidade por abraçar  
em puro gemido se eleva  
sacramento falsidade santidade pecaminosa  
gente que mente

a crise ensandeceu estes homenzinhos sem futuro

última paragem

## 523.

tempo e amor rareiam na concisão da vida  
época de incerteza



a noite é minha      perdoem-me      não cruzem displicentes  
a vereda de quem pelo suor e fadiga lavra o seu destino

a alma se consumida pela vileza do mundo não acolhe a  
eternidade

compreender em altura que meia noite é meia vida  
perdida a hora  
perdida a vida  
candeia que alumia sem que veja o que se esconde e o que  
se deveria ocultar na escuridão da alma vazia  
torpeza do que vegeta no esterco da evolução

abundam os iníquos e o mundo dos humanos é a imagem  
espelhada exacta dos mil e um demónios  
jerusalém esquadrinhada e desocupada  
como é vã a ambição vertida no palácio dos espelhos  
disformes      no fim nada resta e a vaidade esboroa-se em  
odiosas cinzas negras

noites não são sono  
são alegria sem fim  
sem cansaço em mim  
umas vezes atento outras mergulhado em doce letargia  
dispenso companhia

renúncia amorosa de quem sente em mundo menor um  
amor maior  
ventura silente de peregrino tardio

fiquem-se com vossos projectos ilusões desejos agonia  
eu quedar-me-ei assim só      probó e desacompanhado  
do que é mundano do que tenho e tinha  
transmutando a cada passo a noite em dia  
sem pressa nem demora      sem hora

a noite é minha

## 524.

diz-me onde te escondes para que possa esconder-me contigo  
em que recanto da floresta interior encontraremos a tua presença?

qual é a tua essência?

não há compreensão que te atinja      olhos que te vejam

os bens materiais bradam aos nossos cuidados e tu pareces estar longe  
os deuses do prazer desfilam na mente oprimida pelo desejo  
e tu és verdadeiramente um deus escondido vedado ao entendimento

aceito a minha ignorância e a ilusão de te ter atingido  
nalguma noite escura como aceito este resfriado incómodo

não olvides que o tempo escasseia  
que à beira-mar envelheço e  
até os peixes me olham de soslaio

## 525.

o chamamento quando se julga internamente claro é apelo do próprio chamado no erro do desejo e da vontade reprimida  
chama-se a si o que sofre e pela força anseia a luz do dia  
chama julgando-se chamado e como superficialmente ama  
pensa-se profundamente amado

chamamento é dúvida sofrimento indecisão de quem os primeiros passos ensaia na vereda sombria da iluminação

no atalho que distancia chamamento e missão há a interrogação envolta em escuridão de fé

de morte ferida a indecisão pesa-se a cidade das coisas e a  
metrópole do espírito      ninguém pode bem servir dois  
senhores

penhorar os seus instintos aos desígnios incompreensíveis

o recalçamento mata      a substituição destrói      e a  
compensação frustra

nas duras e pedregosas terras do cume não crescem os  
mimos dos hortos

só se alimenta de neve e vento quem desdenhou os  
sórdidos banquetes      aquele que se abandona ao espírito  
do mundo

só vence a morte quem venceu a vida na morte do dia-a-  
dia

a solidão faz a poesia surda

deixar tudo seguindo o trilho das rosas brancas com a  
carne violada por espinhos transfigurados em beatitude

## **526.**

deste país o exemplo –  
lerdos seguem lerdos  
fedelhos seguem fedelhos

## **527.**

o h... veio para o seminário encaminhado pela segurança  
social      tem apenas quinze anos dez dos quais passados  
numa casa de correcção de menores      a prisão      como  
lhe chama ainda que sem revolta palpável

um brinco na orelha marca-o

é amável      irreverentemente submisso

não é o que parece ou querem que pareça ou querem fazer ser

os seus olhos afectuosos imploram uma bem-querença que talvez nunca tenha tido  
a confiança que lhe foi desde sempre negada  
por isso olho-o como amigo de longa data e digo seguro de mim  
confio em ti

pouco há para corrigir  
é apenas um jovem que intenta ser desbastador de cavalos provavelmente relembrando os primeiros anos da infância em que percorria na carroça da avó as ruas empedradas e gélidas de gouveia  
sujeito aos olhares maldosos dos transeuntes

não há maus rapazes      há maus homens      isso sem pensar tenho-o achado

meu deus dormes ou não queres simplesmente ser incomodado?

## **528.**

a mais harmoniosa de todas as viagens é a interior  
liberdade absoluta na escolha do trilho deixando o mais belo dos crisântemos por colher e a succulenta amora no silvado

de que serve cursar mundo quando na floresta-virgem o leão dormita e a gazela se deleita com pasto tenro?

não há maior violência do que a cadeia alimentar

gerei a eternidade sem o saber      criei uma nova alma  
para ele nele e para mim  
ele aqui e eu nele  
imortalidade

quando o que está escondido se descobre inunda o  
quarto atravessa serranias e vales  
estende-se muito para além da via láctea      ah andrómeda  
como estás próxima  
remanso total isento de ego de qualquer pensamento  
reconhecimento condicionamento ou memória

## **529.**

o meio-dia da vida oculta-se no que está abscondito

revela-te à minha visão espírito      contigo desfarei o tempo  
o véu do templo irá romper-se em estilhas

fundeio com ferro bifurcado nas minhas entranhas fechando  
os olhos à paisagem ruinosamente abatida por garras de  
homens

no ventre vazio sinto a alma viver

mas se vens não te vejo      se te vais não entendo      nada  
compreendo

a ignorância é a minha essência

## **530.**

a alma repousa no centro de todas as energias  
plexo solar do eterno impenetrável      casa guardada por  
deus      porta sem trinco pelo vento aberta  
venha o visitante que vier  
insondável ser

paz que se transforma em ansiedade crepuscular do querer

negra andorinha de primavera a abrigar os dianteiros raios  
do astro-rei

que o meu vinho não seja o fel dos dragões e o veneno  
mortal das áspides      doce é o mel da quietude  
como o sei

ninguém conhece o momento em que a luz dissipará o  
velamento da agnosia      ninguém sabe se apetece ou  
aborrece ao espírito do que tão escondidamente se esconde  
nos fetos do bosquete      não há quem distinga o cervo do  
amado

### **531.**

uma palmeira      cabos de alta tensão      o cipreste da  
estação      partida      sempre a paisagem suja e aqueles  
rostos de mortos-vivos

paz às suas misérrimas almas

### **532.**

para chegar às paredes da alma basta-me cerrar os olhos  
sem fazer qualquer esforço  
não me empenho na abertura do seu portal

sem que o veja nem que o saiba sinto que se esconde nas  
profundezas nutrindo-se de luminosa escuridão  
solidamente solitário      ilimitado limita-se voluntariamente  
compassivo com raridade se oferece ao supremo banquete  
dos vivos de tão longínquos quanto iludidos

perdida no horizonte a união amorosa      o rebanho não se  
alimenta no campo acabado de lavrar      para o pescador é  
inútil o rio seco e a ave ferida não pode voar

quando a ave se cura faz-se voo e não pensando que voa  
vagueia indómita nos longos cabelos azuis matizados de  
branco-cinza

oração de silêncio

### **533.**

quando o pensamento cessa o homem transforma-se na  
sua alma e sem que nada busque fora  
encontrará certamente o que no seu interior se demora

irá esconder-se no que escondido está puro acto de  
amor  
saindo ambos mão dada à intempérie sorrindo sempre

o reino não está fora está dentro sensações  
no mais belo e obscuro dos palácios vitrais espelhos  
pedrarias as mais belas mulheres os mais puros de todos  
os vinhos as mais deleitosas de todas as impressões

apartou-se do rumor canibalesco das ruas calejadas aquele  
que é foi e será este é o seu templo o seu repouso

de que servem os templos disseminados pelas planícies e  
vales romarias ao alto de montanhas mortas  
mesquitas igrejas sinagogas capelas em ermos

nós somos o templo  
a alma tem sem saber o que tem e o que tem lhe basta

### **534.**

retiro  
peço de nada serve pedir a quem melhor do que eu sabe  
o que me convém  
o almejado atinge-se em resignação

puro amor ao amado dedicado

o que se esconde pode atingir o que está escondido  
longe do mundo dos desejos das aflições da trivialidade e  
mesquinhez de guerras e contradições  
quem o tem tem tudo

aquele que mata a alma aniquila a eternidade      morre-lhe  
a verdadeira vida

paz ao seu nada

quando entrares em ti fecha as portas      quando te  
esconderes que estejas deveras escondido      quando no  
mundo no mundo estejas

nesta vida nada há de mais dificultoso do que o encontro  
dos que se escondem no âmago do arvoredo  
mesmo o que por parco período se esconde para alcançar o  
eternamente escondido

as árvores imensas escurecem o solo o canto das aves  
exóticas obscurece a voz do que em surdina se apresenta

a vegetação disfarça o trilho

### **535.**

a gare      fornos de algodres      onde sopra a brisa da  
memória  
depois de uma semana de retiro a canícula percorre-me o  
corpo embevecido pela visão dos carris lustrosos

ninguém no apeadeiro      apenas o silêncio da solidão e o  
leve sopro da aragem nas folhas ardentes da vegetação  
traves protegidas por óleo queimado gemem ao sol postado  
à meridiana      dezenas de vagões estacionados aguardam  
a carga que tarda



a minha vontade            mimosas que oscilam ao vento  
oscilante    partida que é chegada chegada partida  
vagabundo da vida    será esse o meu destino?

penso nos nossos projectos  
nas forças debilitadas pelo desapontamento

gostaria de retornar ao meu quarto longe do murmúrio da  
cidade    sou lacedemónio  
as luzes do mundo já me não seduzem  
vou e quero voltar na urgência de alma que se rasga e  
fragmenta

### **536.**

a alma nele ele na alma saboreando-se mutuamente no  
amor que se dá e se recebe

na presença súbita e no padecimento natural da ausência  
no entendimento do enlace ou no desentendimento do  
abandono  
a aceitação de sua vontade feita nossa  
desígnios incompreendidos de pobres mortais

qual a minha mão direita qual a esquerda?  
não sei    foram-me comutadas nas horas da infância  
daí a irresolução  
peço a noite calada            a mudez da alma            o dumo  
selvagem

não me furem a suave escuridão  
meu único bem

### **537.**

esteja onde estiver aí estará meu templo  
esteja com quem estiver aí estará meu irmão

estando só estarei no mundo  
estando no mundo estarei só  
nele sempre  
seja na virtude seja na imoralidade

não há crescimento ausente de sofrimento  
nem alma incólume à leviandade

### **538.**

este momento de rendição enobrece-me

entrego a minha carne às famélicas águias        sou seu  
precioso alimento seu prazer        seu orgasmo selvático no  
membro extático

para cada ocasião uma oração  
não evoco

o anelo evola-se para ressurgir na tarde ociosa  
a noite cai perfumando os ares  
a mente esvazia-se  
a agonia vai-se  
por agora  
ele fica

### **539.**

movimento diurno da provação        fora a nortada fustiga o  
mar encapela-o de cinzento com a verdasca ressequida dos  
últimos guerreiros

um veleiro no meu espírito  
uma quimera em meu estreito  
arbítrio imponderado  
corpo que em sonho me tenta  
em pobre verso lírico

depressão sanguinolenta  
escolha adiada

logo haverá luzes no terreiro e sonhos com mulheres de  
diamante      bainhas talhadas por deuses em cópula ungida  
a mirra

o som de mozart inunda o aposento  
mozart não é gente é sinfonia ou quarteto      mozart não  
existe      a sua música sim  
o mesmo me irá acontecer a mim  
permanecerá toda esta palha humedecida sem préstimo  
aguardando a queimação

uma escala de fá sustenido alaga os corpos irrepreensíveis  
da aparência de meretrizes e das filhas dos deuses que  
penetro no sono rudimentar de ancestrais desejos

a alma ferreamente apertada por cadeias de aço detona  
escuto-lhe o impulso      que mais hei-de eu fazer  
que mais poderei querer?

a carne      o sestro que encandeia borra de negrura a  
mantilha nívea da probidade adormecida em suave leito  
azul-celeste  
enquanto o vento ronda para leste

## **540.**

se falo verdade julgas que te minto  
se minto o que digo achas verdade  
perto de ti se a alma ardente sinto  
pensas-me ausente nessa saudade

não sei que diga que prova de amor te dar  
cárcere de amor ou antes plena liberdade  
com que forte ou laço abraço te estreitar  
algo que bem vá para além da falsidade

quero ver-te tocar-te quero-te amar  
teu ser de corpo e alma a cada alvorecer  
ser em teu peito manhã de luz a nascer

nos teus seios redondos água límpida a correr  
aos teus olhos imagem de imaculada beleza  
a fenecer em feliz noite de magnífica pureza

## **541.**

sombras    chovem    descontinuidades    enquanto    me  
movimento no precinto sem tecto

há um santuário doirado efervescente no fundo do coração  
em chama viva que erijo  
um poema em cada verso por rimar

hora de orçar o alento    tempo rijo    marear em águas  
temperadas na robustez do costado  
fenda na alma tapada com estopa alcatroada

agonia que corrói as entranhas    momento azul  
a tarde não deslembra o crepúsculo matinal    as velhas  
vacas amamentadas pelo suor dos ardinhas  
basculham a sudação sobrenatural das marafonas  
atlânticas

surdina da fome de mar no tentáculo ofendido em seus  
tendões

as nuvens chovem no meu movimento  
quando paro    ressaca nebulosa de vaga paradoxal  
anelo de temporal

veleiro expirante na rota impossível discordante aos alíseos  
dementes  
dedos de mareantes colados à cordoalha disforme

a partida e a chegada dos cavaleiros      bandeirantes da  
decrepitude

descobridores do entejo

do tejo parto      imagem de nossa senhora dos navegantes  
à proa  
sem saber se retornarei ou não

pela torna-viagem uma loa

## **542.**

a minha idealidade supera a do cosmos      vai muito para lá  
tão longe quanto a de deus      mais longínqua  
tão perfeita quanto a do criador      mais ultimada      tanto  
que outra como ela não há

daí ser poeta  
um péssimo bardo      é certo  
mas poeta  
diga-se o que se disser

## **543.**

age a natureza pela paciência      como é estável e firme nas  
suas persuasões      capciosa      caprichosa      bicho-come-  
bicho      gente-come-gente      e a deus não lhe dói o dente

dragões voadores planam nos céus      temente um tenente  
de cavalaria monta um cavalo desossado  
por cima dos ossos de nossos antepassados

os que voejarem para altezas inóspitas e ignotas  
renegando a prudência perderão a constância capitulando  
no vale dos mortos

ah vanezas submersas de malfeitorias

amásias de ancião

o mais penetrante do abismo cavado e negro      profundez  
da escuridade      enviesados retábulos de infernos  
ancestrais  
na mão esquerda o purgatório que a direita se afunda na  
lascívia

feitoria de são jorge da mina padroeiro das escravas  
traficadas      violação em terras de portugal

lagos      mercado de escravos      leilão de dentes e  
desdentados      cem moedas por uma virgem

sempre fomos negreiros e mendigos      bastardos históricos  
e delinquentes geográficos      o que haveríamos mais de  
ser?

somos o que fomos

aqui ficam os descautelados aferrolhados

## **544.**

a terra fecunda está receptiva      de seu nome maria  
sabe a bainha estelar o melífluo lubrificante dos lábios  
coruchéu a receber o alimento minável vindo do  
firmamento  
ah o céu das aves      a quinta jornada do criador  
campanha do conquistador do mundo

na serrania a fixidez mística das urgueiras inibe a  
semeadura do pão      assim estou eu desabrigado e sem  
querença      patético      sublimemente emparvecido  
raiz de torgal sem usança

ignaro ao sol-nascente  
desperto ao crepúsculo  
enclaustrado na noite

em mim a  
gentileza    docilidade    humildade  
de um sarrafo avelhentado

ser humilde    ser humilhado  
cuspido por cima  
que tocante    dá-lhes a outra face asno  
já agora cristo por um dia  
mártir por um mês    esconjurado por uma vida

## **545.**

encerra-se a golpelha ao rolar das trevas  
não desaguam pensamentos nem se ausentam

o corpo cadavérico quase extinto  
a alma lívida quebra liames

o aposento aquieta-se  
o momento eterniza-se

esvazia-se a razão  
corta-se a atadura

a mente serena  
na dulcidão do letargo

é sumo e é pena  
do que vem amargo

quando a paz abala  
sem o dizer a ninguém

## 546.

mentem mais mulheres viciosas  
castas calam e as prendadas  
alam todas se dizem virtuosas  
queridas dóceis fiéis amadas

e nobres amantes de seus amor  
que fingem belo perfeito e eterno  
mas fixando com astúcia indolor  
em crédulas cabeças duro corno

acrescentado no dia-a-dia  
com seu jeito especial de jurar  
quando o coito do meio-dia

é de todos o mais apeteçido amar  
e como quem mais jura mais mente  
existe sempre varão que as contente

## 547.

geada no vale      quatro horas da madrugada

batalha no campo ensanguentado de amarelo-escuro  
pisado o verde seco e os membros dos amputados

o combate dos leões      cristãos ao circo      damas ao  
bufete

o mundo é uma farsa      a alma do nado-morto uma tábua  
rasa por baptizar

um dia o meu corpo será pasto de abutres e milhafres  
enterrado      cremado      (e se for cromado?)      sem que  
tenha sido crismado

(o sacramento da confirmação      ratificação do  
apedeutismo)

ave dos oceanos em azul retalhado



que aproveita  
se me findo  
e o mundo acaba

o pouco me basta  
o que é demais sobra e mata

guardo o sono o cansaço  
jazer no dorso da égua casta

### **548.**

trovões nascem das nuvens não entendo o correio não  
é de quem deveria ser anos de anseio  
inconformado debruço-me no molhe do cais  
prateada a rebentação nos penhascos ameaçadores  
pobres pescadores de amor lunar

pelas encostas do céu rolam lágrimas  
são de sangue as mal-afortunadas  
mais salgadas que as dores marítimas a desovar suicidas

partiria contigo para qualquer povoado indemne à fala  
tudo seriam idas sem volta

é tarde fiz com que o fosse como se o tempo não  
passasse em arrebatada correria por meus cabelos  
expostos ao vento da maré-viva setembrina  
purpurina boca lábios de cristal dedos de sândalo  
que não mais verei

### **549.**

teu corpo regozija-se no meu  
em longas penetrações seguidas

noite a violar os vales de breu  
com tuas coxas ainda húmidas

amante sem sono e fadiga num assim  
libidinoso movimento de sublime anseio  
algo que não se cria foi nascido em mim  
no dia em que minha alma ao mundo veio

encontrar-te foi apenas a consumação  
arrebatamento de águia em volteio  
que ao aterrar de suas garras fez mão  
e do bico adunco delícia do meio

quando te tenho com sofreguidão te amo  
se partes fica-me o corpo na alma vazia  
a latejar a sombria imagem de orgasmo  
que não vem nem na noite nem no dia

morre a jornada com o sol-pôr da esperança  
morre minha carne nesta terrível indiferença

## **550.**

olho para fora e vejo dentro

vidros que a noite mágica transforma em espelhos  
assentos cortinados        um bloco de papel com mão que  
reconheço a escrever  
e há as luzes leitosas da viagem reflectidas na bagagem  
sofrivelmente dispersa pela carruagem

pernas dependuradas nas sandálias  
unhas pintadas de negro  
a viajante dormita        curtos calções exibem as formas

alguém disse que é do alterne        outro do sobe-e-desce  
puta convenhamos  
não sei e pouco me interessa        que poderei eu saber?

talvez goste de foder  
gostamos de fazer

talvez goste do que nós tanto

## **551.**

calor dos diabos  
a solidão dos campos de pasto morto –  
junto ao ribeiro um velho cavalo busca sombra

\*

o coração é o centro de todas as sombras –  
no cemitério da aldeia  
um cão uiva à beira de cova hoje aberta

## **552.**

a luz que brilha no meu coração apaga-se

das janelas amarelecidas vê-se o lago quase seco  
os gemidos das plantas aquáticas cortam os ares  
sibilantes

no quarto os lençóis bordados aguardam-te um pecado  
nunca vem só  
mesmo que perfumes e incensos floresçam na noite

sexta-hora a madrugada dá os seus primeiros passos  
um curto aguaceiro de verão cobre as vidraças de lágrimas  
olho através delas  
não há vivalma no caminho

o sono só acomete os corações apaziguados dos corpos  
exaustos

## 553.

para andré breton

as chamas que masturbam a colina      as locuções  
desprezadas pelos mestres      a rima paradoxal do sexo  
sem erecção  
trabalhadores da construção em implosão      ilusão de um  
povo macerado em vinha-dalhos

quadros de gosto dissoluto em quarto de pensão      praça  
do chile      intendente      bairro alto de meretrizes e gays  
um broche no técnico      a marreca de algés jubilou-se  
um pilrete num jaguar amarelo      a retrete pública dos  
desordenados      epiceno desnatural das borras rectais  
olivais      jardim do império      onde navegaram tantos  
anormais      rabetas de profissão à tocaia      intimidadas as  
fêmeas sem fregueses  
conde redondo disfarçado no trajar      ultraje ao elefante  
branco ali ao lado

putas à rua  
acompanhantes aos bares  
casadas aos apartamentos

o sol que se põe nas tairocas desprezadas no brejo      a  
noite que cai na cabeça quadrangular da menopausa  
os amores clássicos      o acto procriador aéreo  
o adultério na adega de tonéis aquosos      o furto do andar  
térreo  
três vinténs de puberdade esfaimada

homenzinhos de jaquetão de vidro e calça esticada de  
betão      piça ressequida abotoada aos fundilhos enredados

cem poemas escritos na areia verde do sangue espessado  
cem poemas por um cavalo alado  
cem poemas por uma humanidade novel debelada por  
versos azuis      detonação da cor sem forma a gerar  
espiritualidade  
na arte senil e na literatura de cordel

não escrituro para supérfluos cabouqueiros de numerárias  
nem para donas de casa por branquear rameiras de funil  
o marceneiro sempre disse que a mulher não é constante  
por muito séria que a tomem há sempre um homem  
qualquer trocado por qualquer homem  
qualquer ebanista é erudito nesta disciplina

não havemos de permutar mulher por outra havendo  
ocasião  
quando as que nos trocam dissimulam genuidade na  
omissão da justeza vaginiforme  
seremos parvos estaremos turvos ou laçados?  
viva la vie  
voilà les femmes et son usage

nada lavro que se não possa ler na missa de domingo onde  
os ternos coçados se passeiam irreverentes em bicos de  
pés cristãos-submarinos na aflição à tona  
beatas ratas de sacristia numa fona padres  
inadequados para consumo bicos sacralizados por  
pastor beatificado  
cristo de encomenda patente em delubro  
o milagre do santo sexo sacramento de crianças nuas e  
acessíveis viúvas ao rubro  
as três tabuletas da trindade nos seios da sineira alcova  
de abade incestuoso

os poemas breton regalam-me absorvem-me o sono  
marcam a cadência ajustam o som da melodia ao  
contraponto burlesco da burguesia e das putas da freguesia  
voilà les femmes et sa chatte abusé

cão que late megera que lê  
les cornes du impuissant governo do excremento

os meus estúpidos poemas afectam-me o adormecimento  
são o meu prazer ironia do destino vossa espertina

mas teu sono não      breton      estás seguro no teu jazigo  
meu poeta  
confidente  
meu amigo

#### **554.**

enjeitando as raízes fulgura a débil planta

as candeias afoguearam a bezerra sacrossanta

avistámos hoje a filha dos céus      deusa da aurora      dos  
penitentes  
atigou o fogo dos mais deleitáveis manjares  
e saiu na tipóia dos entes

radiosa a jazer no seu leito embriagado pelas faces brancas  
da brisa primaveril  
revelou-nos a perda da sua virgindade  
embrião enorme a varrer o pórtico do arco e flechas de  
terno amor

que frescura tinha o seu sorriso      esbelto seu sono  
longos os doirados cabelos      nascimento de nova vénus

com as horas o galo cantou  
sem tino      sem destino

canção de aventura no mar  
voz límpida de água clara  
fonte de harpa a tanger  
a palavra amar

#### **555.**

vale de flores  
um dardo negro esvoaça do beirado

de sol a sol encontro o assinalado com a palidez da morte

homens de outrora saudavam o cuco com as suas enxadas  
tão pesadas como canetas de tinta permanente  
vermelha a escorrer

cai uma telha do cortelho

tinha sido um soldado exemplar  
cruz de guerra de segunda  
agora humilhado a cavar                      vigiado pelo feitor de bata  
preta  
sim senhor prior mas a terra é dura

ignoram-se paraísos  
corações esmagados por ídolos de madeira  
o peso da minha dor sentado na cadeira de braços  
triturados  
roída por verminosos ratos

e as intrigas?

ouve meu filho      e tu meu amigo estelar      vive e deixa  
viver      rejeita a carcoma  
quantas vezes mel ou é foda ou canelada  
conada de palrador gerado em viveiro

que se erga o pregoeiro no meio dos corpos santos      se os  
houver

que levante as mãos ao céu quem as tiver

cinzeiro de prata efervescente      porteiro da morgue  
não há quem lhes toque

e o umbral da porta?  
em dois versos se abrange o mundo por inteiro

**556.**

foram-nos dados

governados por crianças

o povo tem o que merece

estão dispersos nas nuvens que sombreiam o rio de cristal  
passa um carro amarelo com calças de cabedal cor preta  
cardado pela baeta

ah donzela de portugal  
cruel é tua linguagem neste vale de ossos fraguedo das  
lamentações

há para tudo um tempo  
mas nunca conseguirás resgatar a morte dos que  
abandonaste no cais da adversidade  
nem o dialecto da falsidade

o caminho para a estrumeira enche-se de cardos e  
espinhos bravos  
aos eunucos estremecem-lhe as entranhas  
os altares de folha de oiro devastados  
insolentes ficam os santos escorraçados

tempo de calar

a invenção do lucro corrompido  
libertinagem insensata da natura do compasso  
a chagar a penha sanguinolenta

cão que ladra não aferra

tempo que é de guerra



**557.**

condenado à morte por crime de amor

nas mãos ainda o sangue coalhado e as marcas do velho  
punhal

naquela tarde de outono a imagem no fúnebre pinhal

tinha pousado entre grades seu olhar alucinado  
dia após dia      ano após ano

o vento em mangas de camisa murmurava obscenidades  
o azul do céu desencanto      angústia      dor

doce pensamento era agora o seu  
                 a amada  
         que deus lhe deu  
         que deus lhe tirou  
         a ele que matou  
         bem que era seu

e deus sabia que ele o faria  
sempre o soube      desde o princípio dos tempos  
se não soubesse não seria deus

olhou para dentro de si      negrura      lamentos

então para que lha deu  
a ele que agora gemia  
mais por a ter perdido  
que da morte o medo

as folhas também morrem e nos túmulos abertos repousam  
almas penadas  
as árvores essas tombam-nas com o machado  
e aos ribeiros cortam-lhes o leito por maldade

seu destino o inferno

na aldeia nessa noite haveria estrelas no charco      trutas  
em descanso      espectros de gente      mau-olhado  
cavacas ao lume      mais um doente desenganado

noite de insónia  
seria amanhã  
ao nascer do dia  
a corda a resplender

não há amanhã      pensou o condenado

e quando o padre o foi buscar para ser enforcado  
rezando em latim  
ouviu ao pobre homem silencioso e toldado

matei o que mais amava  
não tenho mulher nem mãe  
matem-me pois a mim  
que em vida morri também

## **558.**

já o sol amamentou de fogo o horizonte

braços nus de ninfas lacustres perdem cor no peito de  
sátiros

longínquas estão as nuvens de chuva tépida a almiscarar os  
leitos exangues

árvores que enegrecem na luneta de óptica escura pintam a  
paisagem monotípica

um canavial roça-se lascivo

uma casa branca na colina  
e uma criança que brinca no quintal de bolbos adormecidos

arrozais do passado  
comportas nas valas desertas  
as carpas      que é feito delas?

nessas palavras que ocultas      fementidas  
lucraste a deslembração

a ti  
esqueço-te  
vai em paz

já te esqueci  
outra virá

a morte derrama-se lânguida sobre a vida  
amanhã os rios celestes serão a via renascida

e a outra será

mais bela  
mais dócil  
mais verdadeira  
mais ela

mais outra que virá

## **559.**

as águas do rio subiram naturalmente

nas suas gelhas cintilam estrelas

passa um veleiro em bolina cerrada  
para onde irá  
sul onde o quente é mais quente  
norte      setentrião onde a terra é gelada

marear a cavalo na nortada

gente nas margens  
uma marina cheia de nada

onde estão os navegantes  
os sólidos pescadores?

oh dores de portugal  
que morre e deixa morrer  
nos catres de farrapos transfigurados  
a imagem lúcida da afoiteza

dóris gelados  
nos mares cruzados  
dos bancos da terra nova  
ornados a gelo e névoa

uma viúva perdeu o marido  
pelo seu filho agora reza

erva orvalhada

por destino o solo desprezado

## **560.**

dá-me teu braço meu amor  
vamos os dois de braço dado  
chorar nosso terrífico cuidado  
estéril retalho de antiga dor

a festa continua  
entram noites pelos dias  
mal que sobeja  
marfim polido por beijo  
na flor indemne da suspeita

vibram as cristas das ondas  
a luz meiga dos astros

mansas chispas de pássaros  
inundam miríades de folhas  
árvore da vida que medo não adorna

basta o amor que pulsa na eira  
basta amar com o fervor da confiança  
no divino cântico a esperança  
na rosa cor de sangue uma campã  
e a certeza de que tudo é mentira

### **561.**

não cuido de te amar

as ameixas caem onde se cruzam as veredas  
tapeçaria lustrosa de vegetal verde-vivo

apaziguada a ira revelada      profecia envolta de lismos  
recompensas do outro mundo  
bronze que ressoa no ventre do verbo

não vemos as mesmas estrelas  
não desprendem as flores o mesmo olor

separámos corpos  
num campo ceifado por estrelas de verão

doce é o aguaceiro de meu coração

### **562.**

não há terra  
as montanhas foram engolidas pelo último dos homens  
ingovernáveis

mar sem fim  
voz doce de encantar

que albergas as sereias das noites de insónia  
o deus do lar está ausente  
saúdo o sol que nasce na curva do horizonte  
tristeza que se confunde com a estrela da manhã  
lá longe tanta é a gente  
num laranjal três virgens  
testemunhos da volta de mar  
ventos erécteis abraçam-se ao luar  
purpúreas rosas em veloz esteira  
luto da chuva de primavera  
nau que dormita em melodia do eterno-minuto  
enquanto na costa arriba com monotonia  
velame que o diabo carrega

### **563.**

a mais bela de todas as mulheres  
    ahmose  
    nascida da lua  
traz o ímpeto da carne      corpo nu na cela  
  
remota é a região desta terra onde o vento canta  
e os corpos flutuam como espíritos  
  
formosos    ternos    puros  
unindo almas em espasmos de luz  
  
voemos sobre as águas míticas  
em ti    contigo    alma de tudo

### **564.**

no terraço mágico  
as estrelas da vigília da noite passada  
a brisa inconstante arrefecida pela canção do oceano

os corpos agitam-se para leste  
ofuscados pelo vinho quente da miragem amornada  
das luzes estonteantes irregulares  
sexos inertes de tão exaustos

geração de fraca penetração  
impotência de eros  
erra na penumbra ondulante do parque dos inocentados  
membro dobrado que nunca se chegará ao fundo

são miúdos fezes do mundo

## **565.**

silêncio guitarra vai falar-se o fado

cais do sodré alfama bairro alto mouraria  
fadário de uma vida a abarrotar de porcaria  
que putaria

senhor abade de jazente  
seja como a gente  
deixe de ser indecente

solteiros divorciados ou casados

todos ao monte

não há engatatriz nem michela que os desaponte

a noite é de putas e putanheiros

o dia das mulheres dos cornudos

trabalhadeiros

em hotéis de rústicos lagareiros

e seus afins laboradeiros

laborai

laborai

laborai

engenheiros advogados magistrados políticos soldados  
empresários

e outros atraíoados

labutai quanto chegue

que de dia comemos

nós os demónios de mil pecados

o que à noite cevais de carnes  
de desejos mal compensados

## **566.**

violenta é a água      violento o movimento não-verbal



mar-lazúli      som nocturno de amor taciturno  
no janelo que se abre relembrando os dons angelicais do  
oceano vazio

amei-te alucinado  
na neve nupcial  
tal como eras  
não como és

amigo      meu velho amigo  
estamos sós sobre a alma deste mundo

há fanfarras tricolores que derrubam cravos      concertos  
 órgãos nostálgicos  
 espectros que migram da terra da névoa

no soalho acamado um retrato de formosura  
a servir de poesia  
à melancolia

desce a bondade de seu pedestal  
enfeita-se o ressentimento  
inventam-se mendigos

vem amigo  
vem sucumbir nesta tarde perfumada

suplícios da loucura      riem-se de ti insolentes

tempo da simbiose  
alma enternecida

tu que nasceste e viveste na cidade cinzenta  
que nunca viste o verde-vivo da floresta  
não tens o riso infantil do outro hemisfério

a velha casa sofrida  
tantas rosas morenas  
a esmorecer

nau que navega o luar de prata

recorte da costa no momento em que os seus contornos  
mais brilham

ah navegante errante  
a voar com as nuvens  
nos cornos do vento

## **569.**

chiam velhas  
no chiado  
como rodados  
de carros  
tresloucados

dores no pé  
no joelho  
no artelho  
um sapato  
bem apertado

quelhas da vida  
uma guitarra  
mal tocada  
coração tangido

correm caixeiros  
as meninas do grandela  
já não usam cueiros  
mas fraldas a granel

uma mulher  
canta  
um barbudo  
e uma panela  
coscuvilheira  
à janela  
queimado  
o tacho da janta  
da tagarela

passa um chulo  
uma mulher envergonhada  
um velhinho  
a arder de inveja  
dá um pulinho  
a catraia  
ora veja  
toda aperaltada  
barriga cheia

a noite  
começa a nascer  
fecham-se portas  
são horas de comer  
fruta redonda  
amar a correr  
que mais logo  
é madrugada

sempre a mesma vida  
desgraçada

**570.**

a hora é tardia        volumes grotescos humilham-se pelas  
velas enlambuzadas de néon  
trazem nas mãos os sexos definhados em desalinho        o  
que não se faz em casa nos lençóis de linho faz-se fora de  
portas        retortas testiculares nos ânus        sim senhor  
ministro  
opus gay sinistro no parque de longas cabeleiras  
avermelhadas        putéfias desdentadas

políticos

diplomatas

médicos

advogados

e outros celerados

no eduardo sétimo mil rabetas  
as bichonas bebem lambretas

rua da prata das adúlteras  
                                         lapidadas

as putas mudaram-se mas continuam peladas  
onde há bichas não acodem marafonas

tocam sanfonas no beco dos aguadeiros  
pífaros na azinhaga dos azeiteiros

o fadista toca uma pífanada  
a rosa maria faz uma mamada

a vizinha do terceiro fode o carteiro  
o padeiro é paneleiro

ponho as minhas mãos no lume extinto

pelos passageiros ensonados do ónibus

poucos são os neófitos  
muitos os pedófilos

o padre da freguesia de santo antão dos cus  
procura desnortado o menino jesus

a tola da beata arrecada as esmolas da caixa  
em lisboa não se pode parar na baixa

e na província as mulheres têm buço  
muitos são os pelos da rata

que deus nos valha

irmãos      ficai-vos por casa  
assim como assim      toquemos uma gaitada

## **571.**

acordo a pensar na alma  
ainda é cedo  
adormeço nela

pressão constante no ventre  
cordão umbilical que se sente

chamam-me      um homem tentou suicidar-se no dia do  
baptizado da neta

lá fora um calor infernal      morre-se de hipertermia

a morte é afinal tão natural como a vida      basta de alarido  
não morreu desta o suicida

estranha vida esta

o sem-sentido da opção de quem não ousa  
passar  
para o outro lado  
por neste não encontrar motivo para permanecer  
ou talvez clamar por consideração  
escolhendo um dia de festa para a sua fazer  
escolha obviamente acertada

vou suicidar-me por uma tarde

## 572.

renasço no seio do desejo

longos são teus cabelos      brancas de mármore tuas faces  
pedra ígnea o teu corpo por violentar      musa de botticelli  
a noite é nossa ainda que apartados      nem sempre o que  
está próximo está presente

a paixão habita a ausência

o amor repartido em vinho e pão  
o sexo condensado no amplexo místico da vastidão cósmica

arrefeço as chamas do coração  
ergo-me do abismo      arbusto em flor  
clamo pelo teu nome

o vento cola-se-me às mãos  
o sol brilha na escuridão  
o gelo aquece-me as carnes

pelos degraus corroídos do cais desço à plataforma de  
embarque

destino improvável –

o sem nome

### 573.

silêncio    a aldeia dormita  
              um cão ladra  
quando no relógio da torre baterem duas horas as luzes  
irão apagar-se  
                                          repouso absoluto das almas  
na mesquinhez avara da crise

penso nela  
              pensar nela é via de mortificação            o apego  
              mata        não deveria pensar em ninguém        em  
              nada  
como cigarra que se limita a cantar para plebe e soberano

sem apegamento não há lamento  
eu        que cinge com sua túnica de imaculabilidade a vida  
integral  
vigília    sonho    sono profundo

uma guitarra no canto da sala no lugar do velho piano

uma estátua viva na ombreira do pardieiro enevoadado

a imagem da vénus doirada estirada no leito        mas é tão  
nova

um corpo nu retorce-se em sucessivos orgasmos        corpo  
para te ter

sois tantas  
qual escolher

louco é o afecto da ilusão        querer dar ouvidos à razão  
o que bem ou mal está

o amor dispensa a moral

**574.**

madrugada      hoje já não há-de vir

que lucro posso retirar das amantes perdidas  
prefiro-te a ti

dizem-me para escrever as minhas memórias      que falta  
de tino      seriam um péssimo exemplo  
processado pelos pais das crianças  
excomungado pelo bispado      perseguido para ser  
queimado      crucificado e penetrado por lanças  
condenado ao degredo ou vendido como escravo

do sexo      ou para mandar  
porque pouco mais sei fazer –  
amante ou amo

sou a taça onde foram vertidas todas as virtudes e defeitos  
um ser experimental moldado por um deus embriagado

sou a sensibilidade à flor da pele      a promiscuidade  
desarrazoada do prazer      o aprazimento do clímax mítico  
o tríptico das noites amorosas      a insatisfação revoltosa  
das vidas vegetais      a essência da irreverência  
o místico das solidões oceânicas

sou de além-civilização      de além-túmulo e sem comissões  
independente e livre como rimbaud  
- mas muito pior poeta é certo      não se pode ter tudo  
modéstia

água benta e presunção cada um toma a que quer



perguntas-me pelo molde

primeiro dia

consumado o erro foi destruído e as cinzas espalhadas num  
ermo celeste

segundo dia

deus ajoelhou junto da arca dos ossos e dos tecidos moles  
e pediu perdão por desastroso erro cometido na criação

terceiro dia

excogitou o baú das almas que amamentou no berço dos  
tempos

quarto dia

mesmo vendo que não havia cópia fez uma depressão

quinto dia

chorou e lamentou a criatura viciada horas a fio

sexto dia

repousou

e aqui estou perdido sem confrade que parecido seja  
eu

o eterno incompreendido –

que comovente

são quase cinco da manhã

que deus me perdoe o inconveniente

incómodo de fim de semana à francesa

**575.**

que importa se a vida é breve

a noite é durável      aguardo pela opacidade      o vento  
desliza na folhagem das árvores      a lua cresce na abóboda  
ofuscando as estrelas  
calçadas na estrada das almas

santiago

deixem-nas passar      não as perturbem  
não afrontem quem escolhe a via dos roseirais e das  
andorinhas primaveris      negras      negras  
anunciadoras de dor e vida  
o negro é pesar alegria e amor      amor

deus conturba-me      a alma confunde-me  
desperto com o espírito obstruído pela obsessão

deus      alma      alma      deus

vai persistir todo o santo dia      um impulso irresistível à  
oração      silente como a profundidade do universo e a  
fundura do espírito  
palavra inacessível ao avaro e ao ganancioso

a razão é um rio que corre para nascente      um carrossel  
tresloucado de uma só rédea      orbicular  
a minha vida veloz em movimento de extinção

que a razão morra nos braços da intuição      da  
sensibilidade      da paixão sem oposto      que a leve o diabo

a noite é estável      demandando minha alma cerrando os olhos

já só consigo contemplar as ondas do mar      afinal sou o  
mareante de outrora      navegante das brisas insondáveis  
piloto de vento da quietação

criança marítima      para sempre

guardo pelo meu veleiro      assim lavrarei nos mares o  
silêncio das águas e ao timão fundearei no que é dentro de  
mim      angra dos adoradores

hei-de beijar o alento que meu ventre acolhe

o meu barco é a extensão da minha alma  
sou o meu barco o meu barco sou eu      âmago da unidade

e o espírito de deus a pairar sobre as águas

## **576.**

cintila a forma das raças mudas

lua cheia que brilha na avenida inteira  
que alumia lagos patos e uma triste rameira

o murmúrio cruel da minha natureza  
ergo o elmo

o veneno bebido na beleza de uma taça de cristal  
sala do império oval

derramo água viva      um estampido      alarido na ruela

em montes de pó as medusas  
negam-nos o tempo e o espaço

tiros lá fora

se quiserem falar de amor  
aos lagos calmos descera a sombra da vida  
numa única bala ao fim de tarde

breve vida  
em olhos pretos rasgados  
amendoados

de verdade  
mortos  
de saudade

## 577.

ao modo oriental

na floresta o veado real fez estancar a montada do rei de  
gládios      besta ajaezada de pedrarias raras

melosas são as iguarias das bancas cristalinas

                                um baralho anárquico  
herto  
sem pestanear

                                rasteja a ofídia alvar

                                rábia salivada do conde de copas

prosperar ou não pelo tapete de folhas mortas  
eis a questão      sempre a questão dos que preparam o  
esquife na brancura dos dias extintos      jardim das  
oliveiras copadas

o cristo dos miseráveis      pobre olvido      a cruz deserta  
deixa que capture teu espaço

desgastado é o tapiz da cerimónia conubial

                                abatido e exausto  
                                mesmo na inacção  
                                animal de rojo

prospero na serventia da morte      corredores dos horrores  
desiludido com os roedores      com as vidas-de-favores  
lavors de belas-adormecidas

velhas de calções a exibirem celulite na frutaria quase  
deserta      dançam ao domingo com pindéricos da solidão  
embaem a mímica de pão e carne      petrificada é a oração

jovens que se consagram por tostões ao uso santificado do  
sexo rápido

trem das dez para cascais      os pais dormem      as filhas  
fodem      os filhos que se drogam      que se afogam no  
vinho vodka e queimam neurónios

maridos labutam e as mulheres nos motéis das auto-  
estradas      lotação esgotada ao meio-dia

todas santas  
acusantes  
buliçosas

antes que me chames puta      chamo-te eu a ti

assim se defendem do cheiro viperino e espermático  
vapor das coxas efervescentes de ranço

na serrania das manhãs azuis  
desabrocham águas de dois nascentes      abraçadas  
                                         enamoradas como dois adolescentes

                                         enfeitados

uma somente  
ou      quiçá  
                                         águas diferentes

águas inocentes  
                                         ardor de nossa volúpia  
                                         apaixonada                                           a  
jorrar de nossa semente

gaitada de demente  
dança ri solfeja pécora de antigamente

o rio é vasto    suas águas extensas    copiosas  
correntio ocre barra-me

retorno à ourela    ao lodo ribeirinho

voltarei a ver-te?

digo-te assim sem pudor    quero foder-te

e o amor que se dane do lodo à areia de sangue  
do sangue às vísceras surdas do penedio  
onde os comensais espreitam as relíquias do meu dossel

todas as amantes que tive e tenho

sala escarlata da lascívia  
a pívia lacrimante das tresloucadas

abençoadas porque fodem  
que interessa  
se bem se mal

firmamentos cristalinos rejeitam a água que remonta –  
albergo-me na obscuridade da minha alma negra

profundura da fossa abissal    navegação em mar grosso

para quê estar presente na trivialidade social?

no natal sim    a mesmíssima confusão familiar

na páscoa a paixão e já se deixa de comer peixe

antes o carnaval de todas as horas  
o mesmo depois

e agora

agora

o veio de águas límpidas trespassa o coração da terra

sua superfície violentada  
por exército em debandada

três vezes o general o adestrou  
três vezes ordenou a peleja dos leões doutrinados

seis vezes preparou a retirada dos tigres

nada  
assim seja

a cobardia desta geração não tem erecção que se sustenha

há desordem  
vaivém  
demasiadas baixas

a pujança do desdém

de nada serve ir a belém o homem mumificou  
quem está está quem vai vai dizia o pépé  
eu estou

da humildade nasceu a harmonia  
o taberneiro serve um copo de vinho  
um pouco mais  
modéstia de fraco intestino

o homenzinho já nada tem a desprezar

em equilíbrio precário  
perfeito é seu pacto  
as entranhas e o mundo

de ocidente chegam nuvens carregadas de negro-pérola  
sem chuva      arrojadas pelos ventos

viajo num carro sem rodados  
bordado a pura lã

os meus olhos no horizonte  
longe dos teus  
luzentes de lágrimas

choveu no reino do amanhã

céu a alimentar o lago das delícias  
a floresta densa de negra pantera jacente

quem vive de soledade não tem de ser temente

estou sozinho  
nesta longa caminhada  
em que espezinhei parceria

soluços na pradaria sem gente

coisa que ninguém viu  
disse o senhor prior

puta que o pariu

a independência é mais do que liberdade  
o seu preço a maior vaidade

conheço-lhe a mais-valia



minha intenção    firme    natural e benigna  
                         como águas findas

o guerreiro continua o seu caminho  
sujo e enlameado

                         sem comandante  
                         ou a quem comandar

soberano    senhor de si    não fungível

contigo maria teria casado não fora faltar-te um fusível  
por tal  
pagarei a quem te leve  
ou ao diabo que te carregue

arqueou-se o céu beijando a terra virgem  
                         donzela de cândidos deuses

os deuses são lúbricos    deles é o cabajo

o alto e o baixo serenam

à beira das águas arrancámos os juncos  
e amámos os desafortunados  
amando-nos a nós  
nos muros graníticos  
da fortificação imaculada

viagem inóspita ao ergástulo  
                         paraísos longínquos

alheamo-nos da terra fecunda      olimpo dos êxtases  
as minhas mãos no centro das tuas coxas      nas tuas o  
meu membro

o que vem fica  
na alma de uma mulher ficam sempre restos de homem

o que vai não volta  
na carne de um homem desvanece-se o perfume da  
amante

ambos carpem e riem  
na escravidão do espaço

o resguardo do perdimento não se desmorona

depois do muro em pedra solta  
o aprazimento embriagado –

finda a obturação      a realização

lembra

quando atravessando o rio grande  
os nossos beijos se trocaram no deserto da endívia  
e acendemos o fogo do amor

daí nasceu a lascívia dos criadores

noite fria de estrelas ocultas  
elas as mais belas

da cooperação nasceu o equilíbrio  
da integridade a sabedoria

e o povo era de fraca valia      desprezível estrumeira a  
trasfegar

veemente o fogo sobe ao céu das divindades domésticas

não há nada que extinga o mal da insignificância humana  
desfavorável e perniciosa                  repudiada

a candura obra o bem

a minha mente  
um pequeno carro carregado  
de perversos e culpados  
tempo de engano

tempo de falsidade

mas o espírito fere o farto e enobrece o humilde  
na sua grandeza surda e muda

o cume da montanha é despretensioso  
modesto

cultivar a humildade é hipocrisia  
ser humilde é esperançoso

humildosamente  
sol e lua percorrem as suas órbitas  
as estações sucedem-se

primavera em floração  
estio de fogo      outono rubro  
inverno de recolhimento

há uma suave e secreta harmonia  
no mais íntimo do meu ser

com a luz vem a sombra –  
o cavalo branco alado

não deixa rasto  
nem na terra nem nos céus

o cavalo preto da retaguarda  
não afecta a terra em movimento –

sou feliz    acho

o poente está no horizonte  
belo como nunca  
inocente como sempre

o sol fecha os olhos vagorosamente  
sossego nele

seio da luz  
que com leveza se apaga  
aguardando o novo dia

amo-te maria    ao meu modo

desejo do desejo    quero-te –  
ansiedade    que passa

sinceridade e caminho    via do meio  
clareza    sapiência e perícia

adeus    vai com deus    dá-me o descanso  
que há tanto mereço

há uma brisa no sopé da montanha  
a acariciar a rocha inerte    sublime e suave detém-se  
no seu próprio movimento    retornando ao centro  
como quem começa de novo    sem começar    tão  
devagar  
tal o rio que esmorece no verão  
sem secar

o cavalo branco debate-se no pântano

com esforço liberta-se –  
a salvação tem a sua origem na pureza e na lisura

um vento subtil varre a terra  
observa-se e contempla-a  
que doce e gentil visão –  
paz na contemplação

mordo  
apenas com intenção de morder  
assim supero barreiras e inutilizo a canga que me oprime  
que impede o ouvir    o ver

a fogueira dos deuses  
ilumina o cume áspero

a luz das labaredas  
invade as veredas

no caminho há a alegria  
da justa simplicidade

não há ódio

não há rancor

nada que cegue a límpida visão  
da realidade  
dos jardins imponentes  
tecidos na circunstância do instante

a justiça dos homens não é divina  
não é equidade  
espécie de merda fria

àquele que tem dar-se-lhe-á  
ao que não tem retirar-se-á

a perdiz fraca queda-se no ninho

o boi doente não vai ao verde pasto

fruto que não é maduro é rejeitado

quem não tiver onde reclinar a cabeça  
mantenha o cadáver imóvel

regresso ao coração do universo  
onde aguardo paciente  
que me seja apresentado  
o mistério da criação

mas o retorno  
é à eternidade  
sem começo

relâmpagos na noite      trovões cortantes  
inundando o silêncio das trevas –  
tambores celestes

o carro não tem eixos

o cavalo persegue a sombra do búfalo

boi novo tem madeira nos chifres

as presas do cerdo capado  
estão na encruzilhada do céu –  
é segura a edificação

corpo que se alimenta      espírito que se nutre

excesso de discursos  
a mesa repleta para os funcionários da corruptela  
assento de estultos

a pedra angular desgastou-se  
a viga mestra vergou-se

hora de recolhimento  
no encalce da paz

tranquilidade  
serenidade gratuita

não deve existir medo na solidão  
nem ansiedade no afastamento

mas  
                         alegria e congratulação

água silenciosa  
em veios visíveis  
inaudíveis

armadilhas sucedem-se  
na arrojada acção dos iníquos

aquele que cair no abismo será para sempre sepultado nas  
profundezas

ergue a tua taça num brinde ao mundo imenso  
e do fosso verás a claridade –  
não abandones a sinceridade

o fogo é paixão e luz  
união e clareza

estranha é a beleza  
da destruição –

vantagem é  
                  estar à mesa e ter  
                                  a candeia acesa

que te interessa asno o que de ti pensam?

quem se senta à beira do lago da montanha  
enxerga com sentimento favorável  
o que em baixo está  
derramando em sussurro suas palavras  
na partilha da afeição

trovão e vento harmonizam-se     sol e lua têm o céu  
o verdadeiro persiste ao crepúsculo  
                                  cordame que não é serpente

estável equilíbrio na instabilidade do mundo

hipócritas     vigaristas  
corruptos     mentirosos  
ignorantes e incompetentes  
gente desguedelhada

lança-lhes em rosto a tua saliva

a verdade     a falsidade



o poder da grandeza persegue-nos  
o trovão purifica os céus

o sábio mergulha nas funduras  
da noite escura  
privações  
dores erráticas –  
perseverando verá brilhar a luz

está no interior o que do interior é  
e no exterior o que é do exterior

essência da falsidade

céu opõe-se à terra      esforços que se conjugam  
desejos que se conciliam  
contrários que se identificam

sem humilhação

foge o cavalo branco pela encosta  
desaparecendo nas ravinas ocultas

a canoa vazia  
amontoa-se de espectros horrendos      mas  
chove

a alma aquieta-se

sopram ventos de nordeste  
contra torres de fino metal

água cobre as montanhas  
                                         inútil a ascensão

retorna a ti  
ao teu centro inabalável  
só ou acompanhado  
                                         justo comedimento  
inevitabilidade

sopram ventos de sudoeste  
extinto o nordeste  
com chuva e trovões  
caçadas as três raposas  
há consonância na jornada

uma taça vazia  
outra plena

a plena esvazia-se  
a vazia enche-se

assim findando avareza e malevolência  
ódio raiva maledicência

vento que sopra  
trovão que ensurdece –  
o agravamento supera-nos

o mais alto fica mais baixo  
e o mais baixo mais alto

com o tempo  
cursa-se o rio  
na direcção dos céus

escuta homem

não há fraqueza na vontade  
nem hesitação na sabedoria  
quando a água ascende às alturas

no estado de completa atenção  
os salteadores da noite serão repelidos

não havendo carne nas nádegas  
é o andar vacilante  
e ouvir as palavras de sonhos sem acreditar  
designa que a audição não é clara ainda

vento por baixo do céu  
encontro inevitável  
suavidade e dureza confrontam-se  
o que é poderoso é inconciliável com a fraqueza

necessário que algo desça dos céus  
para que o porco magro desapareça

sábios que se defendem      são múltiplas suas armas

tantas quantos os inimigos  
adequadas a cada acção

defendendo-se da contenda antes da execução não haverá  
lamento choro e perda de alimento

se nada restar para além do combate  
erguei a adaga mortal  
sós  
ou tendo por aliado um general  
em guerras experimentado

na terra crescem árvores  
erguem-se torres

vento transporta com leveza  
ave que plana receptiva  
no caminho sinuoso

reino do vazio

quando o lago está seco  
perde-se o ânimo  
fica-se exausto

nada se obtém de terra seca e gretada

o vale escuro do coração degrada-se

o quarto resta vazio  
nariz e pés decepados  
no lento trilhar da felicidade

a brisa sopra na base da água

que sobe na estreita fenda da terra

mergulha nas tuas profundezas  
como o peixe pequeno do fundo do poço  
sozinho      sem que o balde se despedace  
ou o cântaro se quebre

alguns mudam como tigres  
outros como leopardos –  
é justo usar a pele do boi amarelo

água e fogo extinguem-se  
em contínuas mudanças

os arquitectos da ponte  
não a querem armar no mesmo local

os edificadores do templo  
divergem no material

e eu

reuni madeira      vento  
ateei fogo –  
seguro o resultado  
o alimento aí cozinhado

eis que chega o trovão com seu ribombar  
ecoando nos céus dormentes

medo acompanha-o por momentos  
fazendo tremer a terra inocente –  
depois da tempestade a bonança  
na ascensão dos nove montes

tempo de quietude  
na montanha inerte e sóbria  
também eu me quedo em perfeita imobilidade  
aguardando o tempo próspero da acção  
momento que não apresso

súbita iluminação

não tenho pressa      não estou impaciente      cresço como a  
árvore lenta na cumeeira da montanha  
em partilha com o céu  
                                         comungando a terra      corpo sagrado dos  
santos incólumes

o trovão estremece o lago  
tudo está como é  
e deve ficar como está –  
satisfaz-te com o presente

trovão      luz dos raios ilumina as ameias do castelo  
o banquete é lauto      enchem-se mesas luminosas  
de alegria os corações  
mesmo os dos desacautelados      que não divisam de dia a  
estrela do norte  
afrontando a morte

acendemos fogueira  
na cimeira da montanha

interrompida a viagem no repouso e silêncio do alto  
não há contenda      mesmo perdendo a seta      que  
sacrificou o faisão

cavalgo o vento  
seja qual for a sua direcção      com gentileza      acolho-me  
no seu seio  
trilhando sem exaustão os caminhos do azul  
alturas

sangue disperso  
na multidão que se agita

recolhe-te no pátio interior  
mas não abandones o exterior  
Se o não fizeres  
a quem poderás culpar?

no lago uma barca ao largo      sem timoneiro      sem  
passageiro

um grou grasna na sombra da margem

ao longe o rufar de um tamborileiro fugaz

o choro de uma criança –  
apenas a justa dança cósmica  
que sobrevém no meu interior

um pássaro voa para o alto

seu brado desce  
o que é pequeno não fenece  
deixa-se arrastar pelo refluxo da maré  
com reverência e frugalidade contenção e tento

a consumação opera no pequeno  
e estriba-se na comedimento  
ausência do pensamento  
como quem arrasta as rodas lento

da morte que de vivo se apropria

iluminação intempestiva

### **578.**

uma quebreira mortal                      o braço continua a doer  
escusando-se ao exercício

presságio do final da náutica

aviso ao movimento sexual?

apenas uma hora de sono      o que é bastante  
tudo ou nada

tempo da noite      mas foram tantos os anos passados que  
pouco rememoro  
relembrar é morrer a flutuar no passado

os meus vícios aí sempre presentes ou não seriam vícios  
não encovei os meus mais terríveis defeitos  
anelos  
cios

desperdícios?      não      só se malbarata o que se deseja e a  
asquerosa ética recusa  
desconsentimento do que aguarda exéquias temporãs



por vezes humano      outras animal sem tino      sem  
destino e sem razão      o prazer da nova carne rósea  
dura de erecção

tardio o regresso a casa      noites de espasmos e vinho  
mulheres      piáculos de quem afronta filosofias e teologias

quero vinho      quero pão      um corpo por refeição

## **579.**

deus com as suas barbas

anjos imberbes rolam dados nas nuvens escuras cerradas à  
comum visão dos mortais  
viciadas criaturas de asas brancas

justiça divina      misericórdia

o passeio marítimo derriba o petiz ondulante nas águas

madalena e seus três filhos      fome

a mulher morta no ataúde lado a lado com os carris luzidios

mãe em pranto      o pai dependurado numa azinheira  
milénar  
assassino e drogado

deus afaga pacientemente a barba  
o pensador

coro das velhas assinala o aniversário do aleijadinho  
cotos que coçam úlceras  
rabugenta a mestra centenária

uma alimária decreta para analfabetos  
inocentes

meu deus  
confio na tua misericórdia para com os imprudentes

**580.**

dias de ignorância

a insipiência é mensurável pelo pesadume  
da experiência

traquejo do sofrimento  
negação de calendário com perfis nus

lá fora o sol incinera a sarça  
cá dentro a alma em queimação

quem sou eu?

haverá um falso eu  
haverá um eu verdadeiro

pássaro ferido arrojado aos pés de camélias brancas  
espírito alado varado pela dúvida  
ânimo acorrentado prisioneiro do destino  
beatitude da mais pujante soledade  
levante de noite escura

quem sou eu?

o mês das giestas já poisou nas mãos mortas da indigência  
quotidiana  
as urgueiras brotam desejos  
os pinheirais estão mudos  
os relvões do cume fanados

corpo    consciência    intelecto  
quando vigio    quando no sono sonho

e quando durmo profundamente    na morte do  
entendimento  
o que é que tem subsistência?

sou este corpo    mundo de órgãos e morada de bilhões de  
seres que o habitam servem matam e são mortos  
sou o que como    o que desenfezo    o que defeco    o  
sémen que derramo nas horas de luxúria  
suor de tardes violentas  
calafrio de intempéries ancestrais  
sincelo que na carne se entranha e os ossos rói

corpo que dói

quem sou eu?

a percepção da realidade e do sonho a brotarem dum corpo  
que se abastarda dia-a-dia  
o percebimento da orbe pelos sentidos

sonhei ser borboleta ou sou agora uma mariposa que sonha  
ser um homem?

quem sou eu?

o ego    os pensamentos aí engendrados no sonho do sono  
e na insonolência

esse misérrimo eu criador de todas as iniquidades

serei corpo    consciência    intelecto

dormirei profundamente e saberei que não

**581.**

desde petiz  
que a amava  
ele de calções  
meio esfarrapados  
ela com vestido  
feito de chita

lado a lado  
no frio granito  
da escola primária  
enquanto ele  
com a manga  
se assoava  
já lhe dizia  
que a adorava  
e ela sorria  
dentes brancos  
olhos puros  
divina criança

distraído das letras  
olhos postados  
no azul das janelas  
sonhava com casório  
como vira no verão  
à porta da igreja  
tanta era a gente  
tanto convidado  
afinal a noiva era  
a filha do capitão

casamento de rico  
não é como o de pobre  
não tem salão nobre

tem pátio de moradia  
não tem casa de banho  
pobre tem penico  
não tem três pratos  
todos de carne nova  
pobre tem feijão e couves  
com toucinho  
e um pedaço de presunto  
mal defumado

eu olhava-os  
da minha carteira  
corroída  
pelo bicho da madeira  
tão enamorados  
no recreio  
os caracolitos dela  
aos saltos  
os calções dele rasgados  
os segredos escritos  
em pedaços de jornal  
o anel de lata prateada  
dado como prova  
que mesmo na pobreza  
sempre há algo  
que não falta  
seja paixão seja beleza

vi-os crescer  
sempre com aquele olhar  
tão meigo  
tão discreto  
tão amante  
tão amado

e vi-os de braço dado  
à porta da venda  
o rapazola e a garota  
ele empertigado  
ela encantada  
namorado e namorada

à vista do povo  
que cismava naquele fado

crescemos  
víamo-nos nas longas  
férias do verão  
eu estudava em lisboa  
ele trabalhava à jorna  
como tantos  
ela cosia para fora  
vestidos  
bainhas e arranjos  
mas quem os via  
sabia  
que amor tamanho  
não havia  
nas verdes encostas  
da rude serrania

chegou o dia  
manuel foi alistado  
era forte e corajoso  
fez a recruta  
e depois  
sem pena sem dó  
do que era o amparo  
de sua mãe velhinha  
a notícia veio  
guia de marcha  
para os rangers  
em lamego  
daí para a guiné  
enquanto nossa maria  
chorava sofrida  
quer de noite  
quer de dia  
pedindo à virgem  
mão contra mão  
apertada  
a clemência  
que lhe não tirasse

a luz de sua existência  
o brilho dos seus dias

coisas do demo  
na picada sangrenta  
maldita a granada  
que o matou  
quando sobre ela  
o herói se arrojou  
para salvar a vida  
dum camarada

veio para a terra  
num saco  
num caixão de aço  
cruz de guerra  
no regaço  
eu não estava  
maria não o viu  
descer à cova  
havia sido internada  
com mal de amar  
com dor tamanha  
pesar de amor

soube em angola  
e chorei  
lágrimas salgadas  
pelo amigo  
que jamais iria ter  
e que já de garoto  
era senhor e rei  
do verbo bem-querer

passaram-se meses  
chegado do ultramar  
procurei maria  
não sei bem porquê  
para a consolar  
para a abraçar  
para com ela chorar

talvez  
para que me desse  
um pouco do sofrer  
que o amante tem  
e que padece  
quando perde  
seu maior bem

fui à taberna fardado  
perguntei por ela  
antes de ser saudado  
por ter regressado  
são e salvo  
baixaram-se cabeças  
o taberneiro  
mordeu os lábios  
os homens  
que jogavam cartas  
ficaram calados

o coração de maria  
não havia suportado  
tão pesada mágoa  
havia-se enforcado  
numa velha oliveira  
do povoado  
era a sua prova  
de amor eterno

oh amantes de teruel  
pobres coitados  
no cemitério olvidados  
visitei-os e vi sem ver  
os dois de braço dado  
em campas lado a lado  
fiz-lhes continência  
por alguns minutos  
como se deve  
a um grande herói  
e a uma santa mulher



hoje  
tenho saudades  
do tempo  
em que manuel  
e maria  
enfeitados  
se beijavam nos fundos  
da escola  
beijos que ninguém via  
mas que cada um sentia  
como calafrio  
que a espinha percorria

e sinto  
raiva  
inveja  
pena  
alma que dói  
por nunca ter tido  
amor como o seu  
e de não ter sido  
herói como ele  
e de não ter conhecido  
mulher santa  
como a dele

que deus me perdoe  
agora e quando  
nas seus sepulcros  
lado a lado plantados  
de braço dado  
rezo ajoelhado  
ave-marias  
por suas almas  
e meus pecados

**582.**

a pobrezinha

descalça  
na estrada geada  
mendigava  
um quarto de trigo  
uma sopa  
um naco de pão  
coisa qualquer  
pouco mais que nada  
o que deus quisesse  
naqueles tempos  
de negra fome

o desembargador  
homem rico da freguesia  
olhou-a com ar irado  
mandou-a trabalhar  
a pobre  
sem forças  
sem amparo  
sem marido a seu lado  
apenas um filhinho  
sabe deus de quem  
que faminto chorava

e continuou estrada fora  
com frio e fome  
a carregar nos braços  
o pecado que em vida  
nunca lhe foi perdoado

neste dia de todos os santos  
vejo o teu rico jazigo  
homem de leis abastado  
impiedoso e celerado  
e sei que por teu acto  
naquele inverno  
ardes hoje no inferno  
em pecado  
de que nunca  
serás inocentado

enquanto a pobre no paraíso  
santa alma de amor  
reza por ti juiz iníquo  
o perdão a nosso senhor

### **583.**

diz-se que amou e foi amado por corpos e almas      todas  
sedentas de amor transcendente      amor de carne  
divinizada  
incapaz de enumerar todos as suas benquerenças no diário  
vermelho vivo da noite flamante      páginas de sensualidade  
santificada  
deixou-se constranger pelas paixões que a cada outono  
eram visitadas pela morte  
capitulando uma a uma como folhas ressequidas

hoje são muito poucas      amanhã nenhuma irão restar  
nem as memórias arrastadas para o promontório da  
viagem sem retornância

já não ouve o sussurro dos corpos na cidade  
isolou-se sofrido em abismos vivos

a neve derrete      as nuvens são vastas      no quarto azul  
não suam os espíritos

tem uma tormenta de areia cortante no coração de filigrana  
e na despovoada noite escura  
extasia-se no rio que ala as orlas da alma

lua nova de camisa banhada a lágrimas

### **584.**

o dia está pintado de castanho      as estrelas caíram  
desamparadas no lago onde ardem os lenços erguidos da  
mocidade tão inglória quanto inútil  
delícias da carne a roçar os penhascos intransponíveis      a  
cada noite capitula a tua virgindade como ramo rubro de  
papoilas silvestres      o prepúcio rende-te homenagem na  
leveza do voo onde abundam as vozes da infância      as  
casas são recentes e tingem a paisagem civilizada de  
infecções oftálmicas      é este o soberbo mundo das  
inestéticas mãos frias cinzeladas com ressentimentos  
aguçados      o céu negro tomba retumbante nas águas  
apodrecidas das comportas      charco do coração com o  
pecado ao lado junto ao fundo acre que sorri à criação  
desastrada  
que cada um siga seu caminho  
estrada da vida rumada no meio do mar

## **585.**

não sei onde estás      que importa se o mundo roda e o  
amanhã não é o mesmo      carrossel do infortúnio  
a lua sempre nova ascende à montanha fincando as  
gavinhas nos penedos da encosta      espreita-nos

calor de beijos ao anoitecer  
mais quente que sol de meio-dia

os teus cabelos envolvem a minha mão esquerda  
poiso suave a direita no teu espírito  
a minha carne estremece  
uma lágrima escorre no coração      visão de chamas sem  
fumo  
êxtase de uma noite sem dormir

amanhece      sinto-me indiferente  
ajeito o braço dormente na cama vazia  
não te vejo      que importa se já não existes se cada um  
nasce para o seu próprio sol

tudo isto é sonho  
e o sonho doença

### **586.**

o leão que ruga dentro de mim  
floresta incandescente      labaredas que transbordam

em toda a parte espectros vivos da perdição afugentam os  
pombos da praça esculpida na imundície

sinto a brevidade da existência na nuvem que por  
momentos ensombra a estátua de bronze

o trem parte      tenho de partir para onde me chamam os  
ventos da impaciência

os vidros foram lavados      embaciada a paisagem  
opto por olhar para dentro      perco-me  
não vejo luz      escuridade

amanhã ou depois talvez seja diferente  
conformo-me  
afinal tu és um deus ausente

### **587.**

escrevo-te esta mensagem de papel de seda

não recordo o ano em que parti

as primeiras chuvas ainda não fizeram a sua aparição

corpos lavados para sempre conspurcados  
os nossos      esses      hão-de brilhar nas noites longas de  
jade      puros      castos

nada omitiremos de nossos amores  
nunca faltaremos à verdade

sabemos tudo um do outro  
amantes amados e amadas a quem nos entregámos e a  
quem nos iremos dar

não há outra forma de amar

### **588.**

olho em redor –  
as montanhas as nuvens o céu azul  
tudo religiosamente novo

\*

o velho tanque do juiz  
no topo do quintal –  
apenas um rabo nu flutua

\*

o portão sem fechadura  
quem quiser entrar entre –  
quinta que se sente só

\*

nova partida –  
meu nome é  
indecisão

\*

no outono ao tombar das frias folhas  
as crianças correm felizes no pátio da escola  
enquanto a cada dia um velho morre

### **589.**

por detrás da casa brilha a lua  
ah o luar      eterno elixir dos amantes

noite densa e adocicada por sombras vivas

o tempo está quente

junto ao cipreste de antigamente  
desnudos  
lianas invisíveis aos olhos do mundo  
aprendemos o tempo da paixão

### **590.**

sei que me aguardas

separa-nos um biombo de tempo

as figuras pintadas movem-se

tectos que suam sangue

paredes com sémen coalhado

o leito inquieto  
abre-se às tuas formas

estou longe e só

quando voltarei a sentir o despertar do teu hálito?

### **591.**

a tarde chega carregada de ilusões  
no declinar do sol a tristeza do dia que finda  
peito ferido de corvo branco em corcel de marfim

as muralhas da cidade com o lenço bordado de camélias  
acende-se ao tanque das trutas moribundas  
soldados mortos nascidos no sorriso das praias de nordeste

tranças verdes na floresta ocultam o carro da vitória  
dedos ventosos erguem-se das tendas  
um odre de vinho derrama-se no limite da miséria

mães que os filhos criaram para morte inglória

### **592.**

seus seios no meu peito  
silêncio de noite em mundo flutuante

jardins choram nas fontes dispersas  
voltar    porto seguro    teus braços

perco-me nos bosques onde deambulam palmeiras acesas

a manhã está rosada    paz de mensageiro abençoado  
as árvores cantam  
os lírios enredam-se nas liras em estranha vibração

haverá alguma onipotência na verdade ou tudo o que  
fomos somos e seremos se parece com a rosa que  
esmorece?



matámos o amor na sua louca juventude

**593.**

as velas tremulam no quarto silencioso  
chamas que abrasam o mundo

o pequeno transforma-se no grande  
limite natural ao pudor do desejo

uma alma que se abre no denso bosque  
tesoiros não trazem paz

guarda esse beijo    essas carícias  
hoje tenho-me a mim  
príncipe sereno do deleite  
tempo medido pela ampulheta vaga  
na sobriedade de meu pobre quarto

**594.**

feres-me a alma  
senhor  
mas não te mostras

tanto te acusámos  
de ser um deus  
eternamente escondido  
que te escondeste para sempre

**595.**

o tempo mágico dos corpos floridos  
a partida que se deseja na irresolução

minha velhinha mãe  
sozinha

tarda o encontro  
onde estará o que em mim vive

terei de deixar tudo  
espalhado no caminho

irei por dias  
tu estás para além dos teus templos

também estás no coração  
de minha amorosa mãe

## **596.**

desço ao meu inferno  
baía da meia-lua onde as folhas das faias murmuram  
estrelas nas entranhas rasgadas pela espada do amante  
visionário

o mensageiro que os deuses enviaram na beleza da mulher  
palavra mágica em canção incompleta

quem não sabe amar não merece viver

a trova de um grilo na doçura de outrora  
uma víbora assobia no monte farvão  
no mosteiro amontoam-se mágoas sempre que uma  
folha cai do plátano no pátio enegrecido deus chora

mãos invisíveis tocam os meus parcos cabelos  
e eu adormeço  
sem pensar se vale a pena ou não acordar mais logo

**597.**

quando envelheceres quem te irá amar?  
regressarás a casa sozinha com as tuas rugas por  
companhia  
vacilarás no carreiro juncado de salgueiros curvados à tua  
passagem tu o ribeiro que secou  
será verão e o teu corpo estará frio como neve no cume  
silencioso o quarto com o papel de parede amarelecido  
inerte estupidamente absorto no corpo disforme  
outrora coroa de gemidos

a boneca de porcelana herança de teus pais sorri juventude  
só tu envelheces no espelho embaçado de anos

**598.**

amámo-nos num começo dificultoso  
muitos eram os nossos leitos  
odor de maresia africana

o segredo era a essência do amor que crescia  
e a cada dia a carne transformava-se paulatinamente em  
espírito juntos sentíamo-nos em casa não passava  
sem ti tu sem mim

mas o tempo mata o impermanente  
princípios sem coincidência na existência alheia aos êxtases

hoje enterro o teu corpo  
paz à tua alma

**599.**

na sala decorada a dragões  
o corpo nu à luz das velas

ao longe as montanhas para onde voam as andorinhas na  
primavera

o sino do templo toca

o rio corre lentamente      espelho que reflecte a velhice

deuses repousam nas almofadas que bordaste nas noites  
de insónia

leio um dos teus poemas

triste é o amor que dele exala      a visita da morte nas  
folhas da acácia e a chuva que faz brilhar as pérolas da  
vida que se extingue animam-no

o encontro é receoso

beijo-te

## **600.**

campos secos que brilham ao sol poente  
azinheiras a amarelar de secura –  
não findará este verão infernal?

\*

a casa da quinta cercada de pinheiros mansos  
nos campos por lavrar alguns bois bravos –  
os contrários conjugam-se harmoniosamente

\*

à beira da via férrea  
são muitos os canaviais

no trem animais      pouco mais

\*

hoje sinto alma em corpo limpo –  
saiu da minha vida a imagem  
de asco da última das prostitutas

\*

aqui ali sem saber onde  
sem lugar onde reclinar a cabeça –  
meu nome fumo branco

## **601.**

rosas do encanto      sono primaveril em planície de flores  
onde entoa a voz dos rochedos      encruzilhada de virgens

uma jovem que se transforma em deusa  
um tigre atravessado por flecha envenenada  
vencida é a lonjura

resplendor sagrado da harmonia angelical  
no murmúrio dos meus dedos

## **602.**

os despojos do meu ser pródigo e fulgurante  
não tenho coragem de olhar para trás

a jornada do dia condensa-se nas maçãs do teu rosto  
nos teus olhos o amor      círculos de peste e fogo

o passado anda pela sala sem afeição  
o presente cerca-me a morada  
o futuro é um lugar sombrio

um abraço      um beijo  
uma ave de asas imensas

pesa-me o coração ao tocar do sino  
agravo da quietude

### **603.**

acendem-se lâmpadas nas folhas de trevo      cavaleiros  
preparam as montadas      a guerra  
retinir crescente do orvalho escutado à janela pelos rostos  
de crianças melancólicas

anseia-se sempre por outro amor  
incomparável e único  
sol a beijar manhã plana

logo que o mundo finde  
guiados pelas estrelas nos promontórios dos mistérios  
aprenderemos a amar

### **604.**

musa loira dos meus sonhos de verão  
que poderei fazer por ti nessa tua angústia

loiros cabelos sorridentes  
claros como a alvorada      riso cristalino      recatado  
ninfa solitária em corpo perfeito      vénus com mestria  
esculpida em leito de âmbar

que poderei fazer por ti?

tão nova    gentil    amaviosa  
fruto esplêndido da criação

talvez nada

talvez amar-te nesta distância  
em que amado e amada  
deploram a ausência  
e se conformam em terrível fado

### **605.**

perto te sinto se te afastas  
nuvem que peregrina em melífluos aguaceiros

barro e cinza    barco vaiado pelas vagas de espuma  
cidade desaparecida no lodo com todas as suas flores e  
pomares  
frondosas árvores cessam o pranto dos caleiros do céu

tempo da rosa    sorriso de noite morta

chegaste para logo partir brisa do levante  
sol do meio-dia onde os nevões vão perecer

### **606.**

já sabido    os mistérios serão sempre mistérios o que faz  
deles não-mistérios  
prolongar os dias no carreiro da proceção descobrindo  
o que não existe    vida de saltos mortais piruetas trejeitos  
e gente obsoleta a vaguear nos corredores das cidades nos  
trens nas aldeolas na promiscuidade dos pavilhões  
exsudados    a clandestinidade da traição    a fome a  
ganância e a ira dos povos  
morreremos tão asnos quanto nascemos

as árvores nem sempre são verdes e os rios não correm  
sempre na direcção do mar  
pouco mais

### **607.**

a minha alma faz o caminho pedregoso para o mosteiro  
por quantos dias?  
junto ao mar num portão púrpura do cais está atracado o  
veleiro nórdico de escotilhas luzentes  
jardins da terra e jardins do oceano a mesma solidão  
pacificadora a mesma brisa sussurrante  
cálida é a bênção dos deuses derramada sobre os que  
enveredam pela contemplação do infinito  
percorrendo com imaginação delirante os confins do que  
não tem existência

### **608.**

interpretar os sinais dados em pesadelos nublosos  
tantas as vezes que o disse tantas foram as que o sonhei  
a noite é minha como é o rumor da brisa nas árvores  
gigantescas que circundam o terraço

adio constantemente a partida  
uma hora de sono apenas uma

guardo o meu veleiro  
levá-lo-ei nas noites estreladas pelos mares prateados  
dormindo ao leme por instantes  
e para sempre no derradeiro momento

ele ouviu a minha prece  
mas não compreendo a sua palavra  
que venha  
dando-me a angústia ancestral  
ou um doce estar em absoluto remanso



ouvir uma cantata enquanto a manhã não germina  
que venha  
seu esplendor  
meu cansaço

### **609.**

a porta aberta aos séculos de pássaros sombrios  
  
a palavra que nasce da flor do espaço  
gente em peregrinação quando deus o quer  
não há sinais de sua chegada

abraça-me senhor  
teu sagrado ventre no meu  
invade-me com teu sangue

brame mar nas correntes  
mãos de fogo nas pétalas que sucumbem  
na boca de teus dentes

rio dos afectos  
margens que se não adivinham  
pupila inquieta em plumagem de verão  
sinistra cascata onde o tédio se desmorona

janelo do madeiro corroído

### **610.**

falam de mim      oiço-os      línguas afiadas no redemoinho  
eterno dos gorjeios obsoletos  
a tua imagem muda consola-me      rodeado de árvores  
enlouquecidas flores negras que acenam às pérfidias

palavras        doida correria da caixa nocturna a esculpir  
mágoas sobre o homem que esmorece no roseiral        o  
corpo das defuntas revolta-se em tempo de trevas pintado  
com cores avermelhadas        o espírito menstruado no  
templo da obscenidade        uma bruxa vomita cartas no  
zodíaco plácido que se rasga nas ondas do rio        tarde  
atenta ao cavalo alucinado das ramarias enredadas em  
copiosos pingos de gelo        misterioso florescimento de  
cómodo cio        pensamento imenso de brancas coxas ante  
abismo de vento em fúria  
jaz o mel da alma na hóstia de olhos azuis  
criatura fluida gerada no interior da corola        dor em flor de  
longos cílios  
anoitece e as bailarinas gritam impropérios para além do  
sonho de mansas curvas  
minha glória        meu prazer  
eterna fama de ave migratória

## **611.**

o vale consumiu a sua beleza

incendiados os verdes pinhais  
os raquíticos castinçais  
brejos por lavrar

até os amores da infância ardem nos círios oblíquos da  
ermida  
morreram os poetas sonhadores

olhos que não se deleitam nos verdes luzídios  
visão contaminada pela inveja e hipocrisia das gerações  
doiradas

saúdo os anciãos no peito da saudade  
inclino-me perante as campas abandonadas  
covais antigos  
a minha oração é desesperança  
meu coração tições afogueados

a honra perdida  
nunca mais será vista  
nem alcançada

adeus aldeia  
adeus

## **612.**

teu corpo fresco  
eco de promessa  
primaveril

prazer  
a deuses  
entregue

seios  
a desvendar mistérios  
na boca sedenta

quarto remoto  
alma lírica  
do vento e do trovão

## **613.**

tu a rainha luminosa  
túnica colada ao corpo  
perfeito rosto de rosa

ameixas caem ao solo  
tua beleza não  
pele diáfana da natureza

toco-te levemente

um gemido ergue-se na noite  
delícia que não é de gente

amor que por minhas mãos  
por horas deus te deu  
e não soubeste divinizar

só o divino vive eternamente

## **614.**

demorados  
são teus cabelos  
doirados

à cintura  
aconchegados  
em meus afagos

voz mansa  
jovem e clara  
diz que me ama

uma e outra vez  
nas duráveis noites  
de amor

meu membro  
penetra-te  
confins do gozo

corpos em enlevo  
entrelaçados  
que vertem suor

sibilos  
carne em regozijo  
prazer de puro amor

amantes  
pelo espírito  
abençoados

**615.**

tu és única  
a estrela de pétalas  
que minha pele atravessa

banhas-te no meu sémen  
seios dilatados no lótus  
coxas a apertar o coito

juntos na noite  
aguardamos a alvorada  
de mão dada

sexo com sexo  
confinado  
ao amor carnal

rugido  
de leão  
no coval

a boca na boca  
a arder salivada  
sem que nada

nos possa deter  
tão forte é  
a força da remada

aleitaremos ambos  
um novíssimo amanhecer  
luz a fazer doer

crisálida de renovados tempos

**616.**

vejo-te juvenil  
bela e atraente  
amada que tanto amo

sonho  
com o teu perfume  
aroma perturbante

com teu sexo  
húmido e amplo  
botão a florescer

em minha mão  
em meu ceptro  
tu a mais esbelta

nua das mulheres  
que a velhice  
me permitiu ter

**617.**

quando eu morrer  
não chorem      esse é o meu desejo

não quero sinos a tocar disparates  
não quero velórios de bonifrates

cantem      façam amor      embriaguem-se      bailem  
tragam do ancoradouro o meu veleiro  
lancem as minhas cinzas ao tejo  
                 meia-noite na baixa-mar

rio dos meus amores      dos meus pecados

rio das perdições    dos corações despedaçados  
rio em que nas noites prateadas de luar  
                 como ninguém amei  
                 e foram tantas as que beijei  
                 sexo penetrado  
                 à vista do mar

ao abismo o que é do oceano  
terra é para homem pequeno  
mar para quem temerário  
o soube defrontar e amar

as mil mulheres que tive    os quartilhos de vinho que bebi  
as mil e uma noites que vivi rindo e sorrindo à madrugada

viço e lascívia    estúrdias e luxúria

casas que frequentei    boa e má fama    perdulário na  
penúria    avaro na abastança  
leitos de solteiras divorciadas casadas alternadeiras e  
rameiras

famas e camas nunca me faltaram

façam peregrinações a casas de orgia  
levem rufias    carteiristas    proxenetas  
pelotiqueiros    calaceiros    aldrabões  
femeeiros    arruaceiros  
gastem a soldada    vencimento    a pitança  
não ouçam as vozes adormentadas do povo  
encham as mesas de mulheres e vinho novo  
soltem risadas à minha lembrança  
que o tempo passa e só vos levo a dianteira

lembrem que a cada hora morta  
pensei mistérios desvendados e por desvendar  
chegando até onde o entendimento humano pode chegar  
pensando tudo o que há para pensar

não quero mágoas    pesadelos    saudades  
tive tudo o que tinha de ter  
fiz tudo o que tinha para fazer

e

nos rochedos do cabo escrevam a vento e sombras

aqui jaz o que não lamuriamos  
com setenta vezes sete vidas vividas  
de alegrias felicidade êxtases e dores  
nos parcos anos que deus lhe deu  
e acanhadas férias que a morte lhe concedeu  
navegante de corpos almas e mares  
amante de vinho mulheres e tempestades

## **618.**

meu corpo  
no teu  
teu cheiro  
no meu

espasmos  
consecutivos  
na carne  
que renasce

beleza do mundo  
nesta tarde  
reencarnada

## **619.**

nua na areia  
praia deserta  
da nossa paixão



a espuma  
envolve teus seios  
redondos hirtos

uma gaivota  
espreita  
o movimento

gritos  
de êxtase  
agitam o mar

## **620.**

pernas  
nas minhas  
entrelaçadas

de braço  
na cintura  
pergunto-te

com o olhar –  
estamos nus  
vamos amar?

## **621.**

doçura  
de teus lábios  
no meu sexo

dedos  
na escuridão  
do teu fruto

um ai  
que se solta  
no silêncio

como vieste  
te foste –  
tudo findou

## **622.**

à beira-mar  
corda de lira retesada  
corpo prateado de luar

longínqua  
uma onda desperta  
o forte adormece  
rochas que escurecem

caminho para ti  
pegadas  
que não desaparecem

## **623.**

uma pele  
de carnívoro  
no chão  
brilhante  
um dente  
de leopardo  
na estante  
e tu  
bacante  
olhas-te  
num sorriso  
de velho

espelho  
enquanto aguardas  
ansiosa  
o costumeiro  
amante

## 624.

manhã jorrada pelas persianas de penas azuis  
recompensas de outro mundo nas estrelas luzeiros ainda  
acesos  
o viajante troteia ao vento de oeste corcéis doirados com  
os passos guiados pelo deleite são tão estranhas as vias  
do amor da inveja  
hoje leve e puro  
amanhã pesado no rosto ensanguentado  
um duelo no bosque verde gramíneas mudas em peleja  
espada guarnecida a lírios crava-se no peito de pura  
verdade

abram-se fêmeas  
aos machos porosos  
que vamos de cavalgada

enquanto no mundo se dorme  
ame-se na montanha de jade  
que vamos de cavalgada

doce o pensamento que se materializa  
eternidade consorciada à fecundação  
desígnio encapotado de mão velosa  
a frequentar teu corpo de azevinho  
invadido pela melancolia e saudade  
que vamos de cavalgada

cavalgo-te prospera em mim o mais límpido instinto  
que venha o vinho assim te amo assim te monto  
inebriado o suor escorre o membro cresce teu  
pomo floresce que o vinho venha vulva alagada

movo-me violento      buscando o fundo ao gozo      quero  
ter-te      ouvir-te dizer que tanto é o prazer que até faz  
doer  
doer que não é dor      doer de amor  
doce cavalgada

**625.**

no sofá verde  
da parede amarela

brincais ao amor  
pela primeira vez

jovens e belas  
experimentais  
o toque subtil

donzelas em erecção  
uma mão na rosa  
outra no botão

**626.**

franzina nudez  
de costas voltadas

pela parede  
nua amparada  
reluz na alvorada

do sexo  
hoje negado

**627.**

dia de eleições até os miseráveis sorriem não sabendo  
 porque o fazem sem consciência do que lhe irão fazer  
 povo dono do sofrimento jugo que carrega tal junta de  
 bois irmanada  
 rebelde na fala cobarde na gesto são milhares nos  
 covis escondidos os que mastigam suas mágoas e expõem  
 queixas nas águas dos bebedouros profanados  
 que lhes interessa se ao contíguo dói corpo ou alma?  
 chove aguaceiro infiel amargurado sozinho como cisne que  
 escolhe morro para o derradeiro canto paz às suas penas  
 povo enlouquecido pelo consumo exigência de cosmética  
 social como pardal-ladro em beirado de luz negra coça-  
 se com o bico corroído nas partes definhadas e engelhadas  
 gente que grita no delírio da ficção vinte foram os anos  
 de oiro falso que será deles agora amedrontados e  
 abúlicos psicopatas? fantasia das arcas volantes e das  
 profecias de videntes estremunhados pelo ópio da  
 insipiência obtusos marujos de água adocicada pelas  
 doações universais brancos toscos básicos varredores  
 da parada  
 a escuta dos genitais gerais sem armas os ais  
 respirados com sofreguidão invenção projectada nas  
 páginas de uma história impressa a ranço  
 inculto e patético crédulo e ridículo  
 apático acrítico besta de carga  
 escravo servil  
 que sofre  
 gazela despedaçada por leões  
 ovelha cercada por lobos  
 boi atacado por chacais  
 triste povo que padece no coração da infâmia injustiça  
 sem revolta  
 já não há homens como os de outrora

## 628.

aproxima-te  
 envolve-me as faces  
 com o veludo dos dedos

sentas-te em mim  
e por horas  
breves e lânguidos  
movimentos  
exterminamos  
todos os pensamentos

nesse vaivém conubial  
amamos  
atá que a alba  
solene  
nos venha arrebatat  
tão extenso amar

## **629.**

as duas reclinadas  
duas línguas fermentadas  
dois lábios orvalhados  
dentes alvos  
que mordem o desejo

dedos que roçam  
os grandes lábios  
a protrusão erétil  
num movimento surdo  
perfeito extasiante

eis o que me aguarda  
dois corpos em chamas  
uma única alma  
cálida e vibrante

a cama branca  
por testemunha  
do que vejo  
sinto  
e aproveito

### **630.**

meu deus  
que tenho eu  
para te ofertar?

noites de volúpia  
sexo sem findar  
vinho cor de rubi  
na mesa a abarrotar  
ou esta dor  
que me consome  
angústia existencial  
a germinar

pesar de quem te ama  
e na transgressão se suja  
que não sabe o que ama  
nem porque ama  
e talvez nem saiba  
o que é amar  
nem porque é sujado  
na violação da norma  
que do madeiro nos deixaste

dou-te apenas o que te posso dar  
este padecimento angústia dor  
que tu em mim geraste

### **631. POEMA DA CRIAÇÃO DO MUNDO**

OU POEMA DE DEUS OU DO DIABO

escrevo este esboço doente       não o escreveria se não  
estivesse assaz enfermo       se não cuidasse no mal que fiz  
e que hei-de causar    actos de amor    de ódio    de deus  
ou satanás

- se deus o quiser       por assim o ter destinado quer eu  
queira ou não       o que está escrito não pode ser apagado -

se o meu peito sanguinolento não sofresse como sofre  
e se a morte não fosse aquele grande mistério que tanto  
nos apetece e que não se conhece com preces nem é  
compreendido por filosofias ou teologias em noites de  
amarga especulação       misérrimo pensamento

vive-se    como se pode    por não haver melhor  
come-se    bebe-se    faz-se sexo    dorme-se  
                 e o pior

é que se vegeta sem nexos  
da nascença à cova funerária  
e dos que partiram deste mundo  
nenhum torna  
ninguém dá nova  
de corpo ou espectros  
ressuscitados    reencarnados  
almas de deus  
ou de trinta-diabos

onde estás tu senhor?

quem sou eu?

ao acaso vou abrindo o desgastado saltério       herança de  
meu pai

- ouvi ó deus a minha voz na aflição



eu sou a palha que do terreiro o vento de sueste leva  
árvore de folhas ressequidas que em tumulto escondido  
se inflama

o que aborrece o caminho da mentira

- tende compaixão de mim senhor porque estou  
doente

sobre mim cai uma chuva de fogo vivo e enxofre  
coração em lágrimas no covil dos leões  
corpo que em fornalha ardente novamente sofre  
mente angustiada      mortalha de lamentações

- meu deus meu deus porque me abandonaste?

perfuma-me a cabeça com óleo de nardo  
se és bom e recto a mim que te prezo  
mostra-me o caminho nesta noite escura  
alivia-me a mim que sou fraco deste fardo  
eu penso no pobre no que sofre no desvalido  
sou como o veado que gemente suspira  
gazela em busca de verdes prados e água pura

do novo testamento que se diz de teu filho

- se alguém quiser vir após mim negue-se a si mesmo  
tome a sua cruz dia após dia  
e siga-me

sem condições te seguiria  
por vereda de abrolhos  
cardos e despenhadeiros

fundearia na tua palavra  
e se teu caminho visse  
e a tua lei entendesse  
nela meditaria noite e dia

imita-me dirias  
e eu o faria

seria como és  
madeiro nos braços  
cravos nas mãos  
e nos pés

coroa de espinhos  
na fronte  
chagas de verdasca  
a bem aceites  
sangue da alegria  
beberia de tua fonte  
tua missão imitaria

se o mundo salvasse de tanta miséria doença fome morte  
terríveis males por teu pai criados      poderes que te foram  
dados  
    mas a mim não

se expurgasse do universo cataclismos terramotos guerras  
malefícios corrupção furor ganância ódio e vingança  
males que teu pai previu  
                    mas eu não

se iníquos e ímpios poderosos e governantes deste mundo  
sanguinários traidores de seus povos famintos  
que nada e ninguém temem  
pudesse julgar      esmagando seus braços      exterminando-  
os e às torrentes malignas de seu sémen no pecado imerso  
que tu em nome de teu pai podes  
                                e eu não

seguir-te-ia  
mas às tuas igrejas não

no princípio o teu santo espírito movia-se à superfície das  
águas  
a terra era informe

olhaste o abismo e aí projectaste o mundo no caderno do destino

onde tudo está escrito com infinita ciência      dizes tu

cansado de tanta solidão munido de sólida intenção

- a eternidade também cansa e o vazio entedia -

no primeiro dia fizeste resplender a luz separando-a das trevas

no segundo fizeste os céus separando-os das águas

mas deste-lhes a mesma cor      quererias neles espelhar o amor

no terceiro enxugaste a terra

o mar uniu-se aos céus no horizonte

e ordenaste à terra que produzisse erva

arbustos e árvores de fruto

no quarto criaste os luzeiros do céu

no quinto povoaste a terra de todo o tipo de animais

domésticos    répteis    ferozes

e sob o firmamento as aves

nalguns brejos

alguns animalejos alados

não satisfeito

fizeste-nos à tua imagem e semelhança

a nós falsos dominadores da natureza

pasto de melgas e mosquitos

e ponderaste a tua obra muito boa

como pudeste tu o onnipotente o onnisciente

não prever o evidente

não fazer o excelente

se a erva sofre quando calcada

e a árvore quando derrubada

como pudeste na tua onnisciência criar

bicho-come-erva      bicho-come-bicho      bicho-come-gente  
gente-come-erva      gente-come-bicho      gente-come-  
gente

violência e dor

não violaste os princípios de tua onnipotência?

parece-te isto bem senhor  
cadeia interminável de sofrimento  
outrora agora e para sempre  
a isto chamas amor?

bela é a ave      e ave-come-ave ave-come-bicho bicho-  
come-ave ave-come-gente e gente-come-ave  
é esta a tua natureza  
aniquilação dolorosa da beleza?

razão a de quem diz da vida  
tudo é sofrimento  
nascimento      doença      velhice      morte  
desgraçado o que nasce  
o que teve tal sorte

o homem foi por ti moldado  
em pó da terra

colocaste-o no jardim dos jardins  
no meio das mais belos jasmins  
ó éden de todas as delícias  
visões perfumes júbilo carícias

mas estava só  
e a solidão mata  
basta de sevícias  
disseste

enquanto dormia      sorrateiro      tiraste-lhe uma costela  
e dela

fizeste a mulher  
que por argúcia tal  
de ofídia sua aliada  
o fez comer da árvore do bem e do mal  
- para que criaste tu o bem e o mal      não sabias que eva  
faria adão comer o fruto      e que a serpente nada tem com  
o assunto? –

amaldiçoaste injusto a serpente  
aumentaste os padecimentos da mulher  
e o homem nascido para o prazer  
para a eternidade e lazer  
teve de comer o pão que o diabo amassou  
castigo do pecado gerado por quem o criou

eva penetrada por adão  
deu à luz caim e abel  
e como o que nasce torto  
tarde ou nunca se endireita  
abel apareceu morto  
por obra de seu irmão

ainda assim os homens multiplicaram-se  
penetração após penetração no seio da erva  
gozo primordial de adão com eva

mas nos seus corações a malícia reinava

arrependeste-te então tristemente  
contrário à tua sapiência  
usada na criação com displicência  
- eu deus onnipotente e onnisciente arrependo-me de ter  
criado o homem sobre a terra

choraste lágrimas de sangue      amarguradamente      na  
terra corrompida e cheia de violência  
e tracejaste com raiva o malfadado caderno do destino que  
com negligência escrituraste

de toda a multidão apenas noé te era agradável  
e pensando não sei se bem se mal  
ordenaste-lhe a construção de uma arca espécie de  
barca  
nela noé embarcaria a mulher os filhos e dois seres vivos  
de cada espécie existente na terra

por um dilúvio em sete dias  
– mania a tua –  
exterminaste toda a humanidade  
e  
aos pobres e impolutos animais  
num acto de nova crueldade

não sabias qual a natureza do homem que criaste  
não sabias que no seu sangue correria para todo o sempre  
corrupção e violência  
e que a humanidade é a mãe da demência?

que pecado cometeram os animais que ficaram  
com que direito os submergiste  
que tinhas em mente  
tua vontade discrição e indiferente?

a ti meu deus assiste a razão quando disseste  
- façam-se à minha imagem e semelhança  
desgraça atrai desgraça castigo divino injustiça humana  
erro desesperança

e tu sempre o soubeste  
e a noé o disseste  
quando assinaste a aliança  
de nenhum outro dilúvio lançar  
sobre a terra e sobre o mar  
- de que te valeria também nada variaria –  
desististe e bem senhor

aposentaste-te de criador

quanto a mim e no restante  
sempre soubeste  
quem iria eu ser  
que iria eu fazer  
que pecados cometer

dizes  
dei-te o livre arbítrio

que bom que és senhor

determinas-me ao acto  
definitivamente lavrado  
no caderno do destino

e a criatura que agora vês  
pecadora perdida sem tino  
foste tu quem a modelou

e sem que mudança  
houvesse na tua ciência  
ou não seria onisciência

o que tão contrário  
é à tua essência  
como a presença do mal

e se por tal iníquo sou  
por tua vontade  
erro ou desacerto

eu pecador me confesso  
eu pecador me perdoo

tantos são os males do mundo e não os reprimes  
não podes senhor? se não podes não és tu o deus do  
nosso coração se não queres és um ser indiferente  
desapaixonado não és tu o deus de isaac jacob e abraão  
se não podes nem queres és impotente e indiferente  
deus dos fracassados e dos dementes

podes senhor podes exterminar o mal? essa a tua  
natureza e essência  
mas não o fazes não cumpres teus preceitos não  
alimentas os teus eleitos com paz e rectidão não és o  
nosso pastor quem nos leva a descansar em verdes  
campos a água pura irrigados

não te entendo senhor  
mas uma prometimento te faço desisto de te buscar fora  
buscar-te-ei dentro  
e se num qualquer dia  
no recanto da minha alma te encontrar  
perguntar-te-ei  
porque nasce o mal do bem o imperfeito do perfeito o  
injusto do justo o padecimento da paz

nesse dia  
- talvez a final tudo pareça bem -  
com o coração em chamas  
o espírito em festa por te ter  
sabendo que nos amas  
de vez vencido o mal  
louvar-te-ei

então  
olharás do céu para o filho do homem e encontrarás um  
sensato que te desejou sem desfalecer em momento algum

per omnia saecula saeculorum



(Dezembro de 2008 a Outubro de 2013)

<http://www.josemariaalves.blogspot.pt/>  
(BLOGUE PESSOAL)

[http://www.homeoesp.org/livros\\_online.html](http://www.homeoesp.org/livros_online.html)  
(SITE PESSOAL)